

JØRN LIER HORST
& THOMAS ENGER

PONTO ZERO

O preço da fama
é a morte
O *thriller* de estreia
de uma grande dupla
de escritores





Ficha Técnica

Título: *Ponto Zero*
Título original: *Nullpunkt*
Autor: Jørn Lier Horst e Thomas Enger
Traduzido do norueguês por João Reis
Edição: Cecília Andrade
Tradução: João Reis
Revisão: Sandra Mendes
Capa: Rui Garrido
ISBN: 9789722070522

Publicações Dom Quixote
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Jørn Lier Horst e Thomas Enger, 2018
Publicado por acordo com Salomonsson Agency
© Publicações Dom Quixote, 2020
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.dquixote.leya.com
www.leya.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.



A publicação desta tradução foi possível através do apoio financeiro de NORLA, Norwegian Literature Abroad.

Jørn Lier Horst e Thomas Enger

PONTO ZERO

Traduzido do norueguês por
João Reis

Let's do it.

(Últimas palabras proferidas por Gary Gilmore
antes de ser ejecutado.)



Domingo, 9 de maio de 1999

Uma voz ecoou dentro do carro-patrolha.

– *0-1 pede uma unidade para o número 25 da Agmund Bolts Vei, em Teisen.*

Alexander Blix lançou um olhar rápido a Gard Fosse.

– Não fica muito longe daqui – disse.

Fosse puxou o comunicador de rádio do painel. Blix carregou no acelerador.

– 0-1, daqui fala Fox 2-1 – transmitiu Fosse. – Estamos na Tvetenveien, a mais ou menos um minuto de distância.

Blix ligou as luzes azuis e a sirene. Novos ruídos chegaram através do rádio da polícia:

– *Recebido, Fox 2-1. Daqui fala 0-1. Fala-se num possível tiroteio. Há registos de violência doméstica na morada em causa.*

Mais um caso de violência doméstica, pensou Blix. Já tinha intervindo em alguns casos destes mas um tiroteio era novidade. E não era uma novidade particularmente agradável.

Virou para a Agmund Bolts Vei quando chegaram ao fundo do cemitério de Østre, acelerou de novo e passou a toda a brida por casas com jardins e varandas voltadas para a rua. Havia carros estacionados ao longo do passeio. Bétulas com muitos metros de intervalo entre elas.

Tinham treinado para enfrentar situações destas.

E queriam saber qual era a sensação de serem os primeiros a chegar ao local de um verdadeiro crime. Durante um ano, tinham-se sentado como novatos nos bancos traseiros dos carros-patrolha, mas agora eram uma dupla no comando. Blix agarrou o volante com mais força.

– Parece que é ali à frente – Fosse apontou para um pequeno grupo de pessoas.

Blix abrandou e parou o carro na berma da estrada. Desligou o motor e a sirene, mas manteve as luzes azuis acesas.

– Veio dali de dentro – esclareceu uma mulher quando Blix e Fosse saíram do carro. E indicou uma casinha branca.

– Pareceu um tiro de grande calibre – acrescentou um homem.

– Saiu alguém de lá de dentro? – perguntou Blix. – Ou entrou?

A mulher abanou a cabeça.

– Quantas pessoas moram aqui? – inquiriu Fosse.

– Quatro – respondeu outra mulher. – Têm duas meninas, mas acho que só uma delas está em casa.

Blix praguejou para consigo.

– OK – disse. – Vão para casa e não saiam. Tranquem as portas.

O grupo de curiosos dissolveu-se. Blix forçou o portão.

– Ficas com *este* lado da casa e eu fico com o outro? – perguntou, apontando para o edifício.

– Não estás mesmo a pensar em entrar na casa, ou estás? – protestou Fosse.

– Ouviram um tiro – retorquiu Blix. – Pode estar uma criança lá dentro.

– Tens de pensar na tua segurança, pá – disse Fosse, que repetiu o mantra que o seu instrutor lhe incutira na Academia de Polícia. – Temos de esperar por reforços.

Blix conhecia bem aquela lengalenga. Segundo as normas, deveriam afastar-se do local e mantê-lo sob vigilância, enquanto aguardavam eventuais desenvolvimentos. No entanto, não estavam na Academia de Polícia, e aquilo não era um mero exercício de treino.

– Os reforços podem demorar dez minutos a chegar – disse ele. – Não sabemos se *temos* dez minutos, pá!

Dirigiu-se ao carro, abriu o porta-bagagens e destrancou o cofre das armas. Carregou a arma de serviço com seis cartuchos.

– A sério, temos de...

– Ajudar a criança – interrompeu-o Blix. – Se ela estiver lá dentro.

Blix deixou o colega para trás e estacou defronte da porta principal. Tentou entrever o interior da casa através da vidraça

grossa da janela que se prolongava do puxador até ao cimo da porta. Não viu nada.

Interpelou Fosse:

– Estás a pensar em ficar aí especado a olhar?

Fosse apoiou-se no outro pé.

– Isto não me está a cheirar nada bem. Não me agrada nada.

– Olha, a mim também não – declarou Blix. – Mas temos de fazer alguma coisa.

Começou a contornar a casa pela direita, tentando não fazer qualquer barulho, para assim espreitar pela janela desse lado. A janela era demasiado alta, não lhe chegava. Prosseguiu em frente, deparando-se logo com um jardimzinho onde ainda havia montículos de neve. Os arbustos estavam castanhos e secos. Viu um baloiço enferrujado, um alpendre em ruínas. Espreguiçadeiras com almofadas. Havia garrafas castanhas de cerveja, vazias, no chão do alpendre. Um cinzeiro cheio, beatas espalhadas ao seu lado.

Blix caminhou com cuidado, pois sabia que o som dos seus passos denunciaria a sua presença. As janelas da sala de estar eram grandes. O reflexo no vidro tornava-lhe difícil ver o interior da divisão, ao passo que as grandes superfícies envidraçadas o expunham ainda mais.

Deu meia-volta e regressou à porta principal. Viu Fosse dentro do carro-patrolha. Ouviu-o falar com a Central de Operações. Blix premiu o auricular no ouvido e percebeu que a patrulha mais próxima se encontrava a doze minutos de distância. Empurrou a porta de entrada da casa.

A porta cedeu, estava destrancada. Blix abriu-a por completo e deu dois passos no interior. Parou. Pôs-se à escuta. Não ouviu nada.

Mas...

Que foi aquilo? Um estalido? Uma fungadela? Alguém a dizer «chiu»?

Avançou de arma em riste. Deixou a porta aberta com a esperança de que Fosse o seguisse.

As tábuas do soalho rangeram. Um corredor conduziu-o ao interior da casa. Espreitou para dentro da divisão mais próxima. Uma casa

de banho pequena com lavatório. Repetiu a manobra na divisão seguinte. Também aí nada viu. Arfou. Pôs-se à escuta de um ruído qualquer. Não ouviu nada.

Mau sinal.

A porta da cozinha estava entreaberta. Blix empurrou-a lentamente. A porta rangeu.

Abriu-a.

Deparou-se com uma grande poça de sangue no chão. O sangue salpicara também um caixote do lixo. Uma mulher jazia, sem vida, deitada de costas. Embora tivesse a cabeça voltada para o lado, Blix viu que tinha os olhos abertos e vazios.

Engoliu em seco. Sentiu um nó na garganta, um aperto no peito. Susteve a respiração por um momento. De arma em riste, entrou na cozinha, tendo a cautela de não pisar o sangue. Agachou-se e verificou o pulso da mulher. Não sentiu qualquer pulsação. Levantou-se e falou o mais baixo possível para o dispositivo portátil de comunicação que usava preso à lapela do casaco.

– 0-1, daqui fala Fox 2-1 Alfa. Temos aqui uma mulher morta a tiro. Repito: temos aqui uma mulher morta a tiro.

Ouviu um som de estática no auricular. Blix passou pela mulher e viu o buraco no meio da sua caixa torácica.

– *Daqui 0-1; recebido.*

– Não se aproxime mais.

A voz, rouca e forçada, não proveio de longe. Blix parou. Esticou-se, tentando espreitar para trás da moldura da porta e para o interior da sala de estar. Aí, defronte de uma mesa de vidro, encontrava-se um homem com uma arma na mão. Apontava-a à cabeça loira de uma menina que não deveria ter mais do que cinco anos. A menina estava a chorar em silêncio. Soluçava. Estremecia.

– Não se aproxime mais – repetiu o homem. – Olhe que eu disparo. Mato-o a si e a ela.

O homem fez um gesto agressivo com a pistola, apontando-a ainda à menina. Blix esperava que a menina não tivesse visto a mulher morta na cozinha.

– Tenha calma – pediu Blix, que ouviu como a sua voz estava trémula.

– Pouse a arma – ordenou o homem.

– Por favor, não...

– Pouse a arma, já lhe disse.

O homem teria trinta e muitos anos, usava barba, estava transpirado. O seu cabelo curto estava desganhado. Ergueu a arma, apontando-a a Blix. Sem hesitação. Sem nervosismo. Apenas desespero. A menina fechou os olhos. As lágrimas correram-lhe pela cara abaixo.

– Não faça nenhuma estupidez – disse Blix.

Tentou recordar-se de tudo o que havia aprendido na academia: o que deveria dizer, como abordar situações daquelas. No entanto, ao ver-se agora numa situação real, não lhe ocorreu nenhuma estratégia. Restava-lhe improvisar. Tentar chamar o homem à razão.

Pensou em Merete, que o esperava em casa. Que nunca gostara da sua profissão. Que sempre o avisara dos perigos que teria de enfrentar.

Pensou em Iselin. Agora com três meses de idade.

Blix baixou a arma.

– Como se chama? – perguntou, enquanto tentava controlar a respiração.

O homem não respondeu.

– Daqui a poucos minutos a casa já estará completamente cercada – continuou Blix. – Não vai conseguir fugir.

– Elas são minhas! – disse o homem. – Minhas!

– Sim, e quer vê-las crescer – anuiu Blix.

Procurou, com o olhar, a outra menina, mas não viu nenhuma além da que ali estava.

– *Ninguém* mas vai tirar – disse o homem. – Está a ouvir-me?

– Estou a ouvi-lo, sim, mas, por favor, não piore ainda mais as coisas.

– Pouse a arma – repetiu o homem num tom mais resolutivo. – Não volto a repeti-lo. Desapareça! Esta casa é *minha*.

Blix pôs-se à escuta, tentou ouvir sirenes. Ou Fosse.

– Isso é coisa que não posso fazer – disse Blix. Olhou de novo para a menina e afastou a sua filha do pensamento. – Não me posso ir embora. Não agora, porque está...

– Tem cinco segundos para sair daqui – interrompeu-o o homem.

Blix fitou-o. Uma camisola interior branca, suja, manchada de suor na barriga, pelos encaracolados no peito.

– Por favor...

– Cinco.

O homem não iria abrir fogo. Eram apenas ameaças vãs.

– Não podemos simplesmente sentar-nos e...

– Quatro.

Blix susteve a respiração. Engoliu em seco.

– Conversemos com calma...

– Três.

Blix segurou a arma com mais força.

– Pense na sua filha, pense no que lhe vai roubar.

– Dois.

O gajo parece louco, pensou Blix, erguendo a arma.

– Ela só tem... cinco anos?

Blix pousou um dedo no gatilho.

– Um.

O gajo vai disparar, pensou Blix. Caramba, ele vai mesmo disparar.

E, então, ouviu-se um tiro.



As rodas do elétrico chiaram nos carris estreitos junto à Dronningens Gate, e Alexander Blix despertou com o ruído. Endireitou-se no assento, passou uma mão pelo rosto e sorriu a uma mulher que se sentara diante dele sem que se tivesse apercebido da sua presença.

Mais atrás na carruagem estavam alguns jovens barulhentos. Um rapaz ruivo agitou um telemóvel no ar. Um rapaz mais velho e magricela tentava agarrá-lo. O resto do grupo ria-se sempre que ele falhava. Em redor deles, ninguém parecia preocupar-se com a situação.

O rapaz com o telemóvel tentou avançar na carruagem. O outro seguiu-o e gritou algo incompreensível, mas cujo tom denotava angústia.

Quando o rapaz com o telemóvel passou pelo banco onde estava sentado, Blix estendeu o braço e deteve-o com um gesto duro e decidido.

Anunciaram a próxima paragem: Schweigaards Gate. As risadas no fundo da carruagem pararam.

Blix levantou-se, agarrou no telemóvel e deu-o ao respetivo dono. O elétrico parou e as portas abriram-se.

– É aqui que tu sais – disse ao rapaz ruivo.

– Não, eu...

– Sais aqui, sais – interrompeu-o Blix, empurrando-o até à porta.

O rapaz aterrou do lado de fora e as portas fecharam-se de novo. O elétrico prosseguiu. Blix segurou-se numa correia e continuou em pé até à paragem seguinte. A mulher que estivera sentada à sua frente sorriu-lhe quando ele saiu.

Fazia frio. Blix apertou o casaco junto ao pescoço e caminhou até à esquadra. Sacou do cartão de acesso, marcou o código e dirigiu-se ao elevador sem falar com nenhum colega. No sexto andar, tirou um café da máquina e dirigiu-se para a sua secretária no canto mais afastado do espaçoso escritório.

Fora o primeiro a chegar. Depois de fazer quarenta anos, Blix começara a acordar cedo, ainda antes de o despertador tocar. Não tinha nada que fazer em casa para passar o tempo, e na esquadra tinha a certeza de encontrar sempre café quente.

Pôs o casaco nas costas da cadeira, empilhou quatro pratos sujos da cantina e pô-los na secretária vazia ao seu lado. Depois, fez *login* no sistema e bebeu um gole de café enquanto esperava que o computador iniciasse.

Tornara-se uma espécie de ritual. Todas as manhãs, consultava a página *online* do *Justo Vencedor*. Os rostos da maioria dos participantes haviam já sido eliminados. Restavam apenas quatro.

Um deles era o de Iselin.

Todos os seus colegas na esquadra sabiam disto, mas ninguém tocava no assunto. Pelo menos, não na sua presença.

Ele opusera-se fortemente à participação da filha, embora não soubesse ao certo em que consistia o programa. Esperava que Iselin desistisse de participar nele e arranjasse um emprego ou fosse estudar. A querela entre os dois levava a que Iselin deixasse bem claro que não o queria ver no estúdio durante as emissões em direto.

Após a discussão, não tinham voltado a falar.

Continuou a consultar o *site* e viu que ela ainda estava a dormir. A câmara estava ligada em modo noturno, e a imagem que preenchia o ecrã tinha tons esverdeados e mau contraste. No entanto, pôde verificar que ela afastara o edredão para o lado durante a noite.

Sentiu-se, de modo bizarro, mais próximo da filha através da lente de uma câmara. Uma proximidade que há muitos anos não sentia.

Nas primeiras semanas do programa, preocupara-o vê-la na televisão, e ficara contente por ela ter escolhido usar o apelido de Merete, a sua mãe. Contudo, nos últimos dias começara a sentir um

certo orgulho por Iselin ser uma das poucas pessoas que ainda poderia ganhar o prémio de um milhão de coroas.

Abriu a caixa de comentários. As habituais palavras desagradáveis. Algo sobre o qual a prevenira. Os espectadores comentavam a sua aparência física, o que ela dissera e o modo como se comportara. A maior parte dos comentários era negativa, mas havia também alguns que a louvavam e lhe dedicavam palavras de encorajamento.

Gard Fosse surgiu de repente do outro lado da secretária com uma pasta de argolas debaixo do braço.

– Um bocadinho cedo de mais para ver pornografia na *net*, não? – comentou, sorrindo ao seu próprio gracejo.

Blix ergueu lentamente o olhar, fitou o seu superior, abriu o sistema informático da polícia e pegou na chávena de café.

– Bom dia, chefe – disse, sem saber se o seu tom irónico era ou não evidente.

– Quero que ajudes a tipa nova – continuou Fosse, agora num tom mais formal.

Blix fitou-o de novo.

– *Eu?* – protestou.

– Ela chega às nove – respondeu Fosse, lançando um olhar à pilha de pratos sujos na secretária vazia ao lado de Blix, como se para indicar que ela iria ocupar aquele lugar.

Blix começou a arrumar alguns dos papéis que tinha à sua frente. Fosse abriu a capa de argolas.

– Sofia Kovic, vinte e seis anos – leu. – Meio croata. Há cinco anos, acabou o curso na Academia de Polícia como uma das melhores alunas do seu ano. Passou dois anos em Majorstua e três na Polícia de Segurança.

Blix pegou, com relutância, na folha com os dados pessoais da nova colega.

– Mandaram-na para cá para preencher as quotas, ou quê? – perguntou.

– É a candidata melhor qualificada – afiançou Fosse. – Estou a contar que a recebas bem.

Os outros detetives começaram a ocupar os seus lugares em redor de Blix.

– Ah, outra coisa – continuou Fosse ao folhear a pasta de argolas.

– Marquei-te uma sessão de tiro para quinta-feira.

– Ótimo – murmurou Blix.

– Não podes continuar a adiar o treino – acrescentou Fosse. – Tens exame na próxima semana.

– Eu já disse que por mim está ótimo.

Fosse manteve-se impassível por um momento. Observou-o, e logo lhe virou costas e desapareceu no corredor, caminhando rumo ao seu grande gabinete.

Blix seguiu-o com o olhar. Pensou nos diferentes percursos que haviam seguido desde que tinham sido colegas de curso e, depois, parceiros de patrulha. Outrora, também tinham sido o melhor amigo um do outro.

Não conseguia parar o filme que estava a ser exibido na sua cabeça. A chamada que os levou a Teisen. As luzes azuis. As sirenes. Tudo o que correu mal a seguir.



Emma Ramm entrou em casa, arrumou a bicicleta no corredor e descalçou os sapatos. Fez algumas flexões antes de encher um copo com água. Bebeu-a enquanto dava uma olhadela aos *sítes* de celebridades americanas para ver se acontecera algo digno de nota durante a noite. O *TMZ* tinha um artigo sobre um assalto à casa de Mariah Carey em Bel Air. Na *People Magazine* dizia-se que houvera uma discussão entre Pink e Christina Aguilera – outro artigo que ela poderia aproveitar. Antes de pousar o telemóvel, deu também uma vista de olhos ao *news.no*, e viu que tinham publicado, com algum destaque, o seu artigo sobre Vendela Kirsebom na primeira página.

Mais um dia passado em redor de pessoas que se haviam tornado, por motivos mais ou menos válidos, famosas.

Quanto tempo mais conseguiria manter-se naquele trabalho?

Preferiria dedicar-se a algo importante. Algo que demonstrasse que era, de facto, uma jornalista a sério, e não apenas uma *blogger* de celebridades.

Eram oito horas.

Encheu mais um copo com água e ligou a televisão. Estava a dar o boletim informativo. Ocorrera mais um ataque suicida em Cabul. Em Malmö, uma luta entre gangues tivera consequências fatais. Os números mais recentes indicavam que a taxa de desemprego em Espanha nunca fora tão alta. E, de acordo com a previsão meteorológica, na capital norueguesa o dia seria frio e o céu estaria limpo.

Enquanto Emma se espreguiçava, os apresentadores do programa *Bom Dia, Noruega* deram de novo as boas-vindas aos telespectadores, dando início a mais vinte minutos de conteúdo fácil de digerir. Um dos apresentadores – um homem de rosto

arredondado, com óculos e grandes caracóis – mostrava-se inquieto, debruçando-se um pouco para a frente no seu assento. Lançou um olhar rápido à colega, endireitou os óculos e disse:

– Bom, nos próximos minutos devíamos falar sobre isto.

O homem exibiu um livro que Emma reconheceu de imediato. *Para sempre Número Um*, de Sonja Nordstrøm.

– Mas parece que a autora do livro se atrasou um pouco e ainda não chegou ao nosso estúdio.

Emma sorriu. Aquela situação era bem típica de Nordstrøm, que sempre fizera o que lhe apetecera sem ter em conta os outros. Não era sem motivo que Anita Grønvold, a chefe de Emma no *news.no*, apelidava Nordstrøm de *superbitch*.

– Iremos esperar um pouco antes de conversarmos sobre esta autobiografia de que tanto se tem falado por antecipação, sem que na verdade se saiba o que Nordstrøm escreveu.

A outra apresentadora – uma loira de cabelo comprido, e claramente irritada por ter de trabalhar tão cedo – ocupou o ecrã.

– Sim, esta publicação tem estado rodeada de um grande secretismo – disse ela, procurando a câmara certa com o olhar. – Não há dúvida de que Sonja Nordstrøm teve uma vida empolgante. E não se pode deixar de dizer que ganhou tudo o que se pode ganhar em... quando... quando se fez tudo o que ela já fez.

Emma riu-se da óbvia ignorância da apresentadora e encheu de novo o copo.

– Hoje é um dia especial para Sonja Nordstrøm – disse o outro apresentador. – Faz cinquenta anos, e é por isso que o livro vai ser lançado agora.

– De qualquer maneira, esperamos que apareça a tempo – disse a apresentadora com um sorriso forçado. – Entretanto, seja bem-vindo ao nosso estúdio, Petter Due-Eriksen.

Surgiu então um homem anafado de meia-idade e com um microfone preso à camisa, que lhe ficava demasiado justa.

– É o produtor do grande êxito do ano do nosso canal, o programa *Justo Vencedor*. Um programa que está quase a terminar. Restam apenas quatro concorrentes, e hoje à noite passarão a ser só três.

– Sim, agora é que as coisas vão começar a aquecer.

Emma baixou o volume do som e despiu o casaco do fato de treino.

Havia escrito sobre o novo conceito de *reality-show* daquele programa quase todos os dias, e estava saturada daquele assunto. Na verdade, aquilo nada tinha de novo. Fechavam dez concorrentes numa casa onde havia câmaras por todo o lado.

Foi buscar o telemóvel e ponderou telefonar a Nordstrøm, mas logo afastou tal ideia. A *superbitch* não a atenderia de manhã tão cedo. Além disso, Emma tinha um compromisso marcado com o editor da Nordstrøm dentro de uma hora.

Despiu-se por completo e entrou na casa de banho. Trancou a porta, embora morasse sozinha.



A sede da editora Soleane situava-se na Kristian Augusts Gate, mesmo em frente ao Café Amsterdam. A editora não tinha um letreiro grande e vistoso por cima da entrada da sua sede, estava apenas identificada por uma pequena placa na porta, na qual se indicava o horário de funcionamento: abria às nove horas.

Emma viu as horas no telemóvel e enviou uma SMS ao diretor editorial, dizendo-lhe que estava à sua espera no exterior, como combinado. Dois minutos depois, um homem obeso na casa dos sessenta, apareceu com um exemplar do *Para sempre Número Um* numa mão e o telemóvel na outra. Ela percebeu que se tratava de Amund Zimmer.

– Emma?

Ela assentiu com um aceno de cabeça.

– Peço desculpa – disse o diretor editorial, que lhe acenou com o telemóvel como se para justificar o ligeiro atraso.

– Sem problema, não é preciso pedir desculpa – asseverou-lhe Emma. – Fico contente por ter o livro antes de ele chegar às livrarias.

– Aqui tem – disse Zimmer, oferecendo-lhe o exemplar. – Escreva qualquer coisa simpática sobre ele.

Virou-lhe costas para reentrar na editora.

– Sabe o que é que ela anda a fazer hoje? – perguntou Emma, apontando para a foto de Sonja Nordstrøm na capa do livro.

Zimmer pareceu estar à espera daquela pergunta e, em simultâneo, sentir-se incomodado com ela. Como se tivesse esperança que Emma não a fizesse. Passou uma mão pelo cabelo loiro e ofereceu-lhe um sorriso esquivo. O telemóvel apitou. Lançou-lhe uma olhadela rápida antes de responder:

– Não.

– Não?

Ele abanou a cabeça.

– Não sabe porque é que a Sonja Nordstrøm não apareceu no *Bom Dia, Noruega* de hoje?

– Não. Ainda não consegui entrar em contacto com ela.

– É... normal ela faltar assim a compromissos?

Zimmer encolheu os ombros e logo os baixou de novo.

– A Sonja Nordstrøm foi sempre uma prima-dona – disse ele –, mas só posso falar dos compromissos que teve *connosco*, e nesses casos foi sempre cem por cento profissional. Por isso, é um pouco... estranho não ter aparecido hoje no programa da manhã. Não é o género de pessoa que se deixa adormecer quando tem compromissos.

Zimmer deu uma vista de olhos ao telemóvel, mas não atendeu a chamada.

– Que mais tinha ela programado para hoje?

– Bom... – começou ele. – Para dizer a verdade, ela devia falar um pouco por todo o lado. De manhã, na televisão. Na rádio, à tarde. E ao meio-dia temos aqui – ele apontou o polegar sobre o ombro – a conferência de imprensa, e quase todos os jornais do país confirmaram presença. E de certeza que vai haver mais alguma coisa na rádio ou na televisão ao fim da tarde; não o marcaram antecipadamente, mas já os conheço, sei como é. Pedimos-lhe para tirar o dia todo, para estar disponível. E ela respondeu que por ela tudo bem, estava preparada para dedicar o dia à comunicação social.

O telemóvel parou de vibrar.

– Ela há de acabar por aparecer – disse Emma.

– Sim, claro – Zimmer confirmou, com um sorriso. – De certeza que sim.

O telemóvel voltou a tocar.

– Tenho de entrar...

Ele ergueu o telemóvel no ar.

– Obrigada pelo livro – agradeceu Emma. – Estou contente por poder lê-lo.

– Temos todo o gosto. Escreva qualquer coisa bonitinha.

Zimmer entrou na editora e, em simultâneo, atendeu a chamada. Emma ficou no mesmo sítio e refletiu durante alguns segundos. Depois, procurou o número de Sonja Nordstrøm e ligou-lhe.

«Olá, ligou para a Sonja Nordstrøm. De momento, não estou disponível...»

Emma interrompeu a chamada e, por um momento, ponderou o que fazer a seguir: deveria ler o livro, com calma, no seu café habitual, ou...

Um elétrico aproximava-se. Era o número 18. Emma sabia que o elétrico seguia até Ekeberg, onde morava Sonja Nordstrøm. Começou a correr e apanhou o elétrico junto ao Tribunal.



O plástico estalou quando Blix trincou a ponta da caneta. Recostou-se na cadeira giratória e olhou para o outro lado da sala, onde Gard Fosse estava a conversar com a nova colega. Apresentou-a a Tine Abelvik e a Nicolai Wibe, dois dos detetives que trabalhavam há mais tempo no departamento.

Para Blix era um mistério como é que Fosse conseguira ascender ao topo do Departamento de Crimes Violentos sem ter uma só fibra de investigador em todo o corpo. Mas talvez fosse precisamente esse o motivo para ter chegado tão longe, pensou ele ao cuspir um pedacinho de plástico da caneta.

A origem sul-europeia de Sofia Kovic era notória. Tinha cabelo castanho e de comprimento médio, olhos quase pretos e um tom de pele mais escuro do que os restantes colegas do departamento. Dez anos antes, não cumpriria os requisitos mínimos de altura para entrar na Academia de Polícia.

Fosse apontou para Blix. Kovic lançou o cabelo para trás com um movimento de cabeça antes de se aproximarem dele. Blix pousou a caneta e tirou alguns pedacinhos de plástico da língua antes de se levantar e dar um aperto de mão a Sofia.

Trocaram algumas frases de cortesia. Sofia Kovic sorriu. Dentes brancos.

– Já ouvi falar de ti – disse ela.

Blix não esperava outra coisa. Na Academia de Polícia ainda mencionavam o que ocorrera em Teisen dezanove anos atrás. O incidente fora, inclusive, batizado de *Tragédia de Teisen*.

– O Blix vai mostrar-te como trabalhamos por aqui – explicou Fosse. – Este será o teu local de trabalho.

Kovic olhou em volta. Blix deu os bons-dias a Abelvik e Wibe, e levou alguns papéis para a sua secretária. Depois, pôs a pilha de pratos sujos em cima do armário de arquivo.

Fosse deixou-os a sós.

– Porque te candidataste a trabalhar aqui? – perguntou Blix, enquanto reunia alguns dos papéis espalhados sobre a secretária.

Kovic sentou-se.

– Porque aqui posso dar melhor uso às minhas qualificações – respondeu ela rapidamente. – Fazer aquilo em que sou boa.

– E em que é que tu és boa?

– Sou boa a recolher informações, a analisar coisas, a construir hipóteses relevantes, a pensar com criatividade, a dar a volta a verdades já aceites e a encontrar soluções alternativas – enumerou Kovic. – Sou boa a investigar, portanto.

Blix fitou-a e girou a caneta entre os dedos. Kovic falara como se lesse um texto de um manual escolar. Algo que decerto impressionara Fosse.

– Também seria bom conseguires resolver alguns casos – comentou Blix, levando de novo a caneta à boca.

Kovic sacou de uma pasta fina e transparente que lhe tinham dado no Departamento de Informática e ligou o computador. Sentou-se e esperou que o computador iniciasse. Deu uma olhadela ao telemóvel, mas pousou-o de imediato.

– E então, como é o Fosse enquanto chefe? – perguntou.

Uma mulher direta, pensou Blix. Outra característica da sua nova colega. Engoliu a resposta que tinha na ponta da língua e disse:

– É porreiro.

– Porreiro?

– Sim – confirmou Blix, sem aprofundar o assunto.

Na verdade, ele e Fosse tinham perspetivas completamente diferentes sobre o que constituía um bom trabalho policial. A forma mais fácil de descrever a diferença entre ambos seria afirmar que se tratava de uma diferença entre a teoria e a prática. Ele seguia os seus instintos, ao passo que Fosse seguia os manuais e os regulamentos.

– Ele quer que te mostre como é que trabalhamos por aqui – disse Blix, apanhando os papéis da sua secretária, levantando uma quantidade aleatória de pastas e colocando tudo na secretária dela.

– É assim que trabalhamos por aqui – disse ele, sorrindo em jeito de desculpa. – Um caso de cada vez. Bem-vinda.



Emma saiu na paragem de Jomfrubråten. Aproveitara bem o tempo passado dentro do eléctrico. Após alguns telefonemas a conhecidos seus na TV2, ficara a saber que, pelos vistos, um táxi deveria ter ido buscar Sonja Nordstrøm às 7h20. Deram-lhe o nome e o número de telefone do taxista. Daniel Kvam. No entanto, não conseguira entrar em contacto com ele, tendo sido encaminhada para o *voicemail*.

Nos últimos dez minutos dentro do eléctrico, folheara os primeiros capítulos do livro. Não restavam grandes dúvidas de que o livro cairia como uma bomba na opinião pública. Havia referências a atletas, treinadores e membros da sua família, e Nordstrøm praticamente acusara um dos seus treinadores de ter abusado sexualmente dela.

O telemóvel tocou no preciso momento em que atravessava a Kongsveien.

– Olá, daqui fala Daniel Kvam. Ligou-me?

– Sim – disse ela, e identificou-se. – Obrigada por me devolver a chamada. O senhor devia ter ido buscar a Sonja Nordstrøm a Ekeberg às 7h20, não é verdade?

– Sim, correto – disse Kvam. – Mas acabei por não a transportar. Emma franziu o sobrolho.

– Estive pelo menos um quarto de hora parado à frente da casa, mas ela não saiu.

– Não lhe ligou?

– Sim, claro, mas a chamada ia sempre parar ao *voicemail*. Saí do carro e também toquei à campainha, mas como ela não saiu, acabei por me ir embora.

Emma pensou no que mais havia de lhe perguntar sem, contudo, lhe ocorrer o que quer que fosse, e agradeceu-lhe a atenção antes de desligar.

Estava agora diante da imponente moradia de Nordstrøm, uma casa situada na Kongsveien. A mansão devia ter pelo menos quatrocentos metros quadrados, segundo as suas estimativas, e tinha uma grande garagem pintada de branco. À frente do portão da garagem estavam alguns materiais de construção cobertos por plásticos e restos de embalagens provenientes das obras de reparação. Caixas de cartão castanhas e achatadas, prontas a reciclar.

O portão estava aberto, o que levou Emma a pensar que Nordstrøm talvez tivesse saído de carro bem cedo naquela manhã ou na noite anterior, e que não estaria, portanto, em casa. Que teria porventura decidido desaparecer por uns tempos. Um destaque na imprensa tão acentuado como aquele que Amund Zimmer descrevera poderia desencorajar a maioria das pessoas, mesmo quem estivesse completamente familiarizado com tal situação.

Emma entrou na rampa de acesso asfaltada que conduzia à casa. Parou em frente da porta principal, tocou à campainha e ouviu o toque no interior.

Ninguém respondeu.

Tentou de novo, e obteve o mesmo resultado: não apareceu ninguém à porta. Recuou alguns passos e olhou para as janelas do primeiro andar. Não vislumbrou nenhum rosto que a fitasse por detrás das cortinas. E também não ouviu nada.

Tocou, uma vez mais, à campainha. Continuou sem ouvir qualquer som no interior da casa. Um impulso levou-a a agarrar o puxador. Surpreendeu-se ao perceber que a porta não estava trancada. Emma largou o puxador, mas a porta continuou a abrir-se lentamente. Deu um passo em frente. Enfiou a cabeça num corredor comprido com ladrilhos escuros.

Algo no chão, mais ao fundo do corredor, fez com que franzisse o sobrolho. Um bengaleiro tombado. Viu também alguns estilhaços à frente da moldura do que teria sido um espelho de corpo inteiro.

Emma gritou:

– Sonja Nordstrøm?

Pôs-se à escuta, mas não obteve resposta.

O som dos seus sapatos nos ladrilhos do corredor ecoou pela casa.

– Está aí alguém? – bradou, reparando que a voz lhe tremia, o que não a impediu de prosseguir até a um átrio enorme com um pavimento cujos ladrilhos formavam um padrão de tabuleiro de xadrez. Tentou não pisar os estilhaços do espelho.

Uma escadaria conduzia ao primeiro andar. A casa tinha um pé direito muito elevado. A luz estava acesa – um candelabro. Emma continuou a gritar por Nordstrøm, e continuou a não receber resposta.

Espreitou para dentro da cozinha. Tudo ali era elegante: azulejos claros, fogão e frigorífico de aço inoxidável. Armários cheios de garrafas de vinho. Flores frescas numa enorme mesa. Dois copos de vinho no balcão, pousados ao lado de um exemplar de *Para sempre Número Um*. Emma gritou novamente o nome de Nordstrøm, porém, não ouviu nada. Ou ouviu. Sim, ouviu *alguma coisa*.

Ao seguir o som, saiu da cozinha e entrou no que parecia ser uma sala de estar. O som vinha dali. Uma televisão estava ligada num qualquer canal desportivo. No meio do ecrã estava colado, com fita-adesiva, um dorsal. Número um.

Emma ficou parada a observar tudo aquilo por alguns segundos. Que esquisito, pensou ela. Encontrou o comando e desligou a televisão. Sentiu, de repente, um silêncio mortal abater-se sobre a casa.

– Nordstrøm?

Falou num fio de voz quase impercetível.

Tentou de novo, desta feita mais alto. Continuou sem obter resposta.

De súbito, desejou não estar ali. Viu-se tomada por uma vontade de sair. Depressa.

Lá fora, conseguiu voltar a respirar normalmente. Fechou a porta e pensou no que deveria fazer. Um gato saiu de baixo de um arbusto

e desapareceu ao dobrar a esquina da casa. Emma pegou no telemóvel e marcou o número de Kasper.

Kasper Bjerringbo era um jornalista dinamarquês que ela conhecera num colóquio sobre jornalismo digital em Gotemburgo alguns meses antes.

– Não, já chegámos ao Natal? – disse Kasper num dinamarquês denso e quase ininteligível.

– Olá, Kasper – disse Emma. – Estás ocupado?

– Sim, agora estou.

Emma sorriu e sentiu-se corar.

– Obrigado pelo último encontro – disse Kasper. – Já foi... há muito tempo.

– Sim, foi.

– Foi muito bom, também.

Ela lembrou-se dos seus caracóis pretos. Do sorriso contagiante. Do seu corpo nu, em forma. Mas não tinha nada a dizer sobre a descrição de Kasper do encontro de ambos, que durara até altas horas da noite. Até de manhã, na verdade, quando o cansaço se fez sentir e ela regressou à sua cama.

– Acho que preciso de uma ajudinha – disse ela. – De um conselho.

– Sobre o quê?

– Nunca trabalhei em casos policiais – começou Emma. – Mas tu sim.

– Sim...?

– Tens experiência em casos de desaparecimento?

– Neste momento, temos um bastante grande em curso na Dinamarca, para dizer a verdade.

– Então?

– Sim, um futebolista que desapareceu há pouco mais de uma semana. Não leste nenhuma notícia sobre isso?

Emma não lera nada acerca do caso, não se interessava por futebol.

– Porque mo perguntas? – acrescentou Kasper.

Emma não sabia ao certo se deveria entrar em detalhes, mas mencionou-lhe a misteriosa ausência de Nordstrøm no programa da

TV2 e o estado em que se encontrava a sua casa, sem, contudo, referir o seu nome.

– Acho que lhe deve ter acontecido alguma coisa – concluiu ela.

Kasper manteve-se calado por um momento. Emma imaginou-o a mexer nos caracóis, sentado na sua cadeira giratória nos escritórios da agência de notícias Ritzau.

– Não tens escolha. Tens de telefonar à polícia – afirmou. – E tens de lhes dizer que entraste na casa. Se não lhes disseres nada, vais arranjar problemas mais tarde.

Emma agradeceu-lhe o conselho.

– A polícia vai certamente levar o caso a sério, sobretudo se se tratar de uma pessoa conhecida – acrescentou Kasper.

Surgiu uma pausa na conversa.

– De resto, como estás? – perguntou-lhe ele.

– Ótima.

– Não pensas vir a Copenhaga em breve?

Emma sorriu.

– Acho que não – respondeu ela.

– Pois, foi uma pergunta estúpida – disse Kasper.

Sim, disse Emma para consigo. Talvez tenha sido.

– Agora, tenho de ir – disse ela, agradecendo-lhe a ajuda.

Fechou os olhos por um momento e abanou a cabeça. Santo Deus. Fora uma idiota. Teria sido excelente ir a Copenhaga e encontrar-se com Kasper. Pelo menos até decidir onde dormir.

O ruído dos carros em circulação na Kongsveien fê-la alterar o rumo dos pensamentos.

– OK – disse para consigo, e respirou fundo. Depois, marcou o número da polícia.



O telemóvel vibrou no bolso de Blix. Pegou nele. No visor surgiu um número que tinha registado como *Eckhoff-TV*. Eckhoff trabalhava na produtora do *Justo Vencedor* e fora, em parte, responsável pelo conceito do programa. No decurso das gravações, agia como elo entre os concorrentes e os seus familiares no exterior.

– Sim, daqui fala Blix.

– Daqui fala Even Eckhoff – disse o homem do outro lado da linha.

– Da Enter Entertainment.

Blix afastou um pouco a cadeira da secretária e virou-se para o lado. Raras vezes se sentia desconfortável ao falar com outras pessoas, mas Eckhoff tinha algo que lhe desagradava sobremaneira. A sua voz. Como se quisesse vender a Blix algo de que ele não precisava, nem que para isso tivesse de o matar.

– É sobre a transmissão em direto desta noite – continuou Eckhoff.

Blix imaginou Iselin no sofá com o apresentador do programa, e como a câmara se desviaria e se concentraria num grande plano de Merete e do seu novo namorado. A ex-mulher e o atual companheiro tinham estado presentes em todas as transmissões em direto. A produtora fazia questão de ter presentes os familiares e os amigos dos concorrentes, tanto para captar as suas reações e emoções, quanto para ouvir o que tinham a dizer.

– Falei com a Iselin – prosseguiu Eckhoff. – Ela gostaria de o ver na plateia.

– Foi ela que disse isso? – perguntou Blix.

– Bom, pelo menos disse que não havia problema em eu lhe falar disso – corrigiu ele.

Blix sabia que se sentia comovido. Estava prestes a segurar na mão que Iselin lhe estendera, mas conteve-se.

– Vou pensar nisso – respondeu.

– Temos de reservar lugares no auditório, por isso, seria bom se me pudesse confirmar que vai.

– Muito bem – disse Blix. – Agora, tenho de ir.

Desligou, arrastou a cadeira para junto da secretária e lançou um olhar para Kovic antes de começar a trabalhar no computador.

Gard Fosse entrou na sala. Trazia na mão uma folha arrancada de um bloco e dirigiu-se a Kovic e a Blix.

Blix irritou-se ao ver como Fosse se achava importante.

– Têm de tratar de um desaparecimento – declarou.

– Os tipos da Polícia de Segurança não podem ficar com isso? – perguntou Blix.

– Foram eles que nos pediram para darmos uma olhadela – explicou Fosse. – Estão todos ocupados com outras coisas.

– As patrulhas?

– Na Central de Operações têm uma fila de espera com um tempo médio de resposta de noventa minutos.

Acenou-lhes com a folha de papel.

– Foi uma jornalista que lhes ligou. E é a Sonja Nordstrøm que está desaparecida – continuou. – Não vai ser nada bom se deixarmos isto ficar a marinar.

Kovic levantou-se e pegou no papel.

– A grande Sonja – disse ela, parecendo ansiosa.

– Uma jornalista? – protestou Blix. – Não devíamos ser informados por um parente antes de podermos avançar?

– Hoje, a Nordstrøm faltou a entrevistas na rádio e na televisão sem avisar ninguém – prosseguiu Fosse. – A jornalista está agora em casa dela e diz que a porta está destrancada, e que não encontra ninguém lá dentro. Bom, vão lá ver o que se passa e avancem a partir daí.

Kovic já vestira o casaco. Fosse sorriu-lhe com lisonja antes de dar meia-volta e se afastar para tratar da próxima tarefa. Blix levantou-se lentamente. E suspirou.



A polícia pedira-lhe para esperar. Primeiro, Emma sentou-se nas escadas da entrada, mas não lhe agradou estar de costas para a casa vazia, de maneira que se mudou para um banco de ferro forjado ao lado da entrada.

Tirou o portátil da mala e deu uma vista de olhos aos jornais *online*. Todos eles haviam publicado algo acerca da autobiografia de Nordstrøm.

«Dopou-se»: era este o título do artigo principal no VG. Uma alusão a Cecilie Krogsæther, a maior rival de Nordstrøm ao longo da sua carreira. O artigo estava ilustrado com uma fotografia da rival no topo do pódio da Maratona de Berlim, num ano em que Nordstrøm não havia participado na prova. As alegações de Nordstrøm eram aprofundadas no artigo em questão.

Vira Krogsæther usar, diversas vezes, seringas, e referia também o médico checo da concorrente, que teria sugerido que Krogsæther não tinha o sangue limpo há anos.

O *Dagbladet* publicara um artigo equivalente, mas contactara o advogado de Krogsæther, que, segundo o jornal citava, afirmava que as alegações eram absurdas e que teriam consequências.

Emma retirou algumas informações de ambos os artigos e, com elas, compôs um pequeno texto. Raramente seguia atalhos assim, mas sabia que Anita Grønvold esperava que publicasse algo o mais depressa possível.

Demorou apenas alguns minutos a preparar o texto, e, antes de clicar em *publicar*, prometeu aos seus leitores que haveria vários desenvolvimentos sobre a autobiografia de Nordstrøm ao longo do dia.

Assim sendo, escreveu rapidamente os pontos mais importantes sobre as alegações de abuso sexual, e lembrou-se também que teria de falar com alguém da área desportiva, de modo a descobrir quem seria o treinador, já que o seu nome não era referido no livro. O suposto abuso sexual ocorrera quando Nordstrøm tinha apenas quinze anos.

Em seguida, Emma abriu a página principal do *site* da editora, onde um vídeo atraía de imediato a atenção dos visitantes. Após uma série de imagens da carreira de Nordstrøm rapidamente encadeadas, ao som de *Chariots of Fire* de Vangelis, uma voz masculina, grave e teatral, sobrepunha-se às imagens.

Quando Sonja Nordstrøm tinha quatro anos, o seu pai, que já se apercebera de que a filha tinha talento para correr, fez-lhe uma pergunta. Queres ser a melhor do mundo? Sim, respondeu Sonja. Então tens de me dar ouvidos, disse o pai. Sim, respondeu Sonja. Catorze anos depois, Sonja Nordstrøm ganhou a sua primeira medalha num campeonato mundial. Ganharia ainda outras doze medalhas, mas o sucesso não surgiria de forma gratuita. Nesta autobiografia sem reservas, Sonja fala-nos de vitórias e derrotas, de amigos e inimigos, e também de uma relação problemática com todos aqueles que lhe foram próximos.

Seguiam-se novos clipes de vídeo, com uma Nordstrøm a rejubilar no topo do pódio, celebrando, acenando. Sempre, porém, com uma expressão reservada, como se na verdade não quisesse comemorar a sua vitória.

Nenhum jornal *online* noticiara ainda o desaparecimento de Nordstrøm.

Emma lançou um olhar à casa, reabriu o programa de publicação e começou a redigir um novo artigo. A manchete tinha apenas uma palavra: *Desaparecida*.



O portão de ferro forjado estava aberto e balançava para a frente e para trás ao sabor do vento. Blix subiu o passeio e estacionou o carro junto à cerca.

Kovic verificou as anotações que Fosse lhe dera.

– A jornalista chama-se Emma Ramm – disse. – Trabalha para o *news.no*.

O diafragma de Blix contraiu-se bruscamente.

– O que é que disseste? – perguntou ele numa voz cava.

Kovic repetiu o nome e o local de trabalho da jornalista.

Blix engoliu em seco. Várias vezes.

– Há algum problema? – perguntou Kovic.

Blix não disse nada até o seu olhar se cruzar com o de Kovic.

– Hã? – perguntou ele.

– Só perguntei se há algum problema. Passa-se alguma coisa? De repente, ficaste branco como a cal.

Blix abanou a cabeça e apontou para a porta, como se lhe indicasse que devia sair do carro.

Por sua vez, Blix demorou um pouco a sair do lugar. Sentia-se a ferver por dentro, e foi com alívio que acolheu um pouco de vento no rosto. Ainda assim, teve de dar um passo ao lado para se equilibrar, e logo agarrou a figura no cimo do portão, apertando-a com tanta força que os nós dos dedos empalideceram. Fitou a rapariga sentada num banco diante da entrada da casa.

Pedi a Kovic que entrasse primeiro e seguisse na dianteira. Blix sentiu um aperto no peito e os sovacos a aquecerem. Emma Ramm levantou-se e cumprimentou Kovic, que se desviou e apresentou Blix. Ele estendeu-lhe a mão com a esperança de que ela não se apercebesse de como estava húmida.

– Quando é que chegou? – perguntou Kovic.

– Há quarenta minutos – respondeu Emma. – A porta está destrancada, mas ela não está em casa.

Blix fitou-a. O cabelo loiro caía-lhe sobre os ombros. Tinha olhos azuis e penetrantes. Nariz estreito, maçãs do rosto salientes. Dentes alinhados e brancos.

– Entrou na casa? – questionou Kovic.

– Dei uma olhadela lá dentro, sim – explicou Emma. – Está um espelho partido no corredor.

Kovic e Blix trocaram um olhar rápido.

– Então não está cem por cento certa de que ela não esteja em casa? – continuou Kovic.

A resposta surgiu em jeito de desculpa:

– Tanto quanto sei, não está.

Blix pigarreou.

– Vamos entrar.

– Espere aqui – disse Kovic a Emma, logo seguindo o colega.

Blix encolheu os ombros e continuou a direccionar o pensamento para o trabalho que tinha em mãos. Gritou um «está aí alguém?» dentro do corredor ladrilhado.

– Somos da polícia.

Kovic apontou para um bengaleiro tombado e um espelho partido no chão.

– Vamos ver divisão por divisão – disse Blix.

Passaram a casa a pente fino. Esperavam encontrar Norsdtrøm atrás de cada porta que abriam. Esperavam encontrá-la na banheira, de pulsos abertos, ou pendurada numa corda presa ao candelabro da sala, ou deitada na cama com um frasco de comprimidos vazio ao seu lado. Mas ela não estava em casa. Nem no rés do chão, nem no primeiro andar, nem, de resto, na cave. O carro dela estava na garagem.

Blix deu uma vista de olhos a uns arrumos, enquanto Kovic falava com Emma Ramm. Depois, deu uma volta pelo jardim antes de puxar do telemóvel. Sabia que devia telefonar a Fosse, mas ainda não se sentia capaz de falar com ele. Ao invés, marcou o número de

Tine Abelvik e explicou onde estavam e o que tinham encontrado no local.

– Tenho um mau pressentimento acerca disto – disse. – Podes pedir à Ann-Mari Sara que venha cá tratar da análise forense?

E antes que Abelvik pudesse responder, acrescentou:

– E quero também que tu e o Wibe comecem a trabalhar a partir deste ponto. Rastreia o telemóvel da Nordstrøm, contacta os familiares, descobre quem pertence ao seu círculo de conhecidos: o normal, portanto.

– Vou tratar disso – prometeu, do outro lado da linha, Abelvik.

Blix terminou a chamada e regressou para diante da casa.

– Ela quer que façamos um comentário ao caso – disse Kovic com um aceno de cabeça a Emma, que anotou algo num bloco antes de se aproximar dele.

– É para o artigo que vou escrever – afirmou Emma, como se em jeito de explicação.

Blix fitou-a. Viu-se tomado por uma série de pensamentos difíceis de individualizar e analisar. Assim, tentou afastá-los e concentrar-se no que estava a acontecer.

– O que tem a dizer acerca do desaparecimento? – perguntou Emma.

– Ainda é cedo de mais para dizer o que quer que seja. – Blix pigarreou e prosseguiu: – Mas estamos a fazer algumas diligências.

– Que tipo de diligências?

– Procedimentos de rotina – respondeu, de forma a não entrar em detalhes.

– De investigação, portanto.

Blix aquiesceu.

– Desculpe, qual é mesmo o seu nome? – perguntou Emma. – Eu sei que já mo disse, mas não o fixei.

– Alexander Blix – declarou ele, por fim.

Emma anotou o nome. Não deu mostras de o reconhecer.

– Com *k* ou com *x*?

– Com *x* – disse ele. – Duplo *x*: Alexander e Blix.

– Posso citá-lo em associação à investigação? – perguntou ela.

Blix olhou-a nos olhos antes de anuir.

– Tome – disse ele, pegando no seu bloco de notas. Escrevinhou o seu número de telefone e deu-lhe o papel. – Pode ligar-me ou... entrar em contacto se precisar de mais alguma coisa.

Ela agradeceu, deu meia-volta e afastou-se. Blix continuou no mesmo sítio e viu-a caminhar. Assim que ela desapareceu, fechou os olhos por alguns segundos e concentrou-se na sua respiração. Tinha as faces ruborizadas, suava profusamente entre as omoplatas.

– E agora, o que fazemos? – perguntou Kovic.

– Esperamos aqui até que os técnicos cheguem – respondeu ele sem se voltar na direção da colega. – Entretanto, damos uma volta pela vizinhança. Perguntamos se alguém viu alguma coisa.



Emma aproximava-se do fim do *Para sempre Número Um*. Depois de ter estado em casa de Sonja Nordstrøm, fora de imediato para o seu poiso habitual – o Kalle Liker Alle –, um café pouco espaçoso na esquina da Sofies Plass com a Frydenlundgata. Muitos dos artigos que publicara haviam sido escritos na mesa mais recôndita do primeiro andar daquele café.

Durante a leitura, o que mais a impressionou foi o modo como Nordstrøm tentava destruir ativamente a sua reputação. Lançava acusações em todas as direções, parte delas tanto graves quanto injuriosas, garantindo assim que sofreria consequências. Emma esperava que Nordstrøm tivesse provas para tudo o que tornara público, e que a editora tivesse feito uma análise jurídica detalhada de antemão. Se assim não fosse, tudo aquilo poderia acabar em processos judiciais.

Vários meios de comunicação haviam começado a noticiar o desaparecimento. Alguns tinham copiado as citações de Alexander Blix recolhidas por Emma, felizmente com referência à fonte original. Surgiam mais pormenores a cada minuto, e Emma também viu a notícia ser partilhada nas redes sociais. Muitas pessoas estavam apreensivas com o que acontecera a Nordstrøm, esse ícone nacional.

A questão era: e agora?

Emma folheou o livro de volta ao início. Tinha sido escrito em colaboração com o jornalista desportivo Stian Josefson, um homem que Emma sabia ter sido despedido do *Aftenposten* alguns anos antes, quando se viram obrigados a reduzir o pessoal. Decidiu telefonar-lhe. Não estava ninguém sentado nas mesas à sua volta, e

colocou os auriculares do telemóvel nos ouvidos antes de procurar o número e fazer a chamada.

Respondeu-lhe uma voz cansada.

– Terei de desligar em breve – disse. – Não, não faço ideia de onde está, e não ouvi nenhum comentário sobre o livro. *OK?*

Emma sentiu que ele se preparava para desligar.

– Gosto do livro – afirmou ela rapidamente. – Está bem escrito. Presumo que foste tu e não a própria Nordstrøm quem o escreveu. Não foste?

Fez-se silêncio.

– Sim. Pois. Bem, obrigado.

Emma pegou no telemóvel e acionou o gravador.

– Deve ter sido um trabalho interessante – continuou.

Emma tentou obter toda a informação possível recorrendo a uma voz adocicada. Trabalhar com celebridades levava-a a perceber que a lisonja era a melhor forma de levar os outros a abrirem-se. Como Josefson não respondeu de imediato, prosseguiu:

– Posso perguntar-te como arranjaste o trabalho? Foste contactado pela editora, ou conhecias a Sonja Nordstrøm bem o suficiente para...

– Foi iniciativa minha, na verdade – esclareceu. – Uma ideia minha.

– Então falaste com a editora e...

– Não, insisti mês após mês com a Sonja até ela acabar por dizer que sim. Foi...

De repente, mudou de tom.

– Mas o que é que tu querias, afinal?

– Pareces estar arrependido, ou estou errada? – perguntou Emma.

Ela ouviu-o suspirar.

– Um pouco. Sobretudo por causa da confusão. Não contava com...

Calou-se.

– ... com o quê?

– Nada – disse ele por fim.

– Hoje não tiveste notícias da Sonja? – perguntou Emma alguns segundos depois.

– Não.

– Não fazes ideia de onde possa estar?

– Nenhuma.

– Quando falaste com ela pela última vez?

– Ontem à noite.

– Como é que ela estava?

– Pareceu-me normal. Exceto...

Calou-se de novo.

– Exceto o quê?

– Nada, esquece.

Emma ouviu ruídos de fundo. Vozes, um burburinho. Josefson estava na rua.

– Vocês falaram de estratégias de promoção antes do lançamento?

Josefson resfolegou.

– Achas que *eu* estive envolvido nisso?

Emma sentiu que ele iria responder à sua própria pergunta, por isso, esperou que dissesse algo.

– Para ela, fui apenas um utensílio. Eu e todos os outros – afirmou. – E também para a editora. Seja como for, estão-se nas tintas para a minha opinião.

Emma desenhou alguns círculos no bloco que tinha à sua frente enquanto esperava que ele continuasse a falar. Mas ele calou-se.

– Então também não sabes onde ela está?

– Não. E o contrário também é válido. Já fiz o que me competia. Agora não tenho tempo para continuar a falar contigo.

E, assim, desligou.

Emma fitou o telemóvel por um momento e, depois, pousou-o. Stian Josefson estava furioso, pensou ela. Ofendido. Não era invulgar que um coautor com um papel como o dele fosse posto de lado e esquecido assim que o livro era lançado.

A história de Josefson foi a sua quarta notícia acerca de Nordstrøm, e todas as que se referiam ao livro se tinham tornado

desinteressantes. Tanto ela quanto os leitores queriam respostas ao mistério do seu desaparecimento.

Tirou o papel com o número de Alexander Blix e refletiu se seria cedo de mais para entrar em contacto com o polícia. No entanto, ele dissera-lhe para estar à vontade se precisasse de alguma coisa.

Decidiu começar por lhe enviar uma mensagem, para não parecer desesperada nem metediça. Poderia ligar-lhe mais tarde.



A ronda de perguntas aos vizinhos do lado norte não deu em nada. A maioria deles não estava em casa, mas uma idosa que morava a duas vivendas de distância afirmou ter visto um homem num carro preto visitar Nordstrøm em diversas ocasiões. O seu neto tinha um *stand* de automóveis e conduzia o mesmo tipo de carro. Um Volkswagen Tiguan. Esta era a única coisa que Blix tinha apontado no seu bloco antes de regressar à casa para receber Ann-Mari Sara.

A técnica forense fez marcha-atrás com a grande carrinha e transpôs o portão de entrada, seguindo até ao edifício. Blix fez-lhe uma breve introdução, enquanto os outros membros da equipa se vestiam. Comunicou-lhe o que havia observado na rápida inspeção à casa e até onde se tinham deslocado no seu interior.

– Parece-me um rapto – concluiu ele.

Sara anuiu com um aceno de cabeça antes de também ela vestir o fato branco de proteção. Era conhecida por ser organizada, minuciosa, sistemática e concentrada. Blix gostava de trabalhar com ela.

O seu telemóvel tocou. Um número que registara como *Jornalista*. Blix rejeitou a chamada.

Kovic regressou da sua ronda pela vizinhança.

– Talvez tenha descoberto uma coisa – disse ela, assinalando a casa mais próxima. – Ontem à noite, um carro esteve parado à frente da casa da Nordstrøm.

– Que tipo de carro?

– O vizinho com quem falei só o ouviu. Como já se tinha deitado, não o viu. O carro chegou, o motor manteve-se ligado durante uns poucos minutos, e depois foi-se embora.

O telemóvel de Blix tocou de novo. *Jornalista*. Desligou o som e deixou que o telemóvel lhe vibrasse no bolso do casaco.

– A que horas foi isso? – perguntou.

– Pouco depois do *Urix*, que passa na NRK. O vizinho viu o programa antes de se deitar.

– *OK*, e a que horas foi isso?

– Estive a pesquisar. Ontem, o *Urix* acabou às dez e meia.

Blix voltou-se para trás, olhou para a rua e viu dois civis curiosos a aproximarem-se.

– Há alguma portagem nas redondezas?

– Vou pesquisar – disse Kovic, tomando algumas notas. – Podemos fazer mais alguma coisa por aqui?

– Uma coisa, sim – replicou Blix.

Subiu as escadas e chamou Ann-Mari Sara, que baixou a máscara.

– Na cozinha está um exemplar do livro da Nordstrøm – disse Blix.

– Preciso dele.

Sara fitou-o.

– Queres que o tire do local do crime?

– Acho que ninguém lhe bateu com o livro na cabeça – respondeu Blix.

Sara refletiu por alguns segundos.

– Primeiro, deixa-me tirar-lhe algumas fotografias – declarou, desaparecendo de novo no interior da casa.

O telemóvel vibrou-lhe uma vez mais no bolso do casaco. Blix pegou nele e reparou que tinha recebido várias mensagens. Uma delas do *Eckhoff-TV*, que lhe perguntava se já tinha tomado uma decisão acerca da emissão em direto daquela noite. E sim, tomara. Queria estar presente, embora Sonja Nordstrøm lhe pudesse dificultar a concretização desse desejo.

Preparava-se para responder a Eckhoff quando Ann-Mari Sara saiu da casa com o livro de Nordstrøm num saco de plástico.

– Bem que podias passar por uma livraria e comprar um – afirmou ela ao dar-lhe o saco.

– É de maneira que poupamos algumas coroas aos contribuintes – rematou Blix com um sorriso, pegando no saco.

O telemóvel não parava de tocar. Desta vez, era *Gard Fosse*. Blix suspirou e deslizou o polegar para a direita do ecrã.

– Ouvi dizer que iniciaste uma investigação a todo o gás – disse o chefe.

– É um dos privilégios que ainda me restam neste emprego – respondeu Blix com amargura. Durante um instante, não obteve resposta. – A Sara acabou de chegar.

Blix olhou de novo para a rua e reconheceu o rosto de um jornalista do *Dagsavisen*.

– Podes também enviar para cá uma patrulha, para nos ajudar a afastar os curiosos?

Fosse demorou algum tempo a responder:

– Vou ver o que temos disponível. – E, a seguir, mencionou aquilo que a Blix pareceu ser o verdadeiro motivo do telefonema: – No que diz respeito à imprensa, deixa que eu trate disso.

Blix sorriu.

– Claro – disse ele, admirado por não soar irónico. – Mais alguma coisa?

O telemóvel voltou a vibrar.

– Mantém-me informado – ordenou-lhe Fosse, que logo terminou a chamada.

Blix continuou com o telemóvel na mão e leu as últimas mensagens. Viu que uma delas fora enviada por um número que não registara no cartão.

Alguma novidade sobre a Sonja Nordstrøm? Emma Ramm, news.no.

Blix esteve a ponto de ignorar a mensagem, mas decidiu escrever uma resposta rápida: *Ainda nada.*

– Toma – disse ele, entregando o saco de plástico com o livro a Kovic. – Lê isto e vê se tem alguma coisa interessante para nós.

Caminharam até ao carro. Antes de entrar, Blix recebeu uma nova mensagem do mesmo número: *Esqueci-me de dizer que a televisão dela estava ligada. Desliguei-a.*

Blix não respondeu. Mas guardou o número. Agora, aparecia nos contactos como *Emma*.



Blix afastou o prato, limpou a boca com as costas da mão e fez *login* no site do *Justo Vencedor*. Clicou nas diversas câmaras que transmitiam ao vivo, enquanto tentava tirar um resto de comida de entre os dentes com a unha do polegar. A lentidão da Internet fez com que cada imagem demorasse algum tempo a surgir.

Encontrou Iselin numa câmara no jardim. Estava sentada num banco, com o corpo envolto numa manta. Olhava abstraidamente em frente. Por um momento, Blix pensou que a imagem empancara, mas a filha ergueu a mão e esfregou um olho.

Kovic sentou-se ao lado de Blix.

– Há uma portagem na Kongsveien e outra na Sandstuveien – disse ela.

Blix fechou a página da Internet.

– Pedi uma lista de todos os veículos que passaram pelas portagens ontem à noite – continuou Kovic. – Não têm imagens dos carros, mas vou tentar mapear as estações de serviço e outros locais com videovigilância naquela zona.

Blix anuiu. Kovic era empreendedora. Não iria precisar de muito acompanhamento, exceto o puramente prático, como saber onde ficava o material de escritório ou com quem falar se acabasse o café. Blix raras vezes tinha tanta sorte.

– Procura um Volkswagen Tiguan preto – disse ele. – A Nordstrøm recebeu a visita de alguém que conduz um carro desses.

Gard Fosse apareceu no outro lado da sala. Apontou para eles.

– Vamos ter uma reunião no meu gabinete – anunciou.

Blix respirou fundo, levantou-se e seguiu na pegada de Kovic. Nicolai Wibe estava já sentado à mesa de reuniões no gabinete de Fosse. Era um sujeito espadaúdo com experiência na área

operacional. Alguns anos mais novo do que Blix. Tinha um aspeto agressivo e era intempestivo. Pia Nøkleby, procuradora da polícia, também estava presente. Era a jurista responsável pelo caso.

– A Abelvik há de chegar em breve – explicou Fosse, sentando-se atrás da ampla mesa. – E então, o que é que já sabemos?

Blix sentou-se naquele que se tornara o seu lugar habitual, ou seja, na outra extremidade da mesa, mais próximo da porta, e olhou para o chefe.

Blix dava-se bem no seu papel de investigador. Era competente e não ambicionava subir na carreira. As graduações e honrarias não tinham para ele qualquer importância. No entanto, sentia-se magoado sempre que se recordava de que Gard Fosse chegara mais longe do que ele.

– Sabemos que, ao contrário do que estava combinado, a Sonja Nordstrøm não apareceu na TV2 hoje de manhã – começou. – Um táxi foi buscá-la a casa às sete e vinte, mas foi-se embora sem ela depois de passar um quarto de hora à espera.

Olhou para Kovic, que percebeu a deixa e tomou a palavra.

– Tanto quanto sabemos de momento, a última pessoa a falar com ela foi o editor, com quem trocou algumas mensagens de texto. Foi ontem à noite, e falaram um pouco dos planos para hoje.

Ela leu as suas notas.

– Chama-se Amund Zimmer. Vem cá mais tarde para prestar declarações formais.

A procuradora escreveu algo numa folha de papel.

– A Nordstrøm também devia ter ido à rádio – continuou Blix. – E tinha uma conferência de imprensa na editora. Tentei entrar em contacto com o Stian Josefson, o jornalista que escreveu o livro em coautoria com ela, mas ele não atende o telefone.

Nøkleby anuiu com um aceno de cabeça.

Wibe enfiou uma dose fresca de *snus*¹ sob o lábio superior.

– O telemóvel dela não dá sinal – disse ele. – Assim não temos como localizá-lo.

– Onde foi o último registo? – perguntou Nøkleby.

Wibe encolheu os ombros.

– Já pedi o histórico de dados à companhia telefónica, mas provavelmente só o recebemos amanhã.

– Posso tratar disso – sugeriu Kovic. – Já trabalhei muito com rastros eletrónicos.

Wibe fitou Blix, que assentiu.

– Muito bem – disse Wibe a Kovic. – Agradeço não ter de ser eu a fazê-lo.

Tine Abelvik apareceu à porta. Ela e Blix trabalhavam juntos há oito anos. Era uma detetive experiente que, contudo, ainda se deixava afetar emocionalmente por casos pontuais.

– Peço desculpa – disse, sentando-se. – Entrei em contacto com a filha dela. A Liselotte. Mora em Londres. Parece que não se dá muito com a mãe. Falaram ao telefone na semana passada, mas não disseram nada que nos possa ajudar.

Abelvik folheou o seu bloco de notas.

– Depois, falei com o ex-marido. Não tem contacto com a Nordstrøm há uma eternidade. Mas sugeriu-nos dar uma vista de olhos à casa de campo que ela tem em Hvaler. Ela costumava ir para lá descansar. Pedi aos colegas da polícia local que fossem lá dar uma olhadela.

– Muito bem – declarou Fosse.

– E que mais temos? – perguntou Nøkleby.

Kovic falou-lhes das rondas de perguntas aos vizinhos e do carro que presumivelmente parara diante da casa de Nordstrøm às dez e meia da noite anterior, mas foi interrompida pelo telefone na secretária de Fosse.

– Pedi à Ann-Mari Sara que me ligasse – explicou ele, e pôs a chamada em alta-voz. Depois, perguntou-lhe: – O que tens para nos contar?

– Acho que ela não abandonou a casa de sua livre vontade – disse Sara com o seu sotaque do Norte da Noruega. – Há indícios de luta no corredor, e além disso não levou a escova de dentes com ela. A bolsa com os produtos de higiene está num armário da casa de banho. O passaporte está numa gaveta da cozinha, e a mala também está na cozinha, e tem dentro a carteira e a chave do carro.

O telemóvel de Blix vibrou na mesa, à sua frente. Uma chamada de *Emma*. Rapidamente, pegou no telemóvel e guardou-o no bolso, abafando assim o ruído.

– Encontraram o telemóvel da Nordstrøm? – perguntou.

– Não está aqui – respondeu de imediato Sara. – E falta também um tapete.

Fosse curvou-se sobre o telefone.

– Um tapete?

– Havia um tapete no chão do corredor – confirmou ela. – Grande o suficiente para transportar alguém.

– Para transportar um cadáver? – Wibe quis saber.

– Sim, mas não encontrámos vestígios de violência desse género. Não encontrámos sangue.

– O tapete poderia tê-lo absorvido?

– Sim, é claro, mas a violência letal costuma deixar vestígios detetáveis.

– Mais alguma coisa? – interrogou Fosse.

– Esteve aqui um homem – replicou Sara. – Há sémen nos lençóis.

– Antigo?

– Impossível de dizer. Até pode ser de vários homens. Só o saberemos depois de o analisar, mas pode estar associado aos copos de vinho.

– Explica lá isso.

– Estão dois copos de vinho e uma garrafa vazia na cozinha. Teve visitas.

– Impressões digitais?

– De certeza que há impressões em ambos os copos, mas hoje não terei uma resposta para vos dar.

– Ótimo – disse Fosse, esticando a mão em direção ao telefone. – Deixamos-te com o teu trabalho.

– Mais uma coisa – disse Ann-Mari Sara. – Uma coisa de que não gosto nada.

Fosse debruçou-se sobre o telefone e ergueu o olhar para fitar Blix. Nenhum dos dois estava habituado a comentários pessoais por parte de Sara.

– Há um dorsal colado à televisão.

– Um dorsal? – perguntou Kovic.

Blix franziu o sobrolho. Não tinha reparado em nada daquilo. Durante a rápida inspeção, tentara encontrar sinais de vida – ou de morte – da dona da casa.

– É da Maratona de Estocolmo em que a Nordstrøm participou – continuou Sara. – Ela usou o dorsal número um.

Fez-se um momento de silêncio.

– Como interpretas isso? – perguntou Blix.

– Não me agrada dizer isto – começou Sara –, mas é estranho. Parece-me uma marca, um sinal.

– Uma mensagem, queres tu dizer? – perguntou Wibe. – Para nós?

– Isso já não sei – respondeu Sara. – Mas um dorsal indica que algo vai ter início. Ou, em alternativa, que alguma coisa acabou, que já se chegou à meta.

Durante algum tempo, ninguém abriu boca.

– Seja como for, não devo entrar em especulações. Mas agora já estão a par do assunto.

Blix pensou no que aquilo poderia significar. Pensar no dorsal e no que poderia ter acontecido a uma celebridade tão badalada quanto Sonja Nordstrøm fê-lo endireitar-se na cadeira, ansioso por começar a trabalhar com afinco naquele caso. Há muito tempo que não sentia tamanho empenho. Tinha saudades de se sentir assim.

¹ Espécie de tabaco em pó, diferente do rapé, que se coloca entre a gengiva e o lábio superior. A sua comercialização é proibida em quase todos os países da Europa, à exceção da Suécia e da Noruega. (*N. da E.*)



O caso Nordstrøm foi a notícia principal do telejornal das quatro. Um repórter estava diante da casa da atleta, de onde fazia a reportagem em direto.

Emma puxou as pernas para cima do sofá e pôs os pés debaixo do corpo. Estava irritada por não ter tirado fotografias dentro e fora da casa. Nem sequer pensara nisso. Talvez por não ter encontrado nenhum famoso, já que era nesse contexto que costumava tirar fotografias. Anita provavelmente teria todo o gosto em publicar imagens do interior da casa, já que a polícia reconhecia ter acontecido, de facto, alguma coisa lá dentro. Segundo o repórter da televisão, a polícia ainda não prestara esclarecimentos sobre o caso.

O telemóvel tocou. Era ele. O polícia.

– Sou a Emma – disse ela, um tanto quanto séria.

– Alexander Blix. Telefonou-me?

– Sim, obrigada por devolver a chamada. Conhecemo-nos hoje cedo, em casa da Sonja Nordstrøm.

– Sim, recordo-me.

– Só lhe queria perguntar se há desenvolvimentos no caso.

– Nada de relevante.

Emma pegou numa caneta e arrancou-lhe a tampa com os dentes.

– Como está a correr a investigação? – perguntou-lhe.

– Tem de ligar ao Gard Fosse, o meu chefe. É ele quem comunica com a imprensa.

– Mas você não me ligou de volta? – protestou Emma.

– Achei que talvez tivesse mais alguma coisa para me contar – declarou Blix. – Que talvez se tivesse lembrado de alguma coisa, e que me tinha telefonado para me dizer.

Emma sentiu-se desiludida. Precisava de algo que pudesse usar.

– Ah, pois – afirmou. – Presumo que tenham tido tempo para criar uma impressão mais profunda do que aconteceu na casa. Eu mal entrei lá dentro.

Ele não lhe deu resposta.

Ao invés, disse:

– Vi que entrevistou o Stian Josefson. Sabe onde é que ele está?

Emma ficou surpreendida por Blix ter lido o seu artigo.

– Não – refutou Emma. – Não o entrevistei cara a cara.

– Escreveu no seu artigo que ele falou com a Nordstrøm ontem.

Emma mudou o telemóvel para o outro ouvido. Um certo tom sério na voz do polícia deixou-a alerta.

– Sim?

– No artigo não diz se falaram por telefone ou se ele foi a casa dela. Sabe dizer-me alguma coisa acerca disso?

Emma recordou a conversa e sentiu-se uma idiota. Devia tê-lo perguntado a Josefson.

– Não – respondeu, ligeiramente embaraçada. – Ele interrompeu a chamada de repente, não me deixou perguntar tudo o que queria – acrescentou. – Ele é suspeito de alguma coisa?

– Estamos a tentar identificar os movimentos da Nordstrøm nas últimas vinte e quatro horas – explicou o detetive.

– Posso citá-lo? Escrever sobre o que me disse?

– Tem de falar com o Gard Fosse – replicou Blix.

Ela ouviu-o respirar fundo, como se prestes a falar, mas o polícia continuou em silêncio.

– Muito bem – disse ela.

– Posso dar-lhe o número direto dele – acrescentou o detetive. Emma agradeceu, pois isso facilitar-lhe-ia a vida, e Blix continuou: – Não precisa de lhe dizer que fui eu quem lhe deu o número.

– Devo perguntar-lhe alguma coisa em especial? – inquiriu ela, com a esperança de que o polícia lhe desse mais informações.

Emma notou uma certa hesitação antes de o ouvir dizer-lhe:

– Pergunte-lhe se a Sonja Nordstrøm poderá ter sido raptada.



Blix saiu da esquadra quando faltavam cinco minutos para as sete e meia, ou seja, quatro horas depois de o departamento ter começado a fervilhar de vida. Gard Fosse pusera-se diante da porta principal, sob a luz de um holofote. Blix sabia que a expressão séria do chefe mascarava, na verdade, uma enorme satisfação.

A notícia do possível rapto de Sonja Nordstrøm recebera muita atenção em pouco tempo. Nordstrøm fora treze vezes campeã mundial de média e longa distância. As agências noticiosas internacionais tinham começado a telefonar-lhes por volta das cinco horas. Pia Nøkleby vira-se impelida a fazer um comunicado de imprensa, que contudo se mostrara insuficiente para deter os telefonemas dos jornalistas desportivos e criminais. De tarde, a investigação não avançou. Falaram com conhecidos de Nordstrøm e pessoas mencionadas no livro, sem que isso os levasse a algum lado. Apenas não haviam conseguido entrar em contacto com Stian Josefson, o homem que escrevera a história de Nordstrøm.

Não havia lugares de estacionamento livres diante da sede da estação televisiva. Blix acabou por estacionar a três quarteirões de distância, perto da Gullhaug Torg. Quando entrou no edifício, faltavam apenas cinco minutos para a emissão ter início.

Estacou no átrio e tentou orientar-se sem, no entanto, descobrir em que direção se deveria deslocar. Uma jovem levantou-se de uma cadeira atrás de um balcão. Tinha um transmissor de rádio preso a um fio atravessado no peito, e um auricular no ouvido direito.

– Posso ajudá-lo? – perguntou ela.

– Faço parte do público do *Justo Vencedor* – esclareceu Blix.

– As portas do estúdio fecham dez minutos antes de a emissão começar – respondeu a rapariga.

– Sou pai de uma das concorrentes – continuou Blix. – Da Iselin Skaar. Sou pai dela, chamo-me Alexander Blix.

A rapariga fitou-o com ceticismo. Após o divórcio, Iselin começara a usar o apelido da mãe. Ponderou sacar do distintivo de polícia para conseguir entrar no estúdio, mas tentou outro meio de persuasão.

– Pergunte ao Even Eckhoff – disse-lhe. – Acho que ele me reservou um lugar.

A rapariga olhou para o relógio antes de agarrar no microfone que tinha ao peito e entrar em comunicação. Recebeu uma resposta através do auricular, mas Blix não conseguiu entender o que lhe diziam.

– Recebido – respondeu a rapariga, como se fizesse parte de uma operação militar.

Depois, saiu de trás do balcão.

– Acompanho-o ao estúdio – disse, e caminhou até à porta mais próxima.

Estava escuro do outro lado. Eckhoff veio ter com ele, prendeu o pé num cabo, mas soltou-se e estacou à sua frente. Estava a usar um fato azul-escuro e uma camisa branca aberta no pescoço, e também um auricular no ouvido. Além disso, trazia uma prancheta na mão.

– Ainda bem que pôde vir – disse, dando um aperto de mão a Blix. – Acho que vai gostar do desafio de hoje.

O desafio era um dilema ético e moral a que os concorrentes tinham sido submetidos antes de entrarem na Casa ou no decurso do programa. O modo como os concorrentes respondiam aos desafios, e a forma como as suas escolhas eram vistas pelo público, traduziam-se em votos no participante que os telespectadores consideravam ser o mais merecedor de ganhar o prémio monetário.

Eckhoff realçou o facto de ter sido ele quem idealizara os diversos desafios em que o conceito do programa se baseava. Blix sentiu uma vez mais a forte repulsa que lhe causavam as pessoas com a necessidade de se mostrar ou exhibir. Nesse aspeto, Eckhoff lembrava-lhe Fosse.

– Seja como for, reservei-lhe um lugar – disse Eckhoff. – Venha comigo.

Eckhoff caminhou por entre as filas de cadeiras do auditório. Blix avistou um lugar vazio ao lado de Merete. Ela reconheceu-o e acenou-lhe, chamando-o para junto de si. Blix agradeceu a ajuda a Eckhoff e começou a deslocar-se ao longo da fila, enquanto murmurava pedidos de desculpa às pessoas que aí estavam sentadas.

– Dez segundos! – gritou um dos técnicos em palco.

Merete levantou-se e deu um rápido abraço a Blix. Por seu lado, Blix estendeu a mão a Jan-Egil, o novo namorado de Merete, que continuou sentado, mas que lhe deu um aperto de mão com um sorriso indiferente.

– Cinco segundos!

Uma pessoa com grandes auscultadores na cabeça ergueu uma mão no ar e fez uma contagem decrescente, dedo por dedo. Depois, ouviu-se a famosa melodia do *reality-show* através dos altifalantes. Nos ecrãs junto ao teto viram-se os créditos e o genérico inicial. O apresentador preparou-se diante de uma das câmaras. Um homem instigou de imediato o público a dar vivas e a aplaudir. A câmara deslizou sobre o público.

O realizador fez sinal ao apresentador. O programa podia começar.

– Olá a todos, e sejam muito bem-vindos ao *Justo Vencedor*! Eu sou o Tore Berg Tollersrud. Temos quatro participantes na Casa. Esta noite, restarão apenas três!

A assistência deu vivas após um sinal da equipa de produção, e ergueu cartazes caseiros com os quais apoiava os participantes.

– Mas está na hora de entrarem os participantes! – gritou Tollersrud.

Nas últimas nove semanas, Iselin e os outros concorrentes tinham vivido na casa especialmente construída para o programa, na qual tinham de partilhar as divisões, e cujas instalações eram modernas e mesmo um pouco luxuosas. Havia 26 câmaras e 48 microfones dispostos por toda a Casa, e, na área exterior, os concorrentes podiam fazer exercício físico ou simplesmente fumar: estavam à

vontade. Qualquer pessoa podia inscrever-se no *site* do *Justo Vencedor* e assim escolher quais as câmaras que queria seguir a dado momento.

A Casa tinha uma ligação ao estúdio onde se faziam as emissões em direto. A porta de correr abriu-se e os quatro concorrentes que ainda restavam surgiram no palco, um por um, enquanto o apresentador gritava os seus nomes. Iselin foi a terceira. Estava a usar o vestido azul que usara na primeira gala em direto. Ao dirigir-se ao sofá, olhou para a assistência. Blix levantou uma mão no ar e acenou-lhe, mas ela pareceu não dar pela sua presença. Era difícil avaliar a sua popularidade em comparação com a dos outros com base nos aplausos e gritos gerais.

O apresentador perguntou a Iselin como lhe correra a última semana.

– Seguimos-te e reparámos que te mantiveste bastante isolada – disse o apresentador.

– Estamos juntos num espaço fechado há muitas semanas – respondeu Iselin. – Como já somos poucos, só agora consegui estar um pouco sozinha.

O público riu-se.

– E estás pronta para uma nova semana?

– Estou prontíssima – assegurou-lhe Iselin.

Blix sentiu o telemóvel vibrar no bolso de dentro do casaco. Tirou-o com a maior descrição possível. Era uma chamada de Tine Abelvik.

– Nem agora podes largar essa porcaria? – sussurrou-lhe, com fúria, Merete. Blix rejeitou a chamada e voltou a guardar o telemóvel.

O apresentador terminou de apresentar os concorrentes e voltou-se para a câmara.

– Está na hora do *desafio* desta semana! Para descobrir qual dos concorrentes é um justo vencedor, seguimo-los, como vocês sabem, durante algum tempo com uma câmara oculta, para descobrirmos quem são eles na realidade – quando pensam que não estão na televisão.

Blix olhou para Eckhoff, que estava ao lado do palco, e sorriu. O seu couro cabeludo brilhava com a luz dos holofotes.

– Cerca de três semanas antes de entrarem na Casa, todos eles encontraram uma nota de cinquenta coroas – continuou Tollersrud, voltando-se para os quatro concorrentes no sofá.

Os concorrentes entreolharam-se. Alguns começaram a rir, um escondeu a cara entre as mãos. Iselin anuiu pensativamente com a cabeça.

– Vocês lembram-se certamente do que fizeram, mas esta noite o público também irá ver o que aconteceu.

Berg Tollersrud interpelou o concorrente que lhe estava mais próximo.

– Arild, o que tens a dizer sobre isto?

Arild era um pequeno agricultor de Hjartdal. Para Blix, ele era apenas o Agricultor.

– Não sei bem...

– Onde é que encontraste a nota de quinhentas coroas?

O agricultor pousou uma mão na coxa.

– Mesmo ao lado do meu carro, à frente da loja onde costumo fazer compras.

– E o que fizeste com a nota?

Mesmo àquela distância, Blix viu como o agricultor corava.

– Bem, eu... não tive tempo para tentar descobrir de quem era a nota.

– Não estou a julgar-te, Arild – disse, com um sorriso, Berg Tollersrud. – Não te preocupes, esta situação não tem necessariamente uma resposta certa ou errada.

O telemóvel vibrou novamente no bolso. Blix deixou-o tocar.

– Vejamos o que aconteceu! – disse o apresentador.

Nos ecrãs mostraram como tinham instalado as câmaras ocultas. Depois, viram o agricultor estacionar um Nissan vermelho e antigo. Um careca passou à frente do carro e deixou cair uma nota de quinhentos no asfalto. Blix sorriu e reconheceu Eckhoff. O homem caminhara com pouca naturalidade, como era habitual aos atores amadores que sabiam ter as câmaras apontadas para eles.

O agricultor pareceu não se aperceber de que Eckhoff perdera o dinheiro, mas quando viu a nota no chão, tratou de apanhar de imediato e guardá-la no bolso. Quando olhou à sua volta, foi mais do que óbvio que não pretendia ver quem tinha perdido a nota, mas antes assegurar-se de que ninguém vira o que ele acabara de fazer.

A peça terminou com gargalhadas e aplausos na plateia.

Blix sentiu o telemóvel dar novo sinal. Mensagem de texto. Tirou-o do bolso sem olhar para Merete. Era uma mensagem de Abelvik:

Acabaram de ligar o telemóvel da Sonja Nordstrøm.

Blix ergueu o olhar do ecrã antes de o fitar de novo e escrever:

Onde é que ela está?

Reparou que Merete o olhava de soslaio, mas tentou ignorar tanto o seu olhar quanto a pancadinha que ela lhe deu com o cotovelo.

Nova mensagem:

Onde é que estás? Precisamos de ti aqui.

Blix olhou para a sua ex-mulher e aproximou-se dela para lhe sussurrar:

– Preciso de atender uma chamada.

Merete olhou para ele de sobrolho franzido.

– Agora?

Blix aquiesceu e levantou-se.

– Voltas?

Blix não respondeu, começando a dirigir-se ao fim da fila. Desfez-se em pedidos de desculpa.

– Mantenha-se no seu lugar, nós já regressamos – disse, no palco, Tore Berg Tollersrud, o que veio em boa hora, porque algumas pessoas se levantaram e facilitaram a vida a Blix. Ele viu Iselin levantar-se do sofá no palco e olhar em redor do auditório. Pouco depois, os seus olhares cruzaram-se.

Blix acenou-lhe, mas Iselin não lhe respondeu. Limitou-se a olhar para ele. Blix fez-lhe sinais, tentando explicar-lhe que regressaria em breve e que tinha apenas de atender uma chamada. Iselin, no entanto, desviou o olhar.

Lá fora, começava a escurecer. Telefonou a Abelvik.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Não sabemos ao certo, para ser muito sincera. O telemóvel da Sonja Nordstrøm está ligado, mas não sai do mesmo sítio.

– E onde está, então?

– No cemitério do centro histórico.

Blix pensou por alguns segundos.

– Já vai alguém a caminhar? – questionou-a, começando a dirigir-se ao seu próprio carro.

– O Wibe vai a caminho com a Ann-Mari Sara. A Kovic e eu estamos agora a entrar no carro.

– Já tentaram telefonar-lhe?

– A quem?

– À Nordstrøm.

– Claro. Não atende.

Blix estugou o passo.

– É melhor pedirmos também uma ambulância. Se a Nordstrøm lá estiver, talvez precise de assistência médica.

– A Kovic já telefonou para o INEM – explicou Abelvik.

Blix voltou-se para o edifício da televisão e pensou em Iselin. Insultou-se a si próprio.

– Ótimo – afirmou. – Encontramo-nos na entrada norte.



Blix estacionou atrás de um carro-patrolha. Tine Abelvik, Nicolai Wibe e Sofia Kovic estavam à entrada do cemitério. Ann-Mari Sara aproximava-se deles com duas lanternas de bolso.

O tempo arrefecera. Blix apertou o casaco junto ao pescoço.

Abelvik ergueu um telemóvel à sua frente.

– Isto dá-nos a localização dela – disse a Blix. – Mas não tem mais do que duzentos metros de precisão, por isso, temos de cobrir uma grande área.

Sara deu-lhe uma das lanternas.

– A Kovic vai comigo – declarou ele ao apontar numa certa direção. – Vocês vão por ali.

Como a relva entre as sepulturas estava húmida, mantiveram-se nos caminhos. Ao longe, ouviam-se os carros a passar na E18. Viam-se as luzes dos edifícios na colina de Ekeberg.

Cerca de vinte metros separavam os caminhos. Blix e Kovic caminhavam lado a lado e paravam, apontando a lanterna para o espaço entre as sepulturas e as árvores, mas ainda assim era difícil ver o que quer que fosse com tão pouca luz.

Abelvik gritou o nome de Blix algures atrás deles. Ele deu meia-volta e correu sobre a relva molhada, acompanhado por Kovic.

– Ali! – bradou Abelvik.

Ela encontrava-se à entrada de um barracão de ferramentas.

– É a Nordstrøm? – perguntou Blix.

Abelvik meneou a cabeça.

– É um homem – respondeu Sara de dentro do barracão.

O feixe de luz da lanterna alcançou-os. O homem estava deitado de lado. Tinha o rosto manchado de sangue. Tentou falar, mas não conseguiu.

– A ambulância chega daqui a três minutos – disse Wibe, voltando a guardar o telemóvel no bolso.

– OK – disse Blix, olhando em seu redor. – Sara, ficas aqui. Vê se ele tem alguma identificação. Nós continuamos a procurar a Nordstrøm.

Voltou-se e interpelou Abelvik.

– Tens a certeza de que o telemóvel dela está no cemitério?

Abelvik olhou de novo para o telemóvel. Anuiu com a cabeça.

– Devíamos estar quase em cima dele.

Separaram-se para fazer outra busca. Atrás deles, uma luz azul iluminou o espaço entre as lápides.

– Liga-lhe – disse Blix. – Assim, podemos procurá-lo através do toque.

Wibe pegou novamente no telemóvel.

– Qual é o número dela? – perguntou.

Abelvik consultou o seu bloco de notas. Nesse instante, ouviu-se tocar um telemóvel.

Estacaram e entreolharam-se. O som provinha de algures do interior do cemitério.

– É o telemóvel da Nordstrøm – disse Abelvik.

– Caramba – exclamou Wibe.

O som aumentava de intensidade a cada passo que davam. Blix estugou o passo. Apontava a lanterna em todas as direções. Lançou um olhar para trás e viu os paramédicos junto ao barracão.

O telemóvel estava a tocar algures à sua direita. Um buraco na terra. Uma campa aberta.

Parou a meio metro da borda e debruçou-se para olhar para baixo.

Era apenas um telemóvel. Um iPhone amarelo.

Depois, parou de tocar.



A luz intermitente da ambulância criava sombras bruxuleantes e inquietas no cemitério do centro histórico. Parecia ser um íman para as pessoas que, àquela hora, corriam na rua ou davam um passeio ao frio da noite outonal. Os seguranças de serviço nas diferentes entradas garantiam que nenhum curioso entrava no cemitério.

Blix deu uma vista de olhos ao seu telemóvel. Gard Fosse telefonara-lhe duas vezes, Merete três. A ex-mulher também lhe enviara algumas mensagens de texto. Blix não perdeu tempo a lê-las, mas ligou ao chefe e comunicou-lhe sucintamente o que havia acontecido.

– O que é que isso significa? – perguntou Fosse. – Terem atirado o telemóvel da Nordstrøm para uma campa aberta?

– Não sei – disse Blix.

Fosse suspirou.

– Enquanto não soubermos mais nada, mantemos isto entre nós – concluiu ele.

Blix olhou de novo para os curiosos junto aos muros do cemitério. Um *flash* indicou-lhe que se encontrava ali pelo menos um jornalista, se não mais.

Abelvik aproximou-se dele.

– É um coveiro – disse ela com um aceno de cabeça para a ambulância onde Wibe, sentado ao lado da maca, tomava nota do testemunho. – Chama-se Børre Simonsen. Mora mesmo ali e só cá veio para tapar a campa com uma lona. A campa está aberta porque amanhã vai haver um funeral, e está prevista chuva para esta noite. E foi então que o atacaram.

Blix caminhou até à ambulância. Não se apresentou ao coveiro, mantendo-se dois passos atrás de Wibe, onde ouviu as explicações

do sucedido.

– Já o tinha visto hoje – disse o coveiro num tom chocado. – Ficou a ver-me abrir a campa.

Wibe explicou a Blix que a vítima se referia a um toxicodependente.

– Consegue descrever o homem? – perguntou Wibe.

Børre Simonsen puxou pela memória.

– Tinha mais ou menos a minha altura, ou seja, cerca de um metro e oitenta e cinco, e uma barba de algumas semanas, talvez. Não é que a barba fosse muito grande, na verdade. Presumo que tivesse trinta e poucos anos. Mas é quase impossível dizer ao certo com tipos destes.

Wibe tomou notas e interveio.

– E outras marcas características? Cicatrizes, nariz torto...?

Simonsen refletiu.

– Tinha um cabelo meio comprido e um pouco lambido. Quase não tinha dentes, acho. O que não é propriamente raro em drogados.

Precisou, uma vez mais, de refletir por um momento.

– E acho que tinha uma marca de queimadura. Aqui. Na bochecha.

Simonsen levou a mão à sua face esquerda.

– Uma marca de queimadura? Ou uma marca de nascença?

– Não sei ao certo. Mas era vermelha.

– Tem a certeza de que era do lado esquerdo? – perguntou Wibe.

– Sim – respondeu Simonsen. – Devia ser do tamanho de uma moeda de cinco coroas.

Wibe tomou mais notas. Enquanto escrevia, ergueu o olhar para Blix, como se para dizer que, caso o desejasse, estava na hora de lhe fazer perguntas.

– Viu se ele tinha um telemóvel? – perguntou Blix.

– Um telemóvel? Não...

Simonsen tentou, de novo, puxar pela memória.

– Pelo menos não o usou à minha frente. Talvez tivesse um telemóvel no bolso do casaco, não sei.

– Já o tinha visto por aqui? No cemitério?

Simonsen abanou a cabeça.

– Alguém costuma esconder-se no barracão ou roubar ferramentas?

Blix apontou para o anexo atrás deles.

– Não, nunca aconteceu.

Blix agradeceu-lhe as informações e fez sinal a Wibe antes de se afastar. Ann-Mari Sara vestira um fato branco de proteção e descera à campa aberta com a ajuda de um escadote de alumínio.

O ecrã do telemóvel iluminou-se quando ela lhe pegou.

– Está cheio de chamadas não atendidas e mensagens – disse ela, pondo o telemóvel num saco de plástico transparente.

– De quanto tempo precisam para o analisar? – perguntou Blix.

– É difícil saber ao certo – respondeu Sara. – Mas já devemos ter tratado da maior parte das questões antes de vocês regressarem ao trabalho amanhã de manhã.

– Há mais alguma coisa aí? – continuou Blix.

Sara olhou para o monte de terra ao lado da sepultura.

– Há aqui algumas pegadas boas. Muitas devem ser provavelmente do coveiro, mas são de mais do que uma pessoa.

Sara subiu o escadote. Blix ajudou-a a sair da campa.

– Pegadas da pessoa que atirou o telemóvel para o buraco? – Blix quis saber.

– É provável.

Kovic e Abelvik aproximaram-se deles.

– Uma testemunha viu um homem sair do cemitério por volta das sete e meia da tarde – disse Kovic. – Podia ser o nosso homem.

– Lá fora estão também dois jornalistas – acrescentou Abelvik. – Peço-lhes que liguem ao Fosse?

Blix abanou a cabeça.

– Oficialmente, esta busca não tem nada que ver com o caso Nordstrøm – declarou. – Eu falo com eles. Digo o habitual, à procura de testemunhas, mas tento dar pouca importância ao assunto. Encontramo-nos na esquadra daqui a meia hora.



O computador era mais rápido à noite do que em horário de expediente. Blix abriu o *site* do *Justo Vencedor*. O Agricultor tinha saído da Casa. Iselin continuava em jogo. Apercebeu-se – quiçá pela primeira vez – de que a filha poderia, de facto, ganhar o concurso. Um milhão de coroas. Seria um bom pé-de-meia para começar a vida adulta.

Olhou para cima. Os detetives estavam a juntar-se à volta da mesa de reuniões, no meio da vasta sala. A sala estava organizada de acordo com as tarefas diárias e mais burocráticas relacionadas com as investigações em curso, mas estava também equipada de modo a que dali se pudessem concertar todos os esforços em torno de casos importantes. Havia quadros e ecrãs planos ao longo das paredes. Um relógio digital marcava 22h43.

Blix fechou a janela da Internet, levantou-se e dirigiu-se, com as suas notas, ao seu lugar habitual ao fundo da mesa.

– Há mais de vinte e quatro horas que ninguém sabe da Sonja Nordstrøm – relatou. – Os colegas de Hvaler inspecionaram a casa de campo. Há já muito tempo que não vai lá ninguém. Também não usou os cartões de crédito. A unidade informática está a tentar aceder ao seu computador e à conta de *email*. A Ann-Mari Sara está a tratar do telemóvel, sobretudo em busca de vestígios de ADN ou impressões digitais. O telemóvel está cheio de chamadas não atendidas e mensagens, mas precisamos do PIN para o desbloquear.

Na outra ponta da mesa, Fosse apertava uma pasta de argolas junto ao peito. Blix presumiu que o chefe pretendia falar.

– Temos de tentar encontrar o drogado do cemitério – continuou ele, olhando em frente.

– Tenho alguns contactos no meio – referiu Wibe. – Como é pessoal notívago, posso tratar disso assim que acabarmos a reunião.

– Ótimo – disse Blix.

Fosse deu um passo em frente.

– Alguém leu o livro dela? – perguntou.

Blix olhou para Kovic. O olhar da nova colega confessou-lhe que estava a lê-lo, mas ela não disse nada.

– Eu já li – continuou Fosse. – Não o li de uma ponta à outra, mas li o mais importante, e dei uma vista de olhos ao que os jornais publicaram hoje sobre o livro. Há muitas pessoas que poderiam ter motivos para ajustar contas com a Sonja Nordstrøm.

Dirigiu-se ao quadro branco e pegou num marcador verde. Estava a imiscuir-se nas funções de Blix, mas este nada disse.

A ponta do marcador fez o quadro claro quando Fosse escreveu *Cecilie Krogsæther* em letras maiúsculas.

– Eram aqui-inimigas quando estavam no ativo – explicou ele. – No livro, a Nordstrøm alega que ela se dopava.

– Mas essa tipa é magricela, é pouco provável que tenha feito alguma coisa à Nordstrøm – interpelou-o Wibe.

– Pois, mas alguém que gostava dela talvez tenha ficado furioso com a Nordstrøm por ela a ter acusado e tenha feito... o que quer que aconteceu.

– Poucas pessoas conheciam o conteúdo da biografia antes de ela ter saído hoje – notou Kovic.

– Mesmo assim... – insistiu Fosse, determinado. – A Krogsæther e as pessoas que lhe estão associadas têm de ser investigadas. E o Morten Forsmo também.

– Quem é esse? – perguntou Abelvik.

– Foi treinador da Sonja Nordstrøm durante muitos anos – esclareceu Fosse. – Embora não se diga diretamente que foi ele quem abusou sexualmente dela, é fácil concluí-lo. Uma acusação dessas pode, claro, tê-lo feito pensar em vingar-se.

– Mas aí pode aplicar-se o mesmo contra-argumento – disse Kovic. – Como é que ele podia saber de antemão que...

– Pode tê-lo descoberto de uma maneira qualquer – interrompeu-a Fosse. – Sei lá, pode ter ouvido rumores. O importante é que têm de o investigar para o excluir ou confirmar como suspeito. Li no *VG Nett* que o tipo também tem problemas com o álcool há já bastante tempo – prosseguiu, escrevendo o nome de Forsmo por baixo do de Krogsæther.

Blix odiava ver Fosse junto ao quadro. Odiava a sua prepotência, a arrogância de que dava mostras enquanto debitava as suas alarvidades. Dissera-lhes somente banalidades, coisas de que já estavam a tratar. Fizera-lhes apenas perder tempo. Mas era ele o chefe...

– E temos também o Arne Rakvåg – continuou Fosse. – O ex-marido da Nordstrøm. Também tem problemas com o álcool, e aquilo a que muitos chamariam falta de desejo sexual.

– Meu Deus, ela também escreveu acerca *disso*? – perguntou Abelvik.

– O sexo vende sempre, sabes como é – disse Fosse, abrindo os braços, antes de conferir algumas notas na sua pasta. – E alguém da SNS Sportswear também se pode ter lembrado de lhe pôr alguma pressão em cima.

Escreveu SNS Sportswear por baixo de Rakvåg.

– Há muito que há rumores de que a Nordstrøm tem planos para vender a empresa. O que iria afetar dramaticamente o valor das ações, já que a Sonja Nordstrøm é a SNS Sportswear.

– Então os acionistas vão perder dinheiro – comentou Abelvik.

Fosse anuiu.

– Algumas pessoas do setor financeiro têm laços estreitos com assassinos – acrescentou ele. – Pode ser isso que se está a passar.

– Ou então alguém quis simplesmente sacar-lhe dinheiro – sugeriu Kovic. – Podem tê-la tentado pressionar para que pagasse pela sua liberdade.

Fosse sorriu com condescendência.

– Para isso, mais valia terem-lhe raptado a filha – disse ele. – Não é assim tão fácil para alguém que foi raptado juntar o dinheiro para a sua libertação.

Fosse lançou um olhar a todas as pessoas ali reunidas antes de caminhar até à mesa e pousar o marcador, como se para assinalar que já dissera tudo o que tinha a dizer. Depois, saiu da sala.

Blix passou uma mão pelo cabelo e reparou que os olhares estavam todos postos nele.

– Não, passa-se aqui outra coisa – afirmou.

– O quê? – perguntou Abelvik.

– Não sei bem – disse ele. – Mas parece tudo encenado. Vinte e quatro horas depois de a Sonja Nordstrøm desaparecer, ativam o seu telemóvel, para que o encontremos numa campã vazia. Se o motivo para o rapto estivesse no livro, não seria necessário encenar uma coisa destas.

Wibe concordou com um aceno de cabeça.

– Querem transmitir um sinal – disse Blix. – Uma mensagem.

– Foi também o que a Ann-Mari Sara achou quando encontrou o dorsal na casa dela – disse Kovic.

Fez-se uma curta pausa de silêncio e, então, Wibe suspirou e disse:

– Anda aí um tarado qualquer a brincar aos códigos connosco.

A Blix ocorrera-lhe exatamente o mesmo.



Durante a noite, tinham publicado *online* a transmissão em direto da véspera. Blix viu-a à pressa, enquanto tomava o pequeno-almoço. Avançou no vídeo até ver Iselin encontrar a nota de 500 coroas. O vídeo tinha sido captado pelas câmaras de vigilância de um supermercado. As primeiras imagens mostravam Iselin a recolher um cesto de compras e a entrar na loja.

Uma câmara colocada num outro ângulo permitiu ver como tinham pousado uma nota de 500 coroas no chão precisamente quando Iselin estava prestes a dobrar a esquina de um corredor composto por prateleiras. Ela apanhou-a e olhou em volta. Não estava ali mais ninguém. Caminhou até ao corredor seguinte, onde estavam vários clientes, mas não entrou em contacto com nenhum deles. Ao invés, deu alguns passos até à caixa.

Haviam ocultado a cara do funcionário na caixa e dos outros clientes. A gravação não tinha som, mas Blix viu Iselin pousar os seus artigos no tapete automático, enquanto dizia algo ao jovem funcionário e apontava para o interior do supermercado. Depois, entregou-lhe a nota de 500 coroas. O jovem pegou na nota e pousou-a ao lado da caixa registadora antes de começar a registar as compras de Iselin. O vídeo terminava com Iselin a pagar e a sair da loja.

Blix sorriu, satisfeito. No estúdio, o apresentador interpelou Iselin.

– Olhando retrospectivamente, tens a certeza de que fizeste a coisa certa, Iselin?

Ela mexeu-se um pouco no sofá.

– Pelo menos na altura foi o que senti ser correto – respondeu ela.

Tore Berg Tollersrud levou o indicador ao queixo, como se ponderasse se a resposta que ela lhe dera era boa ou má.

– Vejamos o que aconteceu depois.

Teve início outro vídeo. O rapaz da caixa atendeu um cliente, depois outro, e então, quando teve uma curta pausa, lançou um olhar rápido em seu redor e enfiou a nota de 500 coroas no bolso.

O apresentador retomou a palavra.

– E agora, Iselin, que te parece: continuas a ter a certeza de que fizeste a coisa certa?

Iselin pareceu refletir.

– Sim – confirmou. – Não tinha como saber que o tipo da caixa era um parvalhão.

Um dos outros concorrentes riu-se. Tollersrud sorriu.

– E aos outros? – prosseguiu ele. – Parece-vos que a Iselin procedeu corretamente?

Como ninguém levantou a mão, o apresentador interpelou o bonito na ponta do sofá.

– Acho que fez uma coisa certa e errada ao mesmo tempo – disse.

A legenda no ecrã indicou que se chamava Toralf Schanke e tinha trinta e um anos. Carpinteiro.

– Porquê?

– Certa, porque não se deve ficar com as coisas dos outros. Errada, porque criou um dilema a outra pessoa.

Blix parou o vídeo e clicou no perfil de Iselin. Leu alguns dos comentários escritos pelos telespectadores na véspera, mas isso deixou-o apenas triste, porque escreviam coisas horríveis sobre a sua filha sem sequer a conhecerem. Teve vontade de encontrar, um por um, os autores dos comentários maldosos e de lhes dar uma sova.

Blix clicou numa imagem em direto da filha, que estava a dormir sob um edredão azul-celeste. Tinha a perna esquerda de fora, e o lençol claro estava dobrado, como se ela tivesse tido um sono inquieto.

Durante alguns minutos, observou-a enquanto pensava em Emma. Perguntou-se se lhe deveria dizer alguma coisa. Concluiu que talvez fosse melhor deixar as coisas como estavam.



Anita Grønvold tinha trabalhado muitos anos na NRK antes de se demitir e fundar o *news.no*, um jornal *online* independente no qual os jornalistas escreviam, como se num blogue, o que descobriam dentro das suas respetivas áreas de ação. Quando entrevistara Emma para uma das vagas disponíveis, Anita começara por lhe dizer o seguinte: «Hoje em dia, há apenas três tipos de jornalistas, Emma: os que mal sabem segurar numa caneta, os que são bons e os que parecem ser bons porque copiam outros que o são. A que categoria pertences?»

Emma ficara tão perplexa com a pergunta que não tinha sido capaz de responder de imediato. Por fim, conseguira dizer que pertencia à segunda categoria.

– Porque é que eu havia de te dar emprego? – perguntara, em seguida, Anita.

– Porque assim teria uma funcionária sem marido nem filhos, uma jornalista que não *quer* ter marido nem filhos, e que tem tempo para trabalhar bem para si.

Anita soltara a sua gargalhada enrouquecida pela nicotina, bem conhecida de todos aqueles que a tinham alguma vez ouvido na rádio.

– Conta-me uma coisa que tenhas feito e de que te orgulhes – instara-a Anita.

Emma demorara algum tempo a pensar. Por fim, lembrou-se de uma entrevista que fizera a uma banda britânica que tinha ido a Oslo para atuar no concerto do Prémio Nobel da Paz.

– A entrevista correu muito bem – disse Emma. – Mas, quando estávamos quase a acabar, o baixista e o baterista saíram da sala depois de olharem um para o outro com um sorriso embaraçado.

Fiquei a sós com o vocalista, que começou a... fazer avanços. A aproximar-se de mim. Pôs-me uma mão na coxa. Insinuou que poderíamos... passar bons momentos juntos.

Conquanto tivesse decorrido já algum tempo desde o incidente, Emma sentia-se enojada sempre que se recordava da situação.

– Não foi difícil perceber em que é que ele estava a pensar, por isso, levantei-me e fui-me embora. Depois, transcrevi a entrevista, palavra por palavra, para que todos pudessem ver com que género de imbecis eu tinha conversado.

Anita riu-se com uma gargalhada ao início educada e que terminou num violento ataque de tosse. Fez-se um momento de silêncio.

– Ora aí está algo que eu gostaria de ler – disse, por fim.

– Está disponível *online*, num sítio ou dois – retorquiu Emma.

Fez-se novo silêncio em redor da mesa de entrevistas. Algum tempo depois, Anita declarou:

– Duas coisas, Emma: se trabalhares para mim, tens de te empenhar a sério. Sei que há uma coisa chamada lei do ambiente de trabalho, e aí de ti se me citares no que te vou dizer agora, mas se essa lei for importante para ti, não temos mais nada de que falar. Os jornalistas têm de aproveitar as aberturas para trabalhar, porque o trabalho é mesmo isso. As boas notícias não fazem pausas, e não querem saber se só dormiste seis horas nos últimos três dias.

– Estou pronta para isso, nunca...

– E isto é talvez o mais importante, Emma: nunca, em nenhuma circunstância, me deves mentir. A *confiança* é o valor mais importante de um jornalista. A integridade. Apoio-te até ao inferno se puder confiar em ti.

Emma anuiu e engoliu em seco, e disse «sim, claro» simplesmente porque não lhe ocorreu outra resposta.

– Ótimo. Estás contratada. Quando podes começar?

A resposta foi «segunda-feira». Uma segunda-feira quase dezoito meses atrás. Emma conseguiria contar pelos dedos de uma mão quantas vezes estivera, de facto, nos escritórios do *news.no*, mas hoje não lhe restava outra alternativa senão ir até lá. Anita marcara uma reunião.

Emma correu pelas escadas acima até chegar a um escritório de plano aberto com monitores grandes e superfícies limpas e brancas. Muitos dos outros *bloggers* estavam presentes, mas Emma não tinha vontade de fazer conversa tão cedo de manhã e limitou-se a acenar a dois deles.

Encontrou Anita junto à máquina de café.

- Bons artigos ontem – disse ela, enquanto enchia uma chávena.
- Agora temos só de acelerar mais a coisa.

Depressa sorriu e perguntou, com o olhar, se Emma também queria um café. Ela abanou a cabeça.

- Vamos ter com o Henrik.

Anita apontou com a cabeça para a sala de reuniões onde um homem estava sentado à espera delas. Estava compenetrado no telemóvel. Henrik Wollan era o jornalista de crime do *news.no*. Emma tinha sido sua colega na Faculdade de Jornalismo. Haviam começado a trabalhar no *news.no* mais ou menos ao mesmo tempo.

- Chamei-vos cá porque o desaparecimento da Sonja Nordstrøm se tornou um caso criminal – disse Anita. – E porque quero que a Emma continue a trabalhar nele.

Anita sorveu ruidosamente um gole de café quente. Wollan debruçou-se sobre a mesa e disse:

- Anita, com todo o respeito, a Emma não tem qualquer experiência em investigação de casos criminais. Não será melhor que ela continue a escrever sobre famosos...

- Não – interrompeu-o Anita, que fitou os seus dois subordinados.
- A Emma pode contribuir com outra perspetiva *precisamente* porque nunca trabalhou na área criminal. E, no fim de contas, foi ela que descobriu o caso. Quero que colaborem um com o outro.

Repetiu a palavra destacando cada sílaba:

- Co-la-bo-rem. Além disso, a Sonja Nordstrøm é famosa.

Emma sentiu-se aumentar um pouco de tamanho, embora não lhe agradasse a ideia de partilhar informações com um sujeito arrogante como Wollan. Ele tinha-se em grande conta desde os tempos de estudante, e, sempre que publicava um artigo novo que pudesse ter um resquício de interesse enquanto notícia, o artigo surgia por todo o lado nas redes sociais, muitas vezes acompanhado de gracejos

de mau tom. Emma nunca percebera ao certo porque é que Anita o contratara, exceto pelo facto de ele claramente ter nascido para trabalhar num tabloide.

– Ora bem – declarou Anita. – Digam-me o que pensam sobre o caso e como é que o vamos investigar.



Blix serviu-se de uma chávena de café antes de se sentar e ligar o computador. Não recebera mais mensagens nem pedidos relativos ao caso Nordstrøm. Até ver, o caso estava apenas classificado como *Mulher com mais de 18 anos desaparecida*.

Kovic dirigiu-se ao seu lugar.

– Já me enviaram os dados sobre o telemóvel dela – disse Kovic ao deixar-se cair na cadeira.

Rapidamente fez *login* no seu computador, abriu o programa de *email* e um ficheiro enviado pelo centro de atendimento da Telenor.

Blix arrastou a sua cadeira giratória até à secretária da colega. O anexo consistia num grande ficheiro Excel com material em bruto que teria de ser trabalhado, mas ele depressa se conseguiu orientar nas colunas e linhas onde se indicava o tráfego telefónico da desaparecida.

– Uma utilizadora ativa do telemóvel – anunciou Kovic, que fez *scroll-down*, permitindo-lhes assim ver as linhas com os dados. Havia chamadas e mensagens de texto frequentes, e também uma grande quantidade de tráfego de dados móveis.

Kovic excluiu a utilização de dados móveis e concentrou-se nas chamadas recebidas e efetuadas, bem como nas mensagens de texto. Por fim, inseriu uma linha vermelha, de modo a marcar a separação entre o antes e o depois do desaparecimento de Sonja Nordstrøm.

Às 21h54 de domingo, 7 de outubro, tinha recebido uma SMS, e depois disso não houvera, surpreendentemente, movimento durante quase vinte e quatro horas, até o telemóvel ser de novo ligado e o encontrarem no cemitério do centro histórico.

– Quem é este? – perguntou Blix apontando para a última mensagem de texto.

Kovic pesquisou o número: Amund Zimmer, da editora Soleane.

– É o editor dela – comentou Blix. – A hora da mensagem bate certo com o que ele disse quando prestou depoimento.

Abaixo da linha vermelha havia uma longa fiada de mensagens recebidas, todas elas registadas um minuto após as 20h00, quando o telemóvel fora de novo ligado. Havia também algumas chamadas, mas sem qualquer tempo de conversa associado. Provavelmente foram parar ao *voicemail* depois de tocarem sem resposta.

Um número destacava-se dos restantes. Tinha um prefixo estrangeiro: +45. Dinamarca. Segundo as colunas com a indicação da hora da chamada, tinham-lhe ligado daquele número no exato momento em que haviam encontrado o telemóvel na camp.

Blix pousou o dedo no ecrã do computador.

– Consegues descobrir quem é o dono? – perguntou.

Kovic abriu um *site* dinamarquês de procura de números. Não encontrou correspondência para aquele número. Tentou encontrá-lo noutras duas páginas semelhantes, mas as pesquisas não deram resultados.

– É um número privado – informou. – Posso pedir à polícia dinamarquesa que nos ajude a identificá-lo, mas pode demorar algum tempo. Talvez tenhamos de apresentar um pedido formal por escrito.

Blix assentiu. Os rastros eletrónicos eram um bom meio de auxílio, mas nem sempre era fácil obter esse género de informação, pois o seu acesso dependia de processos complexos.

– Sim, trata disso – pediu-lhe, e arrastou a cadeira giratória de volta à sua secretária.



O facto de ter de colaborar com Wollan não obrigava necessariamente Emma a sentar-se ao seu lado. Finda a reunião, ela foi de bicicleta até ao Kalle Liker Alle e sentou-se à sua mesa habitual.

Com um *latte* quente diante de si, notou com satisfação que vários *sites* estrangeiros tinham citado o primeiro artigo que ela escrevera sobre o possível desaparecimento de Sonja Nordstrøm. Nunca havia passado por uma experiência daquelas. Embora fosse agradável, sentia, em simultâneo, que não fizera nada para merecer tamanha atenção. Não fizera mais do que usar as informações que Alex Blix lhe dera. Quando Emma telefonou diretamente para Gard Fosse, o polícia não pôde excluir a possibilidade de Nordstrøm ter sido raptada. Isso era quanto bastava para Emma usar a informação numa manchete.

Bebericou o café adocicado enquanto pensava que Blix tinha algo de estranho que ela não conseguia identificar. Um certo embaraço, ou algo semelhante. Algo que a deixava curiosa.

Com a língua, limpou um pouco de espuma de leite do lábio superior, e depois fez *login* no arquivo de média que subscrevia. Inseriu o nome do polícia no campo de pesquisa e excluiu tudo o que estava relacionado com Sonja Nordstrøm, para assim ver em que outros casos Blix tinha trabalhado nos últimos tempos. O resultado mais recente correspondia a um caso retirado da página *online* do *Aftenposten* na noite anterior. *Procuram-se testemunhas após ataque no cemitério.*

Emma abriu o artigo. Continha uma foto de Blix tirada à entrada do cemitério. Tinham agredido um coveiro por volta das oito da noite, e a polícia procurava eventuais testemunhas do sucedido. O artigo

não adiantava muito mais, exceto que a polícia havia encerrado o cemitério enquanto procedia a buscas no seu interior e à análise forense do local do crime. Numa outra fotografia viam-se três carros-patrolha e sete agentes fardados. A legenda da imagem realçava que se tratava de uma grande operação policial.

Emma ergueu o olhar do ecrã por um momento. Blix era o detetive responsável pelo caso Nordstrøm. A investigação estava apenas no início e, segundo Gard Fosse, era prioritária. Não fazia sentido terem encarregado Blix de investigar uma simples agressão. Emma juntou as suas coisas e deixou na mesa a caneca de café meio cheia.

Andar de bicicleta do oeste para o leste de Oslo resfriou-lhe as faces. O cemitério estava em silêncio. Desmontou da bicicleta e fez-se acompanhar por ela, enquanto caminhava e olhava para as lápides. Há muito tempo que não visitava as campas dos pais. Estavam sepultados em cemitérios diferentes, o que dificultava as visitas. Felizmente, a mãe estava no mesmo cemitério que o seu avô Olav, mas há muito que Emma não ia lá. Sentia um peso na consciência sempre que via outras pessoas a recordar os seus entes queridos.

O coveiro tinha sido supostamente atacado num barracão de ferramentas. Caminhou até ao dito barracão e encostou a bicicleta à parede.

O seu telemóvel vibrou no bolso do casaco. Sentiu um mal-estar no estômago quando viu que recebera uma mensagem de Kasper Bjerringbo. Ele dava-lhe os parabéns pelos artigos sobre o caso Nordstrøm. Emma sorriu para consigo e respondeu-lhe com um rápido «obrigada» antes de olhar em volta. De momento, não estava ninguém junto ao barracão, mas viu uma mangueira atarraxada a uma torneira na parede, e que a mangueira estava esticada até às traseiras do barracão. Seguiu-a e deu de caras com um homem de idade avançada que tinha pousado a mangueira enquanto a água continuava a correr, criando assim uma poça no meio de um conjunto denso de plantas. Tinha um regador verde de plástico na mão, que usava para regar as flores que ornamentavam algumas lápides.

O homem estremeceu quando Emma se aproximou dele, e disse também «oh», seguindo-se-lhe um «desculpe» um tanto quanto envergonhado.

– Eu é que tenho de lhe pedir desculpa, porque o assustei – disse ela.

– Não tem mal – respondeu-lhe o homem, e pousou a mão livre no fundo das costas. – Apanhou-me de surpresa, só isso.

O homem, que parecia ter sessenta e poucos anos, sorriu-lhe, e quando se levantou por inteiro, ela viu que ele levava alguns pontos acima do olho. Tinha também o nariz ligeiramente avermelhado.

– Talvez não seja de estranhar – começou Emma –, tendo em conta o que aconteceu aqui ontem.

Ficou satisfeita com a sua pergunta, pois esta poderia dirigir-se diretamente ao homem ou ao ataque que os meios de comunicação haviam noticiado.

– Pois... – confirmou ele, baixando o olhar.

Emma deu alguns passos na sua direção.

– Foi a si que agrediram? – perguntou da forma mais meiga que lhe foi possível.

O homem fitou-a.

– Sim... fui eu.

– E já está de volta ao trabalho? – questionou ela, impressionada.

– Eu cá teria aproveitado para tirar uns dias.

Emma forçou um sorriso e uma gargalhada.

– Não somos muitos a trabalhar aqui – esclareceu o homem. – Por isso...

– Oh, se todos os trabalhadores fossem como o senhor!

O homem sorriu.

– Posso ajudá-la nalguma coisa?

– Sim, talvez. Chamo-me Emma Ramm e trabalho para o *news.no*. Sou jornalista.

O sorriso aberto e acolhedor do homem desapareceu num piscar de olhos.

– Não quero aparecer no jornal.

– Também ninguém o obriga a aparecer – esclareceu Emma. – Só quero saber porque é que estiveram aqui tantos polícias ontem à

noite.

– Sim, estiveram cá muitos – disse o homem. – Mas não foi por minha causa.

– Não?

O coveiro abanou a cabeça.

– Foi por causa de uma senhora de que andam à procura.

Emma não soube como esconder a sua excitação.

– Uma senhora? – perguntou, dando um passo em direção ao homem.

– Sim, mas só encontraram o telemóvel dela. Não sei como, foi parar à campa aberta.

Emma refletiu. A senhora em causa só poderia ser Sonja Nordstrøm. Era, em todo o caso, um desenvolvimento dramático. A polícia procurara-a entre as lápides. E tinha encontrado o seu telemóvel, mas não a própria Nordstrøm.

– Queria saber mais alguma coisa? – perguntou o homem. – Hoje, cheguei um pouco atrasado, e temos um funeral daqui a duas horas.

Emma pensou um pouco.

– Acho que não – disse. – Agradeço-lhe imenso a ajuda.



Nicolai Wibe atirou um jornal para cima da mesa de reuniões.

– Encontrei-o – disse ao chegar ao pé de Blix.

– Encontrei quem?

– O drogado do cemitério.

– Como? Onde é que ele está?

– É uma longa história – replicou Wibe, e virou-se ligeiramente para trás. – Está lá em baixo, nas celas. Começa a sentir os efeitos da abstinência e quer sair o mais depressa possível. Ainda não registei nenhum depoimento formal, porque pensei que talvez quisesse estar presente. É uma história muito interessante...

Blix levantou-se, olhou para o relógio. Faltava meia hora para a reunião da manhã.

– Como é que ele se chama? – perguntou, contornando a secretária.

– Geir Abrahamsen. Dá pelo nome de Geia.

Desceram no elevador. Os sapatos chiaram no piso das celas. O guarda de serviço pegou no molho de chaves e abriu-lhes a porta da cela. Um homem pálido deitado no colchão fitou-os. Blix não duvidou de que se tratava da pessoa certa, porque a marca vermelha no rosto atraía de imediato as atenções. O homem tentou levantar-se, teve dificuldades, e Blix agachou-se e disse como se chamava. Geia voltou a afundar-se no colchão. O homem fedia a álcool.

– Fala-nos do homem do dinheiro – disse Wibe.

Geia abriu a boca como se para protestar. Blix viu que o coveiro tinha razão: quase não lhe restavam dentes.

– Diz lá o que me contaste – instou-o Wibe. – Conta-nos o que aconteceu.

Geia adquiriu uma expressão de angústia.

– Ontem de manhã – declarou, afagando a face com os dedos sujos –, um tipo veio ter comigo e disse que eu podia ganhar algum guito se lhe fizesse um servicinho.

Blix assentou o peso no outro pé. Doíam-lhe os joelhos, e considerou sentar-se no colchão, mas rapidamente afastou tal ideia.

– Deu-me um telemóvel que ele queria que eu ligasse às oito horas em ponto. E que eu depois devia atirar para uma das campas do cemitério do centro histórico sem que ninguém me visse. E eu queria mesmo que ninguém me visse, mas entrei em pânico quando o coveiro apareceu, por isso... tive de...

Abanou a cabeça.

– Ele deu-me dez mil para o fazer – referiu de repente, cruzando o olhar com o de Blix. – Faz ideia de quanto dinheiro isso é para mim? E prometeu-me mais se eu fizesse exatamente o que me tinha pedido. Mas...

Fitou o chão para logo procurar a porta da cela com o olhar.

– Ele disse também que...

Afagou de novo a face. A marca vermelha.

– ... se eu não fizesse tudo o que ele me pediu, iria encontrar-me e... apanhar-me.

Blix franziu o sobrolho.

– Apanhá-lo? Ele disse isso?

– Sim.

Geia anuiu rapidamente.

– Não tive dúvidas de que ele estava a falar a sério.

– Esse tal homem... – perguntou Blix, sentindo-se inquieto – como é que ele era? Lembra-se?

Geia abanou a cabeça.

– Só me lembro de ele ter um capuz. E de ter cuidado para eu não lhe ver a cara.

– Que altura tinha ele?

Geia refletiu e olhou para Blix.

– Mais ou menos a sua, acho.

Blix tinha 1,84 m.

– De que cor eram os olhos?

– A esses não os vi.

– Como é que ele falava? Como é que era a voz dele?

Nova pausa. Blix aguardou, com impaciência, a resposta.

– Era alegre, agressiva, meiga...?

– Era... sossegada.

– O que quer dizer com isso?

– Calma. Era uma voz calma. Fria. Mantinha-se imperturbada, se percebe o que quero dizer. Tinha sempre o mesmo tom.

Blix refletiu, enquanto memorizava as informações transmitidas por Geia.

– Reparou nalgum traço facial?

– Não lha vi – disse Geia, e acrescentou: – A cara, claro. Por favor... Só não quero que me metam em histórias. OK? Eu...

Blix levantou-se. As articulações dos joelhos estalaram-lhe.

– Disse que ele lhe prometeu dar mais dinheiro se fizesse o que lhe pediu. Ele disse quando é que iria voltar? Quando é que era suposto reencontrá-lo?

Geia abanou a cabeça e tentou levantar-se. Dessa feita, conseguiu.

– Já me posso ir embora? – perguntou.

Blix olhou para Wibe e ambos se afastaram alguns metros.

– Segue as formalidades com este gajo – sussurrou Blix –, e depois deixa-o ir. Deve avisar-nos se for contactado de novo. E seria ótimo saber com quem é que se parece o tipo do capuz.

Wibe aquiesceu.

Geia suspirou. Blix saiu da cela. Assim que se viu livre das paredes do corredor apertado, o seu telemóvel emitiu um sinal de mensagem.

Olá outra vez. O Gard Fosse não me responde... Acabei de falar com o Børre Simonsen do cemitério do centro histórico. Tenho um bom artigo que quero publicar. Ligue-me ou envie-me mensagem quando tiver tempo. Cumprimentos, Emma Ramm, news.no.



O dono do Kalle Liker Alle chamava-se Karl Oskar Hegerfors e era sueco. Ainda não estava no café quando, mais cedo nesse dia, Emma lá estivera a trabalhar, mas encontrava-se agora ao balcão, onde atendia um idoso com uma bengala. Hegerfors sorriu a Emma enquanto servia um *macchiato* duplo e um bolo de canela ao cliente.

– Olá, pá – disse Emma depois de o homem da bengala se ter afastado.

– Olá, miúda – cumprimentou-a Kalle. – Como está a tua perna esquerda hoje? – perguntou ele em sueco.

Emma estacou e franziu o sobrolho.

– Estou cansado de te perguntar o que achas do tempo ou o que queres tomar – explicou o sueco –, por isso, hoje pensei em perguntar-te como vai a tua perna esquerda.

Emma, perplexa, olhou para a perna.

– A minha perna esquerda tem algo de errado?

– Diz-me tu...

Kalle tirou alguns grãos de café de uma máquina expresso. O ruído ressoou dentro do crânio de Emma.

– A minha perna esquerda não tem nada de mal – afirmou, dando um passo rumo ao balcão. – Quero um sumo de laranja, um copo de água e uma salada grega, se faz favor.

– OK, um SL, um CÁ e uma SG – anotou, num papelinho, Hegerfors. – Não queres experimentar algo novo?

– As novidades são perigosas.

Ele sorriu e fitou-a. Com um pouco de boa vontade, Emma talvez o pudesse pôr na categoria de «aprovado», já que ele tinha cabelo curto e escuro e a altura certa – sete ou oito centímetros a mais do

que ela –, e também porque puxava sempre ligeiramente os ombros atrás e tinha, em geral, boa postura.

– Pareces stressada, miúda – disse ele.

– Eu sou stressada, pá. E estou com fome.

O telemóvel dela emitiu um sinal de mensagem. Era uma SMS de *Alex Blix*. Ele dera-se ao trabalho de lhe responder à mensagem sobre o cemitério do centro histórico.

Onde está?, era tudo quanto escrevera.

– Sou um escravo dos teus desejos – declarou Kalle, fazendo uma vénia profunda e dirigindo-se à cozinha.

Emma sorriu.

Kalle Liker Alle, Sofies Plass. Porquê?, escreveu ela na mensagem de resposta, e sentou-se no seu lugar habitual no primeiro andar. Uma vez aí, tirou o seu portátil da mala.

Enquanto regressava de bicicleta do cemitério, Emma planeava mentalmente como escrever o artigo sobre o telemóvel de Nordstrøm. Agora faltava apenas escrevê-lo e obter um comentário ou uma confirmação da polícia.

Pouco depois, Kalle levou-lhe a comida.

– Quando me irás recompensar pelos meus esforços?

– Quando fores rico e tiveres uma casa no arquipélago de Estocolmo – retorquiu Emma, com um sorriso, e pousou o garfo num prato com queijo feta. Hegerfors virou-lhe costas com uma vénia teatral e servil. Emma sorriu e deu uma vista de olhos ao telemóvel. Blix ainda não lhe respondera.

O telemóvel tocou quando ainda o tinha na mão. Era Irene, a sua irmã.

– Olá – saudou-a Emma. – Tens de falar depressa, estou um bocadinho ocupada.

– *OK* – anuiu a irmã. – Só queria saber se podes tomar conta da Martine hoje. Podes?

– Hoje? – perguntou Emma, um pouco irritada.

– Sei que é muito em cima da hora, mas... pediram-me para fazer um turno extra esta noite e... não to pedia se não fosse importante.

Emma olhou para o ecrã do computador e para o artigo ainda só parcialmente escrito. Não lhe dava jeito nenhum tomar conta de

uma menina de cinco anos naquele preciso dia. Mas sabia que Irene não ganhava uma fortuna como enfermeira. Arrendava uma casa de três assoalhadas em Sagene e, com os valores que eram praticados no mercado de arrendamento, algumas pessoas tinham dificuldades em pagar a renda. Emma sugerira-lhes alugar um dos seus quartos por um valor simbólico, mas, apesar de Emma ter percebido que a ideia atraía Irene, esta mostrara-se demasiado orgulhosa para a aceitar.

– OK, está bem – assegurou Emma. – Mas eu talvez tenha de trabalhar um bocadinho.

– A Martine já está habituada, não é?

– Parece que sim – disse Emma. – Pelo menos, está habituada a comer panquecas. E hoje vai ter de as comer outra vez.

– Só não a deixes comer açúcar a mais – disse Irene. – Enche as panquecas de açúcar sempre que pode.

– Como tu quando eras pequena.

– Eu sei. Ainda faço isso.

– Eu também.

Riram-se.

– Muito obrigada, Emma – afirmou, por fim, a irmã, e Emma percebeu o quão cansada estava Irene.

Mais um turno noturno a acrescentar a todas as outras coisas a que se agarrava quando tinha oportunidade.

– Também a podes ir buscar ao infantário?

Emma olhou para o relógio. Podia trabalhar ainda por algumas horas.

– Sim, posso.

– Obrigadíssima, Emma. És a melhor irmã do mundo.

Desligaram. Um movimento nas escadas fez com que Emma erguesse o olhar. Alexander Blix caminhava na sua direção.

– Olá, Emma.

– Olá – disse ela, confusa.

– Posso sentar-me consigo por dois segundos?

Apontou para a cadeira no lado oposto da mesa.

– Sim, claro – replicou ela após uma curta hesitação.

Emma puxou um pouco o computador para o seu lado da mesa e fechou o ecrã.

Blix sentou-se.

– Encontraram-na? – perguntou Emma.

Ele abanou a cabeça.

– Mas encontraram o telemóvel dela?

O polícia esperou um pouco antes de assentir. Torceu uma das comissuras da boca num sorriso tímido. Primeiro, quis saber como é que ela tinha chegado ao cemitério e ao coveiro. Enquanto Emma explicava como descobrira tudo, ele passou a mão pela barba que lhe começava a crescer no queixo.

– Bem pensado – comentou.

Emma sorriu ao elogio.

Blix explicou-lhe o que levava a polícia ao cemitério. Emma reabriu o computador.

– Quem é que o ligou? – perguntou ela, enquanto escrevia.

– Isso não lhe posso dizer – replicou Blix. – Mas o que *posso* dizer é que achamos que não foi a Nordstrøm.

– E que mais me pode dizer?

Blix hesitou.

Emma tirou os dedos do teclado, como se para indicar que não queria necessariamente usar a informação que ele lhe desse no artigo que estava a escrever.

– Encontrámos o telemóvel dela numa campa aberta – disse ele, por fim.

Emma arregalou os olhos.

Blix debruçou-se sobre a mesa.

– Mas não me pode citar em nada disto – declarou. – Eu nem sequer devia estar aqui. Nós nem sequer devíamos falar um com o outro, mas isso é algo que eu...

O toque do telemóvel interrompeu-o. Blix pareceu tão cansado quanto perturbado quando desviou o olhar de Emma e tirou o telemóvel do bolso do casaco. Pareceu considerar desligá-lo, mas acabou por decidir o contrário.

– Desculpe – disse. – Tenho de atender.

Aceitou a chamada.

– Sim, daqui fala Blix.

Emma continuou a escrever, enquanto ele falava ao telemóvel. Avaliou o que acrescentara com base na sua fonte policial e alterou o título do artigo.

– Onde? – perguntou Blix ao seu interlocutor.

Levantou-se com uma expressão séria. Virou-se um pouco para trás e olhou de novo para Emma.

– OK – afirmou. – Obrigado. Vou já para aí.

Blix desligou. Olhou em frente.

– Que se passa? – perguntou Emma, levantando-se também.

– Eu... não sei ao certo – disse Blix, e o seu olhar cruzou-se com o de Emma. Pareceu refletir antes de acrescentar: – Não pode escrever nada sobre isto, Emma. Ainda não. Mas encontraram um cadáver perto da casa de campo da Sonja Nordstrøm.

Emma ficou boquiaberta por alguns segundos.

– E é ela?

– Ainda é cedo para dizer se é ou não – esclareceu. – Mas tenho de me despachar. Não escreva nada sobre isto. Ainda não. OK?

Pousou uma mão nas costas da cadeira.

– Quero confiar em si e acreditar que não o vai fazer – proferiu, desta feita mais assertivo.

Emma anuiu com um movimento de cabeça, ao início com timidez, depois de modo mais pronunciado.

Blix desceu as escadas e desapareceu.

Emma sentou-se de novo e pôs a tigela da salada na mesa ao seu lado. Tinham encontrado um cadáver. Perto da casa de campo de Sonja Nordstrøm.

Santo Deus.

Fez uma pesquisa rápida na Internet e descobriu que a casa de campo se situava em Hvaler. Segundo o Google, distava dali cento e oito quilómetros, e a viagem de carro até lá demorava uma hora e vinte e nove minutos.

Olhou para o relógio. O infantário fechava às quatro e meia. Podia dar, mas também podia não dar. Emma pensou telefonar à irmã e perguntar-lhe se ela lhe podia emprestar o carro e pedir a outra

pessoa que fosse buscar Martine, mas sabia que Irene não tinha mais ninguém a quem recorrer tão em cima da hora.

Havia ainda outra possibilidade. Wollan. Não gostava dele nem dos seus artigos. Retirava conclusões precipitadas e exagerava nas descrições, mas Anita não apreciaria perder a oportunidade de serem os primeiros a noticiar a morte de Sonja Nordstrøm.

Pegou no telemóvel e rodopiou-o um pouco na mão. Para Wollan, o mais importante eram o número de cliques e a classificação. Preferia excluir todas as informações e perspetivas que tornassem um caso menos sensacionalista. Emma não queria que ele fizesse o mesmo no caso Nordstrøm, retalhando-lhe os artigos, mas o respeito que sentia por Anita impeliu-a a tomar uma decisão. Marcou o número do colega e rapidamente contou a Wollan o que sabia.

– Então a Sonja Nordstrøm morreu? – perguntou ele.

– Isso não sabemos ao certo.

– Mas quem mais havia de ser? – insistiu ele sem, contudo, aguardar uma resposta. – Já estás a caminho?

Emma explicou-lhe porque é que não podia ir até lá.

– OK, eu trato disso.

Falou como se lhe estivesse a fazer um favor.

– Já escreveste alguma coisa? – perguntou ele logo em seguida.

– Primeiro preciso de uma confirmação oficial.

– O quê? – disse ele. – Tens aqui uma notícia em primeira mão. Se as informações são seguras, é bom de ver que as deves publicar.

– Mas nesse caso comprometo a minha fonte.

– A tua fonte... – repetiu ele num tom ligeiramente sarcástico. – Só trabalhaste um dia na área criminal e já tens uma fonte?

Emma não soube o que lhe responder. Arrependeu-se de o ter envolvido no assunto, mas agora já não podia voltar atrás.

– Mas não penses nisso – continuou Wollan. – Eu publico a história, e assim não tens problemas.

– As informações ainda não foram verificadas – esclareceu Emma.

– Liga-me se souberes de mais alguma coisa – disse Wollan.

Emma nem teve tempo de protestar, pois Wollan já havia desligado.



Os veículos afastaram-se para um lado, de modo a deixar que Blix passasse com a sirene a tocar e a luz azul acesa. Saiu do centro rumo à autoestrada. Passou rapidamente pelas placas com os nomes das povoações que rodeavam a capital: Kolbotn, Ski, Ås, Vestby, Moss e Rygge. Quando se aproximava de Fredrikstad, ligou a Gard Fosse.

– Ainda demoras muito a chegar lá?
– Talvez vinte minutos – respondeu Blix. – Mais alguma novidade?
– A única novidade é que a comunicação social descobriu que encontrámos o telemóvel da Nordstrøm – disse Fosse. – Liga-me assim que souberes de mais alguma coisa.

Blix apagou as luzes azuis e abrandou, enquanto abria o *browser* no telemóvel e acedia ao *news.no*.

Telemóvel de Nordstrøm encontrado numa campã aberta.

Enquanto conduzia, lançava olhares furtivos ao telemóvel, lendo uma frase ou duas de cada vez. Segundo a notícia publicada no *news.no*, o telemóvel de Sonja Nordstrøm tinha sido usado na noite de domingo. Uma fonte policial confirmara que tinha sido encontrado numa campã vazia.

Atirou o telemóvel para o assento do lado e voltou a carregar no acelerador. Ela tinha publicado aquilo, claro, pensou ele, dando um murro no volante.

Surgiu a primeira placa a indicar Hvaler. Quase dez minutos depois, Blix estacionou atrás de uma fila de carros-patrolha. Viu, em seguida, que ainda não havia jornalistas no local, mas estes não tardariam a chegar.

Saiu do carro. O ar agreste do lago envolveu-o. O céu estava encoberto. Se tivessem azar, poderia começar a chover durante a

tarde. Blix esperava que a polícia de Hvaler estivesse já a trabalhar no local do crime. Cumprimentou uma mulher de uniforme e dirigiu-se às traseiras da casa de campo de Sonja Nordstrøm. Identificou-se a outro agente e perguntou-lhe onde estava o cadáver.

– Basta seguir aquele caminho e chega lá – explicou o agente.

Blix seguiu por um carreiro estreito com arbustos baixos e árvores largas que o protegeram, em parte, da brisa proveniente do lago. Tinha de prestar atenção aos sítios onde punha os pés, pois surgiam, aqui e acolá, raízes e galhos. Pouco depois, deparou-se com uma suave extensão de rocha. Não lhe foi difícil ver aonde se deveria dirigir. Vários polícias estavam reunidos a alguns metros de um barco a remos que se agitava indolentemente ao lado da rocha. Um dos técnicos forenses segurava numa corda presa ao barco enquanto outro tirava fotografias.

Blix acenou aos restantes polícias e apresentou-se ao sargento que aparentava ser o responsável de serviço. Este pareceu de certo modo embaraçado, como se houvesse cometido um erro de que Blix ainda não fora informado.

– Estivemos aqui ontem – explicou. – A vosso pedido. Nessa altura, a garagem do barco estava fechada, e o barco estava lá dentro.

– Então o barco é da Sonja Nordstrøm?

– Sim.

Blix deu um passo em direção ao barco e olhou para baixo. O cadáver estava deitado de barriga para baixo e de rosto voltado para Blix.

– Um homem? – constatou ele, e olhou para o sargento.

O sargento confirmou-lhe o sexo da vítima com um aceno de cabeça. Blix agachou-se. O rosto cinzento-pálido do morto tinha algo de familiar. Tinha cabelo loiro, curto. Olhos azuis.

– Alguém tem noção de quem é este tipo? – perguntou Blix, interpelando o sargento.

– O meu filho é fã dele – disse o sargento com um suspiro, apontando para o cadáver.

O homem tinha vestido um equipamento de futebol com o número sete nas costas. O sargento retomou a palavra:

– É o Jeppe Sørensen. Jogador da seleção dinamarquesa. Acho que estava desaparecido há uma semana, ou coisa assim.

Blix não era propriamente um aficionado do futebol, mas tinha ideia de que Sørensen estava desaparecido.

– Devia ter assinado um contrato com o Borussia de Dortmund há algum tempo – disse o sargento. – Mas teve uma lesão no joelho que lhe destruiu a carreira. Dizia-se que talvez tivesse tido uma reação depressiva e se tivesse suicidado, mas... agora pelo menos podemos excluir essa teoria.

O técnico forense continuou a trabalhar. Blix, imóvel, observou o local. Num promontório a cinquenta metros apareceu um homem com uma máquina fotográfica. O primeiro jornalista, pensou ele, e virou-lhe costas.

– O cadáver está gelado – anunciou o técnico forense que estava no barco.

– O que quer dizer com isso? – perguntou o sargento.

– Não apresenta uma rigidez cadavérica normal – explicou o técnico. – O cadáver está congelado e começou a descongelar.

Blix respirou fundo e deixou que o ar saísse lentamente.

O técnico forense pediu aos polícias locais que erguessem Jeppe Sørensen e o pusessem num saco para cadáver. Fecharam o saco e transportaram-no para terra. Quatro homens carregaram o corpo.

Blix curvou o pescoço e seguiu-os. Uma rajada de vento vinda do lago atingiu-o nas costas.



– Tia Emma!

Martine saltitou na sala dos brinquedos do infantário de Svingen. Emma estava, há um minuto, apoiada na moldura da porta, de onde observava a sobrinha, sentada num círculo com outras três crianças – duas meninas e um menino –, a brincar com alguns bonecos. Emma não conseguiu ver que bonecos eram. Martine correu até ela. O rosto abriu-se-lhe num sorriso, e viram-se-lhe na boca os dentes de leite que ainda não tinha perdido. Lançou-se aos braços de Emma.

Emma ergueu a sobrinha no ar e aí a manteve durante algum tempo, abraçando-a com força.

– Olá, meu tesouro – sussurrou-lhe ao ouvido. – Oh, tive tantas saudades tuas.

– Hoje fico em tua casa? – perguntou uma Martine cheia de esperança, enquanto se inclinava um pouco para trás.

– Não... OK, pode ser – respondeu Emma, pousando-a de novo no chão.

Martine ficou extasiada.

– Podemos comer panquecas? – perguntou ela.

– Estava a pensar em comermos peixe.

O sorriso de expectativa de Martine depressa desapareceu.

– Peixe, cenouras e batatas: é bom ou não é?

Martine preparava-se para protestar quando a tia se lhe antecipou.

– Só estou a brincar contigo. Claro que vamos comer panquecas.

Martine ficou novamente encantada.

– Estás pronta para irmos embora?

A menina assentiu perentoriamente. Emma fez sinal a uma das educadoras de infância, que lhe respondeu com um aceno de

aprovação. Depois, foram buscar as coisas de Martine ao vestiário.

Ainda mal tinham entrado no apartamento de Emma e já Martine se descalçara para correr à vontade. Sabia perfeitamente onde Emma guardava o iPad, e sabia também o código, pelo que não demorou muito a abrir um dos cerca de cinquenta jogos que a tia a havia deixado descarregar.

Emma acabara de preparar a massa das panquecas quando o telemóvel tocou. Atendeu-o um pouco contrafeita.

– Olá, Emma – disse Kasper Bjerringbo; pela voz dele, percebeu que acontecera algo sério. – Já sabes das últimas novidades?

– Quais novidades?

– Lembras-te daquele futebolista de que te falei?

– Sim, que tem? – perguntou Emma.

– Encontraram-no morto. Assassinado. No barco da Sonja Nordstrøm.

Emma precisou de um segundo ou dois para absorver o que acabara de ouvir.

– Que raio estás para aí a dizer?

– Tia – gritou, da sala, Martine. – Não podes praguejar.

– Encontraram-no há poucas horas – continuou Kasper. – Estendido no barco da Sonja Nordstrøm. Contou-me uma das minhas fontes na polícia.

Emma engoliu em seco.

– O que é que o tal futebolista tem que ver com a Sonja Nordstrøm?

– Não sei. Mas talvez devesse publicar um artigo sobre isso. O artigo que vocês têm agora em destaque é bastante especulativo.

Emma pegou no seu portátil e abriu o ecrã. Esperou impacientemente que o computador captasse a rede de Internet. Depois, abriu a página do *news.no* e viu o artigo em destaque escrito por Henrik Wollan: *Cadáver encontrado*.

O título consistia apenas nestas duas palavras, escritas com letras maiúsculas e bem grossas. Por baixo, uma fotografia do arquipélago de Hvaler, na qual se via um grupo de homens a transportar um saco branco com um cadáver pela margem rochosa. Ao fundo, havia uma foto de Sonja Nordstrøm.

Oh, meu Deus, disse Emma para consigo, enquanto abria o artigo e via que Wollan também incluía o seu nome. Por outro lado, tinha ainda Kasper em linha. Leu por alto o curto artigo que Wollan publicara. A polícia presente no local não lhe confirmara a causa de morte nem o sexo da vítima, mas o modo como o artigo estava escrito sugeria claramente que o cadáver no saco era o de Sonja Nordstrøm.

– Vou ter de limpar isto – disse Emma. – Podes enviar-me um *link* ou um texto que resuma o que sabes sobre o futebolista?

– Dá-me uns minutinhos, já vejo o que arranjo.

– Ótimo, muito obrigada por me teres ligado.

– De nada, o prazer é meu.

– Já avisaram os parentes?

– Hã?

– Na Dinamarca: já avisaram a família do futebolista?

– Não sei. Deixa-me ver.

– OK. Muito bem. Obrigada.

Desligaram.

Antes de começar a escrever, Emma telefonou a Alex Blix. Queria, acima de tudo, ter uma fonte que lhe confirmasse a identidade do cadáver, e de preferência uma fonte norueguesa. O telemóvel tocou durante muito tempo. Foda-se, pensou Emma. Atende o telemóvel. Mas chamou e chamou sem que ninguém atendesse.

Encontrou o nome do futebolista dinamarquês na Internet e enviou uma mensagem a Blix para lhe perguntar se o morto que haviam encontrado era Jeppe Sørensen. Enquanto esperava pela resposta do polícia, começou a escrever. Demorou apenas dois minutos a concluir um novo artigo, com título e introdução, e também uma frase chamativa que indicava aos leitores que se seguiriam mais atualizações. Empurrou o ponteiro do rato até ao botão «publicar». Depois de clicar no botão, sentiu a ponta do dedo estremecer.

O telemóvel apitou.

Kasper.

Já avisaram a família.

OK, pensou Emma. Ótimo, assim já podia publicar a notícia. Confiava em Kasper.

Emma não teve tempo de telefonar a Anita antes de aceder à plataforma de publicação do *news.no* e retirar o artigo de Wollan do topo da página principal, ignorando por completo que isso não lhe competia nem era um privilégio seu.

Não se lembrava da última vez que se sentira tão excitada. Com alguma vergonha, admitiu para consigo que gostava daquela sensação e de como todo o seu corpo estremecia. Escreveu o mais depressa que os dedos lhe permitiram, entrou na caixa de *email* e abriu os quatro *links* que Kasper lhe enviara, mas ainda não conseguira analisar nenhum deles quando o telemóvel tocou.

– Olá, Anita.

– Olá. Que porra se está a passar?

Emma contou-lhe o que sabia acerca do cadáver.

– E tens a certeza disso?

– Estou a tentar arranjar uma fonte que o confirme, mas não tenho motivos para duvidar da fonte que já tenho.

– Merda – disse Anita. – Isso é...

Anita pareceu, pela primeira vez, ficar sem palavras. Emma continuou a escrever enquanto a chefe estava em linha.

– OK – Anita anuiu. – Mas despacha-te com isso, porque vou apagar o outro artigo.

Emma imaginou um Wollan corado e furioso assim que também ele descobrisse a verdade, mas não era altura de se vangloriar. Tinha de escrever, e nos dez minutos seguintes escreveu 842 palavras sobre Jeppe Sørensen ao traduzir excertos dos textos de Kasper.

– Tia, ainda falta muito para comermos? – gritou Martine da sala.

– Não, querida – respondeu-lhe Emma. – Já vou começar a fritar as panquecas.

Emma já não tinha fome. Queria apenas ir para Hvaler, falar com Blix e tentar entrar em contacto com outras fontes. Em vez disso, tinha uma frigideira na mão. Enquanto vertia a massa espessa e apetitosa na frigideira, pensou no que deveria fazer em seguida para se manter a par do caso. Restavam poucas dúvidas de que a notícia cairia como uma bomba em toda a Escandinávia. Se não mesmo em toda a Europa. Sonja Nordstrøm e Jeppe Sørensen eram

desportistas famosos, mas era esta a única ligação que via entre eles.

Passa-se aqui alguma coisa estranha, pensou, enquanto virava a primeira panqueca. Alguma coisa muito estranha.



– Quero a atenção de todos.

Gard Fosse bateu as palmas três vezes. Todos os presentes na sala se viraram para o chefe, que apontou para um ecrã de televisão, de onde uma mulher de cabelo escuro pelos ombros os fitava.

– É a Lone Cramer – continuou. – Trabalha na Secção de Homicídios da Polícia Dinamarquesa.

Cramer vestia um *blazer* preto sobre um polo branco. Tinha uma corrente dourada ao pescoço.

– Disse bem? – perguntou Fosse, virando-se para ela com um sorriso.

– Tudo certo – respondeu Cramer, aclarando a voz.

– É a responsável pela investigação dinamarquesa ao desaparecimento de Jeppe Sørensen – continuou Fosse. – Vai fazer-nos um breve resumo.

Era típico de Fosse ligar o charme quando um detetive estrangeiro fazia uma videoconferência, pensou Blix. Isto notava-se ainda mais se se tratava de uma mulher.

Viraram-se todos para o ecrã e escutaram-na com atenção. A investigadora dinamarquesa endireitou-se ligeiramente na cadeira e pigarreou de novo.

– Tanto quanto sabemos, o Jeppe Sørensen foi visto pela última vez pela sua companheira pouco antes das oito da noite do dia 29 de setembro – referiu. Cramer falou depressa, sem ter em conta que os seus ouvintes eram noruegueses. Blix teve de se concentrar para perceber tudo. – O Sørensen ia encontrar-se com um colega em Nørrebro, por isso, desceu no elevador até à garagem para ir buscar o carro. Mas o carro nunca saiu da garagem.

Em seguida, Cramer passou a relatar os passos dados na investigação que não levaram a nada: tinham analisado imagens de videovigilância, consultado o extrato do seu cartão de crédito, procurado vestígios seus em transportes públicos.

– O telemóvel dele esteve desligado desde o desaparecimento – disse ela, enquanto consultava os seus papéis. – Mas, há uma hora, o operador de telecomunicações avisou-nos de que o telemóvel foi ativado às oito da noite de ontem, e de que se encontra em Oslo.

Blix endireitou-se na cadeira.

– Tem aí o número de telemóvel dele? – perguntou Blix, folheando as suas notas.

Lone Cramer leu o número em voz alta. Assim que acabou de o fazer, Blix levantou-se e deu um passo em direção ao ecrã.

– É o número que ligou à Sonja Nordstrøm ontem à noite – disse ele. – No cemitério.

A gravidade do que acabara de dizer fez-se sentir em redor da mesa. Blix explicou o contexto a Cramer.

– Então, alguém teve consigo o telemóvel do Jeppe Sørensen desde que ele desapareceu, e decidiu usá-lo para telefonar ao número da Sonja Nordstrøm precisamente quando estávamos no cemitério – comentou Kovic. – É doentio, caramba.

Fez-se silêncio em redor da mesa.

– Até agora, pensávamos que o Jeppe Sørensen se tinha suicidado – disse Lone Cramer. – Estava deprimido por causa da lesão. Achava que a sua carreira tinha acabado. De resto, não encontrámos indícios de crime na garagem. Nenhum sinal de violência; nem vestígios de sangue, nem nada parecido. Nada.

Blix ergueu a mão para indicar que pretendia falar.

– Encontraram marcas de queimaduras no pescoço dele que indicam que devem tê-lo deixado inconsciente com o recurso a um *taser* – disse ele. – E provavelmente foi morto depois disso. A garagem pode ser, mesmo assim, o local do crime.

Cramer aquiesceu com um aceno de cabeça, pois concordava com o raciocínio.

– Mas, além dos telemóveis e das chamadas, a única coisa que liga a Sonja Nordstrøm ao Jeppe Sørensen é o facto de ambos

serem desportistas famosos que foram raptados – prosseguiu Blix. – Ou têm mais alguma coisa em comum?

Cramer abanou a cabeça.

– O nome da Sonja Nordstrøm não apareceu, de todo, na nossa investigação – disse ela. – Acabei de o confirmar.

Kovic, sentada ao lado de Blix, levantou-se.

– Tenho de atender – disse ela, erguendo o telemóvel que lhe vibrava na mão.

– Com que amigo é que ele se ia encontrar? – perguntou Blix, olhando diretamente para a câmara acima do ecrã.

– Com o Dennis Carlsen – respondeu Cramer. – É agente imobiliário. Foi visto num café à hora exata marcada para o encontro. Já o ilibámos do caso.

Trocaram mais algumas informações práticas antes de concluírem a videochamada.

A discussão prosseguiu.

– Uma coisa é atacar o Jeppe Sørensen – referiu Tine Abelvik. – Outra muito diferente é atravessar a fronteira e transportá-lo até à Noruega, para depois o manter congelado durante uma semana e, por fim, pô-lo dentro do barco da nossa vítima de desaparecimento.

– Não sabemos ao certo se foi isso que aconteceu – interveio Wibe. – Não sabemos quando foi assassinado nem quando foi congelado.

– Pois, talvez não tenha sido assim, mas temos de ter em mente que deve ser uma pessoa muito perturbada. Pagou dez mil coroas a um drogado para que ele deixasse o telemóvel da Nordstrøm num cemitério a uma hora exata. Porque é que não o fez ele próprio?

– Talvez não pudesse – declarou Blix. – Talvez estivesse a fazer outra coisa nesse momento.

A sugestão pairou no ar.

– Podemos fazer uma coisa – continuou. – O barco da Nordstrøm estava na garagem ontem à noite, e não há muitos caminhos possíveis até à casa. É-se obrigado a passar por uma portagem para chegar a Kråkerøy e depois a Hvaler. A menos que se chegue lá de barco, claro.

– Posso dar uma vista de olhos a isso – sugeriu Abelvik.

– Coordena isso com a Kovic – pediu Blix. – Ela já começou a ver quem é que passou pelas portagens próximas da casa da Nordstrøm na noite em que ela desapareceu. Verifiquem as listas e vejam se algum veículo esteve nos dois sítios.

Abelvik anotou as instruções.

– E confrontem as listas com os registos fronteiriços – acrescentou Blix antes de interpelar Wibe. – Como é que está a correr a busca pelo homem do capuz?

– Descobrimos algumas câmaras de vigilância que o podem ter filmado antes ou depois de ter pedido ao Geia que deixasse o telemóvel no cemitério, mas até ver ainda não encontrámos nada de útil – esclareceu ele. – Temos alguns colegas de olho no Geia, para ver se o tipo do capuz volta a entrar em contacto com ele, mas não estou muito otimista.

Kovic regressou à sala e tomou a palavra.

– Descobri uma coisa – disse ela, ainda com o telemóvel na mão.

– Estive a analisar o tráfego de chamadas e mensagens da Nordstrøm. A pessoa com quem contactou mais nas últimas semanas foi o Stian Josefson.

– O jornalista que escreveu o livro juntamente com ela – explicou Blix ao ver que os colegas a fitavam com um olhar inquiridor.

– O que não é propriamente estranho – comentou Kovic. – Mas não consegui entrar em contacto com ele. Tem o telemóvel desligado. E quem acabou de me ligar foi a mulher dele. O Josefson não aparece em casa desde a noite em que a Nordstrøm desapareceu, e, segundo a mulher, o Josefson e a Nordstrøm tinham combinado encontrar-se nessa noite.

– Os dois copos de vinho – referiu Wibe, chegando-se à frente na cadeira. – Isto começa a ficar interessante.

– Mas há mais – anunciou Kovic. – A seleção de futebol da Noruega defrontou a da Dinamarca há dois anos e meio. Antes do jogo, o *Aftenposten* publicou um extenso artigo sobre o Jeppe Sørensen. Adivinhem quem é que escreveu o artigo.

Kovic mostrou-lhes o telemóvel. Àquela distância, Blix não conseguiu ver mais do que o título do artigo de jornal que Kovic descobrira: *Playmaker e playboy*.

– O Stian Josefson – prosseguiu Kovic. – As fotos do artigo indiciam que esteve na casa do Jeppe Sørensen e que foi aí que o entrevistou. O Josefson também viajou em trabalho para Copenhaga na noite em que o Jeppe Sørensen desapareceu. Chegou tarde a casa no dia 30 de setembro, segundo a agenda da mulher.

Gard Fosse não dizia nada há muito tempo. Então, bateu palmas.

– Muito bem!

– Como é que ele viajou dessa vez? – perguntou Abelvik. – Foi de carro, barco ou avião?

Kovic sorriu.

– Foi até lá para escrever um artigo sobre mobiliário dinamarquês, que é popular aqui na Noruega. Segundo a mulher, também queria comprar um armário para eles, por isso, foi no seu próprio carro.

– Que carro é?

– É um Volkswagen Tiguan. O que é interessante é que regressou com o carro vazio. Não comprou armário nenhum. Um dos vizinhos da Nordstrøm também viu um Tiguan preto à frente da casa dela. Bate certo. Ele foi muitas vezes a casa dela enquanto escreviam o livro.

– Talvez também seja dele o sêmen na cama dela – sugeriu Wibe.

Kovic encolheu os ombros, como se não soubesse se se tratava de uma piada.

– A mulher não faz ideia do que é feito do marido? – perguntou Fosse. – Agora, quero dizer.

Kovic abanou a cabeça. Abelvik endireitou-se na cadeira.

– E se o Josefson esteve em casa do Jeppe Sørensen em Copenhaga, não é impossível que saiba onde fica a garagem – disse ela.

Kovic estava convencida e continuou a argumentar a favor da sua teoria.

– Conheciam-se um ao outro, de certo modo. O Sørensen cumprimentaria e conversaria com o Josefson se ele entrasse em contacto.

Continuaram a trocar ideias à mesa até Gard Fosse lhes indicar, com um sinal, que deviam terminar a reunião.

– Tenho de saber uma coisa – afirmou, deixando o olhar percorrer toda a sala. – A imprensa ficou a saber do cadáver e do telemóvel em pouco tempo. O *news.no* foi o primeiro jornal a noticiar as duas histórias.

Fitou, então, Blix. Sob a mesa, Blix cruzou uma perna sobre a outra. No telemóvel, que guardava no bolso, tinha duas chamadas não atendidas e uma mensagem não respondida, todas elas de Emma.

– Aquela tipa que esteve na casa da Nordstrøm e que noticiou que ela tinha desaparecido trabalha para eles – explicou Kovic. – Estão muito próximos do caso.

– Referem fontes policiais – prosseguiu Fosse.

– Eles dizem sempre isso – observou Wibe.

– Quero só recordar-vos de que ninguém pode falar sobre o caso fora do grupo de investigação. Nem a amigos, nem a familiares, nem mesmo a outros colegas da polícia. E, claro, a ninguém que trabalhe na comunicação social.

Blix tentou respirar o mais normalmente possível. Tentou suportar o olhar penetrante de Fosse com uma expressão neutra, mas não sabia ao certo se fora bem-sucedido.



Calle Seeberg não estava nada contente por andar na rua. Na Noruega, estar «fora de casa» significava, em regra, «apanhar um briol», e havia sempre que consultar a previsão meteorológica antes de se sair, e de encontrar o equipamento adequado e, eventualmente, comprar apetrechos novos. Em suma: caminhar fora de casa envolvia demasiadas coisas. Seeberg não se lembrava da última vez que fizera uma caminhada na floresta, no campo ou na montanha. Se tivesse escolha, manter-se-ia dentro de casa, onde o frigorífico, o sofá e o controlo remoto estavam sempre por perto.

Porém, não tinha escolha.

Agora já não.

O médico dissera-lhe: «Calle, se quer passar dos cinquenta e cinco anos, e se quer, um dia, ver a sua filha casar, tem de se mexer. E não estou a falar de caminhar até à loja ou até ao trabalho. Gostava que comesse a correr um bocadinho. Comece com pouca coisa, por favor, para que os seus vasos sanguíneos percebam que está a começar a mexer-se. Três vezes por semana. No mínimo. E tem de parar com as pizzas e as batatas fritas, coma outras coisas.»

Para quem conhecia bem Seeberg, não era segredo que fumara e bebera demasiado ao longo dos seus mais de trinta anos na área da comunicação social. O que lhe custara dois casamentos, pelo menos um emprego e – segundo o médico – talvez quinze anos de vida. Agora restava-lhe apenas limitar os danos. Queria viver. Queria ver a filha casar-se, continuar a trabalhar na Radio 4, queria tomar o pulso à sociedade ao abordar temas atuais nas emissões da manhã e contrapor-se ao ouvinte, não necessariamente por não concordar com a outra parte, mas de forma a esclarecer a posição

alheia. Tratava-se de um método jornalístico que enfurecia muitos ouvintes, mas era um bom programa de rádio, disso ninguém se podia queixar.

O pior do lento aproximar da velhice era o facto de ter começado a esquecer-se de coisas, felizmente sem que sofresse de Alzheimer, mas esquecia-se amiúde de onde deixara as chaves e os óculos, do nome de antigos amigos ou conhecidos, assim como de políticos que havia entrevistado. De vez em quando, atores que vira em algum filme desvaneciam-se-lhe por completo da memória. O médico dissera-lhe que isto poderia ser também um sinal de que o corpo precisava de uma mudança.

Mudança.

Alterar a forma de estar.

Isso era fácil de dizer, e ao início também era fácil de fazer, mas não era assim tão simples fazê-lo de forma contínua e consistente ao longo do tempo. Conseguira reduzir o número de cigarros que fumava diariamente. Já não ingeria a mesma quantidade de álcool que costumava beber, e tentava também ter uma alimentação mais saudável. Comer brócolos e outras hortaliças, ao invés de só comer fritos.

Mas pouco adiantara: não dera conta de grandes alterações no seu corpo, ainda que tivesse emagrecido oito quilos nos últimos quatro meses. Continuava a ser-lhe difícil respirar quando subia escadas, e correr nunca se lhe tornara mais fácil. As pernas continuavam pesadas. Os pulmões, apertados. Por vezes, pensava se o seu avô não seria o único da família a morrer com um enfarte.

Assim, além de apresentar o *talk show* da Radio 4, Calle Seeberg ansiava também por uma mudança, ainda que todas as fibras do seu corpo se lhe opusessem. Como muitas pessoas o conheciam, e como o exercício físico contrariava a imagem que ele criara, equipava-se depois de escurecer, para que o menor número possível de pessoas o visse com roupas em que destoava. Agora, no outono, podia usar também gorro e capuz, que o tornavam ainda mais irreconhecível. Contudo, deparava-se com os olhares perplexos de pessoas com quem se cruzava, e sabia que parecia ridículo a correr com os seus cento e cinco quilos. Sofria, pois tinha

plena consciência de que o rosto se lhe enrubescia quando fazia exercício físico, e emitia imensos sons mesmo sem aumentar o ritmo.

O caminho que se estendia ao longo do rio Akerselva era iluminado por candeeiros de rua que distavam entre dez a quinze metros uns dos outros, e Calle Seeberg nunca corria para lá da cascata na Gjerdrums Vei. Era um local natural para se parar e recuperar o fôlego; a partir de Grünerløkka a inclinação fora gradual e ele começava a ansiar pela descida de regresso a casa. Nas noites calmas de fim de outono, uma névoa mágica erguia-se da água escura sob a ponte e parecia brilhar à luz difusa dos candeeiros públicos, como se lá em baixo alguém respirasse ouro.

Calle Seeberg parara para observar este brilho especial da noite quando ouviu estalidos nos arbustos ao lado da casa de pedra em cujo primeiro andar se davam alguns cursos de pintura. Era o mesmo som que ouvira há dois dias, e provinha do mesmo local. O estalido de um galho a ser pisado ou arrastado. Tal como dois dias antes, não viu ninguém quando se embrenhou nos arbustos.

Na semana anterior, vira por duas vezes um homem a fazer exercício por ali. O que não tinha em si nada de estranho, já que muitas pessoas seguiam determinadas rotinas quando se exercitavam, mas o tal homem mantivera-se exatamente à mesma distância de Calle das duas vezes que o encontrara. Cerca de cinquenta metros atrás dele. Usava ténis pretos e um capuz puxado sobre a cara. Calle Seeberg reparara nele porque o homem coxeava um pouco quando corria.

O homem não aparecera naquele dia, e Seeberg sabia que os famosos tinham, por vezes, *stalkers*. Um dos senãos da celebridade. Um pouco de atenção nunca o incomodara. No entanto, começava agora a sentir um certo desconforto físico com aquela situação.

Como Calle Seeberg não costumava amedrontar-se, e não queria começar agora a sentir medo, decidiu fazer o seu exercício habitual antes de regressar a casa. Porém, quando correu para atravessar o bosque escuro em Nydalen, e ao passar sob a ponte onde não

havia iluminação, seria capaz de jurar ter ouvido alguém mexer-se atrás dele – isto apesar de a sua respiração ser sobremaneira ruidosa.

Ouviu um novo estalido no meio do arvoredor, um ruído que lhe acelerou a pulsação a ponto de sentir o coração a bater no peito – com um ritmo pesado, duro –, e logo a seguir ouviu passos na sua peugada, tendo de se conter para não se virar para trás. Ao invés de dar meia-volta, endireitou um pouco as costas e tentou aumentar o ritmo da corrida.

Felizmente, nesse momento o caminho começou a descer, o que lhe facilitou aumentar a velocidade, mas claro que isso também se aplicava a quem seguia no seu encalço. Teve a clara sensação de que não se deslocava suficientemente depressa. Os músculos das coxas começaram a retesar-se-lhe, o peito a contrair-se. Por sorte, não faltava muito para chegar à zona residencial e iluminada de Nydalen. Quando chegou à central elétrica, ouviu uma melodia – um baixo penetrante –, e demorou um momento a perceber que a música provinha do telemóvel de uma mulher que o ultrapassou com uma facilidade provocadora, como se as suas pernas não pesassem nada.

Calle Seeberg pôde diminuir um pouco a velocidade e respirar com mais calma, consciente de que se deixara tomar pelo medo sem motivo para tal. Quando se virou para trás, não viu nada além do carreiro escuro por onde havia corrido e os contornos difusos das árvores e dos ramos que se mexiam sob a brisa gentil da noite.

Percorreu o resto do caminho até casa mais depressa do que era habitual, virando-se de vez em quando para trás sem, todavia, ver um homem de capuz. Quando chegou à ponte depois da Faculdade de Belas Artes, com todos os seus cadeados e corações pendurados, ficou contente por só ter de voltar a fazer exercício daí a alguns dias.

Pouco depois, Calle Seeberg entrou no seu prédio na Fossveien. Subiu as escadas até ao terceiro andar com passos pesados e lentos, e, antes de entrar no apartamento, reparou que a porta estava entreaberta.

Esquecera-se de a fechar ao sair?

Seeberg tentou recordar-se, mas não conseguiu lembrar-se se a tinha ou não fechado. Era algo que fazia sem pensar. Abriu, com cuidado, a porta. No vestíbulo estava tudo normal. Os sapatos estavam no seu lugar habitual.

Mas... não cheirava a qualquer coisa estranha ali dentro?

Sim, cheirava. Ele sentiu um cheiro invulgar, uma comichão no nariz. Algo a que reagia, a que era alérgico. Como se alguém tivesse levado um cão para dentro do seu apartamento.

Deu um passo hesitante em frente.

– Está aí alguém? – gritou ele, reparando de imediato que sustivera a respiração por alguns segundos.

Continuou a entrar no apartamento. Parou. Pôs-se à escuta. Ouviu uma porta a bater algures. Ouviu, na rua, o ruído grave das rodas de um *skate* a embater no asfalto.

Fez-se silêncio de novo.

Não, não ouviu nada. No entanto, mexeu-se com cuidado dentro do seu próprio apartamento, não se dando ao trabalho de se descalçar. Deu uma vista de olhos ao escritório, onde Liv Tonje costumava pernoitar após quinze anos nas garras da sua mãe. Olhou para dentro do quarto de hóspedes, que na verdade mais parecia um chiqueiro. Não estava ninguém na cozinha. Ninguém no seu quarto. Também não encontrou ninguém na casa de banho, apesar de o cheiro estranho ser mais intenso ali.

Que cheiro era aquele?

Não conseguiu perceber.

Em todo o caso, sentiu que devia tomar um anti-histamínico. Não havia muito mais que pudesse fazer antes de ter uma reação alérgica. Abriu o armário dos medicamentos, pegou em dois comprimidos e engoliu-os depois de encher a boca com água da torneira. A seguir, voltou à entrada do apartamento e trancou a porta. Com estrondo, para que não restassem dúvidas. Sentou-se à mesa da cozinha e acendeu um cigarro. Ele merecia-o, não merecia?



Restavam dois concorrentes além de Iselin. Blix passou o cursor do rato sobre as suas fotografias de perfil. Toralf Schanke e Jonas Sakshaug. Segundo o barómetro de popularidade, Sakshaug era o mais bem posicionado para vencer o concurso. Era chefe de cozinha num restaurante, e conseguira apelar à preferência dos telespectadores ao partilhar em público diversas receitas e pratos de sucesso, incitando-os a preparar os seus próprios pratos. Os melhores talvez saíssem no livro de receitas que ele ia publicar, escrevera ele no perfil.

Blix fechou a página e fez *login* no programa da polícia. Viu que o caso Nordstrøm estava bloqueado, e que só podiam aceder-lhe os que estivessem envolvidos na investigação. Uma prática comum em casos mediáticos.

Pegou no telemóvel. Não respondera à última mensagem de Emma. Ela queria que Blix confirmasse que o cadáver encontrado em Hvaler era o de Jeppe Sørensen. A mensagem fora enviada algumas horas antes e, entretanto, já haviam confirmado oficialmente a identidade do morto.

Perguntou-se se deveria, no entanto, responder-lhe, mas decidiu não o fazer. Ao invés, eliminou todo o registo de mensagens. Depois, fez o mesmo ao registo de chamadas.

Kovic entrou na sala.

– O Stian Josefson está na Dinamarca – anunciou, excitada, acenando com alguns papéis. – Comprou um bilhete no cais, ontem à tarde, e apanhou o *ferry* da DFDS Seaways para Copenhaga às 16h30. Usou várias vezes o cartão de crédito num dos bares do navio durante toda a noite de ontem. Tentei telefonar-lhe, mas tem o telemóvel desligado.

Blix pensou em voz alta:

– Se ele estava a bordo do *ferry* ontem à noite...

– Não tinha como estar em Hvaler ao mesmo tempo, nem como pôr o Jeppe Sørensen no barco da Sonja Nordstrøm.

Blix tamborilou com os dedos na secretária.

– O carro dele passou a fronteira entre a Suécia e a Noruega a 30 de setembro, depois de ele ter ido à Dinamarca. Às 20h21, passou também pela Sandstuveien, onde está instalada a portagem mais próxima da casa da Nordstrøm para quem vem da fronteira. Ou seja, hora e meia antes de ela ter enviado a última SMS daquela noite.

Blix praguejou para consigo. A pista que parecia tão prometedora apenas uma hora atrás parecia agora levar a um beco sem saída.

– Há mais alguma coisa a retirar das portagens? – perguntou. – Temos os números todos?

– Ainda estamos à espera dos dados de Østfold – respondeu Kovic. – Comparámos os carros que passaram pelas portagens na Kongsveien e na Sandstuveien com os registos criminais e as pessoas que pertencem ao círculo de conhecidos da Nordstrøm, mas há muitos carros de serviço e em *leasing*. Demora algum tempo.

– E os vídeos que o Wibe ficou de ver?

– Está a ver algumas imagens de vigilância da área em volta do rio Akerselva – explicou ela. – Na esquina ao fundo da Markveien há um café com câmaras apontadas para a ponte de Eventyr. Com sorte ainda encontra um homem com um capuz a descer junto à ponte, no sítio onde estava o Geia.

– OK – aquiesceu Blix sem de facto acreditar que aquilo levasse a algum lado. – Obrigado por tudo. Eu informo a Dinamarca.

Blix procurou o número de Lone Cramer, da polícia dinamarquesa.

– O último homem a ver a Sonja Nordstrøm viva está na Dinamarca – disse-lhe quando ela atendeu. E resumiu-lhe rapidamente os acontecimentos. – Precisamos da vossa ajuda para o encontrar.

– Enviem-nos o que têm sobre ele – pediu a colega dinamarquesa. – Emito já um alerta de procura prioritária.

Blix agradeceu-lhe.

– E o que fazemos se o encontrarmos?

– Avisem-me de imediato – disse Blix. – E eu apanho o primeiro voo para aí.



Emma costumava levantar-se às 5h45 para fazer exercício antes de começar a trabalhar, mas com Martine em sua casa tinha de esperar uma hora até poder levantar-se. Mesmo acordando à hora habitual, Emma concedia a si própria o raro prazer de continuar deitada e contemplar a sobrinha a dormir. Havia poucas coisas no mundo mais tranquilizantes e libertadoras do que o rosto de uma criança a sonhar.

Pouco depois das sete horas, começou a subtrair a Martine o ursinho de peluche a que esta se agarrara a noite toda. Aos poucos, a menina largou-o e entreabriu os olhos.

– Bom dia, meu tesouro – disse-lhe Emma.

Martine resmungou sob o edredão e expirou lentamente pelo nariz.

– Dormiste bem?

– Hum – respondeu-lhe Martine, bocejando.

– Tenho de te fazer uma pergunta importante.

Martine pestanejou algumas vezes. Ergueu o corpo apoiada no cotovelo.

– O que queres para o pequeno-almoço? Um *smoothie* ou fatias secas de pão velho?

A menina franziu o sobrolho com desagrado.

– Um *smoothie*. Com mirtilos.

Emma sorriu e acariciou-lhe o rosto afogueado pela noite de sono.

– Muito bem, com mirtilos. Agora despacha-te, mete-te na casa de banho, lava-te e arranja-te enquanto trato disso.

– OK.

Martine atirou o edredão para o lado e saltou para fora da cama. De repente, pareceu tão desperta quanto estivera a meio da tarde

da véspera. Emma viu a sobrinha correr até à casa de banho enquanto cantava uma canção da Disney que tinham ouvido na televisão na noite anterior.

Emma levantou-se, e preparava-se para fazer a cama quando um cabelo na almofada de Martine a fez estacar. Era um cabelo de comprimento médio, castanho, e não havia dúvida de que era da sua sobrinha. Emma afastou mais o edredão, pondo à vista o resto da almofada. Vários cabelos, todos eles da mesma cor, tinham-se acumulado no lençol, ao lado da almofada. Emma pegou de imediato na almofada e viu também aí alguns cabelos. Martine dormira tranquilamente toda a noite...

Não, disse Emma para consigo. Não pode ser...

Afastou por completo o edredão, mas não encontrou mais tufo de cabelo. Por favor, continuou a dizer Emma para si. Não...

Martine regressou ao quarto.

– Não ias fazer o *smoothie*? – perguntou ela em jeito acusatório.

Emma não respondeu de imediato. Depois, disse:

– Sim, claro...

Olhou para a filha da sua irmã, para o seu cabelo, para o couro cabeludo parcialmente arranhado. Será que já tinha acontecido antes? Irene sabia daquilo? Sabiam alguma coisa no infantário?

Emma permaneceu sentada na borda da cama, ao passo que Martine se sentou no chão para se vestir.

– Vem aqui um bocadinho – pediu Emma com uma voz carinhosa.

– Que se passa?

– Vem... chega aqui só um bocadinho.

Martine levantou-se. Aproximou-se de Emma e sentou-se ao seu lado. Emma acariciou-lhe o pescoço e, sem se fazer notar, observou o couro cabeludo da sobrinha. Tinha algumas manchas claras.

Merda.

Merda, merda, merda.

– Que estás a fazer? – perguntou Martine.

Emma puxou-a para junto dela.

– Ainda não me deste um abraço de bons-dias – disse, dando-lhe um beijo na cabeça. – As tias precisam de abraços de bons-dias, sabias?

- E as crianças precisam de *smoothies*.
- Emma pestanejou algumas vezes.
- Lá isso precisam. Com mirtilos.

*

Depois de terem tomado o pequeno-almoço e preparado a lancheira do almoço, Emma levou a sobrinha de bicicleta ao infantário. Estava um belo dia de outono; o ar fresco, o céu azul.

Já no infantário, e depois de Martine ter desejado um bom dia aos educadores, Emma viu a sobrinha brincar com as outras crianças. Despreocupada. Como se não soubesse nada acerca do seu cabelo.

Talvez não arrancasse o cabelo, pensou Emma, enquanto ponderava mencionar, ou não, o assunto. Ou perguntar.

Na rua, depois de Martine lhe dar um abraço apertadinho, Emma tentou pensar noutra coisa. A polícia tinha agendado uma conferência de imprensa para as dez, e decidiu passar primeiro pelo Kalle Liker Alle para ler o que os outros meios de comunicação social haviam noticiado sobre o desaparecimento de Nordstrøm e a morte de Jeppe Sørensen.

Pareciam não ter surgido novidades durante a noite. Todos os canais noticiosos haviam publicado peças novas sem, contudo, transmitir informação nova.

Às dez menos um quarto, Emma estacionou a bicicleta diante da esquadra. Nunca se sentira uma verdadeira jornalista, ou uma jornalista «normal», já que só escrevia acerca de celebridades, de maneira que ser a jornalista de referência no desaparecimento de Nordstrøm lhe dera um avanço inesperado. Reparou que alguns dos outros jornalistas a haviam seguido com o olhar quando entrara na sala de imprensa. Não cumprimentou ninguém, mas notou que Henrik Wollan lhe lançava olhares de ódio.

A comunicação social estava presente em massa. Emma estimou que estariam pelo menos cem pessoas na sala. Fotógrafos e *cameramen*, tanto para a televisão quanto para os jornais, e repórteres de rádio. Um homem com um capuz preto embateu nela e murmurou-lhe um rápido pedido de desculpa. Ela viu jornalistas

que conhecia apenas de nome e cara, mas que respeitava e de quem gostava. Viu Nora Klemetsen, do *Aftenposten*. Petter Stanghelle, do VG. Line Wisting, cujo *podcast* Emma ouvia muitas vezes quando andava de bicicleta.

Estavam lá todos.

Incluindo Kasper Bjerringbo.

Emma viu-o no meio da multidão: estava a conversar apaixonadamente com outro jornalista. Viu-a a meio de uma frase. Calou-se e sorriu. Emma susteve a respiração e sentiu uma pontada no peito. Devolveu-lhe o sorriso com um rubor nas faces.

Tinham decorrido quatro meses desde o seminário em Gotemburgo. Nessa altura, quando regressava a casa, e depois de, no hotel, se ter esgueirado do quarto dele pouco passava das cinco da manhã, Kasper perguntara-lhe porque é que não quisera dormir ao seu lado, mas ela não encontrara uma resposta para lhe dar. Tal como era seu hábito sempre que os homens lho perguntavam.

Kasper ajustava-se na perfeição àquele meio. Escutou com desinteresse o que o colega tinha a dizer antes de pedir licença e começar a abrir caminho por entre a multidão. Emma sentiu o coração bater mais depressa e com mais força dentro do peito.

Kasper era pouco mais alto do que ela. O seu cabelo curto e encaracolado quase não se mexia quando caminhava. Usava óculos redondos, o que o fazia parecer inteligente. Há quatro meses, não usava barba, que rapava por completo, parecendo ter quase o rosto de um rapazinho, mas agora usava uma barba de algumas semanas que lhe assentava muito bem. Meu Deus, como lhe ficava bem!

Parou diante dela sem deixar de sorrir. Kasper tinha algo de magnético – ela não saberia como o expressar de outro modo. E, quando deu um passo na sua direção e abriu os braços, ela deixou-se ir: deixou-se afundar de novo nos seus braços, tal qual sucedera na pista de dança naquela noite em Gotemburgo. Desta vez não houve um abraço prolongado, apenas uma curta saudação.

– É tão bom ver-te de novo – saudou-a ele. – Mesmo que as circunstâncias não sejam as melhores.

– Olá, Kasper – disse Emma. – Chegaste hoje?

Ele abanou a cabeça.

– Já estou há alguns dias na Noruega – respondeu. – A minha tia vai mudar-se de volta para a Dinamarca. Estou a ajudá-la. A minha família é pequena.

– Então ontem estavas na Noruega quando falei contigo ao telefone?

Ele riu-se com um certo nervosismo. A vozearia dos outros jornalistas rodeava-os.

– O camião das mudanças está a ir hoje – disse ele, em vez de lhe responder. – Por isso, a partir deste mês tenho um grande apartamento vazio em Slemndal só para mim.

Falou como se lhe fizesse um convite.

– Mas não está completamente vazio – acrescentou. – Ainda lá estão algumas coisas que vou levar para a Dinamarca. Uma cama larga, entre outras coisas.

Emma não fez comentários. A pausa embaraçosa que surgiu entre eles foi interrompida quando se abriu uma porta lateral junto ao estrado. Gard Fosse entrou na sala acompanhado por uma mulher que Emma sabia ser Pia Nøkleby, procuradora da polícia. Fosse era duas cabeças mais alto do que ela e, lado a lado, e dada a seriedade do momento, ficavam ligeiramente cómicos.

– Falamos depois, espero eu? – disse-lhe Kasper, indicando-lhe que deveria regressar para junto do seu fotógrafo.

Emma aquiesceu, mas sentiu que o seu olhar não expressava o quanto desejava falar, de facto, com Kasper.

– Estás com bom aspeto, Emma Ramm.

Enquanto falava, começou a caminhar sem lhe voltar costas. Sorriu-lhe.

– Tu também – disse ela, sentindo-se corar.

Fez-se silêncio na sala, e a procuradora baixou um pouco o microfone. O ruído causado pelo seu movimento silenciou os jornalistas que ainda falavam entre si. A conversa com Kasper fizera-a perder demasiado tempo, e não encontrou um assento livre. Emma ficou, portanto, de pé junto a uma parede lateral.

– Bom dia. Obrigada por terem vindo.

Pia Nøkleby pigarreou. Nøkleby era uma mulher com quarenta e poucos anos, e tinha cabelo castanho e curto. Um pouco

maquilhada de mais, reparou Emma. Usava um batom vermelho-brilhante.

– Todos vocês sabem porque os convidámos a cá vir esta manhã. O facto de termos encontrado um cadáver perto da casa de campo da Sonja Nordstrøm ontem à tarde levou, como é óbvio, o seu desaparecimento para outro nível, e quero apenas assegurar a todos os presentes, e ao público em casa, que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance para a encontrar, e também para resolver este caso. Passo a palavra ao chefe do departamento, Gard Fosse.

Fosse endireitou-se um pouco na cadeira e pareceu regozijar-se por ter todos os olhos postos nele durante um momento. Aproximou-se do microfone e disse:

– Podemos confirmar que a Sonja Nordstrøm está agora oficialmente desaparecida e que suspeitamos que poderá ter sido vítima de um crime. Não posso entrar em pormenores sobre os motivos que nos levam a acreditar nisto, mas o que encontrámos no domicílio e na casa de campo da Nordstrøm leva-nos a pedir a ajuda da população.

Tossicou para a palma da mão antes de prosseguir.

– Para ser mais específico, estamos interessados em obter informações sobre todos os avistamentos possíveis, em especial de quaisquer veículos vistos nas imediações da casa da Nordstrøm no domingo à noite. Procuramos também observações semelhantes em Hvaler, onde a Nordstrøm tem a sua casa de campo, na noite seguinte.

Um telemóvel começou a tocar. Era uma canção de música popular, uma melodia que Emma ouvira bastante na rádio. O telemóvel não parava de tocar, e os presentes na sala começaram a olhar em redor em busca do dono do aparelho, mas o ruído não cessou. Fosse olhou, irritado, para a sala, e não retomou a sua declaração. Emma viu alguém curvar-se e apanhar um telemóvel, que aparentemente estava no chão. O sujeito premiu uma tecla. A melodia cessou.

– Obrigado – disse Fosse. – Façam o favor de desligar o som dos vossos telemóveis enquanto falamos, para assim evitarmos várias

interrupções.

A pessoa que pegara no telemóvel ergueu-o no ar em busca do seu respetivo dono, mas ninguém se acusou. Então, encolheu os ombros e pousou o telemóvel no chão.

– É natural que se questionam se havia alguma ligação entre a Sonja Nordstrøm e o Jeppe Sørensen – continuou Fosse numa voz renovada, possante. – É uma das questões que tentaremos esclarecer nas próximas horas e nos próximos dias. Estamos também a cooperar com a polícia dinamarquesa, e enviámos um detetive para Copenhaga.

Emma tomou notas. O facto de um detetive norueguês ter ido para a Dinamarca era a única novidade até então transmitida durante a conferência de imprensa. Talvez tivessem enviado Blix, pensou, já que ele não estava presente. Sofia Kovic, a outra detetive que Emma conhecera em casa de Nordstrøm, estava a assistir à conferência de imprensa ao lado do estrado.

Gard Fosse continuou a falar sobre a importância de a polícia ter a tranquilidade necessária para investigar o caso com minúcia, tanto em termos técnicos quanto táticos, e, tal como Nøkleby, garantiu-lhes que estavam a utilizar todos os recursos disponíveis para solucionar o problema.

Depois, deram início ao período de perguntas dos jornalistas, e Petter Stanghelle, do VG, foi o primeiro a falar. Fez uma pergunta que Fosse não quis comentar. Emma queria perguntar imensas coisas, mas sentiu que só obteria boas respostas se inquirisse Blix.



Copenhaga fora a sua cidade, a cidade que partilhara com Merete. Era aí que se deslocavam sempre que queriam passar alguns momentos a sós, e foram diversas vezes à capital dinamarquesa, inclusive depois de Iselin nascer; tinham ido algumas vezes de carro, mas habitualmente viajavam de avião. Copenhaga fora para eles um segundo lar, a única cidade, além de Oslo, onde ambos se sentiam verdadeiramente em casa. Eram tomados em simultâneo pela mesma sensação quando chegavam à Vesterbrogade, passavam por cafés e casas comerciais, e caminhavam pela Værnedamsvej – a rua curta e estreita com restaurantes e lojinhas fascinantes. Blix não ia a Copenhaga desde que se separara de Merete, mas agora, antes de o avião aterrar e estacionar na sua respetiva manga no aeroporto de Kastrup, sentiu imensas saudades dessa época, dessa vida. Da companhia da mulher. Da sensação de pertencer a alguém. De uma família. De um futuro.

Tentou afastar estes pensamentos. Tinha um trabalho a fazer, e, assim que saiu do átrio das chegadas, chamou um táxi que o conduziu à sede da polícia dinamarquesa no centro da cidade.

Não fora difícil encontrar Stian Josefson, porque este usara o cartão de crédito na Strøget, em Copenhaga, às 22h38 da noite passada, perto de um dos muitos bares da capital, e, tendo em sua posse uma descrição de Josefson, dois dos agentes ao serviço de Lone Cramer tinham conseguido levá-lo para a esquadra. Tendo em conta o estado em que Josefson se encontrava e a resistência que oferecera quando os agentes lhe solicitaram, com respeito e em termos amistosos, que os acompanhasse, foram obrigados a deixá-lo pernoitar numa cela de detenção, onde ainda se encontrava a

dormir quando Lone Cramer acompanhou Blix até ao interior da esquadra.

– Devia levá-lo consigo de volta para a Noruega – disse Cramer. – Isto apesar de ele largar algumas coroas nos nossos bares.

– Já vejo o que posso fazer – respondeu Blix.

Entrou na cela e fechou a porta. O ruído levou Josefson a semicerrar os olhos antes de estremecer ao ver Blix. Sentou-se num ápice – um pouco depressa de mais, já que o movimento lhe causou uma carantonha de dor, levando de imediato as mãos às têmporas. Blix tentou abstrair-se do cheiro a fezes, urina e suor.

– Bom dia – afirmou. – Ou melhor... boa tarde.

– Quem é você? – perguntou Josefson. – Que caralho está aqui a fazer?

Olhou em seu redor, como se não soubesse ao certo onde estava.

– Está numa esquadra em Copenhaga – esclareceu Blix. – Chamo-me Alexander Blix, e estou aqui porque a Sonja Nordstrøm está desaparecida, e porque suspeitamos que foi vítima de um crime.

Josefson endireitou-se. Depressa adquiriu uma expressão mais alerta.

– Que aconteceu? – perguntou numa voz rouca.

– É o que estamos a tentar descobrir. Precisa de lavar a cara?

Blix fitou o bêbado à sua frente. Barba de três dias. Camisa branca amarrotada com uma mancha amarelo-mostarda no meio do peito. Calças de ganga com o que parecia ser um rasgão recente num dos joelhos. Um pouco de sangue seco em volta da boca.

– Sim... talvez seja boa ideia.

Blix fez-lhe gestos indicando-lhe que usasse o lavatório à vontade. Josefson levantou-se a custo e cambaleou até ao lavatório, abrindo a torneira. Despiu-se o mais discretamente possível e pôs as mãos sob o jato de água da torneira. Molhou o rosto e massajou as pálpebras antes de fechar a torneira e de se secar com uma toalha de papel que estava pousada ao lado do lavatório.

– Melhor? – perguntou Blix.

– Um bocadinho – disse Josefson.

Blix sacou de um gravador digital e deu a conhecer a Josefson as formalidades inerentes às declarações prestadas à polícia.

– Está disposto a esclarecer a polícia?

– Não tenho nada a esconder – declarou Josefson com o olhar fixo no seu inquiridor.

– É verdade que estive em casa da Sonja Nordstrøm no domingo à noite? – começou Blix.

– Sim, eu... estive lá. Fui levar-lhe um exemplar do nosso livro. O livro esteve envolvido em tamanho secretismo que nem eu nem a Sonja recebemos um exemplar antes da véspera do dia de lançamento ao público.

– A que horas estive em casa dela?

Josefson refletiu.

– Às oito, acho eu. Deve ter sido por aí que cheguei lá.

– Quanto tempo lá passou?

Ele olhou para a esquerda.

– Duas horas, talvez.

– Isso não é muito tempo só para entregar um livro?

Josefson viu-se sob o olhar penetrante de Blix. Demorou bastante tempo a, por fim, baixar a cabeça e dizer:

– A Sonja e eu... somos mais do que apenas *partners-in-crime*.

– São amantes, portanto.

– Sim.

Josefson aguardou um pouco antes de dizer:

– Mas o mais correto é dizermos que *fomos* amantes. Ela disse-me que não me queria voltar a ver nesse contexto – afirmou Josefson com um laivo de amargura na voz, e talvez também um pouco de tristeza; Blix não tinha a certeza. – Começámos a sentir-nos atraídos um pelo outro quando estávamos a escrever o livro. Passámos juntos alguns dias de trabalho longos e intensos. Uma coisa levou à outra... e...

Desviou o olhar por um segundo.

– Mas ela disse que já não quer ter nada que ver comigo, por isso...

– Porque é que ela quis terminar a vossa relação?

– Ora aí está uma boa questão – disse Josefson. – Isso também eu gostava de saber. Mas ela disse apenas que ambos tínhamos obtido o que queríamos da nossa cooperação, e pediu-me para me ir embora.

– Foi isso que ela disse?

– Mais ou menos isso, sim. Pelo menos, foi o que quis dizer.

Blix refletiu um pouco antes de fazer a próxima pergunta.

– Os técnicos forenses encontraram... vestígios de sexo na cama dela. Vocês fizeram sexo naquela noite?

Josefson esperou um momento antes de anuir com um aceno de cabeça.

– Foi aquilo a que em bom norueguês chamamos uma «foda de despedida» – disse, num tom amargo.

– Ela já lhe tinha dito que queria acabar tudo, ou disse-lho depois?

– Depois – esclareceu. – Ao início, comportou-se de forma normal, mas depois foi como se lhe desligassem um interruptor, e tornou-se fria e distante. De um momento para o outro, de repente. Enquanto ainda estávamos deitados na cama. Foi... brutal.

– Ficou furioso com ela?

Josefson fitou Blix.

– Confesso que sim, fiquei.

– Furioso a ponto de...

Josefson interrompeu-o com um gesto brusco.

– Sei bem onde quer chegar, e porque está aqui – declarou. – Mas, por mais furioso que tenha ficado, jamais lhe tocaria num cabelo que fosse. Eu idolatrava a Sonja Nordstrøm. Os últimos nove meses foram os melhores da minha vida.

Blix reparou que Josefson olhou para baixo para a sua aliança.

– Não quis voltar para casa e estar com a Kristine como se nada tivesse acontecido. Simplesmente não consegui.

– E então apanhou uma bebedeira. Desapareceu, apanhou o *ferry* para a Dinamarca.

Josefson anuiu. Blix levou-o a confirmar as horas de partida e chegada e da compra do bilhete. Até ver, o homem diante dele era o único ponto em comum entre Sonja Nordstrøm e Jeppe Sørensen, mas a viagem de barco dava-lhe um álibi sólido, pois não poderia ter

sido ele quem deixara o cadáver de Jeppe Sørensen no barco de Sonja Nordstrøm.

– Onde deixou o seu carro? – perguntou Blix.

– O meu carro?

– Tem um Volkswagen Tiguan preto, certo?

Josefson tossicou.

– Está no cais de Hjortne.

Blix tomou nota da localização.

– Já estive várias vezes em Copenhaga, não é verdade? – continuou Blix.

– Sim, eu... gosto disto aqui.

– Compreendo-o bem. E não entrevistou o Jeppe Sørensen há algum tempo?

O nome do dinamarquês fez com que Stian Josefson franzisse o sobrolho, mas parecia não estar a par da morte do futebolista.

– Sim, e então?

– Como falou imenso com a Sonja Nordstrøm nos últimos nove meses, por acaso não sabe se ela tinha algo que ver com o Jeppe Sørensen?

Ele meneou a cabeça.

– Tem a certeza?

– Pelo menos nunca falámos dele. Ela não se interessava nada por futebol. Porque é que me está a perguntar isso?

Blix contou-lhe tudo o que já se sabia por meio da comunicação social.

– Nunca ouvi coisa mais esquisita – comentou Josefson, que adquirira uma expressão pensativa.

Blix prosseguiu:

– O vosso livro retrata de modo pouco lisonjeiro muitas pessoas. Sabe se alguém teria motivos para fazer mal à Nordstrøm?

– Para a matar, quer você dizer?

Blix não disse nada, antes esperando pela resposta de Josefson.

– Não – declarou, por fim, o jornalista. – Não me ocorre ninguém.



As fibras da corda tinham-se há muito cravado na pele dos pulsos, e ela sentiu-se sangrar.

Estava deitada de lado e tentou libertar-se – pelo menos, tanto quanto as mãos presas atrás das costas lho possibilitavam. Pouco dormira. Por fim, o corpo apenas se rendera à exaustão.

Há quanto tempo estava ali?

Não sabia. Ao início, tentara registrar a passagem das horas, embora não tivesse relógio, mas não se conseguira concentrar, pois o receio do que ele lhe pudesse fazer mantinha-a paralisada e apática, impossibilitando-lhe qualquer pensamento mais elaborado. Agora, tentava apenas respirar o mais regular e calmamente possível, inspirando e expirando pelo nariz, enquanto esperava. E esperava. E esperava.

Que esperava ela, na verdade?

Quanto tempo teria de passar ali?

Que planeava ele fazer-lhe?

Fazia-se essas perguntas vezes sem conta. Não a agredira fisicamente. A única coisa que lhe exigira fora que se levantasse. Que se deitasse. Que abrisse a boca. Que pusesse as mãos atrás das costas. Que ficasse quieta. Que não lutasse. «*Porque isso não vai servir de nada.*»

Não se lembrava da última vez que tinha chorado. Nunca o fizera em público, e raras vezes a sós – nem mesmo quando assistia a filmes que habitualmente levavam os espectadores às lágrimas. Contudo, nos últimos dias não parara de chorar sem que, todavia, as lágrimas fossem ativadas por qualquer pensamento em específico. Era por isso que a almofada do sofá em que estava deitada se encontrava molhada.

Admirava-se por não sentir dor sempre que se tentava libertar. Não nas mãos, em todo o caso. O cérebro talvez já não registasse a dor. O frio que se sentia na cabana de madeira talvez tivesse adormecido todos os sentidos. Posto todos os impulsos em pausa.

Perguntara-se se tinha feito algo de mal a alguém. Não era segredo que nunca fora a melhor filha do mundo – os jornais não paravam de escrever sobre isso –, mas nunca atormentara ninguém.

Pensou no seu cobertor. Aquele com que costumava cobrir-se quando se deitava no sofá da sua casa. Pensar que viria a sentir tantas saudades de algo tão banal quanto um cobertor! Gostaria de se enrolar confortavelmente nele. Cheirar o tecido e beber uma chávena de chá enquanto via televisão. Fosse o que fosse, não interessava qual o programa.

Não se lembrava de como fora ali parar; recordava apenas o ataque. Ele usava luvas pretas. Capuz na cabeça. Um aparelho elétrico na mão. Encostara-lhe o aparelho ao pescoço. A última coisa que vira haviam sido as faíscas azuis refletidas na pintura do carro ao seu lado.

Quando acordou, estava já na cabana de madeira. Ele estava diante dela e observara como se tentava debater e compreender o que se passava. Como se tentou libertar febrilmente, apenas para acabar por aceitar que as cordas estavam demasiado apertadas.

Um barulho fê-la erguer a cabeça. Era um veículo? Esperou que alguém aparecesse, alguém que a pudesse salvar daquele pesadelo. Sentiu-se, pela primeira vez em muito tempo, excitada. Talvez pudesse escapar dali. O seu pesadelo talvez estivesse prestes a terminar.

Ouviu claramente o ruído de um motor que se aproximava cada vez mais. Tentou levantar-se, usando os abdominais que treinara tantas vezes, e conseguiu por fim sentar-se. O esforço físico deixou-a estonteada por alguns segundos. A mordação que tinha na boca dificultava-lhe a respiração, e o corpo não recebia oxigénio suficiente quando se esforçava.

O carro estava agora mais perto. Parou lá fora. Ela ouviu uma porta a abrir-se. Outra porta a abrir-se. Passos no chão. Chaves a

tilintar. Passadas cada vez mais próximas. Não conseguiu perceber se se tratava de apenas uma pessoa ou de várias. O ritmo da sua respiração aumentou novamente.

A porta abriu-se. Foi como se um nó pesado lhe escorregasse a custo pela garganta abaixo até ao estômago. Começou a soluçar, a chorar. Não lhe viu o rosto, mas era ele. Reconheceu as luvas pretas. O capuz. Começou, de imediato, a hiperventilar, e teve de pestanejar várias vezes para conseguir ver alguma coisa por entre as lágrimas.

O vento frio entrou pela porta aberta. Ela sentiu a pele arrepiar-se-lhe sob as roupas leves. Ele entrou na sala. Parou. Levava nas mãos uma coluna de som, que pousou no chão. Observou-a friamente durante alguns segundos. Depois, deu meia-volta e saiu sem fechar a porta. Ouviu os passos afastarem-se e desaparecerem por completo antes de se aproximarem de novo.

Trazia consigo outra coluna de som, que também pousou no chão. Observou-a outra vez antes de desaparecer. Pouco depois, regressou, desta feita com um amplificador e um controlo remoto. Uma extensão elétrica branca. Dois sacos de plástico, um de uma loja de roupa, o outro de uma livraria. Pousou as coisas no chão antes de começar a ligar tudo.

Ela fitou-o com um medo crescente. O homem não demorou mais do que dois minutos a ligar todos os aparelhos. Fechou a porta. Ligou o quadro geral e a extensão. Mexeu nalguns botões antes de tirar um iPod do bolso do casaco e de o ligar com alguns movimentos do polegar. Começou a ouvir-se música, uma canção. A canção tinha algo de familiar, mas ela não sabia o quê. Antes de o vocalista começar a cantar, o homem parou a música e agitou a cabeça com satisfação. Depois, fez-se silêncio.

Ele virou-se e aproximou-se dela com passos curtos e lentos.

– Levanta-te – disse-lhe.

Ela, hesitante, pousou os pés nus no chão gelado. Afinal, ainda sentia dor. Ele postou-se diante dela. Olhou-a bem fundo nos olhos. Tinha olhos azuis. Frios.

Agarrou-lhe nas calças e começou a desabotoá-las.

Não, disse ela para consigo, enquanto tentava soltar-se. Não. Não, por favor...

– Calma – afirmou ele. – Não pensei sequer em violar-te.

A voz serena fê-la parar, enquanto ele continuou a despir-lhe as calças. Ela tentou perguntar-lhe o que queria, mas as suas palavras desapareceram na mordada. Pouco depois, ele tinha-lhe despidido por completo as calças, e ela teve de levantar as pernas para concluir a operação.

Depois, agarrou-lhe as cuecas. Começou a puxá-las lentamente, afastando-as das ancas, fazendo-as deslizar sobre as coxas. Ela afogou um soluço e fechou os olhos, enquanto ele continuou a puxar-lhe as cuecas para baixo. O rosto dele estava a escassos centímetros das suas virilhas. Susteve a respiração, receando vir a sentir os lábios dele, ou a sua língua, mas tal não aconteceu. Ele, ao invés, ergueu-lhe os pés e despiu-lhe por completo as cuecas, pousando-as ao lado das calças.

Os finos pelos nas suas coxas eriçaram-se. Ela esperava, a cada segundo, que ele encostasse um dedo gelado aos seus lábios vaginais, que a puxasse e possuísse. Mas, pelo contrário, ele pegou num saco de plástico, de onde tirou um biquíni.

– Comprei isto para ti – declarou. – Acho que te serve.

Segurou no biquíni para que ela o observasse. Padrão de leopardo. Parecia-se com um biquíni que usara da última vez que tomara banho em Huk.

Arrancou, com os dentes, a etiqueta da loja, curvou-se e enfiou-lhe as cuecas do biquíni pelos pés. Puxou-as lenta e cuidadosamente para cima, fazendo-as passar pelas ancas. O couro e as costuras das luvas tocaram-lhe na pele. As cuecas ficavam-lhe um pouco grandes, mas a peça manteve-se no lugar. Soube-lhe bem não estar completamente nua.

Ele levantou-se e olhou para ela.

– Sexy – disse ele. – Seks Y.

Ela percebeu a referência, mas não o que ele queria. Ele sorriu ao seu próprio comentário. Logo ficou sério novamente.

– Senta-te.

Ela assim fez.

– Um pouco mais afastada – afirmou, acenando-lhe com a cabeça para o canto e para a televisão, que ainda não fora ligada desde que ela ali estava. – Perfeito – concluiu, quando ela cumpriu as suas ordens. – Obrigado.

Ele tinha o sutiã do biquíni na mão.

– Acho que vou esperar e vestir-te isto depois.

Depois?, interrogou-se ela. Depois do quê?

– Se te desamarrar os braços, vais tentar soltar-te. E eu não quero bater-te.

Colocou o sutiã no sofá, ao lado dela. Pegou no outro saco e tirou um livro. Pousou-o e abeirou-se dela com o saco vazio. Aproximou-se tanto que ela sentiu na pele a respiração húmida da sua boca. O odor do seu hálito: azedo, enjoativo.

Pôs as mãos atrás da cabeça dela e retirou-lhe a mordação. Ela pôde voltar a respirar de boca aberta, fazendo-o com um suspiro. Tinha os lábios secos. E a garganta também.

– Arrependes-te? – perguntou ele.

Ela fitou-o. Tentou perguntar-lhe o que queria dizer, mas não o conseguiu à primeira tentativa.

– Se me arrependo? – conseguiu, por fim, dizer.

– Do teu comportamento.

Ela não fazia ideia do que ele queria dizer.

– Não fiz nada de especial.

Não era a resposta que ele esperava. Entreolharam-se, olhos nos olhos. Foi ela quem, por fim, baixou o olhar e tentou encontrar algo que dizer, mas todos os pedidos que tinha formulado mentalmente enquanto esperava, todas as estratégias que havia delineado se desvaneceram.

– Ah, agora vais ficar ainda mais famosa – disse ele. – Uma verdadeira lenda.

Ela fitou-o com os olhos arregalados. Não sabia a que é que ele se referia. Não antes de ele lhe pôr o saco em volta da cabeça. E impedir, assim, a passagem de todo o ar.



Blix não gostava de viajar de avião, não porque tivesse medo, mas porque ficava incontactável. Numa investigação em curso, o isolamento a bordo de um avião era ainda pior do que normalmente.

Cinquenta e quatro minutos depois de descolarem do aeroporto de Kastrup, o comandante aterrou o avião no aeroporto de Gardermoen, em Oslo, e desligou os motores. O 737 estava ainda a travar quando Blix desativou o modo de voo do telemóvel. Poucos segundos depois, as mensagens começaram a entrar.

A primeira foi um alerta emitido pela Central de Operações da polícia. *Cadáver do sexo feminino encontrado em casa de férias em Nordmarka*. A mensagem seguinte, enviada por Kovic, continha mais ou menos os mesmos termos.

Blix ligou-lhe.

– Acabei de aterrar – explicou. – É a Nordstrøm?

A pergunta foi feita num sussurro, para que o passageiro ao seu lado não percebesse o nome.

– Não sabemos – respondeu Kovic. – Estamos a ir para lá.

– Que mais tens para me contar?

– Fomos avisados por dois homens que andavam a apanhar cogumelos. A porta da casa estava aberta, e lá dentro estava música a tocar em altos berros.

– Música?

– A mesma canção em modo de repetição. Num volume ensurdecedor.

O avião parou por completo, e o sinal de cinto de segurança desligou-se. Blix desapertou o cinto.

– OK – declarou. – Vou já para aí.

As luzes azuis ainda piscavam sobre os ramos das árvores quando, pouco mais de uma hora depois, Blix estacionou o carro atrás de um dos quatro carros-patrulha. Também estavam ali duas ambulâncias. A fita vermelha e branca rodeava por completo a casa de madeira onde tinham encontrado o cadáver, e o seu principal intuito era manter a comunicação social afastada. Embora Nordmarka fosse uma zona pouco habitada, onde não abundavam os curiosos ou os metedidos de ocasião, havia, ainda assim, agentes da polícia estrategicamente posicionados na área em volta da cabana.

Blix mostrou a identificação a um deles e passou por baixo da faixa. Cheirava a outono. Árvores húmidas, turfa molhada. Já se estava a meio da tarde, e o azul do céu perdera o brilho.

Wibe veio ter com ele.

– Não é a Nordstrøm – informou-o.

Blix franziu o sobrolho.

– Então quem é?

Pensou de imediato na pequena pilha de desaparecimentos que tinham investigado nos últimos meses. Wibe abriu a boca como se para lhe responder, mas logo a fechou.

– É melhor entrares e veres por ti próprio.

Blix parou à entrada. Olhou para a porta. A moldura em redor da fechadura estava escaqueirada.

– Encontraram um pé-de-cabra ou coisa parecida aqui perto? – perguntou, subindo os degraus.

– Acho que não – respondeu, atrás dele, Wibe.

Blix pegou num par de sacos de plástico para proteção do calçado que estavam numa caixa junto ao corrimão e calçou-os sobre os sapatos antes de entrar na casa. Teve de se encolher para passar pelas grandes colunas de som no corredor, mas conseguiu não lhes tocar. Acenou com a cabeça a Kovic e avançou. Pigarreou, e Ann-Mari Sara, que estava debruçada sobre o cadáver, levantou-se e deu um passo ao lado.

No sofá estava sentada uma mulher morta.

Tinha um saco de plástico enfiado na cabeça. Preso em volta do pescoço com fita adesiva. Havia feito um rasgão no saco branco,

de modo que eram visíveis partes do rosto.

Era uma mulher muito mais nova do que Sonja Nordstrøm. O cabelo loiro que saía por baixo do saco estava emaranhado. Baço. E tinha apenas um biquíni vestido. Porém, o que fez Blix engolir em seco e dar mais um passo em frente foi o livro que a mulher morta tinha no regaço.

Para sempre Número Um.

As perguntas acumularam-se-lhe na cabeça.

– Quem é? – foi a primeira coisa que lhe saiu.

– Jessica Flatebø – respondeu Kovic.

Durante alguns segundos, Blix fitou a colega em silêncio.

– A celebridade dos *reality-shows* – observou ele por fim, mais para consigo do que para outrem. Não pôde deixar de pensar momentaneamente em Iselin.

– É fácil de reconhecer – disse Kovic. – Tem o braço muito tatuado.

Blix olhou para o braço. Uma águia ou um falcão.

– Há quanto tempo está aqui sentada?

– Não sei dizer ao certo – admitiu Sara. – Mas não pode ser há muitas horas. Só agora começou a entrar em *rigor mortis*.

– Mas estava desaparecida há seis dias – acrescentou Kovic.

Jessica Flatebø, pensou Blix. Que fora tão falada nos meios de comunicação, e durante tanto tempo, que muitas pessoas especulavam se não seria esse o motivo para ter desaparecido. Por pura e simplesmente não ter aguentado mais. Tendo sido enxovalhada até se suicidar.

– Mas o livro saiu anteontem – fez notar Blix, apontando para o exemplar no colo de Flatebø. – Se esteve aqui todos os seis dias, passou algum tempo sozinha. Porque o criminoso teve de ir comprar o livro a algum sítio.

– Mas ele só a assassinou há algumas horas, e pôs a música a tocar no máximo depois disso.

Wibe também havia entrado na cabana.

– Isto é *mesmo*...

– Temos algumas pistas? – perguntou Blix a Sara.

– Dois conjuntos de pegadas – respondeu ela. – Tamanhos 38 e 43.

– Homem e mulher – explicou Kovic.

– E qual a causa de morte?

– Não há sinais de violência, e tendo em conta o saco que tem na cabeça...

– Asfixia – concluiu Kovic.

– Mesmo estando o saco rasgado?

Wibe mostrou-se cético.

– Dificilmente terá sido ela a matar-se – esclareceu Sara. – Ninguém consegue asfixiar-se antes de se sentar para ler um livro.

– É isso que ela está a fazer? – perguntou Kovic. – Parece-me que está a ver televisão.

Blix abanou a cabeça e analisou o olhar da rapariga morta. Kovic estava certa, o seu olhar estava apontado à televisão.

Blix olhou então para os seios artificialmente grandes sustidos por uma peça de biquíni demasiado pequena. Em todas as fotos que vira dela, Jessica Flatebø aparecia sempre com pouca roupa. Focavam-se invariavelmente na sua pele e na facilidade com que se deixava retratar com o mínimo de roupa, e também na disposição com que aparecia sem ela diante das câmaras de televisão. Isso assegurara-lhe, para o bem e para o mal, uma carreira. *Flausina* era apenas uma das suas alcunhas.

Kovic pôs-se um pouco atrás de Blix enquanto folheava as suas anotações.

– Quando desapareceu, vestia calças de ganga, casaco de ganga e um *top* branco – disse ela. – E ténis vermelhos.

Kovic olhou em volta, como se esperasse ver as peças de roupa e o calçado no chão ou noutro sítio qualquer da cabana.

– Não encontrámos nada disso – clarificou Sara.

– Temos de rever tudo o que ela fez no dia em que desapareceu – concluiu Wibe. – De falar com toda a gente com quem esteve em contacto.

– Que mais sabemos acerca dela? – perguntou Blix.

Kovic folheou de novo as suas notas.

– Tem vinte e um anos – relatou. – Natural de Vestfossen. Morava em Bøler. Apareceu na última edição da *Paradise Hotel*.

– Tinha emprego?

Blix deu alguns passos ao lado, agachou-se e observou o cadáver de outro ângulo.

– Acho que não – respondeu, atrás dele, Kovic. – Ou melhor... tinha um blogue que atualizava com frequência, chamado SeksY. Parou de o atualizar de repente, na semana passada. Não publicou nenhuma mensagem de despedida. Tinha um pouco mais de cento e dezassete mil seguidores no Instagram. Ganha-se dinheiro assim, segundo ouvi dizer. Com publicidade, ou coisa parecida.

Blix levantou-se de novo e olhou em redor, analisando a divisão. Encontravam-se numa pequena casa de madeira parcamente mobilada. Tinha uma mesa de jantar e duas cadeiras, além do sofá onde Jessica Flatebø estava sentada. As almofadas tinham sido roídas pelos ratos. Nas paredes estavam pendurados dois quadros com paisagens muito simples e um mapa amarelecido de Nordmarka. Havia uma variedade de objetos pequenos e bricabraque nos peitoris poeirentos das janelas, que estavam cheios de insetos mortos. A cozinha consistia somente em alguns armários, uma bancada e uma placa de fogão. Um pequeno frigorífico.

– De quem é a casa? – perguntou ele.

– Os donos originais morreram há três anos com apenas algumas semanas de diferença – contou Kovic. – Não usaram a casa nos últimos anos de vida. Nenhum dos filhos do casal – tiveram dois – mora nesta região, mas deixaram o aquecimento um pouco ligado, para que os canos não gelassem no inverno.

Wibe aproximara-se da aparelhagem de som no corredor. Calçou um par de luvas.

– É um iPod antigo – disse, ao pegar no aparelho.

– Não mexas nisso! – exclamou Ann-Mari Sara.

Nesse momento, uma canção de música popular começou a tocar nas colunas. Blix estremeceu.

– Desliguem isso! – gritou ele.

Wibe mexeu atabalhoadamente no iPod, mas acabou por desligar o cabo. Fez-se silêncio. Kovic ficou boquiaberta.

– Idiota de merda – disse Sara.

Blix lançou-lhe um olhar agreste. Olhou então para Kovic, que parecia estar ainda aterrorizada.

– A música – esclareceu ela. – Ninguém tinha dito que era essa a canção.

– E que tem a canção? – perguntou Wibe, um pouco embaraçado por conta do erro com a música.

– A conferência de imprensa – começou Kovic, mas logo se calou, como se precisasse de mais alguns segundos para se preparar para o que ia dizer. – Vocês não estavam lá, mas um telemóvel tocou quando o Fosse... o toque era uma canção...

Acenou com a cabeça para a aparelhagem de som.

– A mesma melodia que tocou agora aqui.

Blix não percebeu ao certo o que ela pretendia dizer.

– Explica lá isso outra vez – pediu.

Kovic contou-lhe o que tinha acontecido na conferência de imprensa.

– E então... de quem era o telemóvel? – perguntou Blix.

– Não sei, ninguém se chegou à frente para o recolher. Pelo menos naquele momento.

– E onde está o telemóvel agora?

Blix gesticulou a Kovic, assinalando-lhe que se deviam ir embora.

– Não sei – respondeu ela, deslocando-se para o exterior. – Acho que ninguém o apanhou.

– Liga ao Fosse – disse Blix de imediato. – Liga também à Nøkleby, ou a quem quer que seja que lá tenha estado. Aos responsáveis pela conferência de imprensa.

Kovic já levava o telemóvel ao ouvido. Enquanto caminhavam até ao carro, Blix pensou em Nordstrøm, que estava desaparecida, e no seu telemóvel, que fora ligado precisamente às oito da noite e atirado para uma campa aberta. Pensou em Jeppe Sørensen, assassinado, congelado e depois posto na casa de férias de Nordstrøm para que alguém o pudesse encontrar. No telemóvel que tocara na conferência de imprensa sobre o homicídio de Sørensen, no toque semelhante à melodia usada para atrair caminhantes

ocasionais e levá-los, assim, a encontrar um cadáver. Um cadáver que tinha no colo um exemplar do livro de Nordstrøm.

Está tudo interligado, pensou.

E continuavam a não ter pistas sobre o que acontecera a Nordstrøm. Isso, por si só, era já perturbador quanto bastasse. Porém, o que mais preocupava Blix era o facto de alguém parecer determinar o que devia acontecer, e quando. Alguém que, até então, controlava por completo os acontecimentos.

O assassino queria que encontrassem Jessica Flatebø, pensou ele. Tal qual fora encontrada.

Kovic parou de falar ao telemóvel.

– Têm o telemóvel na esquadra – anunciou. – Deixaram-no lá no chão.

– Ótimo – disse Blix. – Aposto cem coroas em como é o telemóvel do Jeppe Sørensen.



Emma pesquisou o arquivo do blogue, tentando contabilizar quantas vezes escrevera, de facto, sobre Jessica Flatebø, acima de tudo antes do seu desaparecimento. No entanto, publicara também vários artigos durante os seis dias em que estivera desaparecida. Fosse como fosse, os artigos sobre Flatebø eram muito lidos, sobretudo porque, quase sempre, falavam de uma nova polémica sua nas redes sociais, estando devidamente ilustrados com uma fotografia que se focava nos seus lábios, seios, rabo ou pernas.

Flatebø tinha sido um fenómeno: de um dia para o outro, todos sabiam quem era, acima de tudo porque entrara no conceito da *Paradise Hotel*, com um apetite insaciável por ambos os sexos, mas também porque era uma modelo bonita e tinha um discurso claramente provocador, quer as câmaras estivessem ligadas, quer não. A combinação atraía os cliques, tanto de mulheres e homens que gostavam de se ver como os destinatários das acusações por vezes vulgares de Flatebø, como também das pessoas moralmente ofendidas que apenas desejavam ver o que é que ela dissera desta vez.

Por outro lado, os leitores mais jovens viam Flatebø como um modelo a seguir. Aos seus olhos, era fixe, engraçada, excitante, inspiradora. Muitos expressavam, sem dúvida, o desejo de um dia serem como ela. Alguns comentários levaram Emma a arrepender-se de ter proporcionado a Flatebø uma audiência ainda maior.

Assim que se insinuara que talvez tivesse desaparecido por sua livre vontade, Emma recebera ordens claras para deixar Flatebø em paz, já que não devia mencionar tragédias pessoais, por mais famosas que fossem as pessoas. Mas, depois de a polícia de Oslo ter anunciado que a tinham encontrado morta em Nordmarka, o

pêndulo oscilava para trás, sobretudo porque a polícia afirmara «haver suspeitas de que Flatebø terá sido vítima de um crime». Anita pediu a Emma que publicasse o máximo possível de informação e que fizesse circular de novo artigos antigos.

Emma pensava enviar uma mensagem a Alex Blix para lhe perguntar se ele sabia alguma coisa sobre Flatebø, mas pusera de lado a ideia. Ele tinha decerto mais que fazer, à conta de Nordstrøm e Sørensen. Além disso, não queria dar a impressão de se estar a aproveitar dele. E confortava-a o facto de nenhum dos outros meios de comunicação social ter algo de relevante a noticiar.

Eram quase sete horas quando o telemóvel vibrou.

Era Kasper.

Preciso de uma guia que me ajude a conhecer restaurantes em Oslo.

Emma sorriu e respondeu:

Já tentaste as Páginas Amarelas?

Esperou, com expectativa, pela resposta.

Há demasiados por onde escolher. Preciso de uma boa dica. E de preferência uma loira bonita com quem partilhar a refeição. ☺

Emma fitou o telemóvel durante alguns segundos. Apesar de muita coisa poder acontecer ao longo da noite, ela tinha de comer.

Três quartos de hora depois, entrou no Villa Paradiso, em Grünerløkka. Surpreendeu-a o quão nervosa estava. Nos encontros que tivera nos últimos anos, as expectativas e as condições tinham sido previamente clarificadas. Um copo ou cinco copos, um jantar e talvez sexo, em casa dele ou num sítio neutro, se ele cumprisse os critérios gerais. Agora, não sabia ao certo o que queria nem o que Kasper tinha em mente. Conquanto talvez acreditasse saber.

O restaurante estava à pinha, como era habitual, mas Kasper chegara cedo e arranjava-lhes uma mesa de dois lugares no canto mais escondido do rés do chão. Acenou-lhe e levantou-se antes de Emma o avistar. Deram um abraço tímido. Kasper cheirava bem, a champô e a pasta de dentes. Cheirar bem era o critério número um.

– É muito simpático da tua parte perderes o teu tempo para jantar comigo – disse-lhe ele.

– Disso não tenho a certeza – respondeu Emma. – Posso ter de sair a correr.

Emma mostrou-lhe o telemóvel como que indicando que alguém lhe poderia ligar.

– De facto, tenho ideia de correres bem. Ou fugiste de bicicleta?

Emma confirmou a última sugestão com um sorriso.

– Nós, de Copenhaga, somos verdadeiros amantes de bicicletas – declarou ele. – Ninguém anda mais de bicicleta do que nós.

O seu rosto abriu-se num sorriso largo e, ao mesmo tempo, ajudou-a a sentar-se à mesa.

– És um cavalheiro – elogiou-o Emma.

– Sim, quase se poderia pensar que sou um desgraçadinho dinamarquês que quer causar boa impressão.

Emma sorriu. Sentido de humor: critério número dois.

– Como é que o tipo se está a sair? – perguntou Kasper quando se sentou.

– Ainda é cedo de mais para dizer.

O ruído na sala era bastante elevado. Lá fora, diante das janelas, passavam pessoas pela Olaf Ryes Plass, uma pequena praça ajardinada e circular no centro de Grünerløkka. No restaurante cheirava ao forno de lenha das pizzas.

A empregada de mesa, uma senhora baixa com cabelo preto e curto, apresentou-lhes as ementas. Kasper pediu uma cerveja, Emma um copo de vinho branco. Kasper solicitou a Emma uma recomendação de piza, já que o estabelecimento tinha uma vasta oferta.

– A quatro queijos é bastante boa – disse Emma.

Kasper seguiu a sugestão. Emma optou por uma Margherita.

– Então... – começou Kasper quando a empregada se afastou da mesa com as ementas. – Como é que te corre a vida?

Como Emma não desejava, de todo, falar da sua vida, respondeu somente «bem», retribuindo a atenção com a mesma pergunta.

– Hum... a mim também corre bem.

– Tens algum material bom sobre o Jeppe Sørensen para publicar amanhã?

– Nem por isso – disse ele com um sorriso.

Emma ficou com a impressão de que ele não lhe queria revelar alguma coisa, já que agora eram, de certo modo, concorrentes.

A empregada de mesa regressou com as bebidas que haviam pedido. Kasper sorriu à mulher. Educado: critério número três. Ele pegou ansiosamente no copo de cerveja e disse:

– Então e tu? Vais publicar alguma coisa interessante amanhã?

Emma abanou a cabeça.

– Não somos de deixar as coisas pousar por muito tempo – esclareceu. – Publicamos logo que temos alguma novidade.

– E qual é a última novidade?

Emma falou-lhe de Jessica Flatebø. Kasper nunca ouvira falar dela, mas descreveu-lhe *bloggers* famosas na Dinamarca que agiam de modo semelhante. Jovens que não tinham nada a oferecer além da aparência.

Ele bebeu um grande gole de cerveja e debruçou-se sobre a mesa, inclinando-se para ela.

– Como tens estado desde... Gotemburgo?

Emma olhou para ele de imediato. Sentiu o rosto corar.

– Oh, tenho tido muito trabalho e...

– Andado muito de bicicleta?

– Sim – respondeu, grata por ele lhe ter dado um motivo para sorrir.

– Pensaste...

Ele fez uma pausa por um momento antes de concluir a pergunta.

– Pensaste em *mim* durante este tempo todo?

Emma bebericou o seu vinho para ganhar algum tempo. Enquanto bebia, olhou-o por cima da borda do copo, reparando que ele não parecia nervoso com a resposta que ela lhe daria. Pelo contrário: tinha confiança em si, mas não de uma forma má. Critério número quatro: gostava de homens que emanavam segurança e autoconfiança.

Emma não sabia até que ponto deveria ser honesta. Se lhe dissesse que sim, estaria a dar mais importância do que desejava ao curto caso que haviam tido. Se dissesse que não, pareceria estar a rejeitá-lo.

– Como disse, tive muito...

Não soube como terminar a frase. Podia ter falado da sua avó, de Martine, do trabalho. Podia ter falado de si mesma, mas raramente suportava ver-se ao espelho.

– Bom, *eu* pelo menos pensei em *ti* – declarou Kasper num tom sereno e caloroso. Emma entretivera a esperança de que ele não lhe dissesse aquilo. De que não chegassem ali, a *Gotemburgo*, tão cedo. – Gostaria de saber como pensas em... *nós*.

Emma não quis olhá-lo nos olhos.

– Para ser sincera, não pensei muito nisso – disse. – Tu voltaste para Copenhaga, eu voltei para casa.

Emma ergueu rapidamente o olhar e percebeu que ele esperava outra resposta.

– Queres saber em que é que eu pensei? – perguntou ele algum tempo depois.

– Não sei se quero – respondeu Emma após alguns segundos de hesitação.

– Pensei que foi uma bela noite. Uma belíssima noite. Com uma rapariga que gostaria de conhecer um pouco melhor.

– Não é o que estás a fazer agora?

– Não sei – retorquiu ele. – É?

Emma gostaria de deixar o olhar vaguear, mas estava sentada de costas para o resto da sala. Conseguia ver apenas Kasper.

Ambos bebericaram sem nada dizer.

– Então, qual achas ser a ligação entre a Sonja Nordstrøm e o Jeppe Sørensen? – indagou ele.

Emma ficou contente por Kasper mudar de assunto.

– Além de serem ambos desportistas muito conhecidos nos seus respetivos países de origem? – contrapôs ela, refletindo por alguns segundos. E acrescentou: – Não sei. Não faço ideia.

– O Jeppe estava muito em baixo em termos psicológicos – disse Kasper. – Mas não aconteceu uma coisa parecida à Nordstrøm? Ela não teve uma espécie de reação depois de terminar a carreira?

Emma abanou a cabeça.

– Há muito que a Nordstrøm deixou de se preocupar com a concorrência desportiva, e nunca foi do tipo de pessoa de se deixar

afetar muito pelas coisas. Pelo contrário: conseguiu sempre ultrapassar todos os problemas. Seguiu sempre em frente.

– Leste o livro dela?

– Sim.

– Eu também o devia ler.

– Tenho um exemplar em casa – revelou Emma, arrependendo-se de imediato de o ter dito.

Não queria abrir essa porta. Não queria, de todo, abrir a porta da sua casa, porque depois ser-lhe-ia difícil pôr Kasper fora. Sobretudo agora, quando talvez não quisesse que ele se fosse embora.

– E porque havia o assassino de perseguir famosos com depressão? – continuou. – Não faz sentido.

– Quanto a isso, concordo contigo – disse Kasper.

A conversa deu, contudo, algo que pensar a Emma. Para um criminoso, talvez fosse inteligente encontrar uma vítima que já se soubesse lutar contra problemas mentais. O seu desaparecimento seria rapidamente associado a um possível suicídio, e mesmo que a polícia e os amigos quisessem procurá-la, não pensariam necessariamente que a pessoa desaparecida tivesse sido vítima de um crime. A comunicação social também se mantinha, em grande medida, afastada, o que facilitava a vida ao criminoso.

No caso de Jeppe Sørensen não havia grande dúvida de que todos perceberiam que tinha sido assassinado. Emma pensou em como teriam encontrado Jessica Flatebø. Também ela lidara com problemas psicológicos nos últimos meses.



– Ele demora muito?

Blix juntou os pratos e os talheres sujos e lançou um olhar ao corredor, em direção à sala de vídeo. Øyvind Krohn, especialista de informação e analista de imagens do Departamento de Crimes Violentos, fora chamado para coligir as imagens da conferência de imprensa obtidas pela própria polícia.

– Já não falta muito – disse Kovic.

Blix levou a louça suja para a cantina. Não estava lá ninguém. Separou os pratos e os talheres no lava-louça antes de pegar no telemóvel e abrir as mensagens recentemente trocadas com Emma. Ela perguntara-lhe se havia alguma ligação entre Nordstrøm, Sørensen e Flatebø. Ele respondera apenas *Sim*. Ela não lhe fizera mais perguntas. Pelo menos até então.

Ponderou dar-lhe alguma informação, algo que não o denunciasse como sua fonte. O livro de Sonja Nordstrøm encontrado no cadáver de Flatebø tornara-se já um rumor espalhado por toda a esquadra. A primeira patrulha que chegara ao local acreditara, na verdade, que o cadáver era de Sonja Nordstrøm. Muitos colegas tinham conhecimento do livro, assim como o pessoal das ambulâncias que havia entrado na casa antes da polícia.

Tinha começado a escrever-lhe uma mensagem nova quando o telemóvel tocou. Era Kovic.

– O Krohn já acabou.

– Vou já para aí – respondeu Blix, terminando a chamada.

Eliminou o que começara a escrever. Antes de descer, apagou também as últimas mensagens trocadas com Emma.

Krohn estava curvado sobre o teclado, na sala de vídeo. Kovic e Wibe ladeavam-no. Kovic abriu espaço para Blix entre ela e Krohn.

– Parece tudo planeado – comentou Wibe. – O telemóvel estar ali pousado e começar a tocar precisamente naquela altura, e com aquela melodia. Não é mero acaso, tal como não foi um acaso o telemóvel da Nordstrøm ter sido encontrado onde foi encontrado, e àquela hora.

Blix concordou com o colega.

– Por isso, duvido muito que os técnicos encontrem alguma coisa no telemóvel do Sørensen. A não ser que seja algo muito específico que o criminoso queira que encontremos.

Krohn aumentou o volume de som do computador. Ouviu-se claramente a voz de Gard Fosse a perorar sobre o que a polícia encontrara e como precisavam da ajuda da população. E a melodia começou a tocar. Fosse calou-se. Blix aproximou-se mais do ecrã.

– Volta atrás – disse. – E faz *zoom* na zona onde está o telemóvel.

Krohn seguiu as instruções de Blix. Puxou o vídeo um minuto atrás, pondo-o novamente a passar.

– Onde é que está o telemóvel, afinal? – perguntou Kovic.

– Não dá para ver – esclareceu Krohn. – Mas parece que foi esta mulher que o apanhou do chão.

Usou o ponteiro do rato para desenhar um círculo em volta de uma das jornalistas. O minuto seguinte passou sem que algum deles visse alterações relevantes nas imagens no ecrã.

– OK. Puxa tudo atrás e começa do início – pediu Blix. – Começa quando ainda não estava ninguém na sala.

Krohn puxou o indicador de tempo para trás e pôs o vídeo em marcha quando começaram a entrar pessoas na sala. Ao início, junto à mesa no estrado, onde um homem de uniforme dispôs as placas com os nomes e os copos de água. Depois, entraram os jornalistas. Alguns sentaram-se na fila da frente. Outros montaram câmaras, microfones. As filas foram-se enchendo, minuto após minuto.

Emma surgiu no canto do ecrã. Parou para falar com um homem com óculos redondos e cabelo curto e encaracolado. Ele nem sequer pensara naquilo, mas ela estivera na conferência de imprensa, claro. Vê-la fê-lo levar a mão ao bolso e tocar no telemóvel.

Olhou de novo para o meio da sala. Onde haviam encontrado o telemóvel. Homens e mulheres, altos e baixos, deslocavam-se pela divisão. As filas ficaram repletas pouco depois.

– Não vi ninguém a pousar um telemóvel no chão – disse Wibe.

– Nem eu – disse Kovic.

– Experimenta ver de frente – disse Blix.

Alguns cliques e toques no teclado depois, surgiram no ecrã imagens de uma outra câmara. De uma perspetiva sobranceira, captada a partir do teto, viram as cabeças dos jornalistas, mas estavam tantas pessoas na sala que não conseguiam ver o que se passava ao nível dos seus pés.

No vídeo, a conferência de imprensa estava prestes a iniciar-se. Blix concentrou-se nas filas do meio, tentando reconhecer algum dos rostos. Pia Nøkleby começou a sua intervenção e passou logo a palavra a Gard Fosse. Blix seguiu todos os movimentos enquanto Fosse falava. Os presentes na sala pareciam acompanhar o seu discurso com atenção, mas não se conseguiam ver as caras com nitidez.

Então, a música começou a tocar. Primeiro fez-se silêncio. Depois, as cabeças começaram a virar-se, os olhares perplexos. Até, por fim, uma mulher se baixar e pegar no telemóvel que estava a tocar. Carregou nalguma coisa. O barulho cessou. Fosse agradeceu. A mulher olhou em redor, confusa, antes de voltar a pousar o telemóvel no chão.

– Deve ter sido uma das pessoas sentadas ali perto a pousá-lo no chão – disse Blix. – Foca mais em cada uma delas.

Krohn parou a imagem e fez *zoom*. Primeiro na mulher que pegou no telemóvel. Depois no homem ao seu lado: um sujeito alto e forte.

– Lars Rovell – disse Blix. – Trabalha para o *Stavanger Aftenblad*, na delegação de Oslo. Próximo.

Krohn demarcou uma área quadrangular pouco atrás de Rovell. Blix reconheceu uma mulher magra com rabo de cavalo alto.

– Continua – disse ele a Krohn. – E vocês, digam-me cá uma coisa: se quisessem pousar um telemóvel no chão de uma sala cheia de pessoas, sem que ninguém reparasse nisso, como é que o fariam?

– Eu baixava-me e fingia que estava a apertar os atacadores – disse Kovic.

– Eu guardava-o na mão e deixava-o cair no chão – disse Wibe. – Talvez tossicasse ao mesmo tempo, para abafar o barulho, e aquela sala até é alcatifada.

– Mas não vimos ninguém baixar-se – disse Blix. – Nem ninguém a tossir. Pelo menos alguns minutos antes de o telemóvel tocar.

Krohn continuou a fazer *zoom* nas pessoas em redor de Rovell e da mulher que desligara o som ao telemóvel. Blix também pensou numa hipótese. Refletiu melhor antes de partilhar a sua ideia com os colegas.

– Eu cá atirava o telemóvel para o chão assim que me sentasse – referiu. – Bem antes de a conferência de imprensa começar. Depois de a conferência de imprensa começar, enquanto as pessoas estivessem concentradas no que estava a ser dito, então sim, empurrava ou pontapeava o telemóvel para a frente ou para o lado.

– Ora diz lá outra vez; como é que é? – perguntou Krohn, que estava já a puxar o vídeo atrás.

– Não, deixa estar – respondeu Blix.

O vídeo continuou a avançar. Fosse disse que estavam a cooperar com a polícia dinamarquesa e que haviam enviado um detetive para Copenhaga. As pessoas continuaram sentadas nos mesmos lugares, e só alguns fotógrafos se mexeram para tirar fotos de outros ângulos e assim obter imagens melhores.

Blix olhou de novo para Emma. Ela reparara nalguma coisa.

– Espera – pediu. – Para a imagem.

Uma pessoa com um capuz enfiado na cabeça aparecera mesmo atrás de Emma. Blix apontou para o ecrã com o indicador.

– Não é uma indumentária um bocadinho estranha para um jornalista? – inquiriu.

Krohn percebeu o que Blix queria. Fez alguns movimentos com o rato, e depois *zoom*, antes de delimitar a zona e centrar um rosto parcialmente ocultado pelo capuz. Ao início, a imagem ficou desfocada. Depois, focou.

Blix ficou boquiaberto.

Como o homem não estava a olhar para o que se passava no estrado, não era fácil ver-lhe as feições. Mas Blix viu-as bem o suficiente.

Já antes as vira.

– Ora, foda-se – disse ele.

– Que se passa? – perguntou Wibe. – Quem é?

Blix não respondeu.

– Contacta o Gard Fosse – pediu. – Ou melhor, chama toda a gente. Temos de nos reunir o quanto antes.



Emma bebeu um copo a mais do que pretendia, mas não se sentia de todo embriagada quando Kasper pediu a conta e lhe perguntou onde morava.

– Moro um pouco longe daqui – disse. – Acho que vou apanhar um táxi para casa.

Diante do restaurante estava uma multidão de pessoas a fumar. Começara a chover. Gotas de água frias e leves. Emma voltou-se para ele.

– Muito obrigada pelo jantar.

– De nada.

Kasper fitou-a, imóvel, como se sopesasse as próximas palavras.

– Obrigado por teres vindo, então – disse ele, por fim, e deu um passo em frente para a abraçar.

Emma deixou-o abraçá-la. Kasper apertou-a com força contra o seu corpo, e ela sentiu que ele queria continuar a abraçá-la assim durante um pouco mais de tempo do que o habitual. Notou também como encostava o rosto ao dela, deixando-o deslizar um pouco, e como raspava gentilmente a barba pela sua pele, dirigindo-se-lhe à boca.

Ela deu um passo decidido atrás, afastando-se dele. Pensou na mensagem curta que Blix lhe enviara. *Havia* uma relação entre Nordstrøm, Sørensen e Flatebø. Estava ansiosa por chegar a casa e saber mais sobre o caso.

– Acompanho-te a casa? – perguntou Kasper. – Ou queres acompanhar-me tu a casa?

Ele ofereceu-lhe um sorriso idiota.

– Não me importava de ter alguma companhia – acrescentou ele.

Persistente – outro traço de personalidade que Emma valorizava.

– Acho que não – disse-lhe ela. – Quero trabalhar um bocadinho.

Kasper fitou-a por um momento. Depois, afirmou:

– OK... nós... vemo-nos amanhã, então. Ou não?

Não era persistente – uma característica de que, por vezes, Emma não gostava mesmo nada.

– Sim, com certeza – respondeu ela por fim.

E então despediram-se.

Emma decidiu ir a pé. Após percorrer algumas centenas de metros, pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Blix:

Qual é a ligação entre eles?

Continuou a caminhar com o telemóvel na mão, mas não recebeu resposta. Por fim, voltou a guardar o telemóvel na mala e subiu a estrada até Telthusbakken: uma subida comprida e íngreme que lhe fez sentir dores nos músculos das coxas.

Quando estava já na Bjerregaards Gate, teve a clara sensação de que alguém seguia o mesmo caminho que ela. Virou-se para trás e viu um vulto escuro com um capuz na cabeça no outro lado da rua. Não se lhe conseguia ver o rosto.

Emma estugou o passo. A Bjerregaards Gate era escassamente iluminada, mas, quanto mais se aproximava da Ullevålsveien, mais lojas e restaurantes e cafés havia, e também mais carros. Ela esgueirou-se entre um autocarro e um ciclista e atravessou as duas faixas de rodagem da Ullevålsveien, estugando ainda mais o passo no outro lado. Diante do Underwater Pub, voltou-se de novo para trás. Desta feita, não viu de todo o vulto com o capuz.

Já tinha sido perseguida por homens noutras ocasiões. Uma vez, sentira-se tão acossada que entrara num quiosque aberto à noite na Seilduksgata, onde esperara que a pessoa no seu encalço seguisse caminho. Alguns dias depois, lera no jornal que uma mulher loira, e mais ou menos da sua idade, fora violada nas proximidades daquele local.

Nunca era bom saber aquilo e, embora tivesse a certeza de que se conseguiria desembaraçar numa situação perigosa, preferia não correr riscos.

Cinco minutos depois, estava em sua casa, na Falbes Gate. Aí chegada, trancou a porta e respirou fundo. Sentiu-se um pouco

oprimida pelo silêncio no apartamento, e pensou de novo em Kasper e no que ele devia estar a pensar sobre ela. Desejou ter tido uma noite mais agradável.

Emma deu uma vista de olhos ao telemóvel. Ainda não recebera nenhuma resposta de Blix. Eram quase onze horas. Provavelmente não receberia nenhuma resposta naquela noite.

Na casa de banho, encontrou cabelos castanhos e compridos no lavatório. Emma pensou na sobrinha, no que ela teria pela frente caso as suas suposições estivessem certas.

Despiu-se por completo. Passou lentamente os dedos pelo cabelo enquanto se observava ao espelho. Nunca deixava de se espantar com o quão real parecia ser.

Começou, com calma, a soltar o cabelo do couro cabeludo. Centímetro após centímetro, com uma das mãos, enquanto abria o armário debaixo do lavatório com a outra.

Era ali que guardava todas as suas perucas.

Todas elas com um cabelo de comprimento semelhante, mas com ligeiras variações de tonalidade.

Ergueu lentamente a peruca que usara naquele dia, afastando-a do crânio calvo, desprovido de um só cabelo. Pousou-a no suporte antes de erguer o olhar e se olhar de novo ao espelho. Passou uma mão pelo crânio brilhante enquanto pensava em Martine. Não sabia se a mãe sofrera da mesma doença. Não havia uma relação hereditária direta, segundo lhe explicara o médico, embora não fosse invulgar várias pessoas da mesma família serem afetadas.

Deixou-se ficar diante do espelho, imóvel, por algum tempo. Depois, insuflou as bochechas e mostrou a língua ao seu reflexo, antes de, com determinação, se desmaquilhar e se enfiar debaixo do edredão.



– Obrigado por terem vindo tão tarde. Podemos estar perante um grande avanço na investigação.

Blix tinha um ponteiro comprido na mão. Bateu com a ponta do ponteiro na montagem gráfica projetada no quadro à sua frente.

– Este é o Walter Georg Dahlmann – continuou.

A imagem projetada estava dividida em duas. No lado esquerdo surgia o retrato de um homem com vinte e tal anos, que parecia cansado e zangado. No lado direito estava uma fotografia do mesmo homem, só que agora quinze anos mais velho e com um aspeto ainda mais descuidado.

Gard Fosse estacara no vão da porta. Apoiou-se na moldura, de braços cruzados sobre o peito.

– Fez agora quarenta e três anos – disse Blix. – É natural de Dalen, em Telemark. Esteve duas vezes no Afeganistão, e da última vez diagnosticaram-lhe stresse pós-traumático. – Blix apontou para a imagem à esquerda. – Em 2004, Dahlmann foi condenado a dezasseis anos de prisão pelo homicídio da sua ex-mulher, Maria Lenth, e do seu novo namorado, Simen Veum. Alguns de vocês talvez se lembrem bem do Simen, porque ele trabalhava aqui, no quarto andar. Tinha vinte e sete anos. Era um bom tipo, mas nunca convivi muito com ele.

Várias pessoas na sala assentiram.

– O Dahlmann saiu da cadeia há três meses. Até ver, não conseguimos descobrir ao certo o que tem feito desde então, mas é óbvio que esteve na nossa esquadra durante a conferência de imprensa.

Blix clicou rápida e continuamente num controlo remoto, exibindo os movimentos de Dahlmann na sala de conferências.

– O Nicolai Wibe também esteve a analisar todos os vídeos captados em redor da ponte de Eventyr no dia em que o Geir Abrahamsen, ou Geia, recebeu dez mil coroas para ligar o telemóvel da Sonja Nordstrøm e atirá-lo para uma campã aberta. Este tipo...

Blix clicou até chegar a uma imagem desfocada de videovigilância captada a uma longa distância.

– ... não corresponde a cem por cento à descrição do Walter Georg Dahlmann, mas não há muito a fazer. Está a usar o mesmo tipo de capuz. Da mesma cor. Tem também a mesma estrutura física, e parece ter mais ou menos a mesma altura. O Krohn e a sua equipa estão a tentar obter uma identificação, mas este sujeito desaparece debaixo da ponte onde o Geia estava e reaparece cerca de sete minutos depois, o que confirma o período que o Geia nos indicou.

Blix observou as pessoas reunidas na sala e reparou que a sua argumentação não caíra em saco roto.

– Não sabemos se foi mesmo ele quem pousou o telemóvel no chão durante a conferência de imprensa, mas é provável que sim. Ele não está acreditado como jornalista. Não trabalha para nenhum meio de comunicação social.

– Então tragam-no cá – disse Fosse do fundo da sala. – Perguntem-lhe o que veio cá fazer. Se é que ele é capaz de explicar.

– Esse é o próximo passo, claro – retorquiu Blix, erguendo o olhar sobre os ouvintes e fitando Fosse. – Assim que descobirmos onde está.

– Não sabem onde está? – perguntou o chefe do departamento. A sua pergunta mais parecia uma reclamação.

– Quando foi libertado, deu a morada da avó – explicou Kovic. – Mas nem lá pôs os pés. Falei com a mãe dele, que não faz ideia de onde esteja, e que nem sequer tem o seu número de telemóvel. Mas acha que ele está em Oslo ou em Drammen. Possivelmente em Kongsberg. Pelos vistos, tinha lá alguns amigos.

– Tem acesso a uma viatura?

– Ainda não sabemos.

Fosse não tinha mais perguntas a fazer, mas a Blix pareceu-lhe que o chefe estaria a refletir.

– Antes de ser assassinada, a Maria Lenth estava prestes a tornar-se bastante famosa. Tinha escrito dois livros que foram bem recebidos, e estava definitivamente numa rota ascendente. Tinha ido duas vezes à televisão. Tinha muito espaço na imprensa.

Blix mostrou aos colegas uma foto de Lenth, uma mulher bonita com cabelo castanho e comprido.

– Esteve três anos com o Dahlmann antes de romper a relação, aparentemente porque começara a ter medo dele. O tipo tinha mostrado tendências violentas várias vezes. Pouco mais de seis semanas depois, ela e o Veum foram mortos.

Blix tossicou para a palma da mão.

– O Dahlmann tentou fugir, mas foi apanhado após dois dias de caça ao homem em Østlandet. Depois, alegou ter agido em autodefesa, e que o Simen Veum e a Maria Lenth é que o tinham tentado assassinar.

– E segundo ele, como é que isso teria acontecido?

A pergunta fora feita por Wibe, que estava sentado mais ou menos a meio da sala. Blix acenou com a cabeça a Kovic. Esta deu um passo em frente, afastando-se dos restantes ouvintes.

– O Dahlmann tinha ido visitar a Lenth porque, supostamente, ela teria esvaziado uma conta bancária que tinham em comum. Queria o seu dinheiro de volta.

Blix clicou na galeria de imagens até regressar a uma das fotos de Dahlmann captada na conferência.

– Mas a Lenth não estava disposta a dar-lho – prosseguiu Kovic. – E na discussão que se seguiu, na qual o Dahlmann supostamente terá parecido muito ameaçador, o Veum teria sacado de um arma. O Dahlmann teria conseguido desarmá-lo mas, no meio da confusão, a Maria Lenth tê-lo-ia atacado com uma faca de cozinha. O que teria levado a que ela acabasse com a garganta cortada. O Veum morreu quatro dias depois devido às facadas que recebeu.

Kovic lançou um olhar rápido a Blix. Ele encorajou-a com um aceno de cabeça.

– Após os homicídios, o Dahlmann entrou em pânico. A Maria Lenth era uma pessoa conhecida e namorava com um polícia. O Dahlmann achou que ninguém iria acreditar na *sua* história. Já

agora, nisso tinha toda a razão – acrescentou Kovic. – Mas terá sido por isso que tentou fugir.

Kovic bebeu um gole de água do copo que tinha na mesa à sua frente.

– Muito bem – disse Fosse. Os outros viraram-se na sua direção.

– Temos um suspeito. Mas que tem o Walter Georg Dahlmann que ver com a Sonja Nordstrøm, o Jeppe Sørensen e a Jessica Flatebø?

– É o que estamos a tentar descobrir – respondeu Blix.

– E porque é que veio à conferência de imprensa e nos mostrou a cara? – perguntou Abelvik. – Ele devia saber que íamos ver as imagens das câmaras de vigilância, não?

– É uma boa questão – disse Blix. – Até ver, parece que nunca se precipitou. Talvez quisesse que o víssemos.

Gard Fosse começou a avançar na sala.

– Então o gajo passou-se completamente dos carretos – comentou Wibe. – A tal cena do stresse do Afeganistão. Agora o tipo tem um parafuso a menos, é isso?

– É sempre tentador explicar o que não percebemos de imediato com um diagnóstico desses – esclareceu Blix. – Mas eu não tenho tantas certezas. Isto parece ter sido bem planeado.

Fosse estava agora quase ao lado de Blix e Kovic.

– Poupemo-nos à psicologia antes de sequer sabermos se ele é mesmo o nosso homem – declarou Fosse. – A prioridade é encontrá-lo. Tragam-no para uma sala de interrogatório. Para termos uma base de atuação. Também é preciso falar com o tal Geia. Tragam-no cá para uma identificação fotográfica.

– Temos pessoas a procurá-lo – anunciou Blix.

– Ótimo – disse Fosse. – Quero o pessoal a todo o gás amanhã de manhã bem cedo.

Deu meia-volta, e estava prestes a sair da sala quando parou de repente.

– E o facto de termos um suspeito não sai desta sala – acrescentou antes de sair.



Ragnar Ole Theodorsen estava, como sempre, atrasado. Surgia constantemente alguma coisa que lhe roubava tempo, quer se tratasse de um táxi que não chegara a horas, ou um vizinho que queria trocar algumas palavras junto à sebe, ou um telemóvel que tocara num momento inconveniente.

Hoje, tinha sido uma canção que lhe ficara na cabeça. Estava a ouvir rádio, e uma das melodias que tinham passado – uma transição entre acordes – despertara-lhe a atenção e abriu-lhe a mente. Não copiara ninguém, deixando-se somente inspirar, e depois de compor um pouco mais do que oito trechos, uns a seguir aos outros, que lhe soavam bem, sentira que estava no bom caminho. Não seria necessariamente A Grande Canção que lhe asseguraria a reforma, mas dava-lhe uma alegria infantil pensar e acreditar que sim, mesmo que só por um instante. Ainda não tivera oportunidade de a gravar, porque o tempo lhe fugia, mas fá-lo-ia assim que regressasse.

Theodorsen não tinha o número de telemóvel do jornalista com quem se ia encontrar, ou ter-lhe-ia enviado uma mensagem para o avisar de que estava atrasado. Ora bem, disse para consigo. Isso faz parte de se ser uma estrela, não é? Podia dar-se-lhe um desconto.

Apesar de ser uma estrela.

Não havia muito brio no que faziam hoje em dia. Há vinte anos, tinham tocado para casas lotadas onde quer que fossem. Agora, tinham sorte se houvesse cem pessoas a comprar bilhete. Mas não tinha razões de queixa. Era melhor do que ter um trabalho das nove às cinco. E era bem melhor do que a maioria dos empregos, porque

assim podia viajar pelo país, tocar as suas canções para o público e vender um álbum ou dois. Desenrascava-se, sobrevivia.

Como a comunicação social já pouco se interessava pelo que faziam, o *manager* fora bem explícito quando lhe dissera que ele e os restantes membros dos Fabulous Five deviam aceitar todas as entrevistas que surgissem. Assim, Ragnar Ole Theodorsen saiu do elétrico, sob chuva, na Stortorvet. Doze minutos atrasado. Por regra, entrevistavam-nos aos cinco em conjunto, mas o jornalista insistira que, neste caso, só estava interessado nele. «Você é o cérebro por trás dos Fabulous Five. É você que compõe todas as canções, música e letra.» Não lhe fora fácil contrapor tal argumentação.

Theodorsen entrou na pastelaria Samson e tirou os óculos, perscrutando o estabelecimento. Viu, ao fundo, uma mão erguer-se no ar. Theodorsen acenou com a cabeça à saudação e caminhou naquela direção. Duas ou três pessoas fitaram-no, mas ninguém pareceu reconhecê-lo. A pessoa que lhe acenara levantou-se e endireitou o casaco impermeável que estava pendurado na cadeira.

– Desculpe o atraso – disse Theodorsen.

– Fico contente por ter vindo – disse o jornalista. – Pedi uma cafeteira de café. Quer mais alguma coisa? Um bolo ou um pastel?

– Café bebo eu às litradas – disse Theodorsen, sentando-se. – Mas obrigado.

Pegou num guardanapo que estava na mesa e começou a limpar os óculos. Voltou a pô-los. O jornalista pegou numa de duas canecas não usadas e começou a enchê-la.

– Também temos aqui leite e açúcar, se quiser.

Tinha uma voz límpida, um pouco lenta.

– Obrigado. Não toma nada?

O jornalista abanou a cabeça.

Theodorsen bebeu um gole de café e olhou para o cabelo do jornalista. Parecia um pouco... mal colocado. Era uma peruca?

– Muito bem, os Fabulous Five – começou o jornalista. – Vocês estão no ativo há alguns anos. As coisas tornaram-se mais fáceis ou mais difíceis, a seu ver?

Theodorsen refletiu. Era uma boa questão, algo em que pensara muito nos últimos tempos.

– Mais fáceis e mais difíceis – respondeu. – É mais fácil andar em digressão, porque já viajámos muito, e para longe. É quase como ir à retrete, se é que me entende. Ai, não me cite no que acabei de dizer.

Riu-se um pouco.

– O que quero dizer é que saímos em digressão e pronto, não pensamos mais nisso. Já não é tão cansativo. Mas é mais difícil compor canções boas. Talvez tenha que ver com a idade, porque antes tinha mais energia do que tenho agora. Já fiz cinquenta e sete anos.

Riu-se de novo, mas o jornalista continuou a fitá-lo com frieza. Não tinha nenhum material à sua frente. Não tomava notas. Também não tinha gravador.

– Como é ser-se famoso?

Theodorsen sorriu.

– Bom... não me sinto assim tão famoso, na verdade. Posso andar à vontade pelas ruas das cidades. É um pouco pior na província, para ser sincero, quando andamos em digressão. Algumas pessoas querem tirar fotografias connosco, e coisas assim. Sobretudo as senhoras.

Tentou rir-se de novo. Nem assim obteve qualquer resposta do seu interlocutor. Theodorsen achou tudo aquilo um pouco desconfortável e estranho, mas bebeu um gole de café e pensou que não tinha nada a perder.

– Mas, claro, foi divertido enquanto durou. Ser famoso, quero dizer. Imensa atenção.

– Acha que mereceu a fama?

Theodorsen fitou, com olhos semicerrados, o seu interlocutor.

– Se a mereci... acho que é sempre merecida, de uma maneira ou de outra. Encontra-se um ponto que reverbera na vida das pessoas. Algo que lhes diz alguma coisa. E acho que foi isso que fizemos. Pelo menos há trinta anos, quando começámos.

Riu-se um pouco.

– Mas gosto de acreditar que ainda significamos alguma coisa para as pessoas. Pelo menos para as que aparecem nos nossos concertos. Há de haver algum motivo para o fazerem.

O jornalista aguardou, sem lhe fazer mais perguntas. Olhava apenas para ele. Esperava que o músico continuasse a falar.

– Mas, claro, escrevemos música popular para dançar. Não é propriamente ciência aeroespacial. Nem sequer o estilo musical mais vanguardista do mundo.

– Algumas pessoas compõem uma canção com quatro acordes e tornam-se estrelas mundiais. Ganham milhões.

– Sim... se se pensar assim, talvez não mereçam a fama. Mas... isso tem também que ver com a imagem. Mais com a forma como se vendem do que exatamente com a música.

– E você tem mais alguma coisa para vender?

– Além da minha carinha laroca?

Tentou, de novo, rir-se à gargalhada, mas parou de repente.

– Não, acho que as pessoas gostam de nós por não fingirmos ser mais do que somos. Por sermos nós próprios, e honestos. Despretensiosos. Não tentamos ser outras pessoas.

– Então, para si a fama já não é uma força motriz?

Theodorsen encolheu um pouco os ombros.

– Não me interprete mal, tenho algumas saudades do tempo em que as pessoas nos esperavam à saída do autocarro de digressão. Seria bom reviver um pouco dessa época. E ficar alojado em hotéis melhores do que aqueles em que ficamos agora.

Sorriu. Bebeu um gole de café e aguardou a pergunta seguinte, que ele esperava ser sobre a próxima digressão ou o álbum que iriam gravar perto do Ano Novo. Em vez disso, o jornalista perguntou:

– Sabia que recentemente tocaram uma das suas canções no local de um crime?

Theodorsen olhou, confuso, para o jornalista.

– A sua canção *Anjo* foi tocada em modo de repetição até alguém encontrar uma rapariga morta numa casa de férias em Nordmarka.

Theodorsen engoliu algumas vezes em seco.

– Não... Não sabia.

– O que acha disso?

– O que é que eu acho? Bem... não sei. É...

Procurou as palavras certas por um momento.

– Está a falar da tal... Jessica, ou foi outra?

Como resposta, o jornalista anuiu com um aceno de cabeça.

– Li sobre o caso nos jornais, mas não sabia... não vi nada sobre a *Anjo* no *VG* nem no *Dagbladet*.

– Ainda não é do conhecimento público.

– Pois, não deve ser. Então, como é que...

– Quando for do conhecimento público, acha que isso vai fazer com que a canção volte a ser popular?

Theodorsen suspirou e pousou a caneca de café. A porcelana tilintou.

– Não sei... isso não tem assim tanta importância tendo em conta o resto.

– Não é assim tão invulgar – disse o jornalista. – Quando morrem, alguns artistas voltam a ser bastante populares.

– Nunca pensei muito nisso, para ser sincero.

*

A entrevista terminou dez minutos depois.

O jornalista enfiou um boné na cabeça, levantou-se e vestiu o impermeável.

Tinha sido um encontro bizarro. Falara imenso sobre a fama. O ângulo escolhido pelo jornalista deixara Theodorsen desconfortável.

– Quando é que a entrevista sai? – perguntou.

– Isso não depende de mim – respondeu o jornalista. – Mas acho que vai ser um dos artigos principais.

– Acha que sim? Que... porreiro.

Andavam menos pessoas na rua do que era habitual. É por causa da chuva, pensou Theodorsen, e interpelou o jornalista.

– Também quer tirar algumas fotografias?

– Estava a pensar nisso – respondeu o jornalista, puxando o capuz do casaco para cima do boné. – Pode posar ali?

Apontou para as escadas de acesso à estação de metro de Stortinget.

– Ali? – perguntou Theodorsen. – Mesmo à frente das escadas?

– Sim, aí seria perfeito.

Como tirara muitas fotografias estranhas ao longo dos anos, Theodorsen não ficou muito surpreendido. Aprendera a fazer o que lhe pediam, e depressa se postou no lugar indicado. Queria ir para casa e para a sua cama. E, por isso, apressou-se a posar para a foto. Esperou que o jornalista tirasse a máquina fotográfica; aparentemente, iria usar apenas o telemóvel.

– Vai tornar-se bastante famoso depois disto – disse o jornalista, enfiando a mão no impermeável.

Theodorsen estava prestes a sorrir, mas, ao invés, os lábios imobilizaram-se-lhe numa expressão estranha, ficando ligeiramente entreabertos.

Depois, ouviu dois *pum*, um logo a seguir ao outro, antes de sentir algo no peito. Uma dor lancinante que lhe penetrava mais e mais o corpo. Por mais que tentasse, não conseguia respirar. Levou as mãos ao peito e estas depressa ficaram manchadas de vermelho, e, quando olhou de novo para cima, o cano da pistola – agora apontado à sua cabeça – ainda fumegava.

E, quando viu a luz intensa na abertura do cano, pensou na canção que compusera naquela manhã. Os acordes desvaneceram-se-lhe da cabeça, as palavras também. Não se recordou de uma só melodia, de uma só estrofe. Sentiu apenas que os seus pés já não estavam em contacto com o chão, que estava a cair para trás. Rumo às escadas. Rumo à eternidade.



A primeira emissão informativa teve início às 10h14. A NTB, o VG e a TV2 noticiaram que uma pessoa fora morta a tiro diante da estação de metro de Stortinget, mas nas redes sociais já se conhecia a identidade da vítima. Os rumores de que haviam assassinado mais uma celebridade fizeram Emma correr à chuva.

Tentou passar entre todas as pessoas paradas diante dos cordões policiais. Tentou avistar Blix, mas não o viu entre os uniformes que se certificavam de que tudo estava a ser feito de acordo com as normas.

Toda a estação de metro estava bloqueada e rodeada de fitas da polícia. Emma presumiu que a circulação do metro também fora interrompida.

Recordou o que sabia sobre Ragnar Ole Theodorsen. Não sabia muitas coisas, como depressa percebeu, mas sabia que ele era o vocalista dos Fabulous Five, uma banda de música popular que tivera um grande êxito vários anos antes. Tentou lembrar-se de como era a canção, mas não conseguia, pois havia demasiado ruído à sua volta. O ruído da chuva a cair no chão, a embater nos guarda-chuvas.

Mas a chuva vinda do céu, as gotas que caíam, fizeram-na relembrar-se da canção intitulada *Anjo*. Lembrou-se também da melodia. Ouvira-a recentemente.

Na véspera. Na conferência de imprensa da polícia.

Nesse instante, viu Blix passar por baixo da fita policial. Seguiram-no vários agentes, entre eles a detetive que Emma conhecera em casa de Nordstrøm.

Emma pegou no telemóvel. Enviara-lhe uma mensagem de manhã bem cedo, ansiosa por obter mais informações sobre o assassinato

de Jessica Flatebø, mas ele ainda não respondera. O que não a impediu de tentar de novo.

A ANJO tocou na conferência de imprensa de ontem. O autor da ANJO foi assassinado hoje. Ligação? Comentários? Estou na Egertorget.

Seguiu-o com o olhar, na esperança de que ele a visse ou ouvisse a mensagem, mas ele continuou a descer as escadas onde provavelmente ainda se encontrava o corpo de Theodorsen.

Enviou-lhe mais uma SMS:

De certeza que não sou a única jornalista que se lembra disso. Vou pensar num artigo.

Não aconteceu nada durante alguns minutos, mas Blix não demorou muito a reaparecer. Trocou algumas palavras com um colega, deu uma vista de olhos ao telemóvel e ergueu o olhar, como se perscrutasse as imediações. Então, o seu olhar cruzou-se com o de Emma e ele abanou a cabeça. Emma não soube como interpretar aquele sinal, por conseguinte, tentou fazer uma expressão facial de confusão. Blix olhou de novo para o telemóvel e escreveu algumas palavras.

O telemóvel de Emma emitiu um sinal sonoro.

Não posso falar agora. Ligo-lhe depois.

Emma escreveu uma resposta:

Quando?

Blix começou a falar com alguns colegas e rapidamente voltou a descer as escadas. Nesse instante, Emma estabeleceu contacto visual com Henrik Wollan, que se encontrava junto de muitos outros representantes da imprensa norueguesa. Emma reparou em como ele lhe enviava um olhar gélido, e decidiu regressar a casa. Precisava de uma camisola seca. E também de uma peruca seca.



– Onde está o Dahlmann? Temo-lo sob controlo?

Gard Fosse como que disparou a pergunta. Blix estava agachado ao lado do cadáver de Ragnar Ole Theodorsen e olhou calmamente para o chefe. Abanou a cabeça. O mais próximo que haviam chegado de Dahlmann fora sabê-lo numa caixa multibanco no centro da cidade havia sete dias. A imagem do multibanco era pior do que a que já tinham.

– Temos aqui alguma pista? – perguntou Fosse, olhando em seu redor. – Foi abatido a tiro em plena luz do dia, e num sítio público. Ninguém viu nada?

Blix levantou-se e murmurou um obrigado a Ann-Mari Sara, que continuou a examinar o cadáver.

– Viram um homem com um casaco impermeável escuro e boné – disse Wibe, que leu as notas no seu bloco. – Desapareceu na estação de metro. Quando as pessoas começaram a gritar, poucas repararam nele. Há muitas rotas de fuga a partir daqui, e em todas as direcções. Todas as linhas passam pela estação de Stortinget. O assassino pode ter ido para qualquer sítio em pouco tempo.

Abelvik subiu as escadas vinda da estação subterrânea. Trazia na mão um grande saco de provas de papel cinzento.

– É o impermeável dele – exclamou. – Estava num dos caixotes do lixo à frente dos torniquetes.

– Não há câmaras lá? – perguntou Fosse, olhando em volta.

– O Krohn está a tratar disso – respondeu Kovic. – Mas sofreram muitos danos nos últimos tempos. Foram pintadas com *spray*.

Fosse voltou-se para as escadas.

– Temos alguma coisa que eu possa dar à comunicação social? Além de um impermeável escuro?

– Boné preto, calças escuras, galochas azuis – enunciou Wibe. – Cerca de um metro e oitenta e cinco de altura.

Fosse observou o cadáver e a seguir interpelou Blix.

– Temos de nos apressar – disse entre dentes. – Quem é que o maluco irá atacar da próxima vez?

Blix teve a impressão de que o chefe o responsabilizava pessoalmente pelos homicídios e por terem tão poucas pistas que seguir.

– Não *sabemos* se foi mesmo o Dahlmann que fez isto – respondeu ele.

Começaram a subir as escadas.

– Talvez devêssemos procurar estar mais abertos às ligações entre as vítimas? – sugeriu Blix. – *Espalhar* informação pode *trazer* informação.

– Não sabemos de nada!

– Pode haver quem tenha tirado as suas próprias conclusões – prosseguiu Blix. – Alguém que tenha estado na conferência de imprensa de ontem e ouvido o telemóvel tocar.

Fosse abanou apenas a cabeça.

– Temos um suspeito – lembrou Blix. – E que tal lançar uma caça ao homem e procurar o Dahlmann?

Subiram os últimos degraus.

– Não deve saber que estamos à procura dele – disse Fosse, olhando em volta, antes de se dirigir aos representantes da comunicação social que o esperavam.

Blix não encontrou Emma entre eles. Pegou no telemóvel e abriu a última mensagem que ela lhe enviara. Escreveu o seguinte:

Fale com Unni Sarenbrant e Berit Norberg, que andavam a apanhar cogumelos e encontraram a Jessica Flatebø. Pergunte-lhes que tipo de música estava a tocar no sítio onde encontraram o cadáver.

Esperou um pouco e premiu em *enviar*. Não lhe deu qualquer informação sobre o caso, limitando-se a apontar-lhe a direção correta. O resto poderia ela concluir por si mesma.



Calle Seeberg estava de gatas. Não percebia como podia ter ainda algo que vomitar, mas o seu corpo claramente pensava que sim.

Deixou as náuseas refluir e fluir. Tinha sobretudo vontade de se deitar, mas deveria estar de novo no ar dentro de dez minutos, e teria de se recompor até lá.

Por fim, o corpo esvaziara-se por completo. De resto, era assim que se sentia. Não sabia como encontraria forças para se levantar, entrar no estúdio e conduzir mais meia hora de conversa acerca de temas da atualidade. Nem sequer se lembrava se iriam ter convidados no estúdio.

Pestanejou e sentiu uma ardência nos olhos secos. Doía-lhe a cabeça. Tentou levantar-se. Não conseguiu. Santo Deus, disse para consigo. Que se passava com o seu corpo? Parecia uma reação alérgica. Já tivera várias crises de alergia, mas nunca uma tão intensa.

Ainda de gatas, tentou recordar-se de poder, de algum modo, ter ingerido algo que não devia. Ao jantar da véspera comera uma piza. Nada de anormal nisso. Bebera uma cerveja, comera algumas batatas com cenoura que lhe tinham sobrado de outra refeição. Não sentira nada de invulgar no corpo, excetuando o facto de o anti-histamínico que tomara não ter tido efeito: por um qualquer motivo, tinha os olhos inchados e o nariz entupido. Tornara-se-lhe mais difícil respirar, o que o levava a tomar mais dois comprimidos de anti-histamínico.

Calle Seeberg fez mais uma tentativa. Desta feita, conseguiu levantar-se por completo. Arrastou-se até ao lavatório. Abriu a torneira e deixou a água correr até ficar bem fria. Só então percebeu

o quão quente estava, uma sensação que confirmou quando olhou para cima e se viu ao espelho.

Transpirava por todos os poros.

Meu Deus, como ele estava. O rosto pálido, os olhos vermelhos. Como se tivesse tomado duche com bicarbonato de sódio.

Seeberg lavou as mãos e a cara, bebeu alguns goles de água e logo a cuspiu. Nem sequer conseguia beber água. Como diabo havia de conseguir falar?

Apoiou-se com as duas mãos no lavatório e respirou fundo algumas vezes, mas isso fê-lo sentir dores no peito novamente. Tentou reunir forças que sentiu não ter. Deveria fazer o que jamais fizera em toda a sua carreira? Devia deixar o trabalho a meio e ir para casa?

Mas, se assim fosse, quem o substituiria?

Não tinham ninguém que o pudesse substituir com tão pouca antecedência.

Seeberg lavou as mãos de novo e depois secou-as. Tentou animar-se. Só mais meia hora, e a seguir podia apanhar um táxi até casa, ou até às urgências. Talvez fosse uma reação do corpo à dieta, pensou. No entanto, pouco peso perdera. Talvez tivesse fumado um maço de cigarros a menos por semana. Nada que provocasse uma tal reação no seu corpo. Quanto mais pensava nisso, mais certeza tinha de que devia ter ingerido alguma coisa.

De regresso à sua mesa de trabalho, pensou de novo no que comeria nas últimas vinte e quatro horas. Um pequeno-almoço normalíssimo: quatro fatias de pão de centeio com manteiga e queijo. Um copo de sumo. Café. Também bebera um copo de água antes de lavar os dentes.

Seeberg sentiu que estava prestes a lembrar-se de um pormenor ao regressar à secretária, mas não soube dizer ao certo qual. Mal reparou nas movimentações à sua volta, nas vozes dos anúncios publicitários, nos *jingles* que começavam a tocar e que depois paravam. Cambaleou, mas apoiou-se nas divisórias baixas da sala de redação ao passar por elas a caminho da sua cadeira.

Os seus cento e cinco quilos caíram com força no assento. Agarrou firmemente os apoios de braços. Por um breve instante, viu

a mesa com nitidez, e reparou que tinha à sua frente uma carta com o seu nome. A carta não tinha selo.

– Estás bem, Calle? – gritou-lhe o produtor, que estava algures na sala.

Seeberg levantou somente um polegar no ar, pois não conseguiu falar. Pegou no envelope, mas logo o pousou de novo. Não havia pressa, podia vê-lo mais tarde.

– Tens a certeza? Estás pálido como um cadáver.

Uma vez mais, o produtor. Talvez. Levantou de novo o polegar. Respirou fundo e endireitou-se.

Setecentos mil ouvintes diários.

Não podia desiludi-los.

Só mais meia hora, disse para consigo, como um mantra, enquanto se levantava e dirigia ao estúdio. Só mais alguns minutos.



Emma estava a colar fotografias na parede da sala, embora se sentisse idiota por estar a fazê-lo. Como se estivesse a representar num filme mau. Mas aquilo tinha, na verdade, um objetivo. Ter uma perspetiva geral das coisas. E todos os investigadores o faziam.

A impressora cuspiu uma imagem de Jeppse Sørensen com o equipamento da seleção dinamarquesa de futebol. Emma colocou a foto ao lado da imagem da capa do *Para sempre Número Um*, o livro de Sonja Nordstrøm. Encontrara também uma imagem do blogue de Jessica Flatebø, que pusera ao lado da de Sørensen. E, no último lugar do cronograma provisório, estava uma foto de Ragnar Ole Theodorsen em palco, diante dos restantes membros da banda Fabulous Five.

Tinham confirmado o seu nome aos meios de comunicação social. As emissões em direto da estação de metro de Egertorget tinham terminado, mas o Nyhetskanalen, o canal de notícias que Emma estava a ver na televisão da sala, continuava a emitir as mesmas imagens.

O telemóvel tocou. Era Blix.

– Olá – saudou-o, contente por finalmente falar com ele.

– Olá – respondeu-lhe Blix.

Emma não entendia porque é que ele a ajudava, sobretudo depois de Wollan ter revelado algumas das informações que ele lhe dera em segredo por confiar nela. Contudo, não teve coragem de lho perguntar. Não queria estragar a relação que se havia criado entre ambos.

– Falei com os apanhadores de cogumelos – referiu, como se para confirmar que descobrira a ligação entre os casos. – Falaram-me da música.

– Disseram alguma coisa sobre o livro? – perguntou Blix.

– Que livro?

– Encontrámos um livro na casa – explicou ele. – O livro da Sonja Nordstrøm. *O Para sempre Número Um*.

– Ah – disse Emma, olhando para as imagens na parede. – Têm mais pistas dela?

– Até ver, não.

Fez-se um momento de silêncio.

– O que acha que aconteceu? – questionou-o ela.

– Acho que ela também está morta. Pelo menos, que vai aparecer morta, mais cedo ou mais tarde. Com uma mensagem.

– Uma mensagem?

Blix suspirou.

– Não sei. O que aconteceu hoje, e ontem também, foi uma declaração óbvia. Ele não tem medo de se mostrar. Os meus colegas dizem que é maluco, e até pode ser, de uma maneira ou de outra. Mas a mim parece-me ser frio e calculista. Um homem com uma confiança imensa.

– Acha que foi essa a mensagem que ele quis passar hoje? Que não está a pensar em esconder-se?

– Talvez. Mas não estava a pensar nesse tipo de mensagem. Mais num género de uma peça nova no *puzzle*. Uma migalha de pão numa fila comprida de migalhas que ele quer que vejamos e sigamos.

Emma aproveitou a pausa que se seguiu para olhar de novo para as imagens. Olhou da de Nordstrøm para a do seu livro. Depois, para as fotografias de Jeppe Sørensen e de Jessica Flatebø. Em seguida, para a de Ragnar Ole Theodorsen, que fora morto a tiro e caíra... pelas escadas abaixo.

Emma analisou uma vez mais as imagens.

Não, não podia ser isso, pensou. E reviu as ideias.

– Não me interrompa agora – pediu ela. – Ouça só todo o meu raciocínio. *OK?*

– *OK.*

Emma aproximou-se tanto da parede da sala que lhe poderia tocar.

– A Sonja Nordstrøm desapareceu – disse ela, e apontou para as letras que formavam a palavra UM na capa do livro. – Toda a comunicação social da Noruega fica doida, e todos acompanham os desenvolvimentos. E depois... pum... encontram o Jeppse Sørensen no barco dela.

Tirou o dedo da palavra UM e pousou-o no número sete do equipamento do futebolista.

– Não há como não associar o homicídio do Jeppe ao desaparecimento da Sonja Nordstrøm, isto porque toda a comunicação social da Escandinávia compareceu à conferência de imprensa de ontem, na qual um telemóvel começou de repente a tocar. Tocou o suficiente para que todas as pessoas que ouviram rádio nos últimos vinte anos percebessem que estava a tocar a *Anjo* dos Fabulous Five, uma canção composta pelo Ragnar Ole Theodorsen.

Fez uma pausa, certa de ter captado totalmente a atenção de Blix.

– Puseram a tocar a mesma canção numa casa de madeira na floresta, para assim atrair alguém que encontrasse a Jessica Flatebø.

Tirou o dedo do número sete da camisola e pousou-o no logótipo do blogue de Flatebø. *SeksY*.

– E no dia seguinte, o membro principal dos Fabulous Five é também ele assassinado.

Emma pousou o dedo na bateria e nas letras que compunham o nome da banda.

– É uma contagem decrescente – disse ela.

– Como disse?

– É uma contagem decrescente, foda-se.

– De que é que está a falar?

– Ora pense – pediu Emma. – *Para sempre Número Um*. O Jeppe Sørensen jogava sempre com a camisola número sete. A Jessica Flatebø ficou em *sexto* lugar no Paradise Hotel, e fazia todo o género de trocadilhos e jogos de palavras com *sex* e *seks*², incluindo no seu blogue. Estava até *desaparecida* há seis dias quando foi encontrada. E os Fabulous *Five*...

Emma não concluiu o seu raciocínio, pois estava certa de que Blix o acompanhara.

– Mas isso não bate certo – referiu Blix.

– Como não?

– Um-sete-seis-cinco. Não é uma contagem decrescente.

– Pois, talvez não seja. A menos que exclua a Sonja Nordstrøm. É a única que ainda não apareceu morta. E foi com ela que tudo começou. Ela foi o tiro de partida. A primeira. Afinal, penduraram um dorsal na casa dela. Com o número um.

Fez-se silêncio do outro lado.

– Falou em mensagens – continuou Emma. – Há outras ligações entre as vítimas além das que o assassino criou?

Blix demorou algum tempo a responder.

– Então está a dizer, no fundo, que a próxima vítima é alguém com uma ligação qualquer ao número quatro? – questionou-a com uma voz de dúvida. – E que depois se seguirá alguém associado ao número três e ainda outro ao número dois? E que então a Sonja Nordstrøm vai aparecer morta, como sempre a número um, e acaba tudo? E então o assassino cumpre o seu objetivo?

Blix apreciava a teoria dela, mas Emma ouviu como parecia rebuscada quando dita em voz alta.

– Não sei – suspirou ela. – Foi só uma teoria.

Fez-se novo silêncio na chamada. Emma analisou um pouco mais as imagens. Era louco de mais para se acreditar.

Na televisão, viu pela terceira vez um repórter sério a conversar com Gard Fosse. O som estava baixo e ela tirou-o por completo. Fitou com atenção o texto no fundo da imagem no ecrã, uma notícia de *ÚLTIMA HORA*. Ouviu, no mesmo instante, um apito no seu telemóvel. Uma mensagem automática do serviço noticioso do VG Nett.

– Merda – disse ela.

– O que foi agora?

– Está a ver a televisão?

– De momento, não. O que se passa?

Emma deu alguns passos em direção ao ecrã.

– O Calle Seeberg. O locutor da rádio. Conhece? Morreu.

– Oh, foda-se.

Emma leu todo o texto que aparecia no ecrã.

– Diz que caiu para o lado durante a emissão de hoje – referiu, olhando de novo para a parede. As imagens. Os números. – Sabe em que rádio ele trabalhava? – perguntou a Blix, enquanto um calafrio lhe percorria o corpo.

– Não. Em qual?

– Na Radio 4.

2 Seis, em norueguês. (*N. da E.*)



A Radio 4 situava-se na Lille Grensen, a rua perpendicular à Akersgata e à Karl Johans Gate, e muito perto da Egertorget. Blix demorou apenas alguns minutos a chegar lá a partir das escadas onde Ragnar Ole Theodorsen fora morto a tiro.

Encontrou-se com Kovic diante da entrada.

– O que viemos fazer aqui? – perguntou ela.

– Explico mais tarde. Pode não ser nada. Acompanha-me só.

A rececionista não precisou que lhe explicassem porque estavam ali. Blix e Kovic também não atraíram a atenção dos funcionários da rádio quando entraram na sala da redação no primeiro andar. As pessoas pararam simplesmente de falar. Limparam as lágrimas.

Blix dirigiu-se à primeira pessoa que lhe pareceu em condições de falar: um jovem que não aparentava ter muito mais de vinte anos. Tinha os olhos raiados de sangue.

– Com quem posso falar? – perguntou Blix, mostrando-lhe o distintivo.

O jovem apontou-lhe uma senhora baixa com quarenta e tal anos. Estava ainda a chorar quando Blix se apresentou.

– Victoria Løke – disse. – Sou a produtora do Calle. Ou melhor... era.

Blix apresentou-lhe Kovic antes de perguntar:

– Sabe o que lhe aconteceu?

Ela abanou a cabeça e encolheu os ombros num só gesto.

– Caiu para o lado, e pronto, foi isso – explicou ela.

– Assim, de repente?

– Sim.

– Sem ter dado sinais de que se sentia mal?

– Parecia não estar muito bem, lá isso parecia – esclareceu Løke.
– Hoje, mais cedo. Um pouco distante, ausente, talvez. Desconcentrado. E, alguns minutos antes de morrer, estava a falar mais lentamente do que era seu costume. Parecia estar com falta de ar.

Kovic olhou para Blix com um olhar inquiridor.

– Com quem é que ele esteve em contacto hoje? – perguntou.

– Além de quem trabalha aqui?

– Sim.

– Bom, tivemos cá dois convidados. Um professor universitário de Sociologia e um deputado. Foi um dia de trabalho normalíssimo. Se excetuarmos o que aconteceu, claro.

Blix aquiesceu.

– Vocês têm câmaras de vigilância por aqui?

– Não na redação.

– E no estúdio?

– Temos duas câmaras *web*, mas só as usamos quando temos convidados especiais. Alguém que cá venha tocar música em direto, por exemplo. Nessas alturas, filmamos a atuação e põmo-la na Internet. Mas hoje não filmámos nada.

Blix tinha a esperança de que houvesse imagens de Seeberg a cair para o lado, ou – de preferência – anteriores a isso ter acontecido.

– Mas a emissão de rádio, o último programa do Seeberg... essa têm-na, não?

– Guardamos todas as emissões no nosso disco rígido. Normalmente, depois publicamos todas as emissões em forma de *podcast*, mas claro que não publicámos a de hoje.

– Pode mostrar-nos o estúdio onde ele estava a trabalhar?

Ela anuiu com um gesto da cabeça e acompanhou-os até a uma porta aberta. No estúdio havia três cadeiras em redor de uma mesa. Três microfones e o mesmo número de auscultadores. Løke apontou para o lugar atrás do ecrã de computador.

Blix entrou no estúdio. Olhou em volta. Um bloco de notas, papel, duas canetas, uma caneca de café e um copo de água. Nada mais. No chão encontravam-se os vestígios dos paramédicos que haviam

tentado reanimá-lo. Um par de luvas descartáveis e embalagens de papel de utensílios esterilizados.

– Pode trancar esta sala até a examinarmos com mais minúcia?

– Sim, sim. Claro.

– E também queremos ouvir a última gravação dele.

Løke assentiu e levou-os ao seu gabinete. Sentou-se e abriu uma pasta no computador.

– Aqui está – disse, abrindo um ficheiro de som. – É da última emissão dele.

Løke aumentou o volume do som. A conhecida voz de Calle Seeberg encheu a sala. No entanto, a voz tinha algo de estranho. Deu as boas-vindas aos ouvintes e explicou ao público, lentamente e com a voz arrastada, do que iriam falar na próxima meia hora. Depois, tentou apresentar um tema dos Highasakite.

Foram-lhe necessárias três tentativas, mas riu-se e disse que era um nome difícil para uma banda norueguesa, mas o comentário não teve nada de engraçado ou inteligente. Era também fácil de perceber que lhe era difícil respirar. O seu peito assobiava.

A canção começou a tocar.

Løke avançou na gravação até a música terminar.

– É agora que acontece – disse ela.

Blix escutou com atenção. Normalmente, Seeberg repetia o título da canção que tinham acabado de ouvir, mas, na gravação, pareceu titubear, como se não conseguisse dizer uma só palavra. Então, começou a gorgolejar, e alguma coisa embateu na mesa com estrondo. Seguiu-se o som de uma cadeira a tombar, antes de todo o pesado corpo de Calle Seeberg cair no chão.

Houve um momento de silêncio, e depois alguém gritou o nome dele. Alguns sons encheram a sala. Pés e cadeiras a serem rapidamente arrastadas para o lado. Victoria Løke fez um esgar de dor, como se não aguentasse ouvir mais.

– *Deitem-no de costas* – dissera alguém.

– *Não está a respirar!* – gritou uma mulher. – *Chamem uma ambulância!*

Imprecações.

– *Calle! Consegues ouvir-me?*

– *Estamos no ar.*

Mais imprecações. Depois, começou a tocar música. Løke baixou o som.

– É horrível – disse. – Felizmente, não vi o que aconteceu, só ouvi. E entrei a correr no estúdio quando percebi o que tinha acontecido.

Abanou a cabeça.

– É a pior coisa por que já passei.

– Tentou reanimá-lo?

– Sim, claro – disse ela, indignada. – Por muito tempo. Tentámos de tudo até a ambulância chegar.

O ficheiro de som ainda estava a tocar, mas Blix fez sinal a Løke de que já tinham ouvido o suficiente.

– Ele não conseguia respirar – comentou Kovic.

– Pelo que ouvimos, parece que não – concordou Blix. – Pode mostrar-me o gabinete dele?

– Claro.

Løke levou-os para a sala da redação. Depressa chegaram a uma mesa com duas paredes de pladur de meio metro de altura que delimitavam parcialmente o local de trabalho de Seeberg. A secretária estava cheia de folhas de papel, blocos de notas e cabos. Pilhas de documentos, livros, jornais. Duas canecas com café antigo. Blix observou com atenção uma fotografia de uma rapariga que, pelo menos na imagem, não teria mais do que catorze anos. Tinha uma fotografia semelhante de Iselin na sua mesa de trabalho.

As pessoas estão sempre a enervar-se, pensou Blix, recordando-se da teoria da contagem decrescente de Emma. Os locutores de rádio também podiam simplesmente cair para o lado mortos.

O seu olhar deteve-se num envelope branco com o nome de Calle Seeberg escrito à mão. Blix pegou no envelope. Virou-o e constatou que Seeberg não o abrira. Não tinha qualquer selo. Blix sopesou o envelope. Tinha alguma coisa dentro, que lhe pareceu ser uma fotografia.

– Uma carta de um fã? – perguntou Blix a Løke.

– É possível – respondeu ela. – Ainda recebe muitas.

– Cartas em papel? As pessoas não enviam apenas um *email* ou uma mensagem de texto?

– A *maioria* das pessoas, talvez. Mas algumas ainda são antiquadas.

Blix virou de novo o envelope. Não tinha qualquer indicação do remetente na parte de trás.

– Um estafeta trouxe-o hoje – disse a mulher na secretária em frente.

Blix ergueu a cabeça e fitou-a. Uma mulher com vinte e tal anos e de auscultadores com microfone. As almofadas que normalmente cobrem as orelhas estavam unidas sob o queixo. Ela apontou para o envelope.

– Há quanto tempo? – perguntou Blix.

– Hum, há umas duas horas, talvez. Não, espere. Há menos do que isso. Eu tinha acabado de chegar quando ouvi o estafeta dizer, na receção, que tinha um envelope para entregar ao Calle Seeberg. Eu trouxe-o para cima.

Blix franziu o sobrolho antes de abrir o envelope e tirar a foto.

Ficou boquiaberto.

Um número quatro.

Em tons de cinza e preto e branco. O número estava no meio, rodeado por um círculo branco. Havia quadrados cinzentos nos lados da fotografia. Parecia uma imagem de um rolo de filme. Como a contagem decrescente no início dos antigos filmes mudos.

– De que empresa era o estafeta? – perguntou, notando nesse instante como a voz lhe tremia um pouco.

A mulher encolheu os ombros.

– Acho que não estava a usar uniforme – respondeu ela. – É melhor perguntarem na receção.

– Como é que ele era? – continuou Blix. – Que trazia vestido?

A mulher pensou um pouco.

– Um impermeável preto – disse, finalmente.

Blix olhou de imediato para Kovic.

– E um boné cinzento. Não o vi muito bem, porque tinha o capuz enfiado na cabeça.

– Por cima do boné?

– Sim.

Blix olhou para a imagem com o número quatro e arrependeu-se de não ter usado luvas para a manusear.

– Obrigado – disse, e acenou à mulher dos auscultadores antes de guardar de novo a imagem no envelope e interpelar Kovic. – Acho que o Calle Seeberg é um número novo na contagem – explicou-lhe, vendo como ela estava cheia de perguntas.

Antes que ela conseguisse dizer o que quer que fosse, Blix dirigiu-se de novo a Løke:

– As imagens de videovigilância do rés do chão. Na receção. Tenho de as ver. O quanto antes.



Blix agachou-se ao lado de Abelvik, que estava a comer uma sanduíche sentada à secretária.

– Viste o Fosse? – perguntou-lhe. – Ele não está no gabinete.

– Acho que foi fazer exercício – disse Abelvik com a boca cheia de queijo.

– Ele foi fazer exercício agora? – questionou-a Blix, olhando para o relógio. – Com tudo o que está a acontecer?

Abelvik abriu as mãos. Engoliu e trincou outro naco.

– Já têm a morada do Dahlmann? – continuou Blix.

– Ainda não. Mas daqui a pouco ligo ao melhor amigo dele.

Ela olhou para o seu relógio de pulso.

– Está num avião, está a regressar de Amesterdão – acrescentou.

– OK, muito bem.

Blix desceu de elevador até à cave e encontrou Gard Fosse numa das três passadeiras do ginásio. Parecia estar a correr há já algum tempo, pois o suor escorria-lhe pelo rosto enrubescido.

– Os médicos... – disse Fosse quando Blix se aproximou dele. – Dizem que temos de fazer exercício para prolongar a vida. Mas tenho a certeza de que deve ter o efeito contrário. Não é possível aguentar muito tempo assim.

Fosse vestia apenas uns calções justos e uma *T-shirt* branca sem mangas. Tinha a barriga presa sob o tecido fino, e os pés embatiam pesadamente na passadeira. Percorrera uma distância de 4,78 quilómetros em pouco mais de vinte e seis minutos.

– Como estão a correr as coisas com a tipa nova? – perguntou Fosse.

– Com a Kovic? Tudo impecável – afirmou Blix. – Já sabes que o Calle Seeberg morreu?

Fosse continuou a correr.

– O locutor de rádio?

Blix anuiu. Fosse abanou a cabeça, pegou numa toalha que estava pousada sobre o ecrã da passadeira e limpou rapidamente o rosto.

– Caiu morto no estúdio – disse Blix.

– E então?

Blix aproximou-se mais e mostrou-lhe a única imagem que tinha consigo.

– Este é o Walter Georg Dahlmann, apanhado hoje de manhã por uma câmara de vigilância nos estúdios da Radio 4 – transmitiu-lhe.

Fosse correu mais alguns segundos e parou bruscamente a passadeira com um gesto determinado, como se o botão de alarme no meio do painel de controlo fosse um inseto que pretendia matar. Quando a passadeira deixou de fazer barulho, a respiração cansada de Fosse tornou-se mais notória.

– Entregou ao Calle Seeberg um envelope com esta imagem – prosseguiu Blix, mostrando-lhe o número quatro.

Fosse secou de novo o suor.

– Como é que ele morreu? – perguntou Fosse.

– Muito provavelmente de falência cardíaca. Ainda é cedo para dizer.

– Mas suspeitamos que também tenha sido assassinado? – replicou Fosse.

Blix aquiesceu.

– Que tenha sido envenenado de alguma forma.

– Com a carta? Com um pó, ou assim?

Blix abanou a cabeça.

– Mas acho que sei o que se passa aqui – continuou ele. – E talvez o que vai acontecer em seguida.

O olhar de Fosse cruzou-se com o de Blix no espelho à sua frente. Secou-se mais um pouco. Nos minutos que se seguiram, Blix reviu os casos mediáticos que estavam a investigar, e acrescentou que cada uma das vítimas podia estar associada a um número.

Fosse pegou numa garrafa de água e abriu-lhe a tampa. Bebeu alguns goles longos antes de fitar Blix com ceticismo.

– Também não acreditava nisto antes de o Calle Seeberg morrer em direto – disse Blix. – Mas ele trabalhava na Radio 4. – Blix realçou o número. – E é... era... talvez o funcionário mais famoso da emissora. Alguém anda a matar pessoas famosas, e fá-lo por ordem decrescente.

Fosse saiu da passadeira e sentou-se num banco ali próximo.

– Porque é que o Dahlmann havia de entregar um número ao Seeberg se o número não significasse nada? – prosseguiu Blix. – E até é uma imagem de uma contagem decrescente.

– Mas uma contagem decrescente rumo ao quê? – perguntou Fosse. – Qual é o objetivo?

– Isso ainda não sei.

Fosse bebeu mais um pouco de água.

– Então quem é o número três? – inquiriu.

– Também não sei. Esperemos apenas conseguir parar isto antes que seja tarde de mais.

Fosse precisou de refletir por mais um momento.

– E agora, o que estão a fazer?

– O estúdio da rádio está fechado – explicou Blix. – A Ann-Mari Sara pode pôr lá alguém a analisá-lo. Peço à Pia Nøkleby que solicite uma autópsia, e depois vamos à casa do Calle Seeberg ver se há lá alguma coisa que indique que tenha sido envenenado.

Blix reparou que Fosse continuava cético. Levantou-se e dirigiu-se aos halteres.

– Ótimo – exclamou, pousando a toalha numa cadeira. – Mas isso fica só entre nós. E o mesmo em relação aos números. Até ver, não passa de uma teoria.

Fosse pegou num haltere onde estava escrito o número dez.

– A prioridade é apanhar o Dahlmann. – Ergueu o olhar e viu-se ao espelho. – E, como o Dahlmann teve a desfaçatez de estar presente na nossa conferência de imprensa de ontem, pode ser que o repita hoje. De maneira que temos de garantir que *ninguém* anuncia o nome dele antes de tempo.

Fosse olhou para Blix. Parecia satisfeito consigo mesmo.

– Se o tivéssemos anunciado, nunca teríamos esta oportunidade de o apanhar.

Blix queria dizer que não havia ali qualquer oportunidade, que Dahlmann não iria reaparecer. Não agora, pois não era estúpido; sabia perfeitamente que era muito provável que andassem à sua procura.

– Diz aos outros todos que mantenham os olhos abertos e que estejam prontos a agir caso o vejam – declarou Fosse com uma expressão séria antes de levantar o haltere e fazer um exercício para trabalhar os bíceps.

Blix pensou em dizer-lhe que estava a fazer mal o exercício, mas deixou-o estar.



Um assessor de comunicação desejou à plateia de jornalistas as boas-vindas à conferência de imprensa e, em seguida, passou a palavra a Gard Fosse, o responsável pelo departamento. Fosse estava corado, e bebeu um copo de água antes de enumerar cronologicamente os factos.

– A polícia procura um criminoso cadastrado por associação ao homicídio de Ragnar Ole Theodorsen – anunciou. – Falamos de um homem de quarenta e três anos que está a ser procurado pela polícia.

As informações sobre um suspeito atraíram a atenção das câmaras. Fosse posou por alguns segundos antes de continuar a falar, em traços gerais, sobre o trabalho árduo da polícia, tanto a nível técnico quanto tático, para encontrar o referido homem. Pediu também o auxílio da população e, depois, exibiu uma fotografia de uma pessoa que, com um capuz preto na cabeça, olhava para baixo. Era uma imagem captada por uma das câmaras de vigilância dentro da estação de metro.

– Não sabemos que metro apanhou depois de ter matado o Theodorsen – continuou Fosse. – É por isso que precisamos da ajuda da população.

Emma foi a primeira a levantar a mão para colocar uma questão. Desta vez, sentara-se bem à frente, na esperança de ser vista, mas, como sempre, deram prioridade às questões dos grandes meios de comunicação. Como nenhum dos jornalistas fez a pergunta que queria ver respondida, Emma continuou com a mão no ar. Deram-lhe a palavra quando a sessão se aproximava do fim. Aclarou a voz e levantou-se.

– Emma Ramm, *news.no*.

Sentiu-se nervosa. A conferência de imprensa estava a ser transmitida em direto na televisão, e nunca gostara de fazer perguntas diante de uma plateia.

– O Calle Seeberg também morreu hoje – começou por dizer. – Associam a sua morte ao homicídio de Ragnar Ole Theodorsen e às outras mortes de celebridades ocorridas nos últimos tempos?

Fosse fitou-a por um momento. Olhou-a como se soubesse quem ela era, ou como se pelo menos a quisesse fixar na memória.

– Esta conferência de imprensa é sobre o homicídio de Ragnar Ole Theodorsen – disse lentamente Fosse, como se para ganhar tempo para formular uma resposta adequada. – Mas posso confirmar que a polícia está a proceder a exames de rotina à morte de Calle Seeberg. É verdade que a polícia de Oslo tem vivido dias atribulados. Estamos também a investigar o assassinato de Jessica Flatebø e a cooperar com a polícia dinamarquesa no inquérito à morte de Jeppe Sørensen.

– E estão a investigar as ligações entre eles? – perguntou Emma.

– Todas as investigações estão numa fase inicial – respondeu Fosse, mexendo-se um pouco na cadeira. – Trocamos experiências e conhecimentos durante as investigações.

Muitas pessoas na sala voltaram-se para Emma.

– O caso Nordstrøm faz parte deste conjunto de investigações?

– Sim – confirmou Fosse. – Mas, quanto mais não seja por causa dos seus familiares, não devemos especular sobre o que lhe terá ou não acontecido. Sobretudo em público, como está a fazer neste momento.

Emma engoliu em seco. Pensou depressa. Viu que Fosse se preparava para passar a palavra a outra pessoa.

– Mas há uma ligação entre a Sonja Nordstrøm e o Jeppe Sørensen – declarou. – Você mesmo o disse ontem. E há também uma ligação entre a conferência de imprensa e a Jessica Flatebø. Estou a referir-me à canção que tocou num telemóvel aqui dentro, a *Anjo*, composta por Ragnar Ole Theodorsen. Essa mesma canção estava a tocar na casa onde encontraram a Jessica Flatebø. E hoje de manhã o Theodorsen foi morto a tiro.

Fez-se um silêncio absoluto. Por um instante, na sala pareciam encontrar-se apenas Emma e Fosse.

– São todas pessoas famosas sem nenhuma outra ligação óbvia entre si – continuou Emma. – Pode dizer-se o mesmo do Calle Seeberg, que também morreu hoje em, tanto quanto percebi, circunstâncias especiais. Daí que lhe tenha feito essa pergunta.

Um jornalista tossiu no fundo da sala. Fosse trocou um olhar com a procuradora Pia Nøkleby.

– Como lhe disse, não nos compete entrar em especulações nesta fase da investigação.

Fosse levantou-se e dirigiu um aceno de cabeça aos membros da comunicação social.

– Obrigado por terem vindo – concluiu o assessor de comunicação, dando alguns passos diante do estrado. – Não teremos oportunidade de fazer entrevistas individuais.

Fosse pegou nas folhas que tinha na mesa diante de si. Antes de se ir embora, lançou um olhar rápido a Emma. Ela permaneceu de pé e viu-o desaparecer por uma porta lateral.

– Iremos mantê-los informados à medida que a investigação for avançando – disse o assessor.

Os jornalistas arrumaram as suas coisas e começaram a sair. Emma sentou-se com o portátil no colo e acrescentou a um artigo pré-escrito os comentários de Fosse sobre a ligação entre os homicídios. Excluiu o facto de parecerem ter sido cometidos de acordo com uma ordem numérica. Queria incluir esse pormenor num artigo de fundo que ainda não estava pronto.

Kasper Bjerringbo aproximou-se dela. Emma não o tinha visto. Desta vez, não a abraçou. Nem lhe agradeceu o encontro da véspera. Ela questionou-se se ele estaria irritado por não terem feito nada mais do que jantar.

– Tens a certeza de que foi boa ideia partilhar a tua teoria publicamente? – perguntou-lhe ele.

Emma clicou em *publicar* e olhou para cima.

– Não tenho assim tanto medo da concorrência.

– Não estava propriamente a pensar na concorrência – disse Kasper. – Estou a pensar na população em geral. Que te viram e

ouviram. E que talvez tenham ficado com medo.

– Bom – declarou Emma –, talvez devessem ter.

– Mas talvez não te competisse a ti decidir isso, não?

Emma começava a irritar-se.

– Vais escrever sobre estas ligações no teu blogue?

Ele parecia estar a troçar dela e, por esse motivo, ela respondeu-lhe somente «não sei» e afastou-se, seguindo a multidão de jornalistas até ao exterior da esquadra. Quando sentiu o ar fresco na cara, percebeu o quão quente estava.



Fosse enviou-lhe a mensagem de texto apenas um quarto de hora depois de a conferência de imprensa ter terminado. Blix estava na cantina a comer um hambúrguer. O chefe queria falar-lhe o quanto antes no seu gabinete. Blix respondeu-lhe que apareceria assim que acabasse de comer.

Fosse respondeu:

Imediatamente.

– Ui, o que é que este quer? – murmurou Blix para consigo.

– O que é que se passa?

No lado oposto da mesa, Kovic começara a comer uma salada de frango.

– Não sei – disse Blix. – Mas parece que tenho de me despachar.

Revirou os olhos.

– Se eu demorar, vê o que a Abelvik já tem sobre o Dahlmann. Ela ficou de falar com o melhor amigo dele.

– OK.

Blix levou consigo o resto do hambúrguer e desceu as escadas até ao rés do chão. Acabou de enfiar o último pedaço de comida na boca quando chegou ao gabinete do chefe. Fosse estava sentado à secretária quando Blix entrou.

– Qual é a pressa? – perguntou.

– Senta-te.

Blix hesitou um pouco antes de fazer o que Fosse lhe pedira. Puxou a cadeira para mais perto da secretária. Fosse mal olhou para ele. Esperou bastante tempo até dizer:

– A Emma Ramm.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro atrás da secretária. Blix limpou as últimas migalhas dos cantos da boca e

esperou que o chefe continuasse a falar.

– Nunca trabalhou na área do crime até recentemente. E, de um momento para o outro, está mais informada e em cima do assunto do que um bando de repórteres de crime experientes. E na conferência de imprensa teve a lata de me fazer perguntas sobre mais ou menos o mesmo assunto de que me falaste no ginásio.

Fosse parou e voltou-se para Blix. Deixou as suas palavras pairar. Blix afundou-se um pouco na cadeira.

– Escreveu o seu primeiro artigo como repórter de crime depois de te ter encontrado em casa da Sonja Nordstrøm.

Fosse começou a andar, de novo, de um lado para o outro.

– Também estive a dar uma vista de olhos aos artigos que escreveu depois desse. Obtém as informações a partir de fontes policiais anónimas.

Blix não sabia o que dizer. Fosse parou de novo.

– Foste tu que lhe disseste que encontrámos o telemóvel da Nordstrøm no cemitério – afirmou ele, fitando Blix nos olhos.

– Não – retorquiu Blix, abanando a cabeça.

O que era verdade, já que Emma descobrira tudo sobre o telemóvel por sua própria iniciativa. Fosse atacou de novo, não dando a Blix tempo de esclarecer a situação.

– Não sou estúpido, embora aches que sou. Sei também que um dos colegas dela foi o primeiro a chegar à casa de campo da Nordstrøm no dia em que encontraram o corpo do Jeppe Sørensen. Muito antes dos outros todos. O que aconteceu... não pôde ir lá ela?

Blix tinha uma objeção na ponta da língua, mas não disse nada.

– Achas que não sei quem ela é?

Blix olhou, de repente, para cima. Sentiu um peso no estômago.

– Não lhe deves nada, Alex.

Continuou a não conseguir dizer uma só palavra.

– Durante esta investigação, realcei várias vezes que é importante mantermos as informações só entre nós – disse Fosse. – Ou podemos afetar o nosso trabalho.

Fosse fez uma pausa, parou de novo e apoiou-se nas costas da cadeira. Inclinou-se para a frente. Respirou pesadamente.

– Não me interessa como é que aconteceu, mas não posso correr o risco de ter fugas na investigação – declarou ele. – Não controlo a imprensa, e não posso remover a Emma Ramm do caso. Mas a ti, sim, posso afastar.

Blix fitou-o de novo.

– O que estás a dizer?

Fosse esperou um pouco antes de continuar.

– Não te quero suspender, claro, porque isso só vai trazer chatices a nível interno, e iria envergonhar-te diante dos outros. Mas também pareceria estranho se continuasses aqui sem trabalhar num caso que lideraste desde o início. Acumulaste imensas folgas, Alex. Sugiro-te que comeces por tirar uma semana de folga, a partir de hoje.

Blix tossicou. Sentiu-se cada vez mais irritado, mas conteve-se.

– Posso cortar todas as con...

Fosse levantou uma mão no ar, como se para o deter.

– Ela sabe quem *tu* és?

Blix não respondeu.

– Não lhe disseste?

– Não.

Fosse sentou-se. Arrastou-se para junto da secretária com um gesto resolutivo.

– Preciso de detetives competentes a trabalhar nisto, sabe-lo bem. Isso significa que não te posso ter aqui enquanto investigamos estes homicídios de celebridades. Fui bem claro agora?

Blix não respondeu, limitando-se a esperar durante um momento, e depois puxou a cadeira para trás e levantou-se. Olhou para o chefe e sentiu algo fermentar dentro de si. Primeiro, pensou em tão-só virar-lhe costas e ir-se embora, mas não conseguiu.

– Isto é tão típico de ti – disse.

– O quê?

– O teu problema foi sempre este, Gard.

Blix tentou refrear a jocosidade que ouviu na sua voz.

– Sempre te escondeste atrás de leis e regras. De protocolos. É por isso que tens este gabinete tão bonitinho.

Blix apontou para as paredes, onde estavam penduradas fotografias de Fosse na companhia do ministro da Justiça, do primeiro-ministro. Do comissário da polícia.

– Assim, não tens de enfrentar o mundo real, onde às vezes é necessário lidar com as coisas de uma maneira um bocadinho diferente. Coisas para as quais não há manuais nem protocolos. Nunca tiveste jeito para o trabalho prático de um polícia.

Blix agarrou na cadeira com as duas mãos, e com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos.

– E vais provar mais uma vez que não sabes nada da poda, porque vais afastar um dos teus melhores detetives de um caso onde precisas de toda a ajuda possível. Só porque não se seguiram as regras formais de conduta. Sabes tão bem quanto eu que a investigação não sofreu nenhum revés por ter discutido o caso com a Emma Ramm. Pelo contrário, na verdade, mas estás-te a cagar para isso. Para ti, os princípios estão acima de tudo.

Fosse preparava-se para responder, mas Blix não pretendia, de todo, ouvi-lo e deixar-se intimidar.

– Queres que me afaste? – continuou. – Estou a cagar-me para o que possas dizer ao resto do pessoal do departamento. Não tenho problemas em explicar porque é que fiz o que fiz, nem me arrependo de o ter feito. Até o podes dizer em público, chamar toda a gente e montar o circo, porque é assim que te sentes bem. Não me podia estar mais nas tintas para isso. O que me interessa é deter um assassino louco que matou sabe-se lá quantas pessoas nas últimas semanas, e que ainda não acabou a matança. Para ti, isso também devia ser o mais importante.

Blix queria dizer mais coisas, mas calou-se e aproximou a cadeira da secretária. Depois, saiu do gabinete e fechou resolutamente a porta.

A casa de banho situava-se a três metros, no corredor. Blix entrou e abriu a torneira do lavatório, molhando a cara com água fria. O acesso de fúria ruborescera-lhe as faces. Respirou fundo. Tentou acalmar-se.

Fitou o seu reflexo no espelho.

Ela sabe quem tu és?

Blix arrancou um pouco de papel, secou-se, saiu. No corredor, cruzou-se com Kovic.

– Ah, aí estás tu – disse ela. – Temos uma morada para o Dahlmann. A unidade de intervenção já foi avisada. Vamos?

Blix abanou a cabeça e seguiu em frente. Kovic virou-se para trás e observou-o.

– Aconteceu alguma coisa? Alguma coisa de mal?

– Tenho de resolver um assunto privado – respondeu Blix abanando a cabeça. – Pode demorar alguns dias.

– Dias? – perguntou Kovic, incrédula. – Mas...

Não chegou a perguntar mais nada. Embora não a visse naquele momento, Blix sentiu o olhar de Kovic cravado na sua nuca.

– Ligo-te depois – gritou ela.

Blix não respondeu.



A possibilidade de um só criminoso estar por trás de todos os homicídios de celebridades encheu os noticiários, mas ninguém realçara que uma repórter do *news.no* fora a primeira a assinalar as ligações. Os meios de comunicação tinham, ao invés, pedido comentários especializados a antigos investigadores da polícia e a diversos profissionais da área da psicologia. O termo «assassino em série» ocupara os títulos dos jornais, mas nenhum dos meios de comunicação fizera, até ver, qualquer referência à ligação numérica entre os casos.

Emma terminara o artigo que mostrava como cada vítima representava um número e como haviam sido assassinadas por ordem decrescente. No entanto, sentia que lhe faltava ainda alguma coisa que desse substância à história.

Algo com que Blix talvez a pudesse ajudar.

Ele enviara-lhe uma mensagem a perguntar-lhe se se podiam encontrar no Kalle Liker Alle. Não fazia ideia do que é que ele lhe queria falar, mas sentiu-se ainda mais curiosa quando o viu surgir, com passos pesados mas cuidadosos, no cimo das escadas do primeiro andar com um copo de cartão com café na mão.

– Olá – saudou-a.

Ele estava pálido e com olheiras.

– Olá – disse Emma, puxando o telemóvel e o copo alto com *latte* para mais perto de si.

Blix sentou-se. Pousou o telemóvel na mesa.

– Como está? – perguntou ele, e olhou-a com um sorriso tímido.

– Estou bem, obrigada – respondeu ela. – Estou a tentar escrever sobre os números, mas é difícil criar um artigo convincente com o material que tenho.

Emma esperou que ele apanhasse a deixa. Não apanhou. Ao invés, Blix bebeu um gole de café e fez o copo de cartão rodopiar, sem deixar de o observar.

– E faltam alguns números – disse ele por fim.

Emma recostou-se um pouco na cadeira e analisou o polícia à sua frente.

– Quer dizer que estão a investigar mais assassinatos? – perguntou ela. – Que já encontraram uma vítima número dez, nove e oito?

– Não temos nenhuma investigação em curso que aponte nesse sentido – respondeu Blix, abanando a cabeça. – Mas é bem possível que outros famosos tenham sido assassinados sem que ainda o saibamos.

Ergueu o olhar e fitou-a.

– Os famosos são a sua área de especialidade – disse ele. – Conhece alguma celebridade que tenha morrido de repente ou de modo inesperado nos últimos tempos?

Emma refletiu, mas não lhe ocorreu ninguém. Pelo menos na Noruega.

Fez-se silêncio entre eles.

– Foi por isso que quis falar comigo? – perguntou ela.

Blix aguardou alguns segundos. Depois, sacudiu a cabeça.

– Emma – disse Blix com um tom de voz um pouco diferente; soou mais sério. – Há algo que... tenho de lhe contar – continuou. – Algo que acho que deve saber.

Blix enlaçou as mãos em volta do copo e hesitou por um instante antes de finalmente dizer:

– Em 1999...

Não conseguiu continuar sem hesitar.

– Domingo, 9 de maio de 1999.

Emma abriu a boca mas não disse nada. A menção à data fê-la sentir, de imediato, um peso no estômago.

– Eu tinha saído da academia há pouco tempo – disse Blix. – Andava num carro-patrolha com o Gard Fosse. Esse domingo... era um dia de primavera frio. Não tivemos muito que fazer. Até...

Blix pareceu concentrar-se em algo no tampo da mesa. Emma mexeu-se um pouco na cadeira. Soube, de certo modo, o que ele lhe ia dizer.

– Recebemos a mensagem pelo rádio da polícia às 14h23, pouco antes de termos de regressar à esquadra. Uma denúncia de violência doméstica. Em Teisen.

Ele fitou-a. E Emma viu nos olhos dele o que já começara a temer ouvir.

Não olhou para Blix quando este retomou a palavra, sentindo apenas que algo dentro dela se abria. Uma ferida que achava estar sarada há muito tempo.

Percebeu porque é que Blix tinha tanta dificuldade em falar daquilo.

Porque é que agia de modo tão estranho com ela.

Porque é que a ajudava.

Tinha sido ele quem matara o seu pai.



Estavam inquietos, sentados em lados opostos da mesma mesa de café. Blix reviveu interiormente o que acontecera naquele fatídico dia de maio em 1999.

– Não tive escolha – esclareceu, e sentiu-se impelido a pôr a mão sobre a de Emma. Acabou por agarrar o copo de café com mais força. – Ele queria disparar. Tive de pensar numa fração de segundo, não pude esperar. Tive de agir.

Emma fechou os olhos. As lágrimas escorreram-lhe pelo rosto.

– Ele ia matá-la, Emma. E talvez a mim também.

O cartão do copo cedeu ao seu aperto, e algum café escorreu pela borda e sobre os dedos da sua mão. Blix agarrou no copo com a outra mão, sacudiu as gotas vertidas e pousou o copo na mesa. Limpou-se com um guardanapo.

– Talvez se pergunte porque lhe conto isto agora – disse. – Não... tinha a certeza de que devia dizer alguma coisa, mas depois de nos encontrarmos...

Suspirou.

– Naquele momento, tomei uma decisão que teve grandes consequências, tanto para si quanto para mim. Matei um homem, e você ficou órfã. Ninguém sabe o que teria acontecido se eu nunca tivesse entrado naquela casa.

Emma pestanejou.

– Mas eu... senti-me um pouco responsável por si nos anos que se seguiram. Tinha necessidade de saber como estava. Sabia que um dos seus avós tinha ficado responsável por si e pela sua irmã, mas isso não me bastava, tinha de saber mais. Por isso, também me encontrei com o seu avô, enquanto ele foi vivo.

Emma olhou para ele.

– É por isso que sei que passou por um mau bocado, Emma. Que sofreu muito. Senti sempre que, em parte, a culpa era minha. Quando nos encontrámos na casa da Sonja Nordstrøm naquele dia, não tive a certeza se sabia quem eu era. Se o seu avô lhe tinha falado de mim, e se me culpava, se estava zangada comigo. Mas pareceu-me que não sabia de nada. Era tão pequena quando aquilo aconteceu. Os seus avós tinham-lhe poupado os detalhes.

Fez uma pausa. Ergueu o copo de cartão, deixando uma mancha de café na mesa. Limpou-a e pousou o copo no guardanapo.

– E talvez tivesse sido melhor que as coisas se mantivessem assim – afirmou ele. – Mas tive de lhe contar isto para conseguir continuar a olhá-la nos olhos. Pareceu-me também que tinha o direito de saber isto. O meu pai deixou-nos quando eu tinha oito anos, e eu nunca soube porquê.

Fitou-a numa tentativa de lhe ler a expressão facial e saber se estava furiosa, chocada, triste ou se não sentia nada. Viu apenas um olhar vazio e lágrimas que lhe escorriam dos olhos.

– Por isso... se quiser saber alguma coisa, basta perguntar-me. Não tenho a certeza de lhe poder dar todas as respostas, mas... pode telefonar-me quando quiser.

Blix esperou por uma resposta. Uma frase. Uma palavra. Alguma coisa. Emma apenas continuou a olhar em frente. Blix levantou-se.

– Vou deixá-la em paz. Ligue-me se quiser... falar sobre isto. Ou... se quiser falar de outra coisa qualquer.

Antes de se ir embora, tirou uma fotografia do bolso. Tirara uma fotocópia antes de sair da esquadra.

– Isto estava na secretária do Calle Seeberg hoje de manhã – disse ele, pousando uma folha A4 na mesa diante dela.

Emma olhou para ele. Blix viu a surpresa e a excitação no seu olhar.

– Não pode dizer que fui eu que lha dei – disse ele ao apontar para o número quatro. – Mas pode usá-la para cimentar a sua teoria dos números.



Blix saiu do café e sentiu o ar frio da noite. Viu-se tomado por diversos sentimentos contraditórios. Sentiu-se aliviado por finalmente ter conseguido partilhar a verdade com Emma. Inquieto, porque não ficara com nenhuma noção clara do que ela pensava acerca da sua confissão. Furioso, porque fora excluído da investigação quando todos os colegas procuravam Walter Georg Dahlmann. Era uma investigação que Blix desejava ardentemente concluir, sobretudo agora que tinha a certeza de que Dahlmann tinha um grande projeto em curso, algo que levaria ao aparecimento de mais mortos se ninguém o detivesse. Blix podia contribuir em muito na investigação, que certamente enfraqueceria sem a sua presença.

Conduziu até casa. Por norma, passava o menor tempo possível em casa, pura e simplesmente porque não gostava de lá estar. A entrada estava sempre suja, o apartamento era pequeno e acanhado. Os móveis antigos estavam em mau estado. Não tinha nenhuma área exterior onde pudesse relaxar. Não era de estranhar que Iselin nunca quisesse visitá-lo, quando o seu termo de comparação com aquele apartamento era o palácio do novo companheiro de Merete.

Blix tirou uma cerveja do frigorífico e abriu o portátil, que estava na mesa da cozinha. Na página do *Justo Vencedor* dizia-se que os concorrentes tinham como missão escrever uma crónica sobre um tema do seu interesse. A resposta das pessoas em casa e a atenção que a crónica conseguisse suscitar decidiriam em grande medida quem seguiria em frente no programa.

Blix viu que a sua filha já terminara a tarefa. Abriu a crónica. Iselin tinha escrito um texto sobre o clima. Segundo ela, talvez fosse boa

ideia implementar de novo a política de um só filho em todo o mundo, para assim impedir que a população continuasse a aumentar. A Terra não possuía recursos para alimentar toda a gente, escrevera Iselin, e a situação já era difícil com a população atual.

Era uma opinião controversa, e Blix surpreendeu-se com o facto de a filha ter enveredado por um caminho tão espinhoso. Nunca a achara particularmente interessada nos problemas da sociedade. Pelo menos, nunca discutira tais problemas com o pai. Blix ficou triste. Perdera por completo a vida de Iselin por não ter conseguido salvar a relação com Merete. Por ter trabalhado demasiado. Por não se ter conseguido reconciliar com o passado.

A crónica provocou uma avalanche de comentários, alguns positivos, muitos maldosos. Quem era Iselin, essa pobre inocente, para dizer o que quer que fosse sobre um tema tão complicado, se tinha apenas vinte anos?

A produtora do programa publicara também um artigo sobre a boa relação que Iselin havia desenvolvido com Toralf Schanke. Começara logo na primeira semana, leu Blix, mas mantivera-se, até então, num nível um tanto incerto. Ambos tinham, há muito, afirmado não existir nada entre eles.

O telemóvel despertou-o do mundo do *reality-show*. Era uma chamada de Kovic. Ponderou simplesmente deixar o telemóvel tocar, mas não conseguiu fazê-lo, pois estava curioso.

– Olá – disse, e notou como a sua voz estava cansada. – Encontraram o Dahlmann? – perguntou, animando-se um pouco.

– Encontrámos o apartamento numa cave onde mora desde que foi libertado da prisão – explicou Kovic. – Uma casa que um sujeito da Cruz Vermelha que o visitava na cadeia lhe arranhou. Mas ele não estava lá.

– Encontraram alguma coisa de interessante?

– No apartamento, não, mas nos contentores do lixo atrás de um jardim público encontrámos um tapete persa com algum sangue. Muito me admiraria se não fosse da Nordstrøm. O tapete e o sangue.

– E as outras vítimas? – perguntou Blix. – Algo que o relacione com elas?

– Até ver, não. Agora o Wibe é o responsável pelo caso. Ele e a Abelvik querem examinar o apartamento com mais rigor juntamente com a Sara.

– Fazem ideia de onde ele está?

– Não, mas falámos com os vizinhos. Um deles viu-o hoje cedo, por isso, vamos manter-nos de vigia caso ele regresse a casa durante a noite. Escondidos, claro, porque ele foge se vir os nossos carros.

Blix bebeu um pequeno gole de cerveja. Pareciam ter a situação sob controlo.

– Mas não foi só por isso que liguei – disse ela. – Como é que estás?

Blix não sabia ao certo se devia ser completamente honesto com a colega. Ela poderia seguir a linha de Fosse.

– Está tudo bem – respondeu ele. – Só preciso de algum tempo para tratar de um assunto privado.

Surpreendeu-se ao constatar que isto não soava a mentira, conquanto o silêncio que se seguiu o tenha levado a pensar que Kovic não acreditava nele.

– Se eu puder fazer alguma coisa por ti, diz-me – disponibilizou-se ela.

– Podes manter-me a par das novidades sobre o Dahlmann – pediu Blix. – Agradecia.



Embora tivesse a chave do apartamento da irmã na Halvor Schous Gate, Emma tocava sempre à campainha, mesmo quando era convidada ou avisava de antemão que ia passar por lá.

Foi Martine quem lhe abriu a porta do prédio.

– Tia! – gritou ela, plena de alegria.

Emma sentiu-se entristecer. Com passos um pouco mais pesados do que o normal, subiu as escadas até ao apartamento da irmã.

Martine esperava-a à porta.

– Olá, pequenina – disse Emma, erguendo a sobrinha no ar e abraçando-a com força, como sempre fazia. Teve apenas mais cuidado ao afagar-lhe o cabelo.

Martine conduziu Emma ao interior do apartamento.

– Olá, mana – saudou-a Irene, enquanto se aproximava da irmã.

Parecia muito mais velha do que da última vez que a vira, pensou Emma. Estava a usar meias de lã pretas, calças de fato de treino cinzentas e um *top* branco. Tinha o rosto pálido, o cabelo solto, as unhas roídas.

Abraçaram-se.

– Tens vinho? – perguntou Emma.

– Se há coisa que nunca me falta é vinho – retorquiu Irene. – Que aconteceu?

Emma hesitou antes de lhe responder.

– Esperemos que a Martine se deite – pediu. – A seguir, conto-te tudo.

Uma hora depois, Emma lera já um capítulo de um livro infantil popular sobre uma agência de detetives, Martine apagara a luz e Irene abrira uma garrafa de vinho branco. As irmãs sentaram-se na

cozinha, onde Emma contou a Irene tudo o que Blix lhe dissera. Quando acabou o relato, a irmã ficou em silêncio.

– Sabias disto? – perguntou Emma algum tempo depois.

– Se sabia o quê?

– Quem matou o pai. O que aconteceu naquele dia.

– Sabia o que aconteceu – esclareceu Irene. – Nunca me interessou muito saber quem o matou.

Emma bebeu um gole de vinho.

– Foi o avô que te contou?

Irene tirou uma batata frita da taça onde as servira.

– Sim, mas não entrou em grandes pormenores – disse, enquanto fazia a batata estalar entre os dentes. – Fez todos os possíveis para nos proteger. E para ele também não deve ter sido nada fácil.

O telemóvel de Emma vibrou. Uma mensagem de texto de Kasper. Puxou o telemóvel para si, mas não leu a mensagem.

– Mas acho que o pai ficou furioso porque ela se queria separar dele. Porque ele bebia demasiado, ou coisa assim. Queria levar-nos com ela, ir-se embora.

Emma sempre acreditara, também, ter sido aquilo que acontecera.

– De certa maneira, fico contente por estar em casa da Helene naquele dia – continuou Irene. – Ao mesmo tempo, fico triste, porque não estava contigo.

Emma abriu a mensagem de Kasper. Queria saber se ela queria tomar um copo algures. Não lhe respondeu.

Enquanto Irene lhe enchia de novo o copo, Emma deu uma vista de olhos ao artigo que publicara. Anita colocara-o no topo da página principal do *news.no*. Já tinha atraído um bom número de visualizações. No campo de comentários discutia-se quem seria a próxima vítima. Os comentários eram, na sua maioria, tentativas de gracejos. Um sujeito chamado Jesper Lillevik pensava que Arne Treholt podia ser um dos candidatos, ao passo que Ulf Andersen troçava, dizendo que era melhor ter cuidado, já que fora o terceiro classificado no circuito profissional de ténis, em 1998. Emma tentara também prever o que iria acontecer, mas não encontrara candidatos adequados.

– Tenho saudades do avô – confessou Irene, sentando-se de novo.

– Eu também – replicou Emma.

O vinho sabia-lhes cada vez melhor à medida que a noite avançava.

– Queres passar cá a noite? – perguntou-lhe, algum tempo depois, Irene. – Posso preparar-te o sofá.

– Não, obrigada. Tenho de ir para casa. Ando muito ocupada, por isso... preciso de uma boa noite de sono. Obrigada pelo vinho.

*

Emma não tinha por hábito andar de bicicleta depois de beber álcool. Agora sentia-se muito mais insegura no meio do trânsito do que era seu costume. Em casa, depois de ter arrumado a bicicleta no corredor e descalçado os sapatos, estacou.

Estava uma folha de papel no chão. Uma folha dobrada ao meio, e que claramente fora enfiada por baixo da porta. Emma baixou-se, apanhou-a e desdobrou-a.

Era um desenho.

No cimo da folha estavam desenhadas, a caneta, três cruces, todas ao lado umas das outras. Por baixo das cruces estava um relógio com ponteiros. Segundo o desenho, eram três horas.

O desenho estava assinado no canto inferior direito, mas Emma não percebeu qual o nome. A única coisa que conseguiu decifrar, com toda a certeza, da assinatura curta foi um D maiúsculo no início do apelido.



Blix estava na casa de banho, pronto para se deitar, quando o telemóvel tocou. Com a escova de dentes na boca, dirigiu-se à cozinha, mais para verificar quem lhe estava a ligar do que propriamente com intenções de atender a chamada. Era quase meia-noite, e normalmente já estaria na cama há muito tempo. Quando viu que era Emma quem lhe ligava, cuspiu a pasta de dentes no lava-louça e respondeu com um «estou» molhado.

– Acordei-o? – perguntou ela.

– Não, não – respondeu ele, engolindo algumas vezes. – Estava a pé. O que se passa?

Emma hesitou por alguns segundos.

– Acho que recebi uma mensagem – disse.

Blix limpou os cantos da boca.

– O que quer dizer?

Emma falou-lhe das três cruzes e do relógio.

– Receia que lhe aconteça alguma coisa? – perguntou Blix, pensativo.

– Bom... não me agrada dizer isto, mas é um bocadinho estranho. E contou-me que o Calle Seeberg recebeu um número quatro antes de morrer.

Emma esperou um pouco antes de continuar.

– Mas como não sou famosa, não me adequo, lá isso não.

– Mas, ainda assim, está com medo.

Como ela não respondeu de imediato, Blix pousou a escova de dentes na bancada e disse:

– Tranque-se em casa e não abra a porta a ninguém. Eu vou já para aí.

Como bebera algumas cervejas, Blix chamou um táxi. Um quarto de hora depois, estava diante da casa de Emma na Falbes Gate. À sua volta havia edifícios de escritórios, prédios residenciais, garagens, asfalto. Nada de parques ou jardins. As ruas estreitas estavam escassamente iluminadas. Um local onde era fácil alguém manter-se na sombra, fora da vista da maioria das pessoas.

Blix encontrou a campainha de Emma e premiu-a. Ela respondeu quase de imediato, como se tivesse a mão no intercomunicador e estivesse à espera que ele tocasse a qualquer momento. Abriu-lhe a porta do prédio. A porta zumbiu.

O prédio onde ela morava continha vinte e quatro apartamentos divididos por oito andares. Emma morava no terceiro. Blix viu que o elevador estava no sexto andar, mas decidiu, ainda assim, subir pelas escadas.

Cheirava a desinfetante e a novo. De resto, o edifício parecia recentíssimo. Não tinha um só risco no corrimão nem nas paredes.

Antes de bater à porta de Emma, confirmou que não estava mais ninguém no patamar. Curvou-se para que ela o visse através do olho mágico.

Emma deixou-o entrar sem lhe dizer uma palavra. Fechou rapidamente a porta e trancou-a de imediato.

– Olá – disse ele, por fim.

– Olá.

Entreolharam-se por um momento, e ela pediu-lhe para entrar. Blix despiu o casaco e descalçou os sapatos, que deixou ao lado de uma bicicleta preta onde estava escrito WHITE em letras cinzentas na estrutura de carbono. Os raios das rodas tinham, aqui e acolá, alguns pontos cor-de-rosa.

– Não precisava de vir – declarou Emma. – Deve ser só alguém a meter-se comigo.

– Quem poderia ser?

Ela encolheu os ombros.

– Onde está o desenho? – quis saber Blix.

– Ali dentro.

Conduziu-o à sala de estar. A folha de papel estava aberta na mesinha entre o sofá e a televisão.

– Tocou no desenho? – perguntou ele.

– Sim, tive de tocar.

Blix sentou-se e curvou-se apoiado nos cotovelos. A primeira coisa que pensou foi que o desenho não tinha sido feito por mãos experientes. O círculo estava mal desenhado, e o espaço entre os números variava, estando uns mais afastados e outros mais próximos. As cruzes eram também de diferentes tamanhos. O desenho parecia ter sido feito à pressa, sem cuidado, como se feito sem uma base de apoio estável.

– Dahlmann – disse ele.

– Hã?

Emma, que se sentara no sofá ao lado de Blix, aproximou-se dele.

– Walter Georg Dahlmann – esclareceu. – Foi ele quem desenhou isto. É a assinatura dele.

Emma anuiu, pois bem que poderia ser verdade.

– Quem é esse Dahlmann? – perguntou ela.

Blix recostou-se no sofá, não lhe respondendo de imediato.

– Quando esteve em casa pela última vez? – questionou-a.

Emma pensou.

– Hoje de manhã cedo.

– Este prédio não tem câmaras de vigilância?

– Já falámos sobre isso, mas ainda não chegámos a uma decisão.

Novo silêncio.

– Quem é o Dahlmann? – insistiu Emma.

Blix enlaçou as mãos à sua frente. Depois, falou-lhe do passado de Dahlmann, das duas pessoas que assassinara, da sua libertação. Da raiva que ele tinha ao «Sistema», como ele lhe chamava, depois de ter sido libertado.

– Usou o O. J. Simpson como exemplo – continuou Blix, resumindo a argumentação de Dahlmann: – O Simpson, famosíssimo nos Estados Unidos, foi ilibado de ter assassinado a mulher e o seu amigo. Muitos afirmaram que o Simpson se safou à conta do seu estatuto. O Dahlmann achava que os papéis se tinham invertido no seu caso. Ninguém acreditou na sua história porque uma pessoa famosa tinha morrido.

– É por isso que ele está a criar outra história agora. Uma maneira de se vingar do «Sistema». Em celebridades.

Blix abriu as mãos.

– De qualquer maneira, teve muito tempo para fazer planos – declarou. – E não é segredo nenhum que muitas pessoas não aguentam estar presas. Acontece-lhes alguma coisa, passam-se dos carretos.

Emma pôs as pernas debaixo do corpo.

– Porque é que ele veio a minha casa, então?

Blix não soube ao certo o que responder.

– Muitos dos criminosos que matam com um plano muito específico em mente gostam que se saiba o que estão a fazer, e que isso seja revelado sobretudo pelos meios de comunicação social. Pode ter lido o que escreveu. Que a Emma descobriu a sequência numérica. Pode ter sido uma forma de se lhe mostrar reconhecido, ou...

Fez uma curta pausa antes de completar a sua ideia.

– ... Pode também ter sido um aviso, claro.

Emma olhou pensativamente em frente.

– Três cruzes de lápides, três horas? São sinais bastante claros – afirmou Blix.

– Mas são sinais de quê? Um sinal de que três pessoas vão ser assassinadas?

– Pelo menos de que alguém vai morrer.

– Às três horas.

Blix olhou para o relógio. Já passava da meia-noite.

– Mas quando? – perguntou Emma. – Esta noite? Ou amanhã?

– Não dá para saber. Pelo menos a partir do desenho. Mas acho que não está a pensar em matá-la, Emma. Para si seria muito fácil tomar todas as precauções depois deste aviso. Pode apanhar um avião amanhã cedo e estar no Norte de África antes das três. Seja como for, o Calle Seeberg não tinha motivos para associar o número quatro a nada. Já isto – disse Blix ao apontar para o desenho – parece-me mais um aviso do que vai acontecer. A outra pessoa. E pode acontecer a qualquer momento. E num dia qualquer.

Emma não pareceu convencida.

– Acha que ele quer que eu faça alguma coisa com isto? – perguntou ela.

– Não sei. Mas uma coisa é óbvia: se escrever um artigo sobre isto, as pessoas vão ficar atentas. Tem pelo menos de o contar à polícia; caso contrário, seria estranho. Claro que ele tem perfeita noção de que está a levar o jogo para outro nível, mas é mesmo isso que ele quer. Ainda mais atenção. Que se lhe torne ainda mais difícil concretizar o que iniciou.

– Como assim?

– Até agora, escolheu sempre vítimas muito conhecidas. O homicídio de hoje foi também espetacular, no sentido em que ele o cometeu em plena via pública, à vista de todos. Por outras palavras: não se esconde. Provavelmente está muito confiante, já que ainda não lhe conseguimos deitar a mão, e não vê que lhe seja útil abrandar e esconder-se. Antes pelo contrário.

– Talvez ele *queira* que tenhamos medo – refletiu ela. – Ou talvez só *queira* que *eu* tenha.

Fez-se silêncio por um momento.

– Vou ter de mostrar isto ao resto do pessoal – disse Blix, sentindo, nesse instante, uma pontada de humilhação. – Tenho de saber o que é que *eles* pensam acerca disto. E devia falar com a sua chefe, já agora.

Emma anuiu.

– Também devia estar sob proteção – acrescentou Blix.

– O que quer dizer com isso?

– Agora não pode ficar sozinha, Emma. Nem às três da madrugada nem amanhã por volta dessa hora. De facto, não devia estar sozinha nunca.

Ela abanou a cabeça.

– Não quero ninguém sempre de roda das minhas saias. Não pode ser. Posso tomar conta de mim sem ajudas.

– Não duvido que possa – contrapôs Blix. – Mas é melhor jogar pelo seguro.

– Não sou famosa, Blix.

– Não, mas escreve sobre famosos. Ajuda a tornar as pessoas famosas. Pode ser motivo suficiente para a matar. Do ponto de vista

do Dahlmann.

Blix viu que ela estava a analisar a sugestão.

– Mas o que é que o número três simboliza neste caso? Associado a mim? Não trabalho na TV3, nem na rádio P3...

Tentou lembrar-se de mais alternativas, mas conteve-se.

– Não sei – afirmou Blix. – Para já, ainda não sei.

– E quem é que havia de me proteger? – perguntou ela algum tempo depois. – Você?

Blix refletiu.

– Como não tenho mais nada que fazer...

Viu que ela não estava a entender o que ele queria dizer. Antecipara também as suas dúvidas, pelo que de imediato lhe contou das folgas que fora obrigado a tirar.

– Por minha causa? – perguntou ela.

Blix sacudiu a cabeça.

– Por *minha* causa – respondeu ele. – Fui descuidado. Nada profissional.

– Desculpe – disse ela, prendendo na orelha uma ponta de cabelo liso.

– Se há alguém aqui que deve pedir desculpa sou eu – declarou Blix.

– O que quer dizer?

Blix respondeu ao olhar que ela lhe lançava, mas não disse nada.

– Acha que o culpo por ter matado o meu pai? – perguntou Emma.

– Não sei. Culpa?

– O meu pai era um monte de merda – afirmou ela. – Matou a minha mãe, e você salvou-me a vida. Devia agradecer-lhe, porque nos fez a todos um favor. Menos à minha... mãe, ela...

Emma perdeu a voz e olhou abstraidamente pela janela. Demorou muito tempo a dizer:

– Pouco me lembro da minha mãe. Lembro-me do cheiro dela. De como se parecia, claro. Da sua voz. Mas não me lembro de nada em especial que tenha feito. De que comida gostava, e coisas assim. O que gostava de cozinhar. O que gostava de fazer. Não me lembro de nada do que aconteceu naquele dia.

Fitou os seus dedos. Mordiscou uma das unhas.

– Nunca tentei descobrir nada acerca disso, porque não queria saber como é que a minha mãe ficou depois de...

Calou-se.

– Não queria saber o que é que ela fez no seu último dia de vida. Além de, claro, ter discutido com o meu pai.

Blix ficou calado. Sentiu que ela iria prosseguir, agora que iniciara a conversa.

Ela virou a cabeça e fitou-o.

– O que é que ela tinha vestido naquele dia? Lembra-se?

Blix pensou.

– Usava umas calças azuis e uma camisola de malha grossa castanha.

Emma sorriu.

– Estava frio naquele dia – acrescentou ele. – Nevou um pouco.

– E que mais? – Emma quis saber. – Sapatos? Meias?

– Pantufas.

– Sim, é verdade – disse Emma, aquiescendo. – Lembro-me de que ela andava sempre de pantufas. Pantufas grandes e cinzentas.

Riu-se. Blix sorriu.

– Foi atingida no estômago? – perguntou Emma com receio.

Blix anuiu.

– Então perdeu imenso sangue.

– Sim... perdeu.

Emma pareceu refletir naquela imagem por alguns segundos.

– Sabe se... pode dizer-me mais alguma coisa sobre ela?

Blix pensou um pouco.

– Tinha feito bolinhos naquele dia – retorquiu. – Cheirava a bolo por toda a casa. O tabuleiro estava na bancada da cozinha.

Emma sorriu.

– Mais alguma coisa?

– Acho que ela gostava de ler – disse Blix. – Havia muitos livros em vossa casa. Numa mesa da sala de estar e na mesinha de cabeceira do lado dela.

– Lembra-se do que ela estava a ler?

Blix anuiu. Lembrava-se sobretudo porque Merete tinha lido o mesmo livro.

– Um livro de Karin Fossum. *A Ilusão de Eva*.

Emma sorriu de novo.

– Já o li – afirmou. – É bom.

– Acho que ela também lia para si e para a sua irmã – continuou Blix. – Havia muitos livros infantis. Da Astrid Lindgren e da Anne-Cath Vestly.

Emma olhou para ele. Tinha os olhos húmidos.

– Também lia revistas. Lembro-me da *Se og Hør*.

– Talvez venha daí o meu interesse por celebridades – comentou Emma, tentando sorrir.

Blix fez uma pausa.

– Quer que continue? – perguntou-lhe pouco depois.

Emma fitou-o de novo. Sorriu.

– Tem família? – quis saber.

– Sou divorciado – disse Blix. – Tenho uma filha mais ou menos da sua idade. A Iselin.

– O que é que ela faz?

Blix mexeu-se um pouco.

– Neste momento, está a participar num programa de televisão.

Emma endireitou-se.

– No *Justo Vencedor*? – perguntou. – Essa Iselin é sua filha?

Ele anuiu.

– Já escrevi muito sobre o programa – explicou Emma.

Blix percebeu que Emma se esforçava por falar de outra coisa.

– Eu sei – confirmou, e também ele se sentiu bem por falar de outra coisa. De algo banal e que não apresentava qualquer perigo.



Blix não sabia a que horas tinha adormecido, mas já passava das três. Kovic aparecera por lá duas horas antes. Havia tirado as impressões digitais a Emma e levara o desenho. Lançara olhares confusos e inquiridores a Emma e a Blix. Isto levou-o a convidar a colega a tomar um café em Grønlandsleiret às dez horas, para conversarem e esclarecerem a situação. O café ficava pertíssimo da esquadra, mas raramente havia clientes àquela hora, e poderiam falar sem que os incomodassem.

Kovic foi pontual.

– O que se passa, afinal? – quis saber, sentando-se no banco no lado oposto da mesa alta a que Blix estava sentado. – Saíste do caso, ou quê?

Ele esperou um pouco. Pensava na melhor maneira de lhe explicar.

– Falaram-te da tragédia de Teisen na academia? – perguntou, apesar de conhecer a resposta.

– Recriaram a situação no simulador de tiro – respondeu Kovic. – Todos os alunos têm de passar por ela. A maioria falha o tiro. É usado a seguir à instrução em armas. E discute-se se foi correto entrar na casa.

Blix bebeu um gole de café. Rodou a chávena.

– A Emma Ramm é a menina que estava na casa – explicou ele. – Na altura, tinha outro nome. Mais tarde, adotou o apelido dos avós.

Kovic abriu a boca, mas não disse nada.

– Disparei e matei-lhe o pai – continuou Blix, para se assegurar de que Kovic o entendera. – O Fosse acha que a tragédia de Teisen e a minha relação emocional com a Emma me tornam pouco confiável,

e que não posso continuar a trabalhar no caso. Concordámos que eu devia tirar uns dias de folga.

Kovic refletiu por um momento.

– Então o Fosse acha que és a fonte das fugas de informação?

Blix não o confirmou. Mas agradou-lhe o facto de Kovic ter chegado à conclusão certa.

– Mas precisamos de ti – protestou ela.

– Não posso deixar de concordar contigo – afirmou Blix, levando a chávena à boca. – Mas a decisão já está tomada.

Mantiveram-se em silêncio por algum tempo, enquanto viam a vida desenrolar-se lá fora.

– Já encontraram o Dahlmann? – perguntou Blix, pousando a chávena.

Kovic abanou a cabeça.

– Os técnicos estão a tentar encontrar eventuais impressões digitais no desenho. ADN. Marcas de caligrafia.

– E o Fosse, o que é que ele diz? – continuou Blix, sentindo apoderar-se novamente de si a raiva ao chefe surgida na reunião da véspera. – Está a levar isto a sério?

Kovic ergueu a sua chávena de café e bebeu um gole.

– Sim – replicou. – Estamos a preparar-nos para alguém aparecer morto às três horas.

Blix olhou para o relógio. Faltavam menos de seis horas.



Emma fechou a porta depois de entrar no gabinete de Anita Grønvold, embora não estivesse mais ninguém ali por perto. A editora franziu o sobrolho.

– O que se passa? – perguntou.

– Ainda não sei ao certo – retorquiu Emma, sentando-se. – Ontem, recebi uma carta anónima.

Tirou o portátil da mala. Anita, inquieta, esperou para ver o que ela lhe queria mostrar. Emma abriu a fotografia que havia tirado à folha de papel com o desenho do relógio e das três cruzeiras.

Anita teve um ataque de tosse que a fez chorar. Praguejou e bebeu um gole de café de uma chávena que tinha na secretária.

– Caramba – disse ela de olhos postos no ecrã. – É do assassino?

– Ou dele ou de alguém que está a gozar comigo.

Anita fitou-a.

– Quem poderia estar a gozar com isto?

– O Wollan, talvez – sugeriu Emma, e olhou pela parede de vidro para o lugar onde Wollan costumava sentar-se. – Ele não gosta de andar a toque de caixa de ninguém.

Anita abanou a cabeça.

– Não faz o seu estilo – afirmou. – Embora possa ser bastante infantil. Onde está o original?

– A polícia foi buscá-lo de noite – esclareceu Emma.

Anita pareceu prestes a repreendê-la. A dizer-lhe que lhe devia ter telefonado primeiro. Porém, conteve-se e mostrou-se satisfeita por Emma ter tirado uma foto ao desenho.

– O que é que a polícia diz?

– Acham que foi o Dahlmann que a escreveu – explicou Emma.

– O Dahlmann? – repetiu Anita.

– Walter Georg Dahlmann.

Anita arregalou os olhos.

– O duplo homicida de Dalen?

– Conhece-lo?

– Sim, caramba. Já se passaram alguns anos, mas não se lembram todos dele? O Wollan escreveu um grande artigo sobre o assunto há um ano, a propósito do pedido para reabrir o caso.

Anita levantou-se.

– Mais alguém sabe disto? – perguntou.

– Não, mas não podemos publicar nada sobre a carta.

– O que queres dizer?

– Pelo menos para já – explicou Emma. – Já retiraram a minha fonte do caso. Não quero que ele arranje ainda mais problemas.

– Ora foda-se, Emma. Temos aqui a bomba do ano!

– Eu sei – anuiu. – Mas é complicado.

Anita sentou-se de novo.

– Andas a dormir com ele?

A pergunta fez com que Emma estremecesse na cadeira.

– Hã?

– Andas a dormir com a tua fonte?

– Não, não. Nada disso. É mais complicado do que isso. Além do mais, o caso tornou-se muito perigoso.

Anita praguejou de novo.

– Achas que és o número três? – perguntou. – Que és a próxima vítima?

– Não propriamente – respondeu Emma, voltando a guardar o portátil.

Anita pegou na chávena de café, mas descobriu que estava vazia.

– Mas *nós* temos de ser os primeiros a publicar isso – disse, afastando a chávena. – Tens de o garantir. E também tens de falar com o Wollan, para que ele prepare um artigo sobre o Dahlmann. Ele tem muitas informações sobre ele.

Emma aquiesceu sem na verdade saber como iria garantir a exclusividade da notícia. Já lhe era difícil lidar com os seus medos. Não fazia sentido que Walter Georg Dahlmann quisesse persegui-la

depois de a ter avisado do que iria acontecer. Mas não havia como ter a certeza.

Anita levantou-se, caminhou até à máquina de café e pegou numa nova chávena.

– Telefona a um psicólogo – disse-lhe.

Emma fitou-a.

– De qualquer maneira, quero publicar alguma coisa – esclareceu Anita, inserindo uma cápsula na máquina. – Pede a um psicólogo que diga alguma coisa sobre o tipo de pessoa que a polícia procura. Tens os factos. Podes retirar daí alguma lógica, algo que explique o Dahlmann.

O café ficou pronto. Anita pegou na chávena.

– Mas não vais a lado nenhum antes das três.



O cheiro a pólvora pairava como uma nuvem no ar.

Blix seguiu as indicações do instrutor de tiro, esvaziou a arma e verificou-a antes de tirar os auscultadores de proteção auditiva, deixando-os em redor do pescoço, e semicerrar os olhos para tentar ver o outro lado da sala. Parecia um belo conjunto de marcas.

Na academia, gostava de disparar. Porque gostava de sentir a fusão entre o corpo e os mecanismos da arma, mas sobretudo talvez porque era bom atirador. Acertava sempre no alvo.

O que acontecera em Teisen roubara-lhe essa alegria. Pousar o dedo no gatilho espoletava recordações do que sucedera. O movimento oscilatório da cabeça do pai de Emma quando o projétil lhe penetrara a fronte. O sangue, a queda para trás, o modo como o corpo embateu na mesa da sala, o modo como soltou Emma. Os olhos dela em seguida: olhos repletos de lágrimas, terror e medo.

Blix podia ter pedido para ser dispensado de usar arma em serviço, mas isso fazia parte de ser polícia, mesmo sem ansiar pelo teste anual de aprovação.

Após disparar em Teisen, Blix enfiara a arma de serviço na parte de trás da cintura e pegara na menina. Agarrando-a com força e segurando-lhe cuidadosamente no pescoço, saíra da sala às arrecuas, para que ela não visse os olhos mortos e vazios do pai. Conseguiu, assim, sentir também a pulsação e a respiração de Emma no seu corpo.

Numa pausa do exercício anual de tiro realizado alguns anos depois, um colega perguntara-lhe o que mais recordava desse episódio – o que lhe causara a impressão mais forte. «Além de tudo?», retorquira Blix, desviando-se assim do assunto. No entanto, ocorrera-lhe que o que o mais o impressionara fora o silêncio. O

silêncio que se seguira. Depois de ter disparado, e depois de tanto ele quanto a menina se terem acalmado. Aquele breve segundo de silêncio absoluto. Um momento impossível de descrever, porque tão cheio de sentimentos. Adrenalina. Perguntas. Um medo que continuava presente.

O instrutor de tiro disse-lhe para encher o carregador com seis balas. Blix tirou seis cartuchos da caixa na bancada à sua frente e sopesou-as antes de as pôr no carregador. A resistência aumentava a cada bala que inseria.

– Proteção de ouvidos! – ordenou o instrutor, olhando ao longo da fila de atiradores. – Inserir munição! Carregar a arma!

Ouviram-se estalidos metálicos quando todos os agentes carregaram as respetivas armas. Blix inseriu um cartucho na câmara. Depois, fixou a arma e posicionou-se de forma a disparar. Tentou esquecer-se. Tentou concentrar-se.

– Quando estiverem prontos, quero cinco tiros no centro do alvo! Trinta segundos. Fogo!

Blix ergueu a arma, apontou-a ao alvo e concentrou-se no círculo preto. Destravou-a e inspirou pelo nariz e expirou pela boca antes de disparar a primeira bala. As outras seguiram-se-lhe rapidamente, uma atrás da outra.

No exercício pretendia-se não só que acertassem no centro do alvo, mas também que controlassem o número de disparos. Tinham seis balas no carregador e, findo o exercício, devia restar ainda uma na câmara.

Três, dois, um, contou ele para consigo. Cada disparo fazia com que o pulso lhe tremesse, mas continuou a segurar com firmeza no meio quilo de poder mortífero. Sentiu as cápsulas caírem no chão em seu redor, mas não lhes prestou atenção.

Travou a arma e aguardou as ordens do instrutor.

Três, dois, um, pensou de novo, e lembrou-se das três cruzes no aviso que Emma recebera. Parecia que três pessoas morreriam além das que já haviam sido assassinadas.

– Todos prontos? – gritou o instrutor.

Silêncio consensual.

– Esvaziem as armas, preparem-se para a inspeção!

Blix puxou o cão atrás e apanhou o último cartucho ao este ser ejetado da câmara.

Até então, Dahlmann atacara uma estrela do atletismo, um futebolista, uma celebridade dos *reality-shows*, um vocalista de uma banda e um locutor de rádio, resumiu para consigo Blix, enquanto segurava na arma e no cartucho para que estes fossem inspecionados. Duas mulheres e três homens. Não havia lógica que pudesse determinar quem é que Dahlmann atacaria a seguir, nem em que ramo das artes ou entretenimento. Isso talvez fizesse parte do seu plano. Quiçá regressasse agora ao mundo do desporto ou da música, surpreendendo-os de novo. Blix não sabia ao certo em que acreditava.

O instrutor passou-lhes revista, anuiu satisfeito e fez uma cruz num formulário.

– Preparem-se para o último exercício!

Blix encheu o carregador com os cartuchos requeridos. Lembrou-se novamente das três cruzes. Como tinham sido desenhadas de forma tosca. Com diferentes tamanhos e linhas tortas. Mas não havia dúvida de que eram cruzes de lápides.

A cruz era o símbolo principal do cristianismo, pensou. Um sinal de Jesus Cristo, da crucificação e da ressurreição, da salvação do crente, da morte e da Igreja.

– A Igreja – disse em voz alta, sentindo que chegara a uma linha de pensamento.

Ficou excitado. Havia algumas celebridades cristãs. Músicos, oradores, políticos, mas a pessoa que lhe veio logo à cabeça foi Hans Fredrik Hansteen. O famoso pastor que tinha o seu próprio canal de televisão.

Tinha sido enviada uma mensagem que Blix não percebera. Poucos meses antes, vira um documentário onde surgia o pastor Hansteen sob um ponto de vista muito negativo, e que mostrava como se havia tornado «Rico por meio de Deus». Muitos crentes tinham doado enormes quantias ao longo dos anos, alegadamente para obter a salvação e o perdão divino. Quase 450 milhões de coroas tinham ido parar à conta bancária de Hansteen no decurso dos últimos vinte anos.

– Proteção de ouvidos!

Blix enfiou a arma no coldre e sacou do telemóvel. Abriu o *browser* e escreveu o nome do pastor. O primeiro resultado conduziu-o à página *web* da sua Igreja: *www.treenighetskirken.no*.

– Trindade (*treenighet*) – disse Blix em voz alta. – Três.

– Blix? – a voz do instrutor parecia séria.

Blix lançou um olhar rápido ao relógio.

– Desculpa – disse ele. – Tenho de me despachar.

Vestiu o casaco ao sair e marcou o número de Gard Fosse antes de entrar no carro.

Fosse não atendeu a chamada.

Os pneus aderiram ao piso.

Tentou ligar a Kovic, que atendeu a chamada.

– Depressa – instou ele. – Enviem uma patrulha a casa do Hans Fredrik Hansteen.

– Porque é que...

Blix interrompeu-a.

– Acho que o Hansteen pode ser o número três – gritou, e desligou para não perder mais tempo com explicações.

Olhou para o relógio.

Eram 14h51.



O pastor Hans Fredrik Hansteen fitou a luz vermelha que, atualmente, representava a sua congregação. Não sabia quantas pessoas o estavam a ver, mas eram muitas. Muitos milhares de pessoas e suas respectivas famílias.

Cerrou o punho em volta do microfone sem fios e ergueu a outra mão no ar.

– Vocês conhecem-me – afirmou. – Sabem que não vos tento enganar. Mas sabem também que Deus ama quem dá com alegria. E lembrem-se de que aquilo que dão, não o dão a mim nem à Igreja da Trindade, mas acima de tudo a Deus, Nosso Senhor.

Olhou para a câmara com um sorriso. Esperou que a luz vermelha se apagasse. Quando a luz, por fim, se apagou, o seu rosto descontraiu e readquiriu a expressão e rugas naturais, e ele tentou respirar normalmente. Era difícil falar enquanto se sustinha a barriga.

Saiu do estúdio. O relógio de parede marcava 14h20. Trabalho concluído por hoje. O plano de emissão para o resto do dia consistia em repetições de antigos encontros evangélicos e conferências sobre milagres. As pessoas adoravam os programas, mesmo quando já os tinham visto muitas vezes. Talvez por conta da música. Da sua voz. Ou porventura por causa da mensagem. Provavelmente por causa das três coisas. Desde que o número da conta surgisse no ecrã, tanto lhe fazia.

Hans Fredrik Hansteen pensou em Michael J. Masterson, o apóstolo dos Estados Unidos que chegaria no dia seguinte. Hansteen não tinha tempo para o ir buscar pessoalmente ao aeroporto, mas iria providenciar para que uma limusina o aguardasse à chegada. Raramente recebiam a visita de alguém que

conseguira ressuscitar mortos, conquanto Hansteen tivesse de confessar a si mesmo que encarava estas alegações com algum ceticismo.

Justine sorriu quando o pastor entrou no escritório.

– Correu bem? – quis ela saber.

Justine de Laet emigrara da Bélgica para trabalhar para ele. O pastor adorava o seu sorriso. Para ser honesto, adorava quase tudo nela – e esperava que Deus não conseguisse ler-lhe os pensamentos.

– Correu, sim – disse ele com um sorriso antes de perguntar: – Tenho mais alguma coisa hoje?

– Tem o encontro das três menos um quarto em sua casa.

Hansteen não se lembrava do compromisso.

– Com aquele benemérito, você sabe, o que queria encontrar-se pessoalmente consigo. Falou em meio milhão, se não estou em erro.

– Ah – exclamou Hansteen. – Claro. Tinha-me esquecido por completo.

Como é que ele se esquecera de meio milhão de coroas?

– Ainda bem que te tenho a ti – declarou, e ela sorriu de novo.

Justine aprendera norueguês depois de se estabelecer no país. Não tivesse Hansteen mulher e dois filhos adultos e ter-lhe-ia oferecido estadia num dos quartos da sua casa. Seria agradável ter alguma companhia agora que o resto da sua família – ou seja, a sua mulher – estava em Espanha.

Hansteen pegou no casaco, no telemóvel e nas chaves do carro, e desejou a Justine continuação de bom dia na companhia de Deus antes de se dirigir ao automóvel. Estava, na verdade, um pouco atrasado. Por sorte, Fornebu não distava muito de Ris, mas nunca se sabia se se iria deparar com algum engarrafamento. E como o seu carro não era elétrico, não podia usar as faixas dos transportes públicos. Mas tinha a cilindrada do seu lado. O automóvel, um Mercedes GLS 350d, era um modelo topo de gama e o maior que se podia ter, e os outros só tinham de se desviar da sua frente. Um servo de Deus estava a caminho.

Os beneméritos mais excêntricos e generosos preferiam, em regra, manter-se no anonimato, ou transferir o dinheiro através de uma das suas muitas firmas espalhadas pelo mundo inteiro. Hansteen não se opunha a encontrar-se com eles, de maneira a conversar e agradecer-lhes pessoalmente. Muitos queriam apenas essa pequena retribuição: um contacto pessoal, um aperto de mão, a sensação de se ser visto e ouvido. Como se ele fosse Deus e tivesse poderes curativos.

Quando entrou na Trosterudveien, estava já alguns minutos atrasado, mas nada de inaceitável para um homem com o seu estatuto. Estacionou diante da sua casa, porém, não viu aí mais nenhum carro. Talvez tivesse chegado cedo de mais, afinal? Não, o encontro estava marcado para as três menos um quarto. Uma hora um pouco estranha para se encontrar com alguém, agora que pensava nisso.

Hansteen saiu do carro e olhou em redor. Não estava ninguém à sua espera sentado nas escadas da entrada. Entrou e fechou a porta. Atirou as chaves para cima de uma mesa, pendurou o casaco e deu uma vista de olhos ao telemóvel. Não recebera nenhuma mensagem. Pousou-o na bancada.

A casa estava imersa em silêncio, como quando se encontrava sozinho. Normalmente, apreciava aquele silêncio. Agora, pelo contrário, tinha a estranha sensação de que estava mais alguém em casa. Como o sistema de alarme apresentara alguns problemas nos últimos dias, sentiu algum receio. Poucos dias antes, o alarme disparara enquanto estava a trabalhar, mas os funcionários da empresa de segurança não tinham visto nada de anormal quando se deslocaram até lá.

Entrou na sala de estar onde o grande relógio de madeira marcava as horas com precisão.

Hansteen estacou.

Um homem estava sentado no jardim.

Usava um fato azul-escuro, sapatos pretos, e tinha uma perna cruzada sobre a outra e uma pasta pousada no colo. Hansteen foi até ao alpendre e deixou a porta atrás de si aberta. O homem virou a cabeça na sua direção.

– É o senhor Dahlmann? – gritou Hansteen.

O homem levantou-se e sorriu. Coxeava um pouco de uma das pernas quando foi ao encontro do pastor.



– Desculpe ter-me posto à vontade. Cheguei cedo, para dar uma olhadela à vizinhança. Isto aqui é muito bonito.

Hansteen desceu até ao relvado, que continuava húmido, pois chovera na véspera. Não gostava que as pessoas entrassem na sua propriedade sem primeiro lhe pedirem permissão, mas não estava em posição de se exaltar. Meio milhão era muito dinheiro. Não podia e não queria perdê-lo.

O homem mudou a pasta da mão direita para a esquerda antes de o cumprimentar.

– Os desígnios do Senhor são insondáveis – disse.

Hansteen não percebeu o que é que ele pretendia dizer com aquilo naquela situação em específico, mas as pessoas diziam frequentemente coisas desse género, sem saberem ao certo o que significavam.

O homem diante dele não parecia, de todo, ser um excêntrico. Mais parecia... Hansteen não sabia bem o quê. Talvez um agente imobiliário. O fato era pequeno de mais para ele, ou talvez fosse da maneira como o vestia. Como se se sentisse desconfortável ou não estivesse habituado a usá-lo.

– Hans Fredrik Hansteen – disse o homem. – Em carne e osso. É fantástico conhecer um tão grande servo de Deus.

– O prazer é todo meu.

Hansteen retirou a mão. Fora um aperto de mão forte e firme.

– Então... como estão a correr as coisas à Igreja da Trindade?

– Bem... bastante bem, sim.

– Nos últimos tempos, houve algumas reações negativas à Igreja, não foi?

– Sim... – Hansteen sobressaltou-se um pouco. – Totalmente injustas, permita-me dizer-lhe. Jornalismo de baixo nível, escabroso. Nem uma palavra sobre todas as pessoas que ajudamos a ter uma vida decente aos olhos de Deus.

– Sensacionalismo – disse o homem. – É só isso que a comunicação social quer.

– Isso é bem verdade. Quer entrar? Estou sem casaco, e...

– Não tenho muito tempo – o homem interrompeu-o e olhou para o relógio antes de erguer o olhar e sorrir. – Além disso, está um belo dia. Raramente posso passear na rua e aproveitar a bonita natureza que Deus nos deu.

Hansteen hesitou um pouco, mas concordou.

Dirigiram-se ao banco onde o homem estivera sentado. Por cima das suas cabeças, uma pega-rabuda voou de uma árvore para outra. Um avião prestes a aterrar no aeroporto de Oslo Gardermoen roubou algum do silêncio.

– Então, diga-me lá: quem é o senhor, exatamente? – perguntou Hansteen quando se sentaram. – Foi muito... vago ao telefone, segundo disse a minha secretária.

O homem pousou a pasta no chão e cruzou uma perna sobre a outra. Uniu as mãos, formando um triângulo com os dedos.

– Prefiro manter o anonimato.

– Compreendo perfeitamente – disse Hansteen, tentando de todas as formas mostrar-se acolhedor e compreensivo. – Mas só cá estou eu, mais ninguém nos ouve. Sei guardar um segredo.

– Sim, porque é um homem honesto, não é?

Não denotou um laivo de ironia na voz do seu convidado? Hansteen não teve a certeza, mas, ainda assim, anuiu e garantiu ao homem que tudo aquilo de que conversassem ficaria apenas entre eles.

– Pode confiar nos servos de Deus – acrescentou ele num argumento que costumava funcionar com os membros da sua congregação.

Todavia, o homem riu-se e olhou para ele como se tivesse dito alguma parvoíce.

A Hansteen pareceu-lhe uma reação bizarra, mas pensou que, se conversassem mais um pouco, ficaria a compreender melhor aquele homem misterioso.

– Disse que não sai muito.

Hansteen enlaçou as mãos e interpelou-o.

– Trabalha num escritório? Ou em casa?

– Trabalho por todo o lado.

O homem não deu sinal de se preparar para esclarecer a sua afirmação.

– Tenho a certeza de que Deus quer saber quem lhe vai doar tanto dinheiro.

– Eu *sou* Deus.

Ao início, Hansteen sorriu. Depois, ficou mais sério.

– O que quer dizer com isso?

– Eu decido quem vive e quem morre. Não é isso que Deus faz?

Hansteen mexeu-se um pouco no assento. O banco era duro e estava frio.

– Pode dizer-se que sim. Mas o que quer dizer com isso, em concreto? É escritor, ou algo do género?

O homem riu-se.

– Não. Mas não deixa de ser uma comparação relevante.

Hansteen esperou por uma continuação que nunca chegou. Olhou para o relógio.

– Creio que não quer falar mais. Respeito a sua vontade. Tratamos então do assunto?

Apontou para a pasta do homem e uniu as mãos, contendo o impulso de as esfregar uma na outra. Mas o homem não deu qualquer sinal de querer abrir a pasta. Em vez disso, olhou para o relógio de pulso.

– Ainda não são três horas – declarou.

Um vento frio percorreu o jardim, mordendo-lhes a pele do pescoço.

– Isso tem alguma importância? – perguntou Hansteen.

– Oh, sim – afirmou o homem. – É muito importante.

– Não compreendo...

– Ora, não é nada de especial – disse o homem. – Mas também nunca percebeu que enganou pessoas crentes em Deus. Ou talvez tenha percebido, mas esteve-se nas tintas. Porque enriqueceu. Olhe só para a sua casa.

Apontou para a moradia.

– E a sua casa de campo em Norefjell é quase tão grande quanto esta. E a casa de praia em Alicante, onde a sua mulher está agora.

Normalmente, Hansteen não tinha problemas em explicar e defender os seus bens pessoais, mas fora apanhado de surpresa. Sentia-se não só surpreendido, mas também com um desconforto crescente. Por o homem saber que Ulla Marie estava em Espanha. De resto, também não gostava dos olhares que ele lhe lançava, nem das palavras proferidas num tom passivo-agressivo.

– Ora conte lá – disse o homem – quantas pessoas enganou nos últimos vinte anos?

Hansteen ficou boquiaberto.

– Enganei...? Eu nunca enganei ninguém.

– Talvez se tenha enganado na contagem. Se é que as contou. Mas eu contei. Sou muito bom com números.

Hansteen não percebia porque é que o homem quisera encontrar-se com ele se pretendia somente insultá-lo com acusações sem fundamento. O dinheiro, disse para consigo, como se fosse um mantra. Lembra-te do dinheiro.

– Deixe-me explicar-lhe um pouco do que fazemos – afirmou ele, recorrendo à voz que usava na televisão, e de que tantas pessoas haviam dito gostar. – Construímos escolas em muitos outros países com piores condições do que o nosso. Por exemplo, na Etiópia, acabámos de montar casas de banho novas numa das escolas e comprámos uniformes para os mais novos que a frequentam, e canetas, lápis e... material escolar em geral. A escola também vai ter uma cantina.

Tentou sorrir, pois queria que o homem visse e compreendesse que praticava o bem.

– Mas, claro, temos imensos patrocinadores e, infelizmente, é-nos preciso retirar uma pequena taxa administrativa.

Assim que acabou de falar, sorriu, mas a conversa de vendedor que usara tantas vezes no passado pareceu não produzir nenhum efeito.

– Vi as suas declarações de rendimento – esclareceu o homem. – Na televisão. Só usa dez por cento do dinheiro que recebe nos projetos de que se vangloria. O resto guarda-o no bolso.

– Esses números não correspondem à verdade – contestou Hansteen, abanando a cabeça.

– Ah, correspondem, sim...

Hansteen fitou o homem à sua frente com a clara sensação de que fora vítima de uma patranha. De resto, também estava com frio. Preparava-se para se levantar quando o homem lhe pousou uma mão no braço e o reteve. Agarrou-o com força.

– Ainda não são três horas – disse o homem.

– Sim, já o tinha dito – afirmou Hansteen, começando a sentir-se irritado. – Mas, por amor de Deus, o que é que a hora tem que ver com isto?

Não obteve resposta.

– E porque quis encontrar-se comigo se só pensava em...

– Já agora – o homem interrompeu-o e levantou-se –, demora algum tempo a preparar tudo, por isso, mais vale começarmos.

Perplexo, Hansteen continuou sentado e viu o homem agarrar na pasta e abri-la com dois estalidos. Um arrepio percorreu-lhe todo o corpo quando o homem tirou uma corda da mala e lha estendeu. Num gesto automático e inconsciente, Hansteen aceitou-a.

– O que... é isto? – perguntou.

– Menti-lhe – disse o homem, pegando num dispositivo retangular que parecia um telemóvel. – Não lhe vou dar meio milhão de coroas.

– Mas...

– E então, como se sente? – inquiriu ele. – Por lhe terem mentido? Não sabe nada bem, pois não?

Hansteen continuou sentado em silêncio, fitando o homem à sua frente, enquanto tentava pensar.

– Está furioso? Desiludido? Triste?

Hansteen olhou para a corda. Sentiu as suas fibras – ásperas e frias – nos dedos.

– Vou voltar para dentro – anunciou. – Isto é...

O homem, contudo, pôs-se diante dele, bloqueando-lhe o caminho. Hansteen tentou dar um passo ao lado, mas o homem deteve-o.

– Quer gritar por socorro?

Uma voz fria e controlada. O olhar de Hansteen cruzou-se com aquele olhar gélido, que estava focado apenas nele.

– Onde está agora o seu Deus? Agora, quando mais precisa dele?

Hansteen engoliu a saliva e reparou que tinha a garganta seca. E que todo o seu corpo estava gelado. Tentou dizer alguma coisa, mas não lhe saiu nenhum som. Quis rezar, mas não disse uma só palavra inteligível. Sentiu necessidade de telefonar a Ulla Marie, uma vontade indescritível de ouvir de novo a sua voz.

O homem aproximou-se mais dele. Hansteen não conseguiu reagir antes de ouvir um *bzzzz*, como de algo a fazer faísca. Quando estava prestes a perguntar o que se passava, foi como se todo o corpo estremecesse e se desligasse. Não conseguiu dizer uma só palavra. Caiu para o lado, em direção ao banco. E quando embateu no dito banco, sentiu que o céu, azul naquele dia, se rasgava sobre ele.



Blix acabou retido no trânsito em Røa, pois mesmo com a luz azul acesa era difícil avançar.

Hansteen não atendeu o telefone, mas uma secretária respondeu no escritório. Informou-o de que o pastor tinha um compromisso privado em sua casa às três menos um quarto. Tinha um nome na agenda. Dahlmann.

Blix olhou para o painel de instrumentos. Já eram 15h04.

Praguejou e bateu no volante.

Fosse como fosse, matar uma pessoa demorava algum tempo. E demorava-se também algum tempo a fugir. Assim, Blix acelerou ao passar pelas moradias enormes com jardins faustosos numa das áreas residenciais mais chiques de Oslo. Cruzou-se com uma mulher a empurrar um carrinho de bebê e com um homem a fazer *jogging*. Um homem com um fato justo e uma pasta, e com uma placa de anúncio imobiliário debaixo do braço, virou-se para trás e olhou para ele.

O telemóvel tocou. Era Kovic.

– Onde é que vocês estão? – perguntou Blix.

– Perto do estádio de Ullevål. E tu?

– Estou quase lá. Tenho alguma patrulha à minha frente?

– Sim. Pelo menos já lá deviam estar.

Talvez ainda haja esperança, pensou Blix, desligando a chamada. Algumas centenas de metros adiante, viu as traseiras de um carro da polícia. Estacionou o carro no passeio e saiu. Descobriu o número de Hansteen no registo de chamadas e tentou ligar-lhe de novo.

Encontrou um agente fardado à frente da entrada da mansão do pastor.

– Entramos? – perguntou o agente.

Blix passou por ele sem lhe responder. Mexeu na porta. Aberta. Ouviu um telemóvel tocar no interior da casa. Encontrou-o na bancada da cozinha. Mas não encontrou Hansteen.

Blix rejeitou a chamada e gritou o seu nome. Ninguém respondeu. Foi até à sala de estar e bradou de novo, mas continuou a não obter resposta.

– Blix – disse o agente que o seguira até ao interior da casa. Estava à janela da sala e apontou para o exterior. Para o jardim.

Blix aproximou-se dele e parou ao seu lado.

O pastor pendia, enforcado, de uma árvore no fundo do jardim.

– Merda – disse Blix, largando a correr para o jardim.

Com a ajuda do jovem agente, baixou Hansteen da árvore. Tentaram reanimá-lo, mas depressa perceberam que era inútil.

Kovic, Wibe e Abelvik chegaram antes de porem cobro às tentativas de reanimação.

– Só um homem forte podia içar um corpo tão pesado até ao alto de uma árvore – comentou Wibe. – Quanto é que ele pesava? Cento e vinte quilos?

– Algo por aí – retorquiu Blix, limpando um pouco do suor que lhe humedecia a fronte. – E ainda está quente. O Dahlmann não pode estar longe. Temos de nos dispersar. Chamar o máximo de apoio que conseguirmos. Pode estar em qualquer lado. Numa casa vizinha, numa casota...

– Nordmarka é já aqui ao lado, também – informou Abelvik. – Há caminhos até ao lago Sognsvann, por exemplo.

– Temos de arranjar alguém que vá até lá e venha ter connosco partindo desse lado – declarou Blix. – Procurem alguém que pareça forte. E procurem alguém que...

Blix calou-se de repente. Rememorou a viagem até Ris.

– Foda-se – disse para consigo.

O homem do fato com que se cruzara na estrada tinha algo de estranho. Algo que lhe chamara a atenção. Algo relacionado com a sua estrutura corporal, ou com o modo como caminhava. Poderia perfeitamente tratar-se de Dahlmann.

– O que se passa? – perguntou Kovic.

– Vi um tipo ao conduzir até cá. Um agente imobiliário. O gajo tinha algo de familiar. A hora a que o vi bate certo. Estava sozinho. Parecia muito entroncado e forte, como se o fato lhe ficasse demasiado pequeno.

– O Dahlmann é forte e entroncado? – perguntou Wibe.

Blix pensou por alguns segundos.

– É difícil de dizer com base nas imagens recentes que temos dele, mas acho que não.

– E também não é agente imobiliário, presumo.

– Não, mas podia estar disfarçado. Parecia estar a ir para o metro. Vou até lá.

Blix dirigiu-se para a rua.

– Por aqui só passa uma linha – gritou ele antes de sair da propriedade. – Liguem ao pessoal do metro e digam-lhes que parem todos os comboios que tenham partido de ou para Ris. E comecem a fazer uma busca porta a porta.

Sentou-se ao volante e concentrou-se no homem que vira. Tinha algumas dúvidas de que fosse de facto Dahlmann. Além disso, o homem podia ter seguido outro caminho que não o do metro. Estivesse ou não certo, não tinha um segundo a perder.



Os relógios na parede da redação do *news.no* indicavam a hora em Tóquio, Nova Iorque, Londres e Oslo. Ao lado da fiada de relógios estavam os ecrãs de televisão com imagens emitidas em direto pela CNN e outros canais noticiosos internacionais, assim como das páginas *web* dos maiores jornais *online*.

No relógio de Oslo faltavam doze minutos para as quatro. Emma olhou para a porta larga que dava para o corredor. Anita saíra há uma hora e trancara a porta, mas a hora passara sem que nada acontecesse. A conta de Twitter da polícia não tinha sido atualizada, e nenhum dos grandes meios de comunicação social noticiara nada de significativo.

Emma concentrou-se na entrevista que fizera ao professor universitário de Psicologia e redigiu os últimos parágrafos. Ela apresentara-lhe a sua hipótese, explicando-lhe que tudo parecia ter sido concebido por um homem com um plano em mente. A entrevista tivera como objetivo induzir o psicólogo a sugerir aquilo que o assassino poderia pretender fazer no futuro. A citação mais apelativa que Emma conseguira arranjar fora a de que o criminoso talvez desejasse tornar-se ele próprio uma celebridade.

– Isto lembra-me um pouco o Gary Gilmore – dissera o psicólogo.
– Que, no fundo, aumentou o seu estatuto de celebridade depois de matar duas pessoas. Parecia ficar felicíssimo ao pensar que as pessoas se lembrariam do seu nome até ao fim dos tempos.

O professor dissera também que, com base nas informações gerais, era óbvio que a polícia procurava um psicopata, e que o criminoso muito provavelmente sofria de ilusões sobre ele próprio ou sobre o mundo a que pertencia.

Falara também com um detetive da polícia reformado, a quem amiúde pediam que comentasse investigações em curso, mas conseguiu citar apenas a sua «profunda preocupação com a evolução do caso».

Tinha, contudo, material suficiente para escrever um artigo, e Emma usou as novas citações para fazer circular de novo muito do que escrevera na véspera, pondo outra vez a contagem decrescente em destaque. Compôs o artigo e enviou-o a Anita Grønvold.

Depois, concentrou-se novamente na *lista*.

Fizera uma busca sistemática no arquivo de textos e criara uma lista de pessoas famosas que, de um modo ou de outro, poderiam ser associadas ao número três, e uma lista similar para o número dois. A lista do número dois era a mais longa e continha muitos apresentadores célebres da TV2.

Como a lista se tornara assustadoramente longa, começara a olhar para os números oito, nove e dez. Pessoas que, segundo a teoria da contagem decrescente, já deveriam estar mortas. Em termos temporais, limitara as pesquisas às semanas que haviam antecedido o desaparecimento do futebolista dinamarquês. Jeppse Sørensen era o número sete e, excetuando Sonja Nordstrøm, tudo indicava que o assassino seguia uma ordem cronológica. O que lhe permitira encontrar uma possível vítima para o número nove.

Mona Kleven.

Só o *Aftenposten* escrevera sobre ela. Segundo o artigo curtíssimo, a dirigente sindical de quarenta e cinco anos morrera no acidente de metro ocorrido em Sinsen na sexta-feira anterior. Mencionava-se, de passagem, que se considerava tratar-se de um suicídio.

Kleven tornara-se conhecida como a Bebé Milagre, porque fora a única sobrevivente de um acidente de avião nos anos setenta. Na adolescência, fora de novo alvo da atenção da comunicação social depois de ter sobrevivido a um dramático acidente de comboio que também causara vítimas mortais. Mais tarde, tornara-se uma cara conhecida por ser dirigente e porta-voz de uma grande central sindical, só saindo da ribalta depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro. Um grande jornal fizera-lhe uma entrevista de fundo após

recuperar da doença. No artigo, haviam descrito a sua vida como toda uma sucessão de acidentes. Partira as duas pernas num acidente de hipismo quando tinha vinte e tal anos, e também sobrevivera a um acidente de mergulho. Chamaram-lhe a mulher das nove vidas: um apodo que se lhe colou durante um conflito – que atraiu a atenção da imprensa – gerado pela sua vontade de retomar as funções como líder da central sindical.

Um ruído súbito fez Emma erguer a cabeça. Alguém batia com força à porta. O puxador subiu e desceu repetidas vezes, seguindo-se-lhe pancadas aflitivas. Por fim, destrancaram a porta do outro lado.

– Agora trancamos as portas, é? – perguntou, irritado, Henrik Wollan, que entrou e despiu o casaco.

Emma não conseguiu dizer nada antes de Anita sair do seu gabinete.

– Parece que a polícia bloqueou toda a circulação na linha um do metro, por causa da intervenção policial junto à estação de Ris – anunciou ela com o telemóvel ainda na mão.

– Que tipo de intervenção? – inquiriu Wollan.

Anita não lhe respondeu, continuando a olhar para o telemóvel para tentar descobrir mais alguma coisa.

– Há várias mensagens no Twitter sobre uma grande ação da polícia na Trosterudveien – informou.

Emma olhou para a parede com os ecrãs e as imagens dos jornais *online*. A página principal do VG fora atualizada: *ÚLTIMA HORA: Suspeita de homicídio em Ris*.

– Mete-te num táxi – mandou Anita, apontando para Wollan.

– Mas eu acabei de chegar – protestou ele.

– E agora sais outra vez – ordenou Anita, fazendo um gesto de «põe-te a andar» com a mão antes de interpelar Emma: – Tu, publica um artigo curto.

Wollan suspirou e vestiu de novo o casaco. Emma debruçou-se sobre o teclado para ver o que os outros meios de comunicação social tinham publicado. Apenas o VG *Nett* publicara duas linhas: a polícia confirmara que se tinham dirigido a Ris por conta de um presumível homicídio e que estava em curso uma ação policial.

Emma redigiu um artigo semelhante, mas telefonou ao centro de atendimento do metro. Um jovem atendeu-a quase de imediato.

Emma apresentou-se.

– Porque é que a linha um está encerrada? – perguntou.

– Isso terá de perguntar à polícia – respondeu ele. – Sei apenas que mandaram parar quatro comboios e que ninguém os pode abandonar até a polícia os ter examinado.

– Obrigada – proferiu Emma, e desligou a chamada.

Era quanto lhe bastava para concluir o artigo. Publicou-o com a promessa de que o *news.no* regressaria com mais informações em breve.

Refletiu na hipótese de entrar em contacto com algumas das pessoas que tinham anunciado no Twitter a intervenção da polícia, mas em vez disso abriu as Páginas Amarelas e pesquisou a Trosterudveien.

A lista de moradores era longa. Analisou-a em busca de um nome conhecido. Encontrou-o na página três, e as peças encaixaram, por fim.

Hans Fredrik Hansteen.

O pastor famoso.

A Igreja da Trindade.

Três.



Todos os veículos que haviam saído da estação de Ris entre as 15h05 e as 15h40 estavam parados. Os passageiros estavam retidos até a polícia ter inspecionado todas as carruagens. Na linha um a busca envolvia dois comboios em ambos os sentidos. Um deles parara entre a Stortinget e a Jernbanetorget e já fora inspecionado. O outro estava algumas centenas de metros à frente de Blix, parado entre Steinerud e a estação de Frøen, ao passo que os últimos dois tinham parado em Vettakollen e Lillevann. Havia patrulhas a caminho de ambos.

O maquinista abriu a porta depois de Blix lhe mostrar o distintivo. Antes de começar a inspecionar as carruagens, o telemóvel tocou.

– Até ver, não encontrámos rasto do Dahlmann – disse Kovic, ofegante. – Entretanto já cobrimos meia Trosterudveien. Passaram algumas viaturas pela zona. Estamos a tentar descobrir quais, e se seriam carros de pessoas que moram por aqui.

– Deem também uma vista de olhos a todas as portagens das redondezas – recomendou Blix, enquanto perscrutava as pessoas na carruagem, que o fitaram de olhos arregalados. – Com alguma sorte, encontramos um dos carros que esteve perto dos outros locais do crime.

– É pouco provável que tenha usado o mesmo carro para todas as coisas que fez nos últimos tempos – notou Kovic.

– De qualquer maneira, dá-lhes uma vista de olhos – recomendou Blix, que logo desligou a chamada e, no seguimento do seu gesto, deu um toque a um jovem de fato que estava sentado a dormir. Não era Dahlmann nem a pessoa que Blix vira.

Um passageiro perguntou-lhe o que se passava. Outro perguntou se havia uma ameaça de terrorismo contra o metro.

– Não – esclareceu Blix. – Estamos só à procura de uma pessoa.

Havia seis homens de fato a bordo. Nenhum deles era parecido com o homem com quem Blix se cruzara na estrada.

Chegado ao fundo do comboio, saltou de novo para a plataforma e ligou à secretária de Hans Fredrik Hansteen. Ao início, a mulher não queria acreditar no que acontecera. Depois, rompeu em pranto.

– Sabe quem era o homem com quem o Hansteen se ia encontrar em casa? – tentou perguntar-lhe Blix, algum tempo depois.

A secretária fungou e tentou recompor-se.

– Não – respondeu, chorosa. – Ele telefonou para cá e disse apenas que queria encontrar-se cara a cara com o Hans Fredrik. Hoje.

– Quando é que ele telefonou?

Ela fungou de novo e pensou durante algum tempo.

– Na segunda-feira, acho eu.

– Não tem como o descobrir ao certo? Pode ajudar-nos muito se nos disser a que horas e de que número ele ligou.

Blix ouviu-a a folhear um caderno ou algumas folhas com anotações.

– Acho que não consigo ser mais precisa. Mas tenho quase a certeza de que ele ligou na segunda-feira.

Blix tentou obter mais algumas informações, mas a chamada de Dahlmann fora apenas uma entre muitas. Pensou que teriam de obter as listas de chamadas para a Igreja da Trindade o quanto antes, e deu a conversa por terminada.

A seguir, ligou a Gard Fosse. O chefe atendeu-o num tom frio e distante.

Blix não fez comentários à discussão da véspera, debruçando-se de imediato sobre o caso. Contou-lhe o que acontecera, e em que estado se encontravam as coisas, antes de lhe explicar como percebera que Hansteen seria a próxima vítima de Dahlmann.

– Só devo ter chegado uns dez minutos atrasado – concluiu.

Como Fosse não lhe respondeu de imediato, Blix prosseguiu:

– Não me podes manter afastado deste caso, Gard. Não agora. Precisas de mim, e sabe-lo bem.

– E a Emma Ramm?

– O que tem a Emma? – perguntou Blix. – Nada do que eu lhe contei prejudicou a investigação. E se eu não tivesse falado com ela, hoje não teríamos estado tão perto de o apanhar.

Blix prosseguiu antes de Fosse conseguir responder:

– Precisas de toda a gente na fase em que estamos. E se ele volta a matar antes de lhe deitarmos a mão? Temos mais hipóteses de o apanhar se eu também ajudar.

Uma vez mais, Fosse demorou algum tempo a responder. Blix respirou fundo.

– Podes suspender-me quando tudo isto tiver acabado – continuou. – E sabe Deus que nunca estivemos de acordo sobre... certas coisas, mas agora deixa isso de lado, por uma vez que seja, e deixa-me fazer o meu trabalho.

Fosse refletiu um pouco antes de suspirar e dizer:

– Muito bem. Termina as coisas em Ris quando achares razoável, e depois falamos aqui na esquadra.

– Obrigado – disse Blix, lacónico.



Anita tinha Wollan em alta-voz. Aproximou-se de Emma com o telemóvel na mão.

– Aqui ainda ninguém tem muito para dizer – reportou Wollan. – Mas quem morreu foi o pastor.

Emma quis perguntar a Wollan se, desta feita, tinha a certeza, mas não disse nada.

– Isto aqui parece uma zona de guerra – continuou Wollan.

Em seguida, descreveu um cenário de grande ação, com equipas cinotécnicas, carros de intervenção e helicópteros. Wollan asseverou-lhes que havia pelo menos vinte e cinco agentes fardados em movimento nas imediações da casa do pastor.

– Publicamos o nome assim que a família tiver sido avisada – declarou Anita.

– Eu confirmo-te assim que o souber – disse Wollan.

Desligaram.

Emma pegou no telemóvel. Não sabia onde estava Blix, mas presumiu que estivesse a par dos acontecimentos,

Hans Fredrik Hansteen = n.º 3?, escreveu ela numa mensagem. Enquanto aguardava a resposta, começou a escrever um artigo onde resumia o papel desempenhado por Hansteen no projeto do assassino em série. Perguntou-se o que lhes reservaria o assassino no futuro. Ainda não haviam encontrado Sonja Nordstrøm, mas Emma considerava provável que a estrela do atletismo, que escrevera uma autobiografia intitulada *Para sempre Número Um*, fosse o número um da contagem decrescente de Dahlmann. O que significava que tinha planos para outra celebridade, que apareceria morta antes de Nordstrøm.

O telemóvel tocou e arrancou-a às suas divagações. O nome de Blix surgiu no ecrã. O detetive confirmou-lhe a identidade da vítima e lamentou, ao mesmo tempo, não lhe ter telefonado antes para lhe dizer que não tinha nada a recear.

– Posso publicar o artigo? – perguntou ela. – Sabe se a família já foi avisada?

– Sim, já avisámos os familiares – disse Blix. – Ainda esta tarde, vamos lançar um aviso público de captura do Dahlmann.

– «Vamos»? – repetiu ela. – Isso quer dizer que está de volta à investigação?

– Sim, mas o Fosse continua a ser o responsável pela comunicação social – acrescentou. – Fui acolhido de novo por complacência.

– Têm alguma teoria sobre quem poderá ser a próxima vítima?

– Até ver, não.

Emma abriu a pasta onde reunira os ficheiros com informações sobre Mona Kleven e explicou-lhe o que descobrira.

– A mulher das nove vidas? – perguntou Blix.

– Morreu na passada sexta-feira – esclareceu Emma. – Caiu à frente do metro. Foi considerado um acidente.

Ouviu, do outro lado, alguém gritar por Blix.

– Vou dar uma olhadela a isso – assegurou ele. – Agora, tenho de me despachar.



Blix estava de olhos fitos no ecrã do computador. Iselin estava sentada ao lado de Toralf Schanke, o carpinteiro de Tinn. A distância que os separava no sofá era menor de cada vez que se sentavam juntos. Não tinha o som ligado, mas pareciam estar a conversar despreocupadamente. Estavam alegres.

– É bom ter-te de volta – declarou Kovic, deixando-se cair na cadeira ao seu lado. – Ainda bem que o Fosse viu a luz.

Blix fechou a janela com o vídeo e respondeu-lhe com um breve aceno.

– Tens de me atualizar – pediu. – Há mais novidades, além da morte do pastor?

Kovic tirou dois relatórios da pilha de papéis na secretária e entregou-lhos.

– O Calle Seeberg foi envenenado, e o Jeppe Sørensen foi estrangulado – explicou ela.

Blix leu por alto o primeiro relatório de autópsia. As vias respiratórias do futebolista dinamarquês tinham sido bloqueadas por um cordão com um milímetro de espessura apertado à volta do pescoço. As fotos ilustravam este facto.

A seguir, Blix focou-se no relatório sobre Seeberg.

– Esse é talvez o mais interessante – notou Kovic.

Tinham encontrado vestígios de digoxina no sangue do locutor de rádio.

– A digoxina é um fármaco usado por pessoas com doenças cardíacas – explicou Kovic. – O Seeberg não tinha problemas cardíacos, mas tomava Aerius, um anti-histamínico usado por quem sofre de alergias. É fácil confundir a digoxina com o Aerius –

continuou. – Encontraram comprimidos de digoxina no frasco de plástico onde o Seeberg guardava os comprimidos para a alergia.

Blix olhou para uma fotografia de um tufo de pelos debaixo da sapateira que se encontrava no corredor da casa de Seeberg. Segundo o relatório de Sara, os pelos pertenciam a um pastor alemão.

– Então, alguém lhe trocou os medicamentos e pôs pelos de cão na casa para lhe provocar uma reação alérgica? – resumiu ele.

– Tudo indica que sim – disse Kovic. – A dose não tem de ser muito elevada para ser mortal.

Meu Deus, pensou Blix. Seeberg ingerira, sem saber, o veneno que o matara.

– E a Sonja Nordstrøm? Alguma novidade acerca dela?

Kovic abanou a cabeça.

– Nada, exceto termos investigado e excluído todas as pessoas de quem fala mal no seu livro.

Blix folheou de novo os papéis referentes à autópsia a Calle Seeberg.

– Uma coisa totalmente desnecessária – comentou ele.

– O que queres dizer?

– O Dahlmann podia simplesmente tê-lo matado a tiro, ou tê-lo atacado num parque de estacionamento subterrâneo, como fez ao futebolista. E aplica-se o mesmo à Nordstrøm. Não precisava de a ter raptado. Podia simplesmente matá-la a tiro quando chegasse a sua vez. – Blix acenou com os papéis. – Isto é complexo.

– Faz parte do plano dele – comentou Kovic. – Controlar tudo e chamar a atenção. Para mostrar como é brilhante.

Blix anuiu pensativamente.

– O que sabemos, ao certo, sobre o Dahlmann? – perguntou. – Será mesmo capaz de planejar e executar uma coisa destas?

Ergueu o olhar da papelada sem esperar uma resposta. Wibe aproximou-se deles.

– Não serviu de muito – disse ele, atirando para cima da mesa uma pilha de fotografias. A foto de Dahlmann escorregou da pilha e deslizou sobre a secretária.

Wibe chamara Geir Abrahamsen à esquadra para uma sessão de reconhecimento fotográfico, na tentativa de identificar Dahlmann como o homem que lhe dera dinheiro para atirar o telemóvel de Sonja Nordstrøm para dentro da campa no cemitério do centro histórico.

– Não o conseguiu identificar.

– O que não é propriamente de estranhar – comentou Kovic. – Já não foi mau ter conseguido descrever o homem que o abordou.

Fosse bateu palmas atrás de Wibe, atraindo assim a atenção de todos os presentes. Os detetives reuniram-se à sua volta.

– Acabámos de tornar público que estamos à procura do Walter Georg Dahlmann – anunciou. – Esperamos que, entre outras coisas, a identificação leve a que os amigos e conhecidos do Dahlmann entrem em contacto connosco e nos digam onde está escondido – declarou, e olhou-os nos olhos, um por um. – Além disso, a população tem o direito a tomar as suas medidas de segurança.

Passou a palavra ao chefe do departamento operacional, que lhes explicou quais as diversas medidas de segurança que estavam a tomar com o objetivo de proteger, entre outras, as instalações da TV2 em Oslo e Bergen.

– Já sabemos quem é o assassino – continuou Fosse. – Resta apenas encontrá-lo. Até lhe deitarmos a mão, todas as férias, licenças e folgas estão suspensas.

Fosse abandonou a sala. Tine Abelvik dirigiu-se à secretária de Blix.

– Não sei como é que o tipo consegue sempre escapar – comentou ela.

– Para ser sincero, não tenho a certeza de que o Dahlmann seja mesmo o nosso homem – proferiu Blix, e sentiu de imediato os olhares dos colegas postos em si.

– O que queres dizer? – perguntou Wibe.

– Não tenho a certeza de que foi ele quem eu vi ao ir para a casa do Hansteen.

Voltou-se para Kovic.

– Podes mostrar-nos as imagens de videovigilância captadas na estação de metro de Stortinget após o homicídio do Ragnar Ole

Theodorsen, e as imagens do Dahlmann nas instalações da Radio 4 captadas nesse mesmo dia? – pediu ele.

Kovic abriu-as, deixando-as lado a lado no ecrã.

– Olha para a da esquerda – disse Blix, apontando para a imagem captada na estação de metro. – Aqui temos também um homem com boné e um capuz enfiados na cabeça. Claramente para que não lhe vejamos a cara. Não aparece de frente em nenhuma das fotos que temos dele dentro da estação de metro. Nem uma só vez. O que nos torna impossível dizer, com cem por cento de certeza, que é o Walter Georg Dahlmann.

Blix olhou para os outros antes de apontar para a imagem seguinte.

– Vejam as diferenças – continuou. – Na foto captada na Radio 4, vemos uma pessoa que não tenta esconder quem é. Coisa que também não fez na conferência de imprensa no dia em que encontrámos o Jeppe Sørensen.

– Talvez porque não estivesse a cometer nenhum crime nesses momentos – disse Wibe. – É muito diferente quando se acaba de matar alguém. Na conferência de imprensa podia ter simplesmente deixado cair um telemóvel. Na Radio 4 está a entregar uma fotografia.

Blix pousou o dedo na imagem da Radio 4.

– Esta foto foi tirada poucas horas depois de o Theodorsen ser morto a tiro. Parece-vos um homem em fuga?

A cadeira giratória de Kovic chiou quando a detetive se recostou.

– Queres dizer que são dois? – perguntou ela com um certo tom de dúvida.

– Pelo menos não podemos excluir essa possibilidade – declarou Blix. – Isso pode explicar porque é que o Geir Abrahamsen não o identificou. E porque é que o Dahlmann não atirou ele próprio o telemóvel para a camp, já que claramente não teve problemas em aparecer na conferência de imprensa no dia seguinte, onde fez algo parecido.

Blix deixou que os colegas absorvessem o seu argumento.

– Desde o início que tenho a sensação de que alguém controla isto tudo. Que alguém decide quando havemos de descobrir as

diferentes peças do *puzzle* – prosseguiu. – Seja um telemóvel, um cadáver, uma canção ou um desenho. Alguém controla por completo a situação.

– Então, tal como deu instruções e pagou ao Geir Abrahamsen, também deu ordens ao Walter Georg Dahlmann? – sugeriu Kovic.

– Acho que é, pelo menos, uma hipótese que devíamos ponderar – disse Blix, olhando para Wibe. – Tu é que disseste que o assassino estava a fazer um jogo complexo connosco. É demasiado simples o Dahlmann ter de repente marcado um encontro no seu próprio nome com um pastor famoso, e quase ter confessado o crime num desenho que enfiou debaixo da porta da Emma Ramm. Se foi mesmo o Dahlmann que fez isso tudo, mais parece *querer* que o apanhemos.

– Seja como for, o Dahlmann é a chave deste caso – contrapôs Abelvik. – Está metido nisto até ao pescoço, e pode dizer-nos com quem está a colaborar.

Fez-se silêncio por alguns segundos.

– Sabemos que o Dahlmann não está em casa – disse Wibe. – Sabemos que não usa cartão de crédito, telemóvel nem *email*. Pelo menos, não o fez nos últimos dias. Desapareceu da face da terra depois de ter ido à Radio 4.

– Alguém terá de saber alguma coisa – declarou Abelvik. – Falamos com todas as pessoas com quem conviveu e que o visitaram na cadeia. É uma questão de tempo até descobrirmos alguma coisa sobre ele.

O computador de Kovic emitiu um alerta de mensagem. Ela endireitou-se um pouco na cadeira e leu o texto no ecrã. Abriu um dos ficheiros em anexo e analisou-o com atenção.

– Pedi a um analista com quem trabalhei em Majorstua que desse uma vista de olhos aos registos das portagens – explicou ela. – Procurou viaturas que tenham estado nas proximidades dos diferentes locais de crime. Parece que um carro passou pela portagem perto da casa da Sonja Nordstrøm no domingo à noite, e também pela portagem em Kråkerøy na noite seguinte.

Ergueu o olhar.

– Kråkerøy fica perto de Hvaler, onde o Jeppe Sørensen foi encontrado – acrescentou.

– Sim – disse Wibe. – Mas de quem é o carro? Quem é que o estava a conduzir?

– A única informação que fica registada nas portagens é a matrícula – respondeu Kovic, semicerrando os olhos ao fitar o ecrã.

– Mas o carro, um Audi, pertence a um homem chamado Thor Willy Opsahl.

Fez-se novo silêncio.

– Quem caralho é esse gajo? – perguntou Wibe.

– Não faço ideia – retorquiu Kovic. – Mas mora em Holmenkollen. Sugiro que lhe façamos uma visita de imediato.



Normalmente, Emma deslocava-se a pé ou de bicicleta em Oslo, fosse a que horas fosse, mas naquela noite apanhou um táxi para casa, e pediu ao motorista que só arrancasse depois de ter entrado no prédio.

Uma vez dentro do apartamento, trancou a porta e certificou-se de que não estava mais ninguém em casa; só então conseguiu relaxar e respirar com normalidade. Quando, por fim, se sentou no sofá com o portátil no colo, estava furiosa consigo mesma por ter permitido que o medo se apoderasse dela.

O que temia ela, na verdade?

Dahlmann, é claro. Que ele tivesse um qualquer plano que a envolvesse. Mas, quando tentou ver as coisas com racionalidade, não encontrou nenhum motivo para se sentir amedrontada. Ele usara-a para deixar à polícia um aviso sobre o pastor Hansteen. Porque haveria ela de ter alguma importância para ele se já cumprira a sua missão?

O rosto de Dahlmann fitou-a em todas as páginas *web*. Não faltavam especulações nas caixas de comentários e nas redes sociais. A *hashtag* #quemseraonumerodois começara a tornar-se viral.

Recebeu uma mensagem no telemóvel. Esperava que fosse Blix; no entanto, era de Kasper, a perguntar-lhe se queria ir com ele ao cinema.

Até então, fora-lhe fácil conter os seus avanços. Nos últimos dias, o trabalho exigira toda a sua atenção, e agora tinha outros motivos para não querer sair sozinha.

Quando se tinham conhecido em Gotemburgo, haviam falado de trabalho, sobretudo do dela. Kasper não apreciava celebridades,

sobretudo as que mal conseguiam cantar mas que eram conhecidas e poderosas porque tinham em seu redor toda uma máquina de *marketing*. As piores eram as que não tinham feito nada além de participar num *reality-show*, e que depois continuavam a atrair as atenções sem terem feito nada de relevante.

Ao início, pensara que Kasper apenas queria provocá-la. Pelo menos, perguntara-lhe porque é que ela escrevia sobre celebridades, porque é que as pessoas comuns tinham de saber os detalhes mais íntimos da vida de uma pessoa famosa.

– Talvez porque as pessoas gostam de sonhar – contestara Emma. – Talvez desejem ter outra vida. Talvez sonhem em tornar-se famosas.

– Pois eu preferia viver num mundo sem celebridades – retorquira Kasper. – As pessoas não são melhores só porque são famosas ou boas a jogar futebol.

As recordações de Gotemburgo levaram-na a pensar de novo no homicida e em Jeppe Sørensen. Olhou para a parede onde tinha pendurado fotos das celebridades mortas. O futebolista dinamarquês destacava-se das restantes vítimas simplesmente porque era dinamarquês. Todas as outras vítimas eram norueguesas.

Porque é que Dahlmann fora à Dinamarca buscar uma das suas vítimas? Decerto poderia encontrar um futebolista norueguês conhecido e que usasse o número sete em campo. Emma pensou em discutir esta questão com Kasper, mas afastou a ideia. Pousou o telemóvel sem responder e, ao invés, pesquisou o grande artigo de Wollan sobre Dahlmann nos arquivos do *news.no*. Era um artigo extenso e – Emma reconheceu-o contrafeita – bastante bom. Wollan aprofundara, de facto, o assunto e explicara porque é que Dahlmann quisera, uma vez mais, que reavaliassem o seu caso. Era óbvio que Wollan se interessava por Dahlmann, mas Emma não encontrou no artigo quaisquer referências à Dinamarca ou a alguma das outras vítimas.

Estava prestes a desligar o computador quando surgiu uma notificação de *email* no canto superior direito do ecrã. No assunto

estava escrito *RIP Sonja Nordstrøm?*, o que levou Emma a abrir o *email*, que fora enviado pelo endereço *countdown@countdown.com*.

O Dahlmann, pensou ela, e começou a sentir a pulsação nas têmporas. Devia ser novamente ele.

O *email* não tinha texto, contendo apenas um *link* e uma imagem. Primeiro, clicou na imagem. Temia o pior. Que, desta vez, fosse uma foto de Nordstrøm morta.

O ficheiro demorou apenas dois segundos a abrir. De início, Emma não percebeu ao certo o que estava a ver. A imagem estava desfocada e fracamente iluminada, mais parecendo uma imagem de captura de ecrã. Depois, percebeu melhor os detalhes.

Era uma pessoa em camisa de noite, sentada com os pés debaixo do corpo. Os pés, pequenos, estavam sujos. Eram os pés de uma mulher. Os dedos das mãos, também sujos, estavam enlaçados diante das pernas, como se para as segurar com força. Não se via a cara, pois a cabeça estava curvada. Como se rezasse ou chorasse.

Ou estivesse morta.

Emma hesitou em clicar no *link*, mas acabou por fazê-lo. Abriu-se uma janela. Demorou muitos segundos a carregar, centímetro por centímetro. Emma agarrou-se com força ao sofá.

Ecrã preto.

E depois: um relógio digital no canto superior direito. Os segundos tiquetaqueavam. Emma olhou para o seu relógio. O relógio no ecrã marcava a hora atual.

Depois, fez-se luz.

Foi como se Emma sentisse estar a ver um quadro vivo. Um local real, uma sala real.

E quando os contornos da sala se tornaram mais nítidos, ela levantou-se, deu um passo atrás e levou uma mão à boca.



Blix olhou para o sinal luminoso verde quando passaram pela portagem da Ringveien, perto do estádio de Ullevål.

– Esta é uma das que o apanhou? – perguntou.

– Sim – respondeu, ao seu lado, Kovic, e olhou para os seus papéis. – Primeiro, o carro foi registado na Sandstuveien, não muito longe da morada da Sonja Nordstrøm. Às 22h47. Passou aqui um quarto de hora depois. No dia seguinte, ou seja, na noite de quarta para quinta-feira, passou pela portagem por que acabámos de passar. À 01h05, e dezassete minutos depois foi registado na E6, no outro lado da cidade. E chegou a Kråkerøy mais ou menos uma hora depois.

Olhou de uma folha para outra.

– Não demora mais de vinte, vinte e cinco minutos a chegar de carro a Hvaler, onde a Nordstrøm tem a casa de campo. Pelo menos a meio da noite. Cerca de uma hora e vinte minutos depois, passou pelas mesmas portagens em direção à cidade.

– Tempo mais do que suficiente para deixar o Jeppe Sørensen no barco da Nordstrøm e regressar.

– Exato.

Kovic recebeu uma chamada. Enfiou um auricular no ouvido e atendeu. Respondeu apenas com «sim» e «não», enquanto Blix conduzia rapidamente por entre o trânsito.

– OK, obrigada.

Kovic premiu um botão no dispositivo mãos-livres.

– O Thor Willy Opsahl tem quarenta e dois anos – disse ela, olhando para as suas notas. – É natural de Asker. Não tem família. Sem cadastro, só perdeu seis pontos na carta de condução.

– Alguma ligação ao Dahlmann? – perguntou Blix.

– Não, mas o caso até pode ser outro – disse Kovic, que tentou explicar o que queria dizer. – O Thor Willy Opsahl é mais conhecido como Viking-Willy.

Blix saiu da Sørkedalsveien e acelerou pela Holmenkollveien, enquanto verificava pelo espelho retrovisor se o carro em que seguiam Wibe e Abelvik ainda estava atrás deles.

– No ano passado, ganhou cento e oitenta e três milhões de coroas na Lotaria Viking – acrescentou Kovic. – Foi o único a acertar nos seis números.

Blix lembrou-se dos jornais. Habitualmente, os vencedores da lotaria preferiam manter o anonimato, mas Opsahl não se opusera à atenção mediática.

– É ali adiante – Kovic apontou para a estrada.

Blix virou para uma rua de sentido único com casas antigas e grandes jardins de ambos os lados. A moradia de Opsahl situava-se quase no fundo da rua. Estava pintada de branco e tinha telhas pretas que brilhavam à luz das casas vizinhas. Ao seu lado havia uma garagem tão grande quanto uma casa vulgar. Diante da garagem encontrava-se um Audi Q8 cinza-prateado. Blix apontou para a matrícula. Era uma matrícula pessoal com uma combinação de letras e números escolhida pelo dono do carro.

– *After8* – leu ele. – Bate certo com os registos das portagens?

– É automaticamente convertida na matrícula normal a cada passagem – explicou Kovic, calando-se de repente, como se se houvesse lembrado de algo importante. A seguir, acrescentou em voz baixa: – O número oito foi decisivo quando ganhou a lotaria. Outras seis pessoas tinham exatamente os mesmos números, menos o oito. Portanto, foi o número oito que o fez enriquecer. Lembrei-me agora disso.

Blix saiu do carro e olhou para a casa. Um foco iluminava a fachada junto à entrada.

– Não quis partilhar o prémio com ninguém – afirmou Kovic. – Um ou dois jornais chamaram-lhe o forreta do ano.

O telemóvel de Blix tocou. Viu que era Emma, mas agora não tinha tempo para falar com ela.

– Número oito – declarou ele, aproximando-se do Audi.

Wibe e Abelvik tinham estacionado e caminhavam atrás dele. Wibe acendeu uma lanterna e fez com que um feixe de luz atravessasse a janela lateral.

No assento do condutor estava um exemplar de *Para sempre Número Um*.

– Chamem a Ann-Mari Sara – pediu Blix, olhando de novo para a moradia. – Esta casa é o local de um crime.

Wibe contornou o carro, iluminando o seu interior.

– Está vazio – disse ele. – Mas há alguma coisa no assento, ao lado do livro.

– Está trancado? – perguntou Kovic.

Blix colocou um par de luvas descartáveis antes de tocar na porta do condutor. A porta abriu-se.

– É um comando de garagem – esclareceu, pegando no pequeno controlo remoto.

Olhou para os outros antes de o apontar ao portão da garagem e premir o botão. O portão começou lentamente a abrir-se, rolando para cima. A luz no interior acendeu-se automaticamente.

Thor Willy Opsahl estava pendurado numa das vigas do teto, mesmo a meio da garagem. As pernas pendiam-lhe pouco acima do chão. Em seu redor não havia nada a que pudesse ter trepado de forma a enforcar-se sozinho. A possibilidade de ter sido um suicídio estava excluída.

Os quatros detetives ficaram parados diante do portão aberto.

– Há quanto tempo estará aqui pendurado? – perguntou Blix ao olhar para o corpo preto-azulado.

– Há mais de uma semana – referiu Wibe. – O corpo está quase a separar-se da cabeça.

Blix anuiu. Se Opsahl morrera há mais de uma semana, isso significava que o homicídio ocorrera antes do homicídio do futebolista dinamarquês.

– O carro dele foi usado pela última vez cedo na manhã de quinta-feira – esclareceu Kovic. – Pelo menos não há registo dele em nenhuma portagem depois disso.

– O Dahlmann pode tê-lo conduzido – disse Wibe. – Enquanto o Viking-Willy esteve sempre pendurado na garagem.

– Então ele passou aqui uma semana enforcado sem que ninguém tenha dado pela sua falta? – indagou Abelvik.

– Ele não tinha emprego nem família – explicou Kovic. – Ninguém que desse pela sua falta.

– Isto é tão calculista, porra – comentou Wibe. – Calculista e frio.

Blix aquiesceu, mas nada daquilo se coadunava com a personalidade de Dahlmann. O que o levou a suspeitar que ele também era apenas uma peça do jogo.

O seu telemóvel tocou de novo. Era Emma, pela segunda vez.

– Tenho de atender – anunciou de imediato, afastando-se um pouco.

Os outros continuaram a conversar. Quando Blix teve a certeza de que não o podiam ouvir, atendeu o telemóvel.

– Ela está viva! – gritou Emma.

– Viva?

– A Sonja Nordstrøm – esclareceu Emma. A voz tremia-lhe. – Recebi um *email* com um *link* para uma câmara *web* que está a transmitir imagens em direto. Estou a vê-la agora mesmo!

– Mas que raio é que está a dizer?

A alguns metros de distância, Kovic reparou que Blix elevava a voz.

– Ela está viva, Blix. A Sonja Nordstrøm.

Blix passou o telemóvel de um ouvido para o outro.

– Descreva o que está a ver.

– Está sentada no chão – relatou. – Um chão de cimento, acho eu, não é fácil de ver. Está num quarto pequeno. Parece uma masmorra ou uma cela ou... não sei bem. De qualquer maneira, está viva.

– O que é que ela está a fazer? – perguntou Blix.

– Nada – respondeu Emma. – Está só ali sentada. Há um prato com comida no chão. Fatias de pão. Só comeu metade de uma delas.

Blix passou a mão livre pela cara. Viu Kovic aproximar-se dele com um olhar inquiridor.

– O *email* que recebeu... diz que foi enviado pelo Dahlmann?

– Não, não está assinado... Mas... espere um pouco.

– Espero o quê?

– Só... espere um pouco. Acabei de receber um novo *email* do mesmo remetente.

– Como? O que diz?

Emma não respondeu de imediato.

– Quem...

– O computador ficou empancado – disse ela. – Isto está lento.

Blix aguardou. E continuou a aguardar.

– Oh, merda – exclamou Emma. – Não pode ser verdade.

– O que é?

Ouviu Emma respirar fundo e dizer:

– Ele escreveu no *email* que tenho de publicar o *link* no *news.no*. E que tenho de o fazer antes do meio-dia de amanhã, sábado. Se não...

– Se não o quê?

– Se não, a Sonja Nordstrøm morre.



Sonja Nordstrøm continuava sentada no chão. Mexeu um pouco a cabeça. Passou lentamente uma mão pelo joelho. Emma olhou para o relógio e levantou-se. Oito minutos depois, telefonou a Blix. O coração batia-lhe acelerado sob a camisola. Não imaginava como Nordstrøm se estava a sentir.

Blix chegou às 23h02. Acompanhava-o a detetive que fora a casa de Emma na noite anterior, e que Emma encontrara diante da casa de Nordstrøm, em Ekeberg.

– Vamos então ver isso – disse Blix, entrando sem se descalçar.

Emma conduziu-os à cozinha, onde tinha ainda o portátil na bancada, ao lado de um molho de chaves preso por um cordão azul e branco entrançado. As imagens em direto estavam em modo de ecrã inteiro.

– Merda – disse Sofia Kovic, debruçando-se sobre a bancada da cozinha. – Ela *está* mesmo viva.

Blix olhou apenas para o ecrã.

– Mostre-me os *emails* – pediu.

Emma abriu espaço entre os dois detetives e acedeu ao programa de correio eletrónico.

– Também não assinou o segundo *email* – informou Emma, dando espaço a Blix para que este mexesse no computador. – Mas não há grande dúvida de que foi enviado pelo Dahlmann.

Kovic olhou para Blix, que não respondeu.

– E agora, o que fazemos? – perguntou Emma.

– Telefonei à central e pedi a ajuda dos nossos melhores analistas informáticos – afirmou Blix. – Temos de levar o portátil para a esquadra e analisá-lo lá. Ver se conseguimos descobrir de onde isso foi enviado.

– Não estava a falar do computador – esclareceu Emma. – Estava a falar da Nordstrøm. Devemos fazer o que ele me pediu? Não podemos correr o risco de que lhe aconteça alguma coisa agora que temos provas de que ainda está viva, pois não?

Como Blix não respondeu de imediato, ela continuou:

– Além disso... se se souber que não seguimos as instruções dele e que isso levou a que ela fosse assassinada...

– E se ele a matar de qualquer maneira? – interrompeu-a Blix. – Em direto. Quando todos estiverem a ver. Também não podemos deixar que faça isso.

Emma não soube o que lhe responder.

– O que *eu* não percebo é porque é que ele não publica o *link* ele mesmo – disse Kovic. – Pode usar a caixa de comentários de um blogue, ou algo assim. Pode-se fazê-lo como anónimo.

– Ele está a tornar-nos corresponsáveis – notou Blix. – E, ao mesmo tempo, deixa-nos numa posição horrível. Se publicarmos o *link*, cedemos a um terrorista, e não temos garantias de que não a mate de qualquer maneira ou faça outras exigências. E se não fizermos o que ele nos pede, a Nordstrøm morre.

– Terrorista? – perguntou Kovic.

– Sim, não achas que é isso que ele é? Provoca o medo. Espalha-o por toda a cidade. Por toda a Noruega.

– E é uma política conhecida, a de nunca ceder a terroristas – afirmou Emma.

Blix aproximou-se do lava-louça de Emma e abriu a torneira. Uniu as mãos e passou-as rapidamente pelo rosto enquanto ainda estavam húmidas. Fechou a torneira com um movimento brusco e decidido.

– Este é o grande final dele – proferiu. – Começou com a Nordstrøm, e vai acabar com ela. O círculo está fechado. É esse o seu grande plano.

Blix virou-se para elas.

– E quer que todos o vejam.

– Então... ele já matou o número dois? – especulou Kovic. – Uma vez que está pronto a matar a Nordstrøm já ao meio-dia de amanhã?

– Talvez – disse Blix. – Ou pelo menos está prestes a fazê-lo. Não parece ser muito importante para ele quando descobrimos as suas vítimas, agora que sabemos que tem um plano por trás de todos os seus homicídios. Aparentemente, pelo menos.

Emma percebeu, ao olhar para ele, que acontecera mais alguma coisa.

– Já deu uma vista de olhos à morte da Mona Kleven? – perguntou-lhe. – A número nove?

Blix olhou para Kovic.

– A mulher das nove vidas – esclareceu. – Não há videovigilância na estação de metro onde ela morreu, mas há muitos indícios de que não saltou nem caiu.

Emma avaliou a informação que Blix acabara de lhe transmitir.

– Encontrámos o número oito – continuou Blix. – Mesmo antes de ter telefonado.

Kovic parecia ter algo na ponta da língua, mas conteve-se e não disse nada.

– Quem foi? – indagou Emma.

Blix explicou-lhe quem era a vítima com duas frases curtas, antes de se dirigir à porta.

– Mas agora a prioridade é descobrir como podemos salvar a vida à Sonja Nordstrøm – disse ele.



– Ele está a usar o Tor.

Øyvind Krohn estava curvado sobre o portátil de Emma, que estava ligado a um dos computadores de Krohn. Blix não entendia todos os comandos. Imensos números, colunas, letras.

– Que ou quem é o Tor?

Foi Emma quem perguntou.

Krohn sorriu.

– Um *browser* que as pessoas usam quando querem navegar em anonimato – explicou ele. – Basta descarregar um programa e instalá-lo no computador, é um programa que já tem um *browser* pré-programado. E depois usa-se o Tor em vez de se usar o Chrome ou o Firefox, ou o que quer que se use habitualmente. E quando se abre uma nova janela *web*, usa-se um endereço de IP falso.

Krohn olhou em volta, para ver se todos os presentes o acompanhavam.

– Na verdade, o Tor foi desenvolvido pela Marinha americana – continuou. – O Edward Snowden publicou tudo através do Tor.

– Mas como é que funciona *de facto*?

Emma, de novo.

Krohn virou-se para os computadores, continuou a realizar algumas operações.

– A rede Tor esconde a identidade do utilizador ao deslocar o tráfego *web* para os vários servidores Tor, que na verdade são os computadores de outras pessoas. Além disso, a rede Tor encripta e reencripta os dados, algo que uma ligação normal à Internet não consegue fazer.

– Camada sobre camada de proteção – concluiu Emma.

– Exato. Por fim, esses dados encriptados são enviados através dos diferentes servidores. Para nós, esse é apenas um dos dois problemas que temos pela frente.

– E qual é o outro? – perguntou Blix.

– É um vídeo Me2b. Mais ou menos como o YouTube. Com as mesmas definições, pelo menos.

– O que é que isso significa? – perguntou, impaciente, Kovic, que se encontrava ao lado de Blix.

– Significa que vai demorar algum tempo a descobrir de que computador está a ser transmitido. Uma coisa é atravessarmos o labirinto de encriptação, mas o Me2b é tão nazi em relação à proteção de dados quanto o YouTube, o Facebook e todas as outras grandes companhias. Não podemos recorrer à pirataria para descobrirmos por nós próprios. Temos de falar com alguém do Me2b e pedir-lhe que encontre o IP original do *stream*.

Krohn olhou para o relógio.

– Como agora é de noite na Noruega e fim do dia nos Estados Unidos, não vai ser fácil. As pessoas já saíram do trabalho. Além disso, são muito cuidadosos com a privacidade.

– Mesmo que se esteja a falar de salvar uma vida? – inquiriu Kovic.

– Privacidade é privacidade – esclareceu Krohn. – É a discussão que temos tido aqui na Noruega. Onde está a fronteira entre a informação que podemos retirar dos dados informáticos de alguém e o puro abuso de privacidade?

– Não devia haver fronteira quando praticam crimes – comentou Kovic.

– Não te contraria nisso – replicou Krohn. – Mas, claro, há pessoas que não concordam...

– Concentremo-nos no que temos em mãos – interrompeu-os Blix.

– Não nos restam muitas horas. Dizes então que não podes fazer nada para descobrir de onde está a ser emitido este vídeo?

Krohn parou de carregar nas teclas do computador. Virou-se na cadeira em que estava sentado e olhou para Blix, Kovic e Emma.

– Podemos tentar fazer algumas coisas, claro. Mas não são coisas que se façam do pé para a mão, e provavelmente não podemos

fazer muito sem a ajuda dos Estados Unidos. Mas posso tentar um contacto que tenho no Me2b. Só espero conseguir apanhá-la.

Blix olhou para o relógio. Menos de onze horas até ao fim do prazo.

– Mas não há alguém que possa procurar a fonte do vídeo, já que está a ser transmitido no Me2b? – perguntou ele.

– É um chamado *link unlisted*, e a pessoa que o carregou convidou apenas um utilizador. Um endereço de *email*.

Virou-se para Emma.

– O seu.

Blix refletiu por alguns segundos.

– Então só se pode seguir o *link* se se fizer *login* em nome da Emma?

– Sim – respondeu Krohn. – Mas podemos redirecioná-lo se optarmos por publicá-lo.

Blix anuiu e disse *OK*.

– Vamos passar aqui a noite toda. Apita se descobrires alguma coisa.



Antes de ir para a esquadra, Blix telefonara a Gard Fosse e a Pia Nøkleby, a quem explicara a situação. Foram ambos para a esquadra. Fosse arregalou os olhos quando viu que Emma também lá estava. Blix pusera-a à sua secretária, ao lado de Kovic.

Blix aproximou-se do chefe para evitar uma discussão.

– Que caralho estás a fazer? – sussurrou Fosse.

– O Dahlmann – disse Blix, também ele em voz baixa –, ou quem quer que esteja agora a dirigir o espetáculo, usou duas vezes a Emma para transmitir informação importante. Ou está a planear algo em grande que a inclui, o que naturalmente nos obriga a protegê-la, ou talvez queira entrar de novo em contacto com ela. Em ambos os casos, é essencial para a evolução da investigação.

Fosse passou uma mão pela cabeça. Suspirou.

– Isto não tem nada que ver com Teisen – esclareceu Blix. – Sabes perfeitamente que não.

O chefe pousou as mãos nas ancas. Pensou por um momento.

– Mas ela não pode ficar aqui sentada a ouvir tudo o que dizemos. Tens de arranjar outro sítio para ela ficar.

Blix aceitou a exigência do seu superior. Emma também não protestou quando Blix a conduziu ao sofá de um gabinete livre.

– Tente dormir um bocadinho – sugeriu-lhe.

Emma abanou a cabeça e tirou um *tablet* da mala.

– Tenho de entregar um artigo.

– Não pode escrever sobre isto – protestou Blix.

Emma olhou para ele, estupefacta.

– Sei que não – replicou –, mas tenho de publicar um artigo sobre o Viking-Willy e noticiar que a polícia está a estudar a morte da Mona Kleven. Os números oito e nove.

Blix olhou em seu redor.

– Muito bem – declarou. – Mas não precisa de dizer aos seus leitores que está a trabalhar numa esquadra.

Blix saiu e fechou a porta do gabinete, regressando para junto dos outros. Fosse instalara-se à cabeceira da mesa de reuniões.

– O comissário da polícia marcou uma reunião com as chefias de topo – disse. – Vou encontrar-me com ele e com o procurador do Ministério Público daqui a quinze minutos. Vão pedir-nos conselhos. O que acham? O que devíamos fazer?

– Publicar o *link* – disse Abelvik. – Já morreram pessoas que cheguem nos últimos dias. Não precisamos de mais uma vida a pesar-nos na consciência.

– Mas não nos vai pesar na consciência, seja como for – contrapôs Wibe. – Não somos nós quem a estamos a matar. E também não temos culpa de que ande um assassino louco à solta pela cidade.

– Muita gente discorda de ti nesse ponto – declarou Abelvik. – A nossa missão é deter pessoas como ele, e não o conseguimos. Agora, temos a oportunidade de impedir que mais uma pessoa seja morta, e devíamos aproveitá-la.

Fosse olhou para Blix.

– Qual é a probabilidade de a encontrarmos antes do meio-dia?

– Tu fazes-me a pergunta a mim, e eu faço-ta a ti – retorquiu Blix.

– Se bem entendi o Krohn, é quase como procurar uma agulha num palheiro. Pode ter-se um golpe de sorte, claro, mas temos de presumir que o Krohn e a sua equipa não o vão ter.

Blix estava sentado na sua cadeira, ao passo que Fosse se encontrava de pé. Os outros tinham-se sentado às mesas e secretárias em redor.

– Ele talvez esteja a fazer *bluff* – sugeriu Kovic.

– Até ver, nada indica que ele não cumpra o que prometeu fazer – advertiu Blix.

Fosse tossiu, cobrindo a boca com a palma da mão.

– O comissário nunca vai ceder às exigências de um louco – disse. – Portanto, concordo com o Wibe, e o que vou dizer até pode parecer cínico, mas para mim a Sonja Nordstrøm já tinha morrido ao

segundo dia sem dar sinais de vida. Não penso em deixar que o assassino exiba o seu final sangrento ao mundo inteiro. Não vamos publicar o *link*.

– Corremos o risco de que o torne público à mesma – lembrou Abelvik.

– Sim, corremos – admitiu Fosse. – Mas de momento não temos qualquer poder sobre isso, a menos que consigamos localizá-lo.

Fosse olhou para o relógio.

– Temos dez horas para o encontrar – avisou. – E o relógio não para. Tem de haver alguma coisa que possamos fazer.



Blix estava demasiado inquieto para ficar fechado na esquadra a espreitar sobre os ombros de Krohn. Kovic sentia o mesmo.

Assim, saíram num carro de serviço e foram a Nydalen.

A Igreja da Trindade recebera a chamada a marcar o encontro com o pastor às 11h47 da manhã de segunda-feira. Tinha sido feita de uma pizaria na Gullhaug Torg. Há quase uma semana. Encontraram o empregado de mesa que permitira ao criminoso utilizar o telefone, mas ele lembrava-se apenas de que o homem pusera algumas moedas no frasco das gorjetas na bancada antes de pedir para fazer uma chamada rápida. O empregado não foi capaz de o descrever. Os técnicos também tinham ido à pizaria, mas não descobriram o que quer que fosse.

Foi-lhe mais fácil encontrar sítio onde estacionar a meio da noite do que quando lá tinha ido para ver Iselin no estúdio de televisão. Um autocarro enorme da produção estava estacionado diante do edifício anónimo onde se encontrava a sua filha. Logo atrás situava-se o Ministério da Justiça; de resto, naquela zona havia apenas alguns edifícios comerciais.

– O que esperas descobrir aqui? – perguntou Kovic.

Blix encolheu os ombros.

– Só quero dar uma vista de olhos – esclareceu. – Tentar imaginá-lo a entrar no restaurante. Perceber de onde poderá ter vindo, e para onde terá ido depois.

Caminharam até ao restaurante. Blix encostou as mãos ao vidro da porta e espreitou para dentro. Viu o telefone pendurado na parede, junto à extremidade do balcão, pronto a ser atendido por um empregado de mesa atarefado.

Através dos registos do terminal multibanco do restaurante, sabiam que à hora a que a chamada fora feita estavam dois clientes no estabelecimento. Nenhum deles se lembrava do cliente que pedira para usar o telefone.

– Ele correu um risco calculado – disse Kovic. – Sabia que iríamos rastrear a chamada, e teve o cuidado de não fazer nada de especial, para que assim se esquecessem dele.

Blix deu meia-volta e observou as imediações. Excetuando um táxi que saiu da praça, a zona estava completamente deserta, mas centenas de testemunhas poderiam ter visto o homem a entrar e a sair da pizaria. Às 11h47, a maioria das pessoas estava a almoçar. Em Nydalen havia também muitas escolas, e nas proximidades da pizaria havia um prédio relativamente recente. Além disso, havia uma estação de metro ali perto.

– Ele devia saber que aqui não há câmaras de vigilância – sugeriu Kovic.

Blix fitou a entrada da estação de metro.

– Quais são as próximas estações de metro? – perguntou.

Kovic pensou um pouco.

– Ullevål e Blindern – esclareceu ela, apontando com a cabeça para oeste. – Storo e Sinsen a leste.

– A mulher das nove vidas – disse Blix. – A Mona Kleven. Foi colhida pelo metro em Sinsen, a duas paragens daqui.

– E depois de matar o Theodorsen na Egertorget, o assassino também desapareceu no metro – continuou Kovic. – E presumivelmente terá feito o mesmo depois de assassinar o pastor. O metro parece ser um denominador comum.

Blix voltou-se de novo para os estúdios de televisão, onde a filha era filmada vinte e quatro horas por dia.

– Ele usa o metro – concluiu Blix. – Talvez o possamos rastrear com a ajuda das câmaras de vigilância. Ver onde entra e onde sai. Associar o metro aos percursos feitos com o Audi do Viking-Willy. Podemos restringir uma área no mapa e perceber com mais rigor onde é que ele está. E onde tem a Nordstrøm escondida.

– Isso vai levar o seu tempo – comentou Kovic, olhando para o relógio. – E só conseguimos começar quando as pessoas certas

tiverem pegado ao serviço.

– Mas vale a pena tentar – disse Blix. – Pode valer a pena, mesmo que não dê resultados antes do meio-dia.



Emma despertou do seu sono leve com a sensação de não estar sozinha. Tossicou e endireitou-se no sofá.

Kovic estava à sua frente. Emma passou as duas mãos pelo cabelo, para ver se a peruca estava no sítio.

– Não queria assustá-la – exclamou a detetive. – Tome. Trouxe-lhe qualquer coisa para comer.

Emma pigarreou e agradeceu com um aceno, demorando alguns segundos a recompor-se. Kovic tinha nas mãos uma chávena fumegante e um pratinho com duas fatias de pão.

– Não se arranja aqui grande coisa num sábado de manhã, mas arrisquei e imagino que goste de paté de fígado.

Sorriu e pousou a comida e o café numa mesinha diante do sofá.

– Muito obrigada – disse Emma. – É muito gentil da sua parte.

Sentia-se como se estivesse de ressaca. Doía-lhe o corpo. Tinha os olhos pesados.

– Que horas são? – perguntou, espreguiçando-se um pouco.

– Quase oito – disse Kovic.

Emma não fazia ideia de quando adormecera, mas não podia ter sido há muito.

Kovic sorriu.

– Como correu a noite? – quis saber Emma, agarrando na chávena de café.

– Não posso dizer grande coisa – respondeu Kovic. – Mas não há novidades.

Emma assentiu e bebeu um gole de café, admirando-se com o facto de este, na verdade, saber bastante bem.

– Não estaria aqui se a tivessem encontrado durante a noite, claro – concluiu Emma, enquanto analisava as fatias de pão. – Ou se

tivessem encontrado o Dahlmann, já agora.

Kovic sorriu com olhos cansados.

Emma deu uma dentada numa das fatias de pão e abocanhou um pouco do pepino que Kovic pusera em cima.

A detetive pareceu pensar nalguma coisa durante um momento, e depois afirmou:

– O Blix falou-me de... vocês. O que aconteceu em Teisen.

Emma parou de mastigar durante um momento, mas logo continuou.

– O *meu* pai morreu quando eu tinha onze anos – contou Kovic. – Num acidente de trabalho. Caiu de um escadote e bateu com a nuca numa pedra.

Abanou a cabeça. Emma não soube o que dizer.

– Ele... eu adorava-o – continuou Kovic. – Costumava levar-me todos os dias, ao fim da tarde, ao porto de Trogir, para tomar banho. Era sempre a melhor parte do dia. Só ele e eu. E a água. E os peixes.

Sorriu com um ar sonhador.

– No fim, comprava sempre alguma coisa boa. Fruta ou... outra coisa qualquer.

– Parece ter sido um ótimo pai – notou Emma, e engoliu em seco.

– Sim, foi.

Emma perguntou-se onde é que Kovic pretendia chegar com aquela conversa.

– Segundo as estatísticas, muitas das pessoas que enfrentam problemas na vida, quer por serem criminosas ou toxicodependentes, ou seja lá o que for, têm esses problemas precisamente porque perderam um ou dois dos pais. Mas você safou-se bem. E eu também. Às vezes, pergunto-me porque é que as coisas correram bem connosco, enquanto outros nunca chegam a sair da sarjeta.

Parecia dedicar, de facto, muita reflexão à sua própria questão.

– Talvez dependa apenas do acaso, ou das circunstâncias – acrescentou ela. – Ou, se calhar, algumas pessoas nascem fortes, enquanto outras simplesmente não têm forças dentro de si.

Emma pensou naquela questão por um momento.

– Para mim, mudou tudo quando o meu avô morreu – disse. – Ele tinha encoberto o facto de a minha avó ter começado a ficar demente, o que depois se tornou óbvio, claro, quando só ficou a minha avó a tomar conta de mim e da minha irmã. Senti que já nem tudo era sobre mim.

Emma fez uma curta pausa.

– Eu podia perfeitamente ter acabado na sarjeta se o meu avô não tivesse tido um enfarte.

Kovic esperou um pouco antes de dizer:

– Não é estranho como uma morte tanto nos pode destruir quanto pôr de pé?

Emma nunca pensara na questão naqueles termos, mas não precisou de muito tempo para responder.

– Sim.

De seguida, Blix entrou no gabinete. Todos os seus gestos denotavam pressa. Primeiro, disse olá a Emma e, depois, dirigiu-se a Kovic.

– Preciso de ti. Imediatamente.

Kovic levantou-se.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Emma.

Blix não respondeu.

Alguns segundos depois, ambos os detetives tinham saído do gabinete.



– O Krohn encontrou uma aberta – anunciou Blix, sobre o ombro, a Kovic. – Conseguiu entrar em contacto com a sua conhecida no Me2b, que por sua vez conseguiu arranjar-nos uma morada. O vídeo está a ser emitido de uma quinta perto de Nannestad.

– Onde fica isso?

– Não muito longe de Jessheim.

Kovic teve de apressar o passo para o acompanhar.

– Ele tem a certeza? – perguntou.

– Tanta certeza quanta se pode ter – afirmou Blix. – Além disso, temos bons indícios de que ela está mesmo lá. Explico no carro.

– Não devia ser a unidade de intervenção especial a tratar disto? – questionou Kovic.

– Estamos a agir com discrição – explicou Blix. – Além disso, não temos tempo a perder. O tempo está a contar.

Segundos depois, estavam a caminho.

O cansaço que se tinha apoderado de Blix ao amanhecer desapareceu de repente. Passara toda a noite a verificar denúncias e papelada poeirenta em busca de um detalhe que lhes tivesse escapado ou não houvesse sido suficientemente examinado. Quase perdera a esperança.

Agora, recuperara-a.

– Que indícios são esses de que falaste? – perguntou Kovic quando estavam a descer para a garagem.

– O dono da quinta é um homem com oitenta e muitos anos – começou Blix. – Mas agora quem mora lá é o neto. Que andou na mesma escola que o Walter Georg Dahlmann.

– Merda – disse Kovic. – De certeza que há aí uma ligação.

Blix aquiesceu e sentou-se ao volante. Kovic apertou o cinto de segurança, e o carro saiu disparado da garagem.

Eram quase nove horas. Circulavam poucos carros nas ruas. O céu estava encoberto, mas não chovia.

– Não podemos fazer isto sozinhos – protestou Kovic.

– Uma patrulha de Romerike estará lá à nossa espera – tranquilizou-a Blix, e entregou-lhe um papel com a morada da quinta de Jekkestad. – O Wibe e a Abelvik vão num carro civil.

Kovic inseriu a morada no GPS, segundo o qual demorariam trinta e sete minutos a chegar ao destino. Blix planeava reduzir drasticamente o tempo de viagem esperado.

– Como é que ele se chama? – indagou Kovic. – O colega de escola.

– Bjørn Helge Bergan.

– Tem cadastro?

– Sim, mas nada de muito grave. Narcóticos, sobretudo.

– Achas que ele está lá?

– Pelo menos o telemóvel dele está – comentou Blix, segurando o volante com mais força. – Uma quinta é o local perfeito. Não há vizinhos nas imediações. Imenso espaço livre.

Na sua mente, viu a expressão vazia de Sonja Nordstrøm. Os movimentos lentos das pálpebras. Como olhara abstraidamente em frente.

A quinta não distava muito do aeroporto de Oslo Gardermoen. Depressa saíram da E6 com destino ao aeroporto. Blix acelerou e ultrapassou todos os carros que conseguiu. Embora não tivesse a luz azul ligada, a maioria dos condutores encostava à berma para o deixar passar.

Ligou a Abelvik.

– Onde é que vocês estão? – perguntou.

– A sete ou oito minutos.

– OK. Nós chegamos lá daqui a cinco minutos.

Um avião da Norwegian estava a descolar quando Blix e Kovic passaram pela pista de aterragem ocidental. Algumas centenas de metros mais à frente, Blix virou à esquerda numa rotunda e acelerou na estrada nacional 120. Seguiram pela Nannestadveien e pararam

num cruzamento onde havia uma indicação para Jekkestad. Um carro civil estava ali parado, com o motor ligado, à espera deles. Blix acenou ao condutor e reparou que este estava fardado.

Havia campos agrícolas a toda a volta. Um deles fora recentemente lavrado, ao passo que outro estava verde – como se fosse primavera. Diante de uma das quintas estava uma fiada de fardos de palha embalados em plástico branco.

Blix e Kovic saíram do carro e cumprimentaram os agentes locais, pondo-os rapidamente ao corrente da situação. Quando, poucos minutos depois, Wibe e Abelvik chegaram, Blix explicou-lhes rapidamente o que tinha planeado.

A estrada de acesso à quinta de Jekkestad era asfaltada e serpenteava por entre os campos. O plano era simples: as outras unidades deviam estacionar os carros a alguma distância, e os agentes deviam ir a pé até às traseiras da quinta, de maneira a terem controlo visual sobre todos os lados da propriedade. Blix e Kovic entrariam na quinta de carro e estacionariam diante da casa. Tinha sido autorizado o uso das respetivas armas.

Antes de saírem do carro, Blix respirou fundo.

– Nervosa? – perguntou, olhando para Kovic.

– Bastante – respondeu ela.

– Ótimo – replicou Blix, abrindo a porta do carro. – Não quero trabalhar com alguém que não fica nervoso nestas circunstâncias.

Obtiveram, pelo rádio, a confirmação de que Wibe, Abelvik e os dois agentes locais estavam em posição. Blix e Kovic saíram do carro e caminharam até à grande casa branca, que distava poucos metros de um celeiro vermelho. Havia um trator estacionado do lado de fora. Um gato preto correu por entre as ervas. Por cima das suas cabeças, um bando de aves em formação voava rumo a um destino longínquo.

– Mantém-te um pouco atrás de mim – pediu Blix, premindo o botão da campainha.

Ouviu-se um tlintlim dentro da casa.

– Está uma carrinha branca aqui nas traseiras – disse Wibe pelo rádio. – Vou comunicar a matrícula à central.

– Recebido – afirmou Blix.

Não ouviu passos no interior da casa.

– Tenho um mau pressentimento acerca disto – anunciou Kovic. – Como quando encontrámos aquele tipo do *After8*.

Blix esperava não se deparar com outro cadáver. Tocou de novo à campainha. Premiu o botão por muito tempo e, de seguida, premiu-o rapidamente várias vezes, umas atrás das outras. Olhou para o relógio.

09h58.

Continuou a não ouvir nenhum som dentro da casa.

Blix puxou do telemóvel, pois decidira telefonar a Bergan. Segundos depois, ouviu o som débil de algo a vibrar algures dentro da casa. Blix deixou-o tocar, enquanto experimentava o puxador da porta.

Estava aberta.

Blix comunicou através do rádio:

– Vamos entrar.



Blix estacou à entrada da casa. Pôs-se à escuta.

O silêncio absoluto recordou-lhe Teisen. Havia muitas semelhanças entre as duas situações. A incerteza. O receio daquilo que o aguardava. A sensação de que o tempo estava contra ele.

– Não queres sacar da tua arma? – sussurrou Kovic mesmo atrás dele.

Blix hesitou antes de puxar calmamente da pistola. Reparou como, de imediato, os músculos se lhe contraíram. Respirou fundo. Ergueu os ombros e logo os baixou, e depois entrou em «modo de ação». Procurar, avaliar. Reportar. Agir.

Havia sapatos espalhados por todo o corredor. Galochas cheias de terra, ténis sujos. Sentiu um odor a álcool e a fumo antigo.

– Bergan? – gritou Blix. – Somos da polícia!

Sem resposta.

Começou lentamente a deslocar-se até ao interior da casa. Na cozinha, encontrou latas de cerveja e garrafas de bebidas espirituosas vazias espalhadas ao acaso numa mesa, assim como algumas garrafas de litro e meio de água mineral: umas vazias, outras com alguns restos de água. Havia várias caixas de piza em cima do fogão. A de cima estava aberta. Continha côdeas e outros restos de comida. Saquinhos de *snus*. Beatas de cigarro. Um pacote de tabaco de enrolar.

– Bergan? – insistiu Blix.

Então, ouviram movimentos no andar de cima. Passos no chão. Passos pesados.

– Quem está aí? – ouviu-se uma voz cansada.

– Somos da polícia – repetiu Blix.

– Da polícia?

Blix e Kovic trocaram um olhar.

– Não tenho aqui droga nenhuma – disse a voz, com um gemido, do andar de cima. – Juro.

– Estamos armados – advertiu Blix. – Desça e mantenha as mãos onde as possamos ver.

Demoraram alguns segundos até ouvirem passos. Um homem de cuecas desceu com as mãos acima da cabeça. A barriga pendia-lhe sobre as virilhas. O cabelo estava todo desgrenhado.

– Bjørn Helge Bergan? – perguntou Blix com a arma apontada ao homem.

– Sim. Mas porque é que... que...?

Blix guardou a arma no coldre. Kovic imitou-o.

– Pode mostrar-nos o seu computador?

– Hã?

– Tem um PC, presumo? Ou um Mac, ou coisa assim?

– Sim, sim, claro, mas...

– Mostre-nos lá o computador, se faz favor – ordenou Kovic com a mão direita pousada na coronha da pistola.

– O meu escritório é ali – referiu o homem, acenando com a cabeça. – Mas o que querem do meu computador?

Blix comunicou pelo rádio que tinha a situação sob controlo, e que Wibe e Abelvik deviam entrar na casa.

Bergan apontou para uma *T-shirt* pendurada numa cadeira. Kovic aquiesceu. Ele vestiu-a e conduziu-os à divisão que designara como escritório, mas que mais parecia uma sala de arrumos. Caixas, sacos, um aspirador, latas de cerveja vazias, uns quantos mapas enrolados. Havia uma prateleira com algumas revistas e um punhado de livros. Numa mesa junto a uma janela, encontrava-se um monitor com as dimensões de uma televisão. Estava conectado a um disco rígido pousado no chão, sob a mesa, e ao lado de uma impressora. Havia também colunas de som ao lado do monitor.

– Não percebo porque é que estão interessados no meu computador – disse Bergan. – Só o uso para jogar um bocadinho. Para comprar coisas *online*, e assim.

Blix mexeu no rato do computador. No ecrã, surgiu uma caixa de diálogo que pedia a inserção de uma *password*.

- Pode abri-lo, se faz favor?
 - Não sei se isso me agrada muito.
- Blix lançou-lhe um olhar agressivo.
- Porquê?

Ouviram a porta abrir-se e, logo a seguir, sapatos a embater no chão e a voz de Wibe, que lhes fez saber que estavam ali.

- Estamos aqui dentro – bradou Kovic, em resposta.
- Tem alguma coisa a esconder? – perguntou Blix, dando um passo na direção de Bergan. – E responda depressa, porque não temos tempo a perder.

- Não – disse Bergan. – Afinal, não tenho nada no computador.
- Precisamos de o ver por nós próprios.

Bergan hesitou mais um pouco antes de se aproximar do teclado e escrever uma *password* muito comprida. O ecrã ganhou vida.

Bergan ficou cabisbaixo e fitou o chão.

- Moro sozinho – explicou. – Mais ninguém usa este computador.

A imagem de fundo era uma fotografia de duas mulheres nuas.

Uma delas tinha uma mão nos órgãos genitais da outra. Blix lançou um olhar demorado a Bergan.

- Sabemos que usa bastante a *dark web* – disse Blix. – O Tor.

- Isso não é ilegal – contestou Bergan.

– Não, não é, mas agora estamos a tentar descobrir onde está uma câmara *web* que está a emitir imagens em direto de uma mulher que foi raptada. E parece que as imagens estão a ser transmitidas de um computador na sua propriedade.

Bergan ficou boquiaberto.

- Aqui?

- Sim, aqui.

Wibe e Abelvik entraram no escritório. Blix voltou-se para eles.

– Inspecionem todas as divisões – declarou. – Sobretudo a cave. Procurem salas ocultas. Se não encontrarem nada aqui, procurem no celeiro.

Wibe e Abelvik estavam já em movimento.

– Bem – disse Bergan, cuja linha de cabelo começava a exhibir sinais de transpiração. – Isso é perfeitamente absurdo. Eu não me meto nessas coisas.

Blix não respondeu.

Kovic sentou-se e abriu o sistema de ficheiros de Bergan, dando uma vista de olhos às pastas. A ajuizar pelos títulos das mesmas, não havia grande dúvida de que Bergan tinha descarregado muita pornografia para o seu computador. Kovic passou os dedos pelo teclado. Escreveu o início do endereço do *link* da emissão em direto, mas o resto não surgiu como sugestão automática, o que indicaria que Bergan já havia utilizado o endereço.

– Tem mais computadores? – perguntou Kovic.

– Não, só tenho este.

– Nem um *tablet*?

– Tenho um iPad, mas quase nunca o uso.

Blix observou Bergan, que passou uma mão pelo cabelo desgrenhado. Tinha cada vez mais a sensação de que estavam no local errado. Num beco sem saída.

– Qual é a sua relação com o Walter Georg Dahlmann?

Bergan fitou-os apenas durante alguns segundos antes de se tornar óbvio para Blix e Kovic que ele fizera a ligação entre aquela busca e as notícias dos últimos dias.

– Não o vejo desde que andámos juntos na escola. Há pelo menos vinte e cinco anos. Ele não está aqui, se é isso que acham. E que senhora é que...

Blix interrompeu-o com um gesto da mão. Nesse instante, Wibe e Abelvik regressaram ao escritório.

– Não há aqui nada – disseram. – Vamos ver o celeiro.

– Despachem-se.

Kovic fez mais algumas pesquisas, mas depressa se virou para Blix e abanou a cabeça.

– Bem, é possível que tenha alguma coisa aqui, mas... se tem, escondeu-a muito bem. Requer conhecimentos que eu não possuo.

– Telefona ao Krohn – pediu-lhe Blix. – Pergunta-lhe se pode ajudar.

Bergan protestou, mas seguiu Blix até ao exterior da casa, dirigindo-se – ainda de *T-shirt* e cuecas – ao celeiro. Calçara as galochas.

Wibe foi ao encontro de Blix à entrada do celeiro, que tinha agora a porta aberta. Alguns pássaros esvoaçaram sob as vigas do teto.

– Não há aqui nenhuma cave – declarou Wibe. – Nem divisões, sequer. Ela não está aqui.

Blix praguejou. Olhou em redor. Refletiu. Depois, voltou para junto de Kovic, que estava sentada e tinha o telemóvel junto ao ouvido.

– É o Krohn? – quis ele saber.

– Sim – respondeu Kovic. – Não encontrámos...

Blix arrancou-lhe o telemóvel das mãos.

– O vídeo ainda está a ser transmitido?

– Sim. A Nordstrøm está acordada.

Blix debruçou-se e arrancou a ficha do computador de Bergan da tomada. O ecrã ficou preto.

– Ainda a estás a ver? – perguntou ele.

– Sim, o ecrã ficou preto por uma fração de segundo, mas ainda tenho imagem. O que...

– Espera – pediu-lhe Blix, e foi até ao corredor onde havia visto o quadro elétrico. Abriu-o e desligou o interruptor de corte geral. As luzes apagaram-se, e a casa ficou às escuras.

– E agora?

– Tudo na mesma – disse Krohn. – O que estás a fazer?

Blix explicou-lhe. Krohn suspirou.

– Ela não está aí – concluiu. – É mais uma artimanha bem pensada para nos enganar.

– O que queres dizer com isso?

– Que alguém pirateou esse computador e lhe inseriu o ficheiro que nos levou até aí. Fomos enganados.

Blix praguejou para si próprio e olhou de novo para o relógio. Eram 10h31.

Bergan surgiu, então, no corredor.

– Algum desconhecido entrou em sua casa nas últimas semanas? – perguntou Blix.

– Desconhecido? Não, eu...

– Nenhum informático, técnico, eletricista...

– Não.

Bergan abanou a cabeça.

– Não houve nenhuma tentativa de assalto, nada? – perguntou Kovic.

– Não...

Bergan hesitou um pouco. Pareceu lembrar-se de alguma coisa.

– Mas não há muito tempo que me perguntei se alguém teria estado cá dentro.

Blix fitou Kovic.

– Porquê?

– Foi o que senti uma vez, quando cheguei a casa do trabalho, ao fim do dia. E pareceu-me também que algumas coisas tinham mudado de lugar.

– Não tem alarme cá em casa?

– Não, nunca precisei. Não costumo trancar a porta, sequer. Nunca anda ninguém por aqui. E como também quase não tenho nada de valor, não é assim tão arriscado.

– Muito bem – concluiu Blix, regressando à sala do computador. – Vamos levar o computador connosco.

Bergan protestou atrás dele. Blix começou a puxar os cabos. Alguém manipulara o computador, mas, independentemente do que Krohn e a sua equipa encontrassem no aparelho, o tempo começava a esgotar-se-lhes. Sonja Nordstrøm podia estar em qualquer sítio.



Tinham obrigado Emma a mudar-se de um gabinete para outro, e depois para um terceiro. Até os seus ocupantes terem entrado ao serviço e precisado da secretária. Não sabia a quem pertencia o gabinete onde se encontrava agora, mas, a ajuizar pelas fotos na secretária, era o gabinete de um homem casado e com três filhos.

Deixara a porta do gabinete entreaberta. Os detetives passavam diante da porta com passos céleres. Por vezes, ouvia gritos e alguém a correr. Toda a esquadra parecia estar a fervilhar de vida. Funcionários dedicados e concentrados trabalhavam com um só objetivo em mente: encontrar Sonja Nordstrøm.

Emma pensou no seu trabalho habitual. Kasper tinha razão: as celebridades não eram, de facto, importantes no conjunto geral da sociedade, embora os sonhos sejam também muito importantes para as pessoas. Assim que aquele caso terminasse, iria conversar com Anita. Perguntar-lhe se seria possível trabalhar noutra área no *news.no*.

Faltava menos de uma hora para o meio-dia. Emma verificou o *email*. Ainda não recebera nenhuma confirmação nem nenhuma exigência nova. Por vezes, abria o *link* para ver como estava Nordstrøm, mas não havia muito quer ver. Ela tentara fazer algumas flexões e abdominais por volta das nove horas. E recebera, pouco antes, uma nova dose de comida e água. Gritara à pessoa que a tinha retida, que não aparecera na imagem no ecrã, mas Emma não fazia ideia se houvera ou não uma resposta. A emissão não tinha som.

Teve uma ideia e ligou a Kasper.

– Não, já chegámos ao Natal? – disse ele, com um sorriso na voz.

– Nunca dizes olá às pessoas? – questionou-o Emma.

– Hã?

– Disseste isso da última vez que te telefonei. Isso sobre o Natal.

– Ah – declarou ele. – Acho que não sou original que chegue para ti.

Emma riu-se.

– Como vão as coisas? – perguntou ela, sem especificar se se referia a Kasper ou ao seu trabalho.

– Vão bem – respondeu Kasper. – Só estou um pouco confuso.

– Confuso porquê?

– Bem, pensava e sentia que tu e eu talvez... tivéssemos alguma coisa. Que tínhamos uma ligação interessante entre nós. Mas sempre que tento ir um pouco mais longe, tu... afastas-te. Por completo. Foi só um pouco inesperado. E muito confuso.

Emma sabia o que devia responder, mas não conseguiu fazê-lo.

– Gotemburgo não é a minha terra – disse apenas. – Lá, foi mais fácil libertar-me um bocadinho.

– Então estás a dizer que a rapariga que conheci na Suécia só existe quando não estás na Noruega?

Emma não respondeu.

– Se é assim, espero que vás a Copenhaga em breve.

Emma riu-se. Sentiu que rir de novo lhe fazia bem; há já algum tempo que não se ria.

– Tenho pensado bastante no Jeppe Sørensen – disse ela. – Não entendo porque é que o Dahlmann foi buscar uma das vítimas à Dinamarca e a trouxe para a Noruega.

Kasper hesitou por um momento e, depois, concordou que o futebolista dinamarquês se diferenciava das restantes vítimas.

– A polícia dinamarquesa ou os jornalistas dinamarqueses descobriram alguma ligação do Sørensen à Noruega?

– A polícia está a trabalhar nisso, em cooperação com o lado norueguês – esclareceu Kasper. – Encontrámos duas referências sobre o Dahlmann nos nossos arquivos, mas diziam respeito a um caso antigo. De quando ele matou a ex-mulher e o novo namorado dela. É um doido varrido que passou os últimos anos na cadeia. Não estou a ver como é que ele havia de conhecer o Jeppe.

– Pode ter uma ligação a outro norueguês – disse Emma. – Podem ter um conhecido em comum.

Kasper fez nova pausa antes de concordar com Emma.

– A namorada dele talvez saiba de alguma coisa – sugeriu Emma.

– Sim. Claro, claro.

Ela percebeu que pusera Kasper a pensar no assunto.

– Deixa-me dar uma vista de olhos a isso – disse. – Seria amável se pudesses prometer responder às minhas mensagens ou simplesmente tomar um café comigo antes de eu voltar para a Dinamarca.

Emma pensou um pouco.

– Sim, seria – respondeu, sem saber se ele se apercebera do tom de reserva na sua voz.

– Eu ligo-te mais tarde – asseverou ele.

Emma agradeceu-lhe a ajuda e desligou. Olhou em frente, abstraída, durante algum tempo. Sentia-se inquieta. Odiava ter de esperar por alguma coisa, odiava não saber. E Kasper poderia, sem dúvida, descobrir alguma coisa, mas ela é que não podia pura e simplesmente continuar ali sentada sem fazer nada.

Abriu alguns dos *sites* dinamarqueses que conhecia. Deu uma rápida vista de olhos a alguns dos inúmeros artigos sobre a morte do futebolista dinamarquês em busca de um detalhe a que nenhum dos meios de comunicação noruegueses tivesse, até então, dado a devida atenção. Mas não encontrou nada interessante.

Para passar o tempo, resolveu escrever Kasper Bjerringbo + Jeppe Sørensen num motor de busca, sobretudo para ver quantos artigos escrevera o seu amigo. A pesquisa teve um número incalculável de resultados, e ela nem sequer se deu ao trabalho de os ver a todos, uma vez que os artigos publicados pela agência de notícias Ritzau eram sempre republicados em muitos jornais. Emma limitou-se a constatar que Kasper fizera um trabalho minucioso.

Estava prestes a terminar a pesquisa quando um *link* do *Dagbladet Holstebro-Struer* lhe chamou a atenção. Era um artigo que parecia debruçar-se sobre a região natal de Jeppe Sørensen. No dito artigo, realçava-se o facto de a vida ter corrido muitíssimo bem a vários dos companheiros de Jeppe Sørensen na equipa em

que jogava quando era novo. Ela abriu o artigo porque era mencionado o nome de Kasper Bjerringbo, mas não como autor do artigo.

Na foto que acompanhava o artigo, estavam retratados cinco dos companheiros de equipa de Sørensen, todos reunidos num círculo e com equipamentos vermelhos. Um deles estava no Parlamento. Outro saía-se bem no mercado financeiro e tinha apartamentos em Manhattan e Tóquio. Mas o seu olhar fixou-se no rapaz ajoelhado e com um braço em volta de Jeppe Sørensen. Embora a foto tivesse muitos anos, reconheceu facilmente os traços fisionómicos de Kasper Bjerringbo.

Falava-se da sua carreira jornalística, e dizia-se que no sistema Ritzau era conhecido como «o jornalista que não encontrava notícias, mas que as criava».

Um calafrio percorreu o corpo de Emma.

Endireitou-se na cadeira. Não havia nada de errado em se ser um velho amigo de uma vítima de homicídio. Claro que não.

Mas porque é que Kasper não lhe contara?



Eram 11h14 quando Blix e Kovic regressaram ao sexto andar da esquadra.

– Afinal, o que é que o Dahlmann fazia no Afeganistão? – perguntou Kovic.

– Não me lembro de detalhes – respondeu Blix, deixando-se cair na cadeira. – Mas não era nenhum especialista em informática.

A esquadra fervilhava de agitação. Todos os colegas em seu redor estavam ao telefone ou imersos em documentação relativa à investigação. Muitos tinham saído para verificar informações transmitidas por civis. Num dos ecrãs na parede viam-se as imagens em direto de Sonja Nordstrøm. Ela estava sentada com as costas apoiadas na parede e com os joelhos junto ao corpo.

Blix passou uma mão pela cabeça e tentou procurar nas suas recordações ideias que sopesara nas últimas horas e nos últimos dias, mas não lhe surgiu nenhum fio de pensamento que pudesse seguir.

– Não é tarde de mais – referiu Kovic. – Ainda podemos tornar o *link* público.

– O Fosse nunca o vai permitir – contrapôs Blix. – Nem o comissário.

– Não dá para criar uma página de Internet falsa, ou algo assim? – sugeriu ela. – Para que pareça que o publicámos?

– De certeza que dá, sim – afirmou Blix. – Mas ele facilmente perceberia que era falsa.

– Como?

Blix virou-se para ela.

– Uma coisa destas faria a Internet explodir. Os outros jornais também quereriam noticiar o caso, e de certeza que fariam boletins

informativos especiais. Se nada disso acontecesse, o tipo que está a controlar isto tudo acabaria por perceber que havia algo de errado.

– Mas permitia-nos ganhar algum tempo.

– Dez minutos, no máximo. Seja como for, não podemos contar com isso. Já não há tempo.

Kovic entrou na casa de banho das senhoras. Blix seguiu-a com o olhar antes de se levantar para procurar Emma. Encontrou-a num gabinete em cuja porta estava afixado o nome *Bjarne Brogeland*.

– Ainda aqui está – exclamou Blix.

Emma pousou o *tablet*, mas não disse nada. Ele reparou que ela tinha as faces coradas.

– Não conseguimos – anunciou Blix. – Não a encontrámos.

Emma parecia querer dizer alguma coisa, mas não se decidiu a fazê-lo.

– Então, pelo menos não lhe deram o final que ele queria – disse ela, por fim.

– Pois não – replicou Blix. – Talvez não.

– E então, que vão fazer agora?

Blix fizera a si mesmo aquela pergunta.

– Continuamos – respondeu. – Se não encontrarmos a Nordstrøm antes de ser tarde de mais, talvez possamos pelo menos encontrar o Dahlmann, ou quem quer que esteja por trás disto.

Emma franziu o sobrolho.

– Quem quer que esteja por trás disto? – perguntou. – Já não acham que seja o Dahlmann?

Blix engoliu em seco e questionou-se se deveria explicar-lhe que não tinham a certeza de Dahlmann estar a agir sozinho. Não conseguiu dizer nada antes de ouvirem gritos fora do gabinete.

Blix saiu de imediato para o corredor. Emma seguiu-o de perto.

– O que se passa? – perguntou ele quando se viu entre os colegas.

Abelvik apontou para a imagem de Sonja Nordstrøm no ecrã.

– O relógio desapareceu – disse ela.

Blix reparou que Fosse o olhou de soslaio, logo passando a fitar Emma. Estava prestes a fazer um comentário mas, de repente,

todos os olhares se fixaram de novo no ecrã. Ficara completamente preto.

– O que se passa? – quis saber Fosse. – Perdemos a ligação?

Ninguém soube o que lhe responder. O ecrã continuou preto. Depois, apareceu um novo relógio. Marcava 10:00.

– Dez minutos – anunciou, em voz baixa, Blix, olhando para o relógio de pulso. Faltavam dez minutos para o meio-dia.

O relógio começou a funcionar.

09:59... 09:58... 09:57...

– Oh, merda – vociferou Kovic.

Durante alguns segundos, todos permaneceram imóveis, como que paralisados.

– E agora, o que fazemos, caralho? – perguntou Wibe.

Ninguém respondeu. Continuaram, todos eles, a olhar para os segundos, que pareciam nunca ter passado tão depressa. Pouco depois, restavam nove minutos. Oito.

– Não consigo ver isto – disse Abelvik.

– Nem eu – acrescentou outro detetive, mas nenhum dos dois se afastou.

Os sete minutos deram lugar aos seis. Cinco.

Então, surgiu uma nova imagem de Nordstrøm. Desta feita, uma fotografia. A fotografia que a editora Soleane usara na capa de *Para sempre Número Um*. Nordstrøm com os braços no ar, antes de cruzar a meta em primeiro lugar.

Quatro minutos.

– O que acham que vai acontecer? – quase sussurrou Abelvik.

– Quando a contagem decrescente acabar, ele mostra-nos outra fotografia da Nordstrøm – afirmou Wibe. – Morta.

Ninguém comentou a suposição de Wibe. O relógio depressa chegou aos três minutos. Blix não conseguia parar quieto. Olhou para Emma. Para Kovic.

Dois minutos.

– Não podemos simplesmente publicar o maldito *link*? – perguntou, de novo, Abelvik, que se postou diante de Gard Fosse. Ele não lhe respondeu, continuando, ao invés, a olhar para o ecrã.

Minuto e meio.

Blix sentiu no corpo cada um dos segundos que os aproximavam do zero.

Um minuto.

Entretanto, várias pessoas tinham entrado na sala. Blix olhou para Fosse. O chefe tinha manchas escuras de suor debaixo dos braços.

Quarenta e cinco segundos.

Alguém entornou uma caneca na secretária de Kovic, e o café escorreu pela mesa. Blix não viu quem foi, mas ouviu um colega pedir desculpa. Kovic respondeu que não fazia mal.

Trinta segundos.

Wibe tossiu para a dobra do cotovelo. Abelvik levou uma mão à boca.

Quinze segundos.

Era como se todos os sons e todo o ar tivessem sido sugados da sala.

Os dez segundos transformaram-se em cinco.

Quatro.

Três.

Dois.

Um.

A contagem decrescente terminou. O cronómetro marcava apenas 00:00. Os detetives entreolharam-se.

– Não aconteceu nada – disse Wibe.

O relógio desapareceu.

No seu lugar surgiu um texto pouco abaixo da fotografia da estrela de atletismo.

SONJA NORDSTRØM (1968 – 2018)

O texto esteve visível durante cerca de meio minuto. Depois, tanto o texto quanto a foto desapareceram. Viram-se de novo perante um ecrã preto. A ligação ao vídeo pareceu também ter sido interrompida.

– Matámo-la – disse Abelvik. – Matámo-la, foda-se.



Nos minutos que se seguiram, ninguém disse nada. Olharam todos abstraidamente em frente. Depois, um após outro, regressaram aos seus locais de trabalho.

Fazia tanto silêncio na esquadra quanto numa igreja. Emma nunca praticara desportos de equipa, mas imaginava que aquele cenário se assemelhava ao que os jogadores viveriam no balneário depois de perderem uma partida importante. Desta vez, haviam travado uma luta de vida ou morte, o que aumentava a sensação de vazio.

Os polícias que conversavam faziam-no num sussurro. Quando o telefone tocava, alguém o atendia de imediato com um «espere um bocadinho». Depois, saíam da sala e continuavam a conversa noutro sítio.

Gard Fosse desapareceu em direção ao seu gabinete. Blix deixou-se afundar numa cadeira. Emma reparou que estava exausto. Deixou que a cabeça lhe pendesse um pouco. Parecia completamente desprovido de energia.

Emma estava ansiosa por tomar um duche e por se deitar na sua cama. Mas tinha trabalho a fazer. Tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas era notícia.

– Sabe que tenho de escrever sobre isto, certo?

Blix ergueu a cabeça e fitou-a.

– Preferia que não o fizesse – retorquiu. – Isso só nos vai pressionar ainda mais, e vamos ter a imprensa, os parentes e toda a gente à perna. Só nos vai prejudicar. Vai tornar mais difícil pôr um fim a isto.

– Bem sei – asseverou Emma. – Mas não tenho escolha. A Anita ligou-me quatro vezes na última hora. Quer saber o que estou a fazer. Isto é um desenvolvimento gigantesco naquele que talvez seja

o maior caso que tivemos na Noruega nas últimas décadas. Vou perder o meu emprego se a Anita souber que estive de novo no centro dos acontecimentos e não lhe disse nada. Para ela, isso talvez seja ainda pior do que não ter escrito um artigo.

Blix baixou de novo o olhar. Pareceu avaliar a situação.

– Ainda precisamos mais um bocadinho do seu computador – disse ele, por fim.

– Não faz mal. Temos muitos no escritório.

Blix suspirou. Esfregou as mãos e passou-as várias vezes pelo rosto, ora para cima, ora para baixo.

Emma dirigiu-se à porta. Blix interpelou-a.

– Não quero que ande sozinha – disse-lhe.

– Aviso-o se ele voltar a contactar-me – garantiu ela. – Mesmo que agora já não tenha motivos para isso.

– Ele pode...

– E se ele o fizer – interrompeu-o Emma –, eu aviso-o. De imediato.

Blix pareceu refletir por um momento.

– Quero que use um alarme de segurança – pediu-lhe, levantando-se.

Emma fitou-o.

– Um alarme de proteção pessoal?

– Como lhe quiser chamar.

Emma não gostou da ideia.

– Não está a exagerar um bocadinho? – perguntou. – A Nordstrøm está muito provavelmente morta. Mais cedo ou mais tarde, o Dahlmann deve deixá-la num sítio qualquer. Primeiro, deve querer mostrar o número dois, seja lá quem for. Acabou.

– Não sabemos se acabou ou não – disse Blix. – E também não teria assim tanta certeza de que o Dahlmann é o assassino.

Ele fitou-a insistentemente.

– O Dahlmann pode também ser uma peça do jogo, um peão que ele usa, tal como a usa a si – declarou. – Não sabemos quem está por trás disto, e, enquanto não o soubermos, não quero correr riscos.

Emma mordeu o lábio inferior.

– Foi um longo dia – continuou Blix. – Uma longa noite. Não pode simplesmente fazer o que lhe peço? Não é como se tivesse de andar por aí com um raio de uma medalha ao pescoço.

O seu olhar demonstrava uma determinação que Emma nunca lhe vira. Falara-lhe também com mais agressividade do que era habitual.

– A maior parte das pessoas usa-o no pulso, como se fosse um relógio – continuou ele, agora um pouco mais meigo.

Emma encolheu os ombros.

– *OK* – respondeu. – Se insiste.

– Insisto, sim – disse Blix, sorrindo-lhe.

– Já agora, é essa a teoria oficial da polícia? – questionou-o ela.

– Qual teoria?

– A de que talvez haja outro criminoso?

– Não – respondeu Blix com um suspiro. – É a *minha* teoria, e não me pode citar.



O vento outonal levantara-se de novo. As folhas rodopiavam nos passeios secos. As pessoas caminhavam de um lado para o outro, e o trânsito era o habitual àquela hora. Tudo como antes. Só que não.

Emma entrou num táxi e pediu ao motorista que a levasse ao *news.no*. Pareceu-lhe que o taxista olhara de forma esquisita para o alarme que estava a usar no pulso quando lhe estendeu o cartão de crédito. Isto fê-la sentir-se uma vítima, coisa que não queria, por isso, tirou-o do pulso e pô-lo na mala. Se se deparasse com uma situação de perigo, tê-lo-ia, ainda assim, à mão.

– Espera! – gritou alguém atrás dela quando estava a entrar no prédio.

Henrik Wollan correu para ela e segurou na porta, deixando-a entrar.

– Onde estiveste metida? – perguntou, fitando as roupas amarrotadas da colega.

Emma esperava escapulir-se a Wollan, mas, agora que ele estava ao seu lado, via-se obrigada a envolvê-lo no assunto.

– Vou explicar tudo à Anita – disse-lhe, instando-o a subir as escadas à sua frente.

Anita recebeu-os no seu gabinete. Nos minutos que se seguiram, Emma explicou o que acontecera nas últimas doze horas.

– Então o Dahlmann enviou-te imagens da Sonja Nordstrøm? – perguntou-lhe Wollan. Estava diante da máquina de café de Anita e pegou numa cápsula.

– Não sei se foi o Dahlmann – respondeu Emma, pensando no que Blix lhe dissera acerca de outro eventual criminoso. – Mas foi um vídeo emitido em direto, pelo menos.

Anita debruçou-se sobre a secretária.

– Podemos vê-lo? – pediu, com um gesto enérgico da mão, como se para tirar o portátil da mala de Emma.

– O *link* já não funciona – explicou Emma.

– A polícia matou-a – concluiu Wollan, que ligou de imediato o computador. – Diz-me que tens pelo menos uma captura de ecrã.

Emma abanou a cabeça.

– Ele também me enviou uma foto – disse ela, enquanto a máquina de café zunia. – Mas a polícia ainda tem o meu computador. Já não consigo aceder ao *email* a partir do telemóvel. A polícia talvez o tenha desligado do servidor.

– Então não tens nenhuma prova que apoie a história? – disse Wollan, pegando na chávena de café antes de se sentar.

– Nenhum prova física, não. Mas o Gard Fosse não pode recusar responder a perguntas concretas. E como ele sabe que estive lá, não pode deixar de confirmar. Se não o fizer, vai estar a mentir descaradamente.

– Vou ligar ao Weedon – declarou Anita. – Para lhe perguntar se consegue encontrar de novo o teu *email*.

– Quem é o Weedon? – Emma quis saber.

– O tipo da informática – esclareceu Anita. Em seguida, interpelou Wollan: – Preparamos uma peça em dois atos. Primeiro, noticiamos que o criminoso contactou uma das nossas jornalistas e lhe enviou imagens da Sonja Nordstrøm em cativeiro. Depois, quando a polícia já tiver confirmado, publicamos um artigo sobre a exigência feita pelo assassino, o modo como a polícia tratou do problema e o destino incerto da Sonja Nordstrøm. Começa por telefonar ao Gard Fosse.

– De repente tenho de ser eu a fazer tudo? – protestou Wollan.

– A Emma tem de ficar de fora disto – advertiu Anita.

– Porquê?

– Porque desta vez a Emma faz parte da notícia.



Emma encostou as costas à porta do seu apartamento e atirou a mala para o chão. Nunca se sentira tão cansada. Esgotada.

Ficou em pé durante quase um minuto antes de descalçar os sapatos e pendurar o casaco. Despiu as restantes peças de roupa enquanto se dirigia ao quarto. Agora podia simplesmente desligar-se de tudo, pensou, e tirou a peruca antes de se enfiar na cama.

Quando, quatro horas mais tarde, voltou a acordar, deixou-se ficar deitada, a olhar para o teto durante algum tempo, antes de se esticar para pegar no telemóvel que tinha guardado na gaveta da mesinha de cabeceira. Uma mensagem de Blix, que lhe perguntava se chegara bem a casa. Uma chamada não atendida da irmã. E nada mais. À chamada seguira-se uma mensagem em que a irmã lhe perguntava se Emma queria passar a noite de sábado com ela e Martine, pernoitando em casa delas.

Não sabia ao certo o que queria e, ao invés de responder, ligou-se à Internet e viu que Wollan ainda não publicara nada acerca de Sonja Nordstrøm. Gard Fosse talvez se tivesse mostrado pouco recetivo.

Deu uma vista de olhos aos outros jornais *online*, mas nenhum deles noticiara nada de novo.

Emma continuou deitada com o telemóvel na mão. Depois de ter respondido a Blix, decidiu enviar uma SMS a Kasper.

Conseguiste alguma coisa com as tuas fontes dinamarquesas acerca dos amigos noruegueses do Jeppe Sørensen?

O telemóvel apitou pouco depois.

Pouca sorte. É fim de semana, tu sabes. As minhas fontes andam na passeata.

Emma perguntou-se se deveria confrontá-lo com o facto de ele não lhe ter dito que conhecia Jeppe Sørensen desde a infância. Mas assim revelar-lhe-ia que o tinha pesquisado na Internet.

Lançou as pernas para fora da cama, foi até à casa de banho e enfiou-se no chuveiro. Fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, sentindo o jato de água quente no rosto. Manteve-se assim durante muito tempo até que, por fim, fechou a torneira, secou-se e dirigiu-se à cozinha apenas com a toalha em volta do corpo.

Tinha o frigorífico quase vazio. Não lhe agradava a ideia de sair para fazer compras. Por isso, enviou uma mensagem à irmã, dizendo-lhe que chegaria às oito horas.

Quando ia para chamar um táxi, recebeu uma mensagem de Anita: *Saiu agora*.

Emma abriu o *news.no*. Não se lembrava de alguma vez ter visto letras tão grandes no título, e sentiu um desconforto imediato ao ler uma notícia sobre si mesma, por fazer parte da notícia, embora o seu nome não fosse referido. Mencionavam Gard Fosse, que aparentemente lhes dissera que iriam emitir um comunicado de imprensa durante a noite.

Pouco depois, o telemóvel começou a tocar. Os colegas jornalistas dos outros meios de comunicação social não deviam ter demorado muito a perceber qual a jornalista do *news.no* que fora contactada pelo raptor de Sonja Nordstrøm.

Deixou que as chamadas entrassem no *voicemail*, e desligou o som e o modo de vibração, mas continuaram a tentar contactá-la e a perturbá-la de tal maneira que só chegou a casa da irmã às oito e meia. Martine já se deitara, cansada após um longo dia num parque aquático em Asker.

– Não lhe disse que vinhas – explicou a irmã. – Vai ter uma bela surpresa quando te vir aqui amanhã de manhã.

Irene serviu-lhe os restos da lasanha que ela e Martine haviam comido. Depois, abriu uma garrafa de vinho tinto.

Emma falou-lhe do dia complicado que vivera. A irmã escutou-a de olhos arregalados, levantou-se e verificou se a porta de entrada estava trancada antes de dar uma olhadela a Martine.

Sentaram-se na sala de estar e fizeram *zapping*, sem parar, entre os diversos canais de televisão.

– Volta atrás – pediu Emma.

Irene assim fez. Era uma transmissão editada dos eventos daquele dia no *Justo Vencedor*. Os três participantes ainda em jogo estavam sentados a uma mesa.

– Aquela é a filha do Alex Blix – Emma apontou para o ecrã. – O que matou o nosso pai.

Irene não disse nada.

Emma encheu-lhes os copos.

– Não quero mesmo cobrir a semifinal de amanhã – continuou ela, sentindo-se um pouco estranha por ter de voltar a esse tipo de jornalismo.

– Não pode ser outra pessoa a fazê-lo? – perguntou Irene.

– Não somos assim tantos – esclareceu Emma. – Depende do que mais estiver a acontecer.

Acabaram de ver o programa e mudaram para um canal de música.

– Acho que devia falar contigo sobre uma coisa – disse Emma, algum tempo depois. A irmã esperou pela continuação. Emma arrastou um pouco o copo de vinho na mesa à sua frente. – Acho que a Martine talvez tenha a mesma doença capilar que eu.

Irene fitou a irmã e a seguir baixou o olhar.

– Encontrei alguns tufoos grandes de cabelo na minha cama da última vez que ela dormiu lá em casa – acrescentou Emma.

Irene não disse nada. Não por muito tempo.

– Não me disseste nada sobre isso – continuou Emma. – Ou não sabias de nada?

Irene ergueu o olhar rapidamente.

– Achas que ainda não vi?

Emma abriu as mãos. A irmã parecia ter ficado ofendida. Sentia-se a fúria na sua voz quando retomou a palavra:

– Só quero que a Martine tenha uma vida o mais normal possível durante o máximo de tempo possível. Isso parece-te esquisito?

– Não – asseverou Emma, fazendo pequenos movimentos circulares com o copo de vinho. – Não é isso.

Nenhuma das duas disse nada durante algum tempo.

– Que idade tinhas quando começou? – perguntou Irene.

Emma pensou um pouco.

– Já devia ser adolescente – referiu Emma. – Tinha treze ou catorze anos, ou perto disso.

– Foi quando... também mudaste.

Emma sabia no que a irmã estava a pensar. Durante um certo período, Emma sentira que o mundo inteiro estava contra ela. Que tudo era injusto.

– Só vias metade das coisas – disse. – Vias que eu andava em festas e que chegava tarde a casa, e coisas do género, mas não vias o resto.

– O que queres dizer com isso?

Irene fitou a irmã. Emma hesitou um pouco antes de continuar:

– Eu... magoava-me, entre outras coisas. Não me cortava, porque não queria ficar com cicatrizes e coisas assim. Não queria que os outros vissem. Só precisava da dor. E quando conseguia sentir dor, fazia de tudo para a eliminar. Bebia álcool. Sozinha, e desde os quinze anos. Ou me servia das bebidas alcoólicas do avô ou pedia a alguém que as comprasse por mim.

– Como é que arranjavas dinheiro para isso?

Emma olhou para o copo de vinho.

– Roubava – disse. – Dinheiro.

– Emma...

– À avó.

Pegou no copo e fez o líquido rodopiar. Bebeu um gole.

– Fiz muitas coisas estúpidas, e não me orgulho de muitas delas. É mesmo um milagre não ter dado para o torto.

Durante algum tempo não disseram nada.

– Ainda achas que a vida é injusta? – perguntou Irene, algum tempo depois.

Emma pensou um pouco antes de responder.

– Tento não pensar demasiado nisso. Não me ajuda em nada. O problema do cabelo é só algo com que tenho de viver. E há coisas bem piores.

– Mas isso é coisa que não fazes, Emma. Não vives com isso. Não vives a sério.

– O que queres dizer?

Emma olhou para a irmã.

– Na verdade, tu só colocaste uma tampa sobre o problema. Nunca falaste abertamente disso, por exemplo, nunca o admitiste a outra pessoa além de mim. Não é o mesmo que viver com o problema.

– Não tenho necessidade de partilhar a minha doença com o resto do mundo. Não é coisa que se torne pública para que tenham pena de nós. Escolhi enfrentar isto desta maneira. E a escolha é minha, de mais ninguém.

Beberam o resto do vinho.

– És tu quem decide isso, claro – afirmou Irene, algum tempo depois. – Mas se a Martine tiver a mesma doença que tu, preferia que ela tivesse um modelo saudável. Uma pessoa que conhecesse de facto os problemas que vai enfrentar no futuro, e que lhe possa dar conselhos, para que saiba como os enfrentar. Não quero que ela se magoe, como tu, e também não quero que se esconda.

– Eu não me escondo.

– Não?

Irene pousou o copo.

– Quantos namorados tiveste nos últimos anos, Emma? A quantos deixaste passar a noite em tua casa? Em casa de quantos passaste a noite?

Emma não respondeu. Porque pura e simplesmente não tinha uma boa resposta.

– Quantos tiveram a oportunidade de ver quem tu realmente és?



Blix não se lembrava da última vez que passara a noite na esquadra, mas a determinada altura da madrugada trancara-se numa sala de reuniões, onde dormira em cima de um tapete de ginásio, cobrindo-se com um cobertor. As horas passadas, naquela noite, debruçado sobre os ficheiros do caso não lhe tinham sido de qualquer utilidade, excetuando o facto de cada vez ter mais certeza de que Dahlmann não agira sozinho.

Dorido após passar algumas horas no tapete rijo, levantou-se, tomou um duche e tirou uma *T-shirt* limpa do cacifo antes de entrar na sala do departamento para ir buscar um café. Foi o primeiro a chegar ao local de trabalho e deu uma rápida vista de olhos às notícias antes de entrar na página do *Justo Vencedor*.

Os três participantes ainda em jogo estavam a comer omeletes na cozinha. Provavelmente fora Jonas Sakshaug, o cozinheiro, quem lhes preparara o pequeno-almoço. Iselin nem sequer sabia cozer um ovo.

Blix aumentou o volume do som e ouviu-os reclamar por terem acordado cedo. Estava ansioso para que o *reality-show* terminasse o quanto antes, mas esperava que Iselin fosse um dos dois finalistas, já que chegara tão longe. Ninguém sabia em que consistia a final, mas o produtor – Petter Due-Eriksen – prometera aos telespectadores algo fora do normal. Algo que jamais se vira num *reality-show*. Mas primeiro tinham ainda de passar pela semifinal.

Uma ideia fê-lo endireitar-se na cadeira.

Os três passariam a ser dois.

Dois.

Um número em falta na contagem do assassino.

Um *reality-show* seria, por muitos motivos, perfeito, pensou Blix. A nova ideia que dele se apoderou deixou-o tão excitado quanto amedrontado. Um concorrente de um *reality-show* seria, pelo menos, um alvo apetecível para um assassino que claramente perseguia celebridades. Um assassino que não recebera a atenção que pretendia com a transmissão em direto do vídeo de Sonja Nordstrøm.

Blix levantou-se.

Restavam três participantes. Três participantes que em breve seriam apenas dois.

Toralf Schanke.

Jonas Sakshaug.

E Iselin.

Pensar nisto deixou-o indisposto, e teve de ir à casa de banho lavar a cara com água fria. Os primeiros detetives a regressar ao serviço apareceram quando ele saiu da casa de banho, e, assim que Gard Fosse chegou à esquadra, Blix pediu-lhe uma reunião para apresentar a sua teoria.

– O facto de três se tornarem dois não é uma ligação direta ao número dois – exclamou Abelvik. – O número dois é o concorrente que perder a final.

– Muito bem – disse Blix, que estava preparado para aquele contra-argumento. – Mas pensem nisto: é o sítio perfeito para uma pessoa que persegue celebridades. E ele não tem necessariamente de atacar aquele que será o número dois. O cozinheiro, por exemplo, é o concorrente número dois.

– O que queres dizer? – perguntou Fosse.

– Havia dez concorrentes no programa – explicou Kovic. – Ao início, cada um deles tinha o seu número.

– Qual é o número da tua filha? – perguntou Pia Nøkleby.

– Três – respondeu Blix. – Seja como for, existem aqui muitas possibilidades para um criminoso com o perfil do nosso. E ele tem várias opções que podem assentar bem no seu plano, digamos assim. Pode querer matar aquele que *será* o número dois, ou o que *tem* o número dois – e estas são só duas das opções. Pode também ter decidido matar *dois* concorrentes, por exemplo. Cometendo

assim um homicídio duplo. Coisa que ainda não fez. Também pode ser um gênero de afirmação e, por exemplo, querer matar dois dos finalistas na emissão em direto.

A mera ideia fez com que Blix sentisse um nó no estômago.

– Percebo o que estás a dizer, Alexander, mas não tenho a certeza de estares a ver a potencial ameaça com objetividade – afirmou Fosse. – No fim de contas, a Iselin está no centro dessa história.

– Isso até pode ser verdade, mas não deixa de ser uma teoria sólida – notou Kovic.

– Faltam pouco mais de nove horas para o espetáculo da semifinal – continuou Blix. – Claro que, entretanto, ainda podem acontecer muitas coisas, mas se durante a tarde não encontrarmos nada de novo naquilo em que estamos a trabalhar, devíamos pensar em ir à produtora e ao canal de televisão e fazer com que cancelem a semifinal.

– Nunca aceitarão cancelar o programa – assinalou Wibe ao desenroscar a tampa de uma garrafa de Coca-Cola. – Há demasiado dinheiro e prestígio envolvidos.

– Não têm outra escolha se lhes dissermos que têm de o cancelar – declarou Blix.

– Quantos lugares para espectadores tem o estúdio? – perguntou Fosse.

– Trezentos – respondeu Blix. – Pelo menos.

– Não vai ser pera doce revistar toda a gente que lá entrar – comentou Wibe. – Ver o que levam com eles.

Blix olhou em redor da mesa. Não tinha ainda o apoio completo que esperara ter.

Fosse interveio:

– Ainda faltam muitas horas – afirmou ele, fixando os olhos em Blix. – Assegurem-se de que o programa é emitido com o nível de segurança mais alto possível. Até lá, seguimos todas as pistas que conseguirmos.

Depois, levantou-se e fez sinal para anunciar que a reunião terminara.

Blix precisava de apanhar ar e subiu até à cantina – vazia ao domingo – e, depois, ao terraço. Uma vez aí, encheu os pulmões de ar e deixou que o olhar perscrutasse a cidade abaixo dele, enquanto soltava o ar que havia sustido. Repetiu três vezes esta manobra antes de pegar no telemóvel e ligar a Merete.

– Olá – atendeu ela num tom de voz mais meigo do que era seu costume. – Como vai isso?

Ele ouviu-a entrar noutra divisão e fechar a porta. Isto levou-o a pensar que ela estaria em casa do seu namorado, em Holmenkollen.

– Sabes como é – disse Blix. – Há muito serviço para fazer. Especialmente agora.

– Estás a trabalhar no caso da contagem decrescente – constatou ela.

– Sim, eu e muitos outros colegas – esclareceu Blix.

Seguiu-se um silêncio confrangedor, durante o qual cada um deles esperou que o outro tomasse a palavra.

– Estás a pensar ir ao programa em direto logo à noite? – acabou ele por perguntar.

– Sim – disse ela. – Claro que sim. É a semifinal, e até agora estive em todos os programas. Porque me perguntas isso? Não vais?

– Eu...

Blix não sabia como havia de falar daquilo sem alarmar Merete. Na verdade, ligara-lhe para lhe pedir para não ir, mas sentiu que não iria chegar a lado nenhum.

– Vou, sim – respondeu-lhe, por fim. – Como... achas que vai correr?

– Oh, como ela chegou tão longe, acho que tudo pode acontecer – confessou Merete.

Era precisamente o que Blix receava.



No final da descida, Emma ergueu-se para pedalar e maximizar o efeito do impulso. Além do esforço físico, andar de bicicleta tinha também uma vertente terapêutica. Era-lhe sempre muito mais fácil pensar quando se movimentava, quando não estava necessariamente consciente de estar a pensar em alguma coisa. Os pensamentos apenas apareciam, de forma espontânea, quando menos os esperava.

Após pernoitar em casa da irmã, tomou o pequeno-almoço com Martine, foi para casa e tentou trabalhar um pouco no sofá, mas não conseguia organizar as ideias. Sabia que algum exercício físico intenso a deixaria pronta para a reunião na redação mais tarde naquele dia.

O corpo ressentia-se ainda da falta de repouso, e notou que se cansava muito mais depressa. Estava ofegante quando passou pelo grande parque de estacionamento em Bjerke. Abrandou e apoiou o pé esquerdo no asfalto. Pensou em Jessica Flatebø, que, uns dias antes, fora encontrada numa casa de madeira em Nordmarka. Parecia ter acontecido há séculos. Já tinham encontrado outras vítimas depois de Jessica, e Emma não tivera tempo de refletir sobre o homicídio de Flatebø, mas ocorreu-lhe que o criminoso conhecia claramente a região, pois sabia que a casa estaria desocupada.

O Dahlmann se calhar mora algures por aqui, pensou, ao olhar para a floresta.

Sabia que Wollan conhecia bem Marka. Podia falar com ele. Além disso, dava-lhe um pretexto para telefonar a Blix.

Deu meia-volta e viu três homens que, com equipamentos de ciclismo semelhantes, regressavam à cidade. No seu apartamento,

demorou algum tempo a fazer uma série de flexões e abdominais antes de tomar banho. Quando chegou aos escritórios do *news.no*, sentiu-se nervosa e ansiosa por trabalhar. Havia já alguns dias que não se sentia assim.

Henrik Wollan olhou para ela do outro lado de um monitor.

– Alguma novidade? – perguntou ela.

Wollan abanou a cabeça.

– Estão todos à espera do próximo artigo – esclareceu. – A questão é saber se vai aparecer mais alguma coisa. Se tudo acabou com a Nordstrøm.

– Ainda não acabou – esclareceu Emma. – Faltam dois números: o dois e o dez.

Wollan concordou e, pela primeira vez, não respondeu com agressividade nem de modo jocoso.

– Queres café? – perguntou-lhe ela, dirigindo-se à máquina.

– Sim, obrigado.

Ela encheu duas chávenas e deu uma a Wollan.

– Em que estás a trabalhar? – questionou-o, com um aceno de cabeça ao ecrã do computador dele.

– Numa espécie de biografia de cada uma das vítimas – disse Wollan. – Foi a Anita quem o pediu – acrescentou, como se ele próprio o achasse desinteressante.

– Tu conheces bem Nordmarka – afirmou Emma, apontando para uma imagem de Jessica Flatebø que estava pousada na secretária dele. – Não convidaste a nossa turma para ir a uma casa de campo em Marka, há alguns anos?

Wollan sorveu um pouco da espuma do cimo da chávena de café. Emma sabia a resposta, pois lembrava-se de muito se ter falado dessa viagem. Ela não acompanhara os colegas.

Wollan confirmou com um aceno de cabeça.

– Tens família na zona onde fica a tua casa?

– Sim – disse ele.

– Onde fica a tua casa?

– Perto de Mylla – esclareceu.

– Isso é longe do local onde encontraram a Jessica Flatebø?

Wollan encolheu os ombros.

– Nem por isso – respondeu. – Porque perguntas?
– Por curiosidade. Só queria saber se conheces bem a zona onde a encontraram – disse ela. – Se conheces algum dos vizinhos.
– Não, não conheço – replicou ele.
– *OK* – concluiu Emma, e fez *login* num dos computadores do escritório.

Enquanto esperava que o computador iniciasse todos os programas relevantes, entrou numa sala de reuniões e telefonou a Blix.

– O que se passa? – perguntou ele. – Aconteceu alguma coisa?
– Não – disse Emma, sorrindo. – Não há perigo, estou no trabalho. Só queria saber como estão as coisas.

– Hum...

Emma ouviu-o hesitar.

– Não há novidades – disse ele.

Pela primeira vez desde que se conheciam, Emma não soube se ele estava a dizer a verdade ou a mentir.

– Já lhes ocorreu que a pessoa de quem andam à procura pode estar escondida em Nordmarka? – perguntou ela, explicando-lhe a sua teoria, segundo a qual o criminoso conheceria bem a região.

– Fizemos uma lista de todas as pessoas que lá têm propriedades – retorquiu Blix. – Está um grupo a falar com cada um deles.

Emma aquiesceu. A polícia já pensara naquilo, claro.

– Olhe, tenho de ir – anunciou Blix.

Emma notou uma certa inquietação na sua voz. Parecia nervoso, ou apreensivo.

– *OK* – disse ela, hesitante. – Desculpe o incómodo.



Às duas horas, Blix fechou-se numa sala de interrogatório que estava livre para telefonar à Enter Entertainment. Procurou o número de *Eckhoff-TV* no registo de chamadas.

– Estou, sim?

Blix apresentou-se.

– Ah, é o pai da Iselin – disse o seu interlocutor.

– Exato. Desta vez, estou a ligar-lhe enquanto polícia. Quero saber que medidas de segurança vão tomar em relação ao programa de logo à noite.

Fez-se um momento de silêncio no outro lado.

– Bem... temos os nossos vigilantes habituais. Seguranças que ficam à entrada, e coisas assim.

– Não revistam o que as pessoas levam para dentro do auditório?

– Não.

Blix pensou um pouco antes de prosseguir:

– É fácil ou difícil a um desconhecido entrar no palco ou esconder-se atrás dele?

– Não há separação física entre o público e o cenário – respondeu Eckhoff. – Mas temos seguranças no local. Não podemos correr o risco de alguém aparecer de repente à frente das câmaras. Para se andar pelos camarins é preciso ter um cartão de acesso.

– E em relação à Casa? – perguntou Blix. – É possível entrar nela?

– Não a desconhecidos – asseverou-lhe Eckhoff. – Há duas entradas. A porta de serviço, que usamos para entregar comida e outros materiais aos concorrentes, e a porta do palco, que usamos apenas nas emissões em direto.

– E estão trancadas?

– São abertas e fechadas a partir da sala de controlo – explicou Eckhoff. – Não dá para entrar e sair à vontade.

Blix tomou uma nota rápida no bloco que tinha à sua frente.

– As pessoas que trabalham na produção foram avaliadas em termos de segurança? Analisaram-lhes o cadastro e afins?

– Verificámos-lhes as referências, e coisas assim. Não lhes pedimos o registo criminal, se é isso que quer saber. Já agora, nem sequer lhe temos acesso.

– Pode enviar-me uma lista com o nome de todas as pessoas que trabalham no *Justo Vencedor*?

Novo silêncio.

– Para que é que precisa disso?

Blix pensou no que havia de responder.

– É um procedimento de rotina, tendo em conta o que aconteceu a outras celebridades norueguesas nos últimos tempos – respondeu – Iremos estar presentes na emissão em direto. Para vossa segurança.

Eckhoff pareceu avaliar a situação por um momento.

– Trabalhamos sobretudo com pessoas contratadas por empresas de *outsourcing*, mas vou ver o que se pode arranjar – disse, por fim.

– Tem de fazer um pouco melhor do que isso, Eckhoff. Não pode apenas *ver* o que se pode arranjar. Isto é importante.

– Sim, sim, OK, vou tratar disso. Só que tenho mil coisas para fazer, porque hoje temos direto.

– Compreendo, claro, mas a segurança dos concorrentes deve estar acima de tudo o resto.

– Sim, sim, claro.

Desligaram. Blix passou as mãos pelo rosto. Precisava de comer. Precisava de dormir. Mas precisava, acima de tudo, que aquele caso terminasse em breve, e de se sentir tranquilo por Iselin estar fora de perigo.

Eckhoff enviou-lhe a lista em menos de uma hora, e Blix deu-lhe uma rápida vista de olhos. Havia vinte e cinco pessoas envolvidas na produção propriamente dita, e encarregou um pequeno grupo – composto por Kovic, Abelvik e ele próprio – de verificar todas elas, incluindo o seu cadastro criminal, e também de descobrir se tinham

alguma ligação a Walter Georg Dahlmann ou a alguma das vítimas. Às dezoito horas, tinham analisado toda a lista. Um *cameraman* fora condenado por agressão oito anos antes, mas não descobriram mais nada de relevante.

Blix deu uma última vista de olhos à lista, analisando-a de cima a baixo.

– Hum – disse ele. – O Eckhoff excluiu-se da lista.

Kovic lançou-lhe um olhar inquiridor.

– Achas que ele tem alguma coisa a esconder?

– Não me admiraria nada se ele tivesse algo a pesar-lhe na consciência – disse Blix.

Com base na data de nascimento e no número de identificação de Eckhoff, fez as pesquisas habituais. Não encontrou nada no registo criminal. Com uma pesquisa mais alargada, encontrou resultados nas bases de dados de filmes e atores. Numa foto de perfil no *skuespiller.no*, onde os atores noruegueses estão listados, Eckhoff surgia de cabelo comprido e assemelhava-se a alguém conhecido. Blix só não sabia a quem.

Recostou-se um pouco e passou as mãos pela cara.

– Quando é que abrem as portas? – perguntou Kovic.

– Daqui a uma hora – disse Blix. – Vou para lá daqui a pouco.

– Vou contigo.



Blix estava inquieto. Quanto mais se aproximava do estúdio de televisão, pior se sentia. Pensou em Iselin. Os concorrentes não haviam tido qualquer acesso às notícias das últimas semanas. Não podiam ler os jornais, e apenas podiam comunicar com os telespectadores através de um acesso limitado ao Facebook. A menos que algum deles os tivesse informado acerca de Dahlmann ou da contagem decrescente, não sabiam nada do que se passava. Talvez fosse melhor assim.

Algumas pessoas já se tinham reunido diante da entrada do estúdio. Muitas delas tinham cartazes nas mãos. Blix sentiu-se desapontado por nenhum dos cartazes apoiar Iselin, mas rapidamente afastou tais pensamentos.

Blix e Kovic caminharam até à entrada reservada ao público. De acordo com as ordens dadas por Fosse, estavam ambos fardados. A ideia era que um potencial criminoso se sentisse coibido a agir se se visse perante polícias claramente identificados. Por outro lado, não poderiam estar presentes muitos agentes fardados, porquanto isto originaria um clima de medo entre os espectadores e, além disso, um dos objetivos era ter polícias à paisana a vigiar as pessoas sem que estas se apercebessem disso.

Encontrou Even Eckhoff no estúdio. Este apresentou-o ao produtor, Petter Due-Eriksen. Blix conhecera-o a propósito de algumas conversas sobre a promoção e a conceção do programa. Era um homem anafado, que deixou claro que não lhe passava pela cabeça perder tempo e recursos para auxiliar a polícia, e reencaminhou-os para o responsável da empresa de segurança contratada pela produção.

Blix reuniu todos os seguranças e alguns dos principais funcionários da produção. Durante dez minutos, e acompanhado por Eckhoff, explicou-lhes a situação, mas tentou passar a ideia de que se tratava de um procedimento de rotina.

Na meia hora seguinte, Blix tratou de conhecer o edifício. A sala de controlo das transmissões na Internet situava-se ao lado do palco principal. Três homens e duas mulheres acompanhavam as imagens das vinte e oito câmaras que filmavam vinte e quatro horas por dia.

Iselin estava no centro de um dos ecrãs na parede.

Blix aproximou-se de um dos funcionários que estivera presente na reunião ocorrida pouco antes.

– É possível interromper a emissão, se for necessário? – perguntou.

O funcionário – um homem com vinte e poucos anos – virou-se para ele.

– Se acontecer alguma coisa, é fácil parar a emissão principal – respondeu-lhe. – O processo é um pouco mais complicado com todos os vídeos emitidos na Internet. Podemos pará-los, claro, mas demora mais algum tempo.

No ecrã, Iselin aproximou-se de uma mesa e pegou numa maçã e num prato. A câmara seguiu-a.

– Quem controla as câmaras?

– A maioria das câmaras é ativada por deteção de movimento – disse o funcionário. – Seguem automaticamente os concorrentes quando eles se mexem. Além disso, temos dois *cameramen* atrás de um espelho de um só sentido. Ali dentro.

O homem acenou com a cabeça para uma porta. Blix caminhou até à porta e espreitou lá para dentro. Era uma sala apertada, com cabos espalhados pelo chão. Um homem com uma câmara ao ombro filmava, através da parede espelhada, o interior da Casa. Iselin riu-se de algo que Toralf disse.

Blix pousou os dedos no vidro e observou-a. Estava tão perto que quase lhe podia tocar. O facto de não o conseguir fê-lo pestanejar rapidamente várias vezes seguidas. Não se lembrava da última vez que a abraçara. Ou que ela o abraçara.

O *cameraman* virou-se para ele. Blix acenou-lhe, saiu e fechou a porta antes de continuar. Conversou com todas as pessoas que traziam vestidas *T-shirts* com a palavra CREW estampada, a fim de obter uma impressão de cada uma delas e de saber que funções tinham ali dentro, e em que local se encontrariam durante o programa.

Quando eram quase sete da tarde, Blix regressou à entrada reservada ao público. As pessoas amontoavam-se no exterior. Um altifalante estava a tocar música numa batida alta, de maneira a instigar o público. Havia dois seguranças de cada lado da porta. E um outro do lado de dentro.

Pediram aos primeiros espectadores que esvaziassem os bolsos. Quando um dos seguranças lançou apenas um olhar rápido à mala de uma rapariga, Blix mandou-os parar, a ela e ao segurança.

– Tem de a revistar com mais atenção – informou.

– Oh, deixe lá isso – disse, irritado, o segurança. – Ela não deve ter mais de catorze anos.

Apontou para a rapariga ao seu lado. Blix deu um passo na direção do segurança e sussurrou-lhe:

– Estou a cagar-me para isso. Têm de revistar todos os bolsos, sacos e malas.

Blix fora bem explícito durante a reunião. Reparou que o segurança revirava os olhos, mas não fez mais comentários. Precisava que todos remassem para o mesmo lado.

Embora a revista fosse lenta, o estúdio não demorou muito a encher. Até ver, parecia que só estavam presentes familiares dos concorrentes, fãs e telespectadores comuns. Os seguranças nem sequer haviam encontrado objetos que pudessem ser usados como armas.

De repente, Merete apareceu à porta. Blix aproximou-se dela.

– Ela pode passar – disse Blix aos seguranças. – Conheço-a.

O segurança a quem dera a descompostura revirou de novo os olhos.

– O que se passa? – perguntou Merete, olhando para a camisa engomada do uniforme de Blix. – Estás a trabalhar? Aqui?

– Sim, é...

Blix não sabia o que dizer.

– O Jan-Arne não veio contigo?

– Jan-Egil – corrigiu-o Merete. – Não, hoje não pôde vir.

Merete pediu-lhe que lhe explicasse o que se passava.

– Muito provavelmente nada – esclareceu Blix. – É só para jogar pelo seguro.

Merete demorou apenas um segundo a fazer a associação. Levou uma mão à boca.

– É apenas um procedimento de rotina – disse Blix, numa tentativa de a acalmar. – Também temos agentes na TV2 e na NRK. E em muitos outros sítios.

Merete engoliu algumas vezes em seco antes de aquiescer com um movimento de cabeça. Blix acompanhou-a até a um lugar no meio da sala, de onde poderiam ver tudo o que iria acontecer no palco.



Anita relembrou Emma que esta devia escrever um artigo sobre a semifinal do *Justo Vencedor*, mas realçara também que ela poderia perfeitamente fazê-lo em casa, assistindo à emissão televisiva, já que trabalhara demasiado nos últimos tempos. Emma, porém, não se opunha a estar presente no estúdio de televisão. Obtinha sempre melhores resultados quando se deslocava fisicamente aos locais. E o facto de a filha de Blix ser uma das três semifinalistas renovara o seu interesse no programa.

Passava pouco das sete e meia quando Emma estacionou a bicicleta numa rua lateral ao edifício onde seria transmitido o *Justo Vencedor*. Pôs-se na fila para entrar. Como não havia uma entrada específica para a imprensa, muitos dos seus colegas estavam irritados. Emma reparou que havia mais seguranças do que da última vez. Teve também de entregar a mala a um deles, que a fitou quando pegou no alarme de segurança pessoal e o analisou.

– Tenho um ex-namorado chanfrado – disse Emma.

O segurança voltou a guardar o alarme na mala e acenou-lhe com a cabeça para lhe indicar que podia entrar.

Emma encontrou um lugar livre na secção reservada aos jornalistas e separada da restante plateia por uma faixa vermelha com IMPRENSA escrito. Saudou distraidamente alguns dos outros jornalistas presentes. Sentou-se. Avistou Blix mais abaixo; ele estava fardado e a conversar com um dos responsáveis pelo programa em direto.

Emma olhou em redor. Viu muitas pessoas que encontrara na esquadra durante o fim de semana. Mesmo muitas pessoas, na verdade. Isto levou-a a franzir o sobrolho e a tentar estabelecer contacto visual com Blix, mas ele não a viu, pois estava demasiado

ocupado. Enviou-lhe uma mensagem para lhe perguntar o que se passava. Não recebeu resposta.

O estúdio não tardou a encher por completo. Blix ainda não se sentara. Uma pessoa da produção com um microfone pediu a atenção do público por alguns minutos. A mulher explicou quais os sinais no chão que indicavam que o público deveria aplaudir e gritar com todas as suas forças. Ensaíram uma ou duas vezes até, por fim, a mulher ficar satisfeita com o nível de ruído.

Emma olhou para o relógio. Faltavam três minutos para as oito. Em seu redor ouviram-se assobios e gritos de entusiasmo. Era a espera, a ansiedade. A excitação aumentou quando o apresentador do programa entrou em cena. Tore Berg Tollersrud pegou no microfone que a assistente de produção havia usado e disse olá ao público. Agradeceu-lhes por estarem presentes e afirmou que esperava e acreditava que, juntos, conseguiriam apresentar um espetáculo fabuloso.

Emma não gostou dos termos do apresentador. Assim, mais parecia que todos eles tinham um papel a representar.

– Estás pronto, Tutto?

A voz proveio algures do chão; Emma não sabia ao certo de onde. Em seguida, viu os técnicos de luz a verificarem se estava tudo em ordem. Um *cameraman* aproximou-se um pouco mais do sofá onde os concorrentes se iriam sentar.

Emma sentiu uma inquietação apoderar-se dela. Viu de novo Blix. Com um olhar atento, o detetive examinava a assistência.

O apresentador dirigiu-se ao centro do cenário. O realizador ergueu um punho no ar. Tollersrud respirou fundo e fechou os olhos, parecendo entrar numa espécie de transe. Concentração profunda.

Foi então que lhe ocorreu.

Tore Berg Tollersrud.

Ela acabara de se lembrar de como lhe chamavam.

Emma esteve prestes a levantar-se, quase a ponto de gritar o seu nome.

Tutto.

Originalmente, chamavam-lhe «To-To»³, porque tanto o seu primeiro nome quanto o apelido começavam com «To».

Dois-Dois: ou dois números dois, se se quisesse.
Então, a música irrompeu dos altifalantes.
A transmissão tinha começado.

3 *To*: dois, em norueguês. (*N. da E.*)



Até ver, tudo bem, pensou Blix quando a primeira parte do programa terminou. No estúdio, as pessoas tinham-se levantado para esticar um pouco as pernas e as costas. Ninguém saiu da sala nem deu sinal de querer sair.

Blix não ouvira uma só palavra do que tinham dito ao longo da primeira parte. Concentrara-se em todos os movimentos no estúdio, incluindo nas áreas atrás das câmaras e rente ao teto; em suma, em todos os sítios onde alguém se pudesse esconder. Com uma arma de fogo, por exemplo. Mas correra tudo bem.

Virou-se e o seu olhar cruzou-se com o de Iselin. Ao início, não soube o que fazer. Por isso, sorriu e acenou-lhe. Todavia, em resposta recebeu da filha apenas um olhar inquiridor. Ela vestia calças de ganga, uma blusa branca e um casaco de lã. Um cachecol rosa-pálido ao pescoço. Ele quase não a reconheceu. Parecia outra pessoa. Mais velha. Mais adulta, talvez.

Uma das pessoas da produção aproximou-se dela, e a atenção de Iselin foi desviada para outra coisa.

Blix reentrou no seu modo de busca. Havia atividade na sala. Reparou numa mão que lhe acenava. Era Emma. Tinha o telemóvel numa mão e apontava para ele com a outra. Blix pegou no seu. Viu que Emma e várias outras pessoas lhe tinham enviado mensagens de texto.

Encontrou a de Emma e abriu-a.

Chamam Totto ao apresentador. To-To. Dois-Dois.

Blix ergueu o olhar e estabeleceu contacto visual com Emma. Depois, fitou Tore Berg Tollersrud, que estava a beber um copo de água atrás de uma cortina, e que a seguir se viu ao espelho.

Kovic aproximou-se dele.

– O que se passa? – perguntou ela.

Blix falou-lhe da mensagem que Emma lhe enviara.

– Merda – disse Kovic. – Porque é que não nos lembrámos dele?

– Eu não sabia que lhe chamavam Totto – respondeu Blix, sentindo o coração e a adrenalina a disparar. – Temos de arranjar maneira de interromper o programa. E de o levar daqui para fora.

– E como é que podemos fazer isso?

Blix pensou e, no entanto, não encontrou nenhuma solução satisfatória. Só Tollersrud poderia apresentar o programa. E o canal nunca pararia uma transmissão em direto, nem que estivesse prestes a dar-se um atentado terrorista.

Blix olhou de novo para o apresentador em busca de sinais de mal-estar, tal como sucedera a Calle Seeberg antes da sua morte. Tollersrud continuava atrás da cortina e tocava no ecrã do telemóvel com um polegar. Sorriu para consigo, como se alguém lhe tivesse enviado uma mensagem de pendor obsceno.

– Vamos dar uma volta por detrás do cenário – disse Blix, tirando o cartão temporário de acesso. – Quero ver o camarim dele. A cadeira de maquilhagem. O guarda-roupa. Falar com todas as pessoas com quem esteve em contacto desde que chegou ao estúdio.

– Também devíamos conversar com ele – sugeriu Kovic.

– Já não conseguimos falar com ele antes do próximo intervalo para publicidade – disse Blix.

Dirigiram-se à porta de segurança mais próxima.

– Esperemos só que ele não morra antes disso – proferiu Kovic, na pegada de Blix.



Emma não conseguia ficar sentada. No segundo intervalo publicitário foi à casa de banho, sobretudo para se mexer um pouco. Pôs-se na fila e pensou que aquele programa em direto era um alvo natural para um assassino que queria atrair as atenções. Três pessoas dariam lugar a duas.

Olhou em seu redor e avistou dois polícias à paisana com auriculares nos ouvidos. O criminoso podia estar algures no edifício, pensou ela. Podia perfeitamente ter-se cruzado com ele. Tanto quanto sabia, podia inclusive estar a observá-la naquele mesmo instante. A mera ideia de estar próxima do assassino fê-la estremecer.

Pelo ruído no estúdio, percebeu que tinham retomado a transmissão do programa. Emma saiu da fila e regressou ao seu lugar. Tore Berg Tollersrud estava a entrevistar Toralf Schanke, inquirindo-o acerca da sua relação com Iselin. Como já se tornara hábito, o apresentador queria saber se eram namorados.

– Não é segredo para ninguém que nos damos bem – exclamou Schanke.

– Mas são namorados? – perguntou Tollersrud, para o pressionar.

Schanke não respondeu. Sorriu, como se soubesse que estava prestes a contar uma mentira em que ninguém acreditaria. Lançou um olhar a Iselin, que o ajudou:

– Diz «sem comentários» – sugeriu ela.

O público no estúdio riu-se.

Tollersrud não desistiu e, de seguida, fez a mesma pergunta a Iselin. Emma imaginou os títulos que usaria caso confirmassem ter uma relação. «Descobrimos o amor num estúdio de televisão.» «Sim, somos um casal.» «Já vencemos o primeiro prémio»: uma

afirmação que nenhum deles decerto teria dito daquela maneira. Naquela noite, Emma esperava não ter de escrever sobre um romance público lamechas.

Em seguida, o apresentador questionou Jonas Sakshaug acerca de alguns dos pratos que preparara para si e para os outros concorrentes. Emma parou de o escutar com atenção quando o seu telemóvel vibrou.

Mensagem de Kasper.

Ele falara com a namorada de Jeppe Sørensen, que não fazia ideia se ele conhecia muitos noruegueses ou não. O único de que tinha conhecimento era um norueguês que havia sido tratado na mesma clínica em que Jeppe fora operado ao joelho, mas ela não sabia como é que ele se chamava.

Emma respondeu:

Em que clínica foi isso?

A resposta chegou poucos segundos depois.

Na Athlete's Retreat. Fica perto de Copenhaga.

Emma pesquisou a clínica no Google e encontrou de imediato a sua página de Internet. Sabia que estes centros de tratamento nunca forneciam informações sobre os seus clientes, mas decidiu enviar-lhes, de qualquer maneira, um *email* no qual explicava quem era e que queria entrar em contacto com um compatriota seu que estivera internado na clínica ao mesmo tempo que Jeppe. Escreveria um belo artigo, afirmou ela, se conseguisse que um norueguês falasse de Jeppe e do seu período de tratamento.

Depois, agradeceu a Kasper a ajuda e pôs-se a pensar. Abriu a captura de ecrã da foto em que Kasper tinha um braço sobre os ombros de Jeppe Sørensen, que retirara do artigo no *Dagbladet Holstebro-Struer*. Decidiu, por fim, enviá-la a Kasper e perguntar-lhe porque é que ele nunca lhe contara que conhecia pessoalmente o futebolista.

Quanto mais a resposta tardava, mais ela se perguntava se o ofendera, ou se se intrometera num assunto que ele tinha dificuldade em falar. Então, o telemóvel apitou de novo. Uma mensagem de Kasper.

*Engraçado, tinha-me esquecido completamente dessa foto. ☺
Mas já foi há muito tempo, e não gosto de misturar a minha vida
privada com a profissional.*

Logo a seguir, Emma ouviu um arquejo de espanto entre a assistência. Olhou para cima e tentou ver o que se passava.

– Ouviram bem – anunciou Tore Berg Tollersrud. – Os concorrentes vão ser submetidos a um detetor de mentiras, aqui e agora. Em direto. Estão prontos para isso? O que me dizes a isto, Iselin?

Iselin precisou de alguns segundos para se recompor.

– Bom... – disse ela. – Estava pronta para quase tudo quando entrei no programa, mas não tinha contado com um detetor de mentiras.

– E tu, Toralf?

– Não tenho nada a esconder – declarou ele. – Só não me perguntem onde deixei as chaves de casa.

O público no estúdio riu-se.

O apresentador também interpelou Jonas Sakshaug.

– Tenho muitas receitas secretas – declarou o chefe de cozinha. – Só não me perguntem nada sobre elas. De resto, sem problemas.

– Soa-me bem – exclamou Tollersrud. – E cada um dos nossos participantes será examinado pelo nosso especialista.

Tollersrud apontou para um homem que se sentara atrás de uma secretária, onde estava um computador. O homem sorriu e acenou ao público.

– Ele vai ligá-los à máquina, e depois eu vou fazer-lhes algumas perguntas, a que têm de responder sim ou não. E no fim, como é habitual, cabe-vos a vocês aí em casa decidir quem merece um lugar na final. Acho que posso garantir-vos que vamos desmascarar um ou dois mentirosos. Ou mesmo dois ou três. Resta saber que peso terá isso no destino deles. Se a sua bússola moral funciona bem ou mal. Em breve teremos uma resposta. Mas primeiro faremos uma curta pausa. Não saiam dos vossos lugares, meus amigos. Regressamos em pouco mais de quatro minutos.



Como era devido a uma verdadeira estrela de televisão, Tore Berg Tollersrud tinha o seu próprio camarim, a sua própria maquilhadora e cadeira de maquilhagem. Blix e Kovic foram conduzidos ao camarim do apresentador por uma funcionária da produção.

– Tenho de voltar ao trabalho – informou ela. – Estamos quase a entrar de novo no ar.

– Só uma pequena pergunta: a seu ver, quantas pessoas terão estado em contacto com o Tollersrud só hoje?

– Oh, céus – exclamou a mulher. – Trinta ou quarenta, mais ou menos por aí.

Ela fitou-os, imóvel, enquanto Blix sopesava a resposta.

– OK – afirmou ele, por fim. – Obrigado pela ajuda.

Entraram no camarim.

– De que andamos à procura? – perguntou Kovic.

– De comprimidos – esclareceu Blix. – Do mesmo tipo dos que encontrámos em casa do Calle Seeberg, por exemplo.

Vasculharam a mesa diante do espelho. Encontraram apenas apetrechos de maquilhagem e uma garrafa de água. Blix abriu a garrafa e cheirou o conteúdo. Voltou a pôr-lhe a tampa. Kovic revistou os bolsos do casaco de Tollersrud, de onde retirou um pacote de pastilhas elásticas e uma caixa de *snus*. Uma caneta. Um cartão de visita de uma mulher chamada Jorunn Tangen, que trabalhava na Rubicon TV. Blix deu uma vista de olhos ao caixote do lixo. Estava vazio. Cheirou todos os produtos de maquilhagem que estavam na mesa. Não notou nenhum odor especial que pudesse indicar a presença de alguma substância estranha.

– Ele tem-se dado bem até agora – comentou Kovic, enquanto olhava em seu redor. – O apresentador. Pelo menos, nada indica

que esteja em má forma.

Blix olhou em volta, observando a salinha apertada. Tudo parecia estar em ordem.

– Anda – pediu. – Temos de falar com ele quando houver outro intervalo.

Voltaram a dirigir-se ao estúdio, até chegarem à parte imediatamente atrás do palco, onde foram detidos por um homem com auscultadores.

– Agora não podem ir para ali – disse ele, enquanto lhes fazia sinais para que ficassem quietos.

Blix virou-se para um monitor, de maneira a ver o que se passava no palco. Toralf Schanke estava sentado numa cadeira, e tinha cabos presos à cabeça e aos pulsos. Estava de costas para o público.

O apresentador fez-lhe algumas perguntas introdutórias para calibrar o aparelho. Como se chamava, que idade tinha, quantos parentes tinha. A credibilidade do teste aumentou quando as respostas dadas por Schanke se mostraram, em geral, em linha com a realidade. Depois, Tollersrud passou a perguntas mais difíceis.

– Já roubaste alguma coisa? – inquiriu.

Schanke refletiu antes de responder:

– Sim.

Decorreram alguns segundos. No ecrã de televisão, surgiu a imagem de um homem calvo a olhar para um computador. Passaram-se alguns segundos. O homem olhou para cima e ergueu o polegar no ar.

Tollersrud continuou:

– Estás a namorar com a Iselin Skaar?

Schanke sorriu e abanou a cabeça, como se já esperasse aquela pergunta. No ecrã, a imagem mudou para um grande plano de Iselin, que acompanhava o questionário com grande interesse. Blix viu a filha corar.

– Não – respondeu Schanke.

As câmaras concentraram-se de novo no homem que estava a manejar o detetor de mentiras. Ergueu a mão no ar, como se fosse

um imperador romano prestes a decidir se um gladiador merecia viver ou morrer. E virou o polegar para baixo.

Ouviu-se um burburinho imediato no estúdio. Tollersrud sorriu, como se quisesse dizer: «Isso já todos nós sabíamos.» A câmara concentrou-se de perto em Schanke. As luzes do estúdio fizeram-lhe brilhar a testa.

– Para ti, o dinheiro é mais importante do que o amor? – perguntou Tollersrud.

– Não – foi a resposta de Schanke depois de refletir durante alguns segundos.

Grande plano do homem do detetor de mentiras. Ergueu a mão no ar. E baixou o polegar. Schanke sorriu com desfaçatez. As câmaras mostraram, de relance, Iselin, que pareceu ficar muito desagradada com a resposta.

Tollersrud fez-lhe mais algumas perguntas antes de dizer:

– E pronto, não temos mais nada a perguntar-te, Toralf.

Acenderam-se as luzes em seu redor. O público aplaudiu. Schanke respirou fundo, aliviado por o teste haver terminado.

– Como achas que correu? – perguntou Tollersrud quando os aplausos cessaram.

Schanke arrancou os cabos da pele e olhou para o apresentador.

– Foi humilhante. Uma desgraça.

Tollersrud não respondeu, limitando-se a anuir com um aceno de cabeça.

– Quando regressarmos após o intervalo, será a vez da Iselin. Não saiam dos vossos lugares, porque voltamos já, já.

Uma grande luz vermelha apagou-se atrás do cenário, e Blix disse a um dos membros da produção que precisava de trocar algumas palavrinhas com Tollersrud.

– Agora não pode ser – declarou o homem. – Estamos a meio do direto.

– Agora estão a passar anúncios – exclamou Blix. – É importante falar-lhe antes que ele entre de novo no ar.

O homem preparava-se para protestar, mas acabou por acompanhar Blix. Depressa entraram no palco. Ao início, Blix ficou encandeado com todas aquelas luzes. Assim que conseguiu

semicerrar os olhos, avistou o apresentador, que estava a conversar com Iselin. O homem da produção caminhou até junto do apresentador e interrompeu a conversa. Por um instante, o olhar de Blix cruzou-se com o de Iselin. A filha arregalara os olhos, como se lhe perguntasse o que se passava. Tollersrud aproximou-se dele.

– O que se passa? – perguntou num tom aborrecido. – Porque é que tem de falar comigo precisamente agora?

– Só lhe tomo um minuto – disse Blix. – Mas é importante. Hoje estive em contacto com alguém com quem habitualmente não fala?

– Sim, mas isso acontece quase todos os dias – respondeu Tollersrud. – Porquê?

– Estamos à procura de um homem que talvez o tenha tentado contactar – informou-o Blix. – Algum desconhecido o contactou hoje? Ninguém lhe deu nada nem lhe tocou?

Tollersrud pareceu não compreender as perguntas.

– Não – afirmou, depois de refletir durante algum tempo. – Ninguém.

– Não comeu nada com um sabor esquisito? Não bebeu nada que lhe tenha sabido mal?

Tollersrud afastou-se em direção a uma mesa com bebidas, bolachas e fruta.

– Não. Céus, não. Mas porque é que pergunta isso?

O produtor surgiu atrás dele.

– O que se passa aqui? – inquiriu Petter Due-Eriksen.

– É da polícia – explicou Tollersrud, apontando para Blix com uma bolacha.

– Têm de falar mais tarde – disse Due-Eriksen, encaminhando Tollersrud para o palco.

– Um minuto! – ouviu-se gritar do chão do estúdio.

Blix e Kovic afastaram-se.

– Bom, é possível que não aconteça nada esta noite – comentou Kovic quando se encontraram a sós. – Que o assassino nos tenha visto e decidido esperar.

– Isso também já me ocorreu – disse Blix. – Mas, nesse caso, o Tollersrud tem de ser acompanhado depois, quando o programa acabar. Tem de ser seguido. Até casa.



Emma seguiu o resto do programa, palavra por palavra, e tentou anotar todas as perguntas feitas pelo apresentador, bem como as respostas dos concorrentes. Imaginou uma dramatização dos acontecimentos da noite, para que aqueles que não haviam acompanhado o programa se inteirassem do que ali sucedera, e abriu o portátil no colo, enquanto Tollersrud atormentava, um atrás do outro, os concorrentes.

Até ver, Iselin fora quem fizera melhor figura. Haviam-na apanhado numa só mentira – a de que nunca tinha roubado nada – e, embaraçada, logo admitira que sim, há não muito tempo provara ilicitamente um dos bolos de um supermercado Rema 1000. Antes que Tollersrud a avisasse de que não tinha de responder com mais do que sim ou não, o público em redor de Emma sorria jovialmente, pelo que o dano causado pela mentira dificilmente seria de monta. O apresentador também a inquirira acerca do seu presumível namoro, e Iselin saíra consideravelmente melhor do que Toralf Schanke, já que admitira que tinham uma relação.

Chegara a vez de Jonas Sakshaug. Não fizeram perguntas sobre amor ao chefe de cozinha, mas apanharam-no numa mentira. Quando lhe perguntaram se alguma vez adulterara ou acrescentara um ingrediente numa refeição para ser maldoso com um cliente, Sakshaug demorou, pela primeira vez, algum tempo a responder. Tollersrud clarificou a questão, dando-lhe como exemplos muco, borras de café, sangue, comida de gato ou cão. Sakshaug respondera que não. O homem do detetor de mentiras disse que ele estava a mentir.

O cozinheiro contorceu-se na cadeira.

– É verdade que tem um acordo com uma editora para publicar um livro de culinária?

Sakshaug demorou, uma vez mais, algum tempo a responder. Emma sabia que se falara muito sobre o livro de culinária por parte de Sakshaug. Entre outras coisas, Sakshaug instigara os telespectadores a partilhar as suas melhores receitas na sua página de Facebook, prometendo-lhes que a melhor receita – e a mais tentadora – seria incluída no livro. Hesitante, respondeu que sim.

O homem do detetor de mentiras pôs o polegar para baixo. Emma olhou para as pessoas em seu redor. Muitas estavam boquiabertas. Percebeu de imediato qual a reação geral. Uma coisa era ser-se apanhado a mentir sobre roubar uma miudeza num supermercado. Inventar um contrato de edição de um livro era algo completamente diferente.

Emma anotou o resto das perguntas e respostas, mas Sakshaug perdera o ímpeto. E o fôlego. Afundara-se na cadeira. Quando o interrogatório terminou, cambaleou de volta ao sofá, onde estavam sentados os outros dois participantes. A votação que ocorreu no quarto de hora seguinte esclareceu o que já todos sabiam. Toralf e Iselin, o casal de namorados, iriam disputar a final.

Antes de interromper o programa para dar lugar a mais um bloco publicitário, Tollersrud disse:

– Os concorrentes não sabiam de antemão quais os desafios que teriam de enfrentar. E como o nosso produtor disse repetidas vezes à comunicação social nas últimas semanas, o jogo final vai ser muito especial. Algo nunca feito em televisão. Para descobrir o que é, tem de ligar a sua televisão às 21h40. Até lá, fique bem, e obrigado por ter assistido ao *Justo Vencedor*.

Emma aproveitou o intervalo para acabar de escrever e publicar o artigo. Esperava ter a oportunidade de entrevistar Sakshaug quando o programa acabasse, embora ele tivesse desaparecido atrás do palco como um homem destroçado. Talvez estivesse ressentido por ter sido expulso à conta de uma mentira quando os outros também tinham mentido, pensou Emma. Decerto arranjaria, de qualquer maneira, um contrato de edição.

Quando o programa reiniciou, o apresentador conduziu os dois finalistas para duas cadeiras, uma à sua esquerda, a outra à direita.

– Ora bem – começou ele. – Restam apenas vocês os dois. Os namorados.

Iselin sorriu, de novo embaraçada.

– O que acham sobre tudo o que passaram nas últimas semanas? Acreditavam que iriam chegar à final?

– Nunca na vida – disse Iselin. – Achava que ia ser expulsa numa das primeiras rondas.

– Sabem o que é que eu acho? – perguntou Trollersrud, que logo respondeu à sua própria pergunta: – Acho que os telespectadores se deixaram fascinar e envolver pela vossa relação. Com isto não quero dizer que não mereçam ganhar, porque são vocês que aqui estão e ultrapassaram os desafios de forma brilhante, mas muitas pessoas, incluindo eu, gostariam de saber se de facto aconteceu alguma coisa entre vocês. Na verdade – afirmou, piscando-lhes o olho –, seria muito fácil de ver se aconteceu ou não.

Toralf e Iselin entreolharam-se. Sorriram.

– Não é bom poderem finalmente admitir a verdade?

– Sim – disseram, em uníssonos, os finalistas.

Trollersrud adotou, então, um tom mais sério.

– Mas, caros concorrentes, ainda não alcançaram o objetivo. Resta a final. E...

Fez uma pausa para criar efeito.

– A final começa precisamente agora.

Toralf e Iselin entreolharam-se.

– Ao longo das dez semanas em que o *Justo Vencedor* decorreu, tentámos descobrir qual dos participantes merece de facto vencer o programa. Para o descobrir, pusemo-los perante vários desafios, tanto morais quanto éticos, e coube aos telespectadores decidir qual dos participantes se saiu melhor. Isto foi também, de certo modo, um barómetro que determinou aquilo que as pessoas mais valorizam. Juntos, chegámos a uma espécie de entendimento comum sobre o que caracteriza uma boa pessoa, e os dois dignos finalistas são inegavelmente bons exemplos disso. Acho que nós

fizemos – e vocês também – um excelente trabalho. Não concordam?

Tollersrud recebeu os aplausos que pedira. As pessoas no estúdio deram vivas e uma nova salva de palmas.

– Claro que resta a grande questão: como poderemos diferenciá-los um do outro?

Tollersrud olhou atentamente para a câmara antes de interpelar de novo Toralf e Iselin.

– Isso, caros participantes, é algo que terão de descobrir por vocês próprios.

Os concorrentes entreolharam-se de novo. Nenhum dos dois compreendia o que se passava. Tollersrud sorriu com satisfação.

– Ouviram bem. Toralf Schanke e Iselin Skaar, irão regressar em breve para a Casa, e nas próximas vinte e quatro horas terão de chegar a acordo e decidir qual dos dois é o justo vencedor.

Nenhum dos participantes conseguiu falar.

– E perguntam-se, certamente, como o vão descobrir, não? Bom, essa é uma das coisas que terão de perceber. Ao conversar um com o outro. Vão descobri-lo quando se conhecerem melhor. Quando se conhecerem a sério. Quando esgaravatarem o passado um do outro. Quando falarem dos vossos desejos e sonhos para o futuro. Mas, ao contrário do que aconteceu antes...

Tollersrud sorriu.

– ... não é um processo em que os telespectadores irão participar... não saberão de nada até amanhã, quando nos encontrarmos de novo durante o direto. Nessa altura, ficaremos a par de tudo o que os finalistas disseram, saberemos do que conversaram. Para quem nos segue pela Internet, iremos também desligar os microfones na Casa, e isto sobretudo para que quem ligar a televisão amanhã de novo às oito ainda possa sentir algum suspense. Continuará a ser possível ver os concorrentes através das nossas câmaras *web*, mas não será possível ouvir o que dizem. Caros concorrentes e ouvintes, este é o derradeiro teste para os nossos participantes. Para o nosso casal de pombinhos.

Todos os presentes no estúdio precisaram de um momento para assimilar o que iria acontecer. Tollersrud dirigiu-se aos concorrentes.

– Não podem chegar a uma conclusão antes de o relógio ter chegado ao zero. Também não podem combinar que um dos dois recebe o primeiro prémio e que depois o partilha quando se encontrarem lá fora. Tem de ser uma decisão genuína, e tem de ser sincera. Da parte dos dois. E se não chegarem a acordo...

Fez nova pausa.

– ... nenhum dos dois ganha. Perceberam o desafio?

Iselin e Toralf pareciam estupefactos, mas acabaram por anuir.

– A final está já a decorrer! Voltamos em breve.

Emma reparou que as pessoas em seu redor estavam surpreendidas.

– Conversar? Mas que raio... – disse uma delas. – Como é que isso vai entreter a quem quer que seja?

– Não conheces o conceito de «ter uma boa conversa»? – retorquiu outra.

– Sim, mas nem sequer vamos ouvir o que disserem.

– Quanto a isso, acho que fico contente. Ouvir duas pessoas a falar sem parar durante vinte e quatro horas? É muito melhor ouvir uma versão resumida amanhã às oito.

– Nunca vão chegar a acordo. Talvez seja com isso que a produção está a contar. Assim não têm de desembolsar um milhão de coroas.

Emma achou que devia ser interessante ver como os finalistas resolviam aquele problema. E o interesse ainda era maior porque também tinham começado a namorar.



Blix seguiu Tore Berg Tollersrud pelo estúdio e esperou apanhá-lo a sós para poder explicar-lhe a situação. O apresentador do programa não pareceu levar a potencial ameaça muito a sério.

– Suponho que vocês estejam a guardar-me bem – disse, virando costas e dirigindo-se ao seu camarim para ser desmaquilhado.

Blix pediu a Wibe que coordenasse uma vigilância contínua a Tollersrud. Depois, sentou-se num sofá na receção.

– Vamos para casa? – perguntou Kovic.

– Daqui a pouco – respondeu-lhe Blix.

Os seus pensamentos dividiam-se entre a investigação em que estava a trabalhar e Iselin, que conseguira chegar à final. Só agora compreendera o que iria acontecer nas próximas vinte e quatro horas.

Uma coisa era diferenciar um assassino de um prestador de cuidados. A maioria das pessoas escolheria o mesmo, caso lhes fosse pedido que indicassem quem tinha os melhores valores éticos ou atributos pessoais. Mas como é que Iselin e Toralf se aproximariam da verdade e descobririam quem merecia mais ganhar o concurso: quem era o justo vencedor e quem não o era? Era uma missão quase impossível, porque aquele que desse a vitória ao outro mostraria uma magnanimidade que tornaria, assim, o derrotado o vencedor moral.

Começou a pensar em Teisen. Pensara muitas vezes se fizera a coisa correta ao abater o pai de Emma. E se Gard Fosse tivesse feito o que era correto, seguindo o protocolo e esperando por reforços? No fim de contas, qual dos dois era a melhor pessoa?

Even Eckhoff chegou com uma pasta de argolas debaixo do braço.

– Precisa de mim para mais alguma coisa?

Blix olhou em volta.

– Quantas pessoas ficam aqui durante a noite? – perguntou.

– Quatro pessoas, as necessárias para os serviços mínimos – explicou Eckhoff.

– Só isso?

– E um segurança.

Blix levantou-se. Anuiu com a cabeça a Eckhoff, como sinal de que não tinham mais nada a fazer ali.

– Levo-te a casa – afirmou Blix dirigindo-se a Kovic. – Onde moras?

– Eu apanho um táxi – disse ela –, ou nunca mais chegas a tua casa.

Blix sentiu-se grato pela recusa.

– OK. Até amanhã.

Kovic saiu e embrenhou-se na noite. Ele continuou ao lado de Eckhoff. Sentia que devia fazer ou assegurar-se de mais alguma coisa, mas não se lembrava do quê.

– E então, o que acha da final? – perguntou-lhe Eckhoff. – Acha que a sua filha vai ganhar?

Blix encolheu os ombros.

– Seja como for, acaba tudo amanhã – exclamou Eckhoff. – Vai saber bem. Foi um longo caminho.

Blix odiava que usassem tais termos naquele contexto, mas aquiesceu.

– E você? – perguntou. – Precisa de boleia até casa?

– Não, obrigado – respondeu Eckhoff. – Tenho o carro na garagem.

Despediram-se. Blix caminhou até ao seu automóvel. Antes de entrar, lançou um olhar aos estúdios. Tinha-se enganado, felizmente. Não acontecera nada. A questão era saber quando e onde iria acontecer alguma coisa.

*

Emma sentia-se exausta. A combinação de poucas horas de sono com excesso de trabalho na última semana começava a fazer-se

notar. A desgastá-la. Depois de ter conseguido falar com Jonas Sakshaug, e de o levar a dizer que estava desiludido, ficou contente por poder voltar a casa e deitar-se na sua cama.

Disse olá a um jornalista da *Se og Hør* seu conhecido e rapidamente voltou às traseiras do edifício do canal de televisão, onde havia deixado a bicicleta. Pôs a mala com o portátil e o telemóvel a tiracolo, e apertou um pouco mais o cachecol em volta do pescoço. Quando abria a boca, a respiração transformava-se de imediato em vapor.

À sua volta, a escuridão era absoluta. Tinha deixado a bicicleta ao lado de um portão deslizante que controlava as entradas e saídas de viaturas. Estavam ali outras bicicletas quando chegara, mas agora restava apenas a sua. Um candeeiro por cima de uma porta de acesso ao edifício ali perto era a única fonte de iluminação daquele espaço exterior.

Tinha tirado a chave do cadeado quando parou e se voltou para trás. Ouvira uma voz gritar-lhe alguma coisa, mas não viu de onde provinha o som. Ouviu apenas sapatos a embater no asfalto. Então, a pessoa que a interpelara saiu, em parte, da escuridão.

– Emma.

Não soou como uma pergunta. Antes como uma constatação. A voz estava abafada, rouca, por causa do cachecol que lhe cobria a metade inferior da cara. O sujeito estava também de capuz.

Ela deu, por instinto, alguns passos atrás, mas não demorou muito a perceber que estava sozinha e que não tinha para onde ir. O portão estava fechado. A porta para o edifício, trancada.

O homem deu um passo na sua direção. Emma começara a enfiar a mão na mala, onde tinha guardado o alarme de segurança pessoal, mas ele lançou-se a ela antes que o pudesse ativar. Um aparelho que ele tinha na mão emitiu uma luz azul. O seu corpo estremeceu. Os músculos ficaram flácidos. Emma tentou com todas as suas forças, mas não conseguiu gritar.



Emma abriu os olhos e pestanejou para ver melhor. Paredes cinzentas, uma luz intensa no teto. Os contornos de um vulto a mexer-se à sua frente.

– Então, ainda estás viva.

Uma voz de mulher.

O pânico – mais como uma experiência apreendida – apoderou-se de Emma quando se tentou levantar. O chão era duro e frio. O corpo debateu-se contra ele.

Engoliu em seco e pestanejou de novo, como para se assegurar de que estava a ver bem. Que quem estava sentada à sua frente era mesmo Sonja Nordstrøm.

Estava em pior estado do que o vídeo deixara entrever. Tinha o cabelo sujo e despenteado, as faces encovadas.

– Quem és tu? – perguntou Nordstrøm. Tinha a voz rouca e débil, como se lhe doesse a garganta.

Emma aclarou a voz e disse como se chamava, e qual a sua profissão. Olhou em volta, enquanto explicava que sabia quem era Nordstrøm, e que já se tinham conhecido numa entrevista.

A divisão onde estavam não tinha janelas, possuindo somente uma pequena claraboia no teto. Reconheceu-a, era a sala que aparecia no vídeo. O ar cheirava a fezes e a urina. Não havia casa de banho, apenas um balde colocado o mais longe possível de Nordstrøm.

Entreolharam-se, sentadas, por alguns segundos. Como se ambas tivessem perguntas a fazer, mas não soubessem por onde começar.

– Há quanto tempo estou aqui? – indagou, por fim, Emma.

– Há algumas horas – respondeu Nordstrøm, olhando para o pulso, embora não estivesse a usar nenhum relógio.

– Sabe onde estamos?

Nordstrøm meneou a cabeça em negação.

– Seja como for, não estamos na cidade – afirmou. – Não há aqui barulho nenhum. Acho que estamos numa antiga quinta, ou algo assim.

Emma olhou de novo em volta, mas não viu a sua mala.

– E você? – perguntou. – Há quanto tempo está aqui?

– Já não conto os dias.

O silêncio caiu de novo sobre elas.

– Alguém...

Nordstrøm pareceu hesitar um instante.

– Anda alguém à minha procura? – perguntou, por fim. – Têm andado a procurar-me?

A pergunta continha uma amargura que surpreendeu Emma. Na sua autobiografia, Sonja Nordstrøm descrevia-se quase como uma máquina orientada para os resultados, alguém que nunca se preocupava com os outros, e que também não queria saber se se preocupavam com ela. Emma notou tristeza e saudades na sua voz.

– E ainda tem dúvidas?

Emma tentou sorrir.

– Não me refiro às pessoas em geral – disse Nordstrøm. – Estou a pensar... na minha família. Na Liselotte. A minha filha.

Emma lera uma entrevista à filha de Nordstrøm num dos maiores jornais nacionais. Ficara com a impressão de que a relação entre as duas não era especialmente afetuosa ou próxima.

– Está muito preocupada consigo – garantiu Emma. – Estão todos.

Nordstrøm pareceu ficar contente. Valorizar a suposta preocupação geral.

Emma gostaria de saber que horas eram, e se alguém *seu* conhecido se começara a preocupar com ela. Blix, talvez. Com um pouco de sorte, ele já estaria a procurá-la. No entanto, isso não a enchia de esperança. A polícia tentava encontrar Nordstrøm há uma semana e ainda estava muito longe de a encontrar.

– Estava quase a deitar-me quando tocaram à campainha – contou Nordstrøm, abanando a cabeça. – Achei que era o Stian.

– Josefson? – perguntou Emma. – O escritor?

– Ele tinha estado em minha casa naquela noite, mais cedo – explicou Nordstrøm. – Ele... eu... nós...

Olhou de novo para o ar e logo continuou:

– Mas antes de conseguir fechar a porta, fui paralisada com... a coisa dos choques.

Emma imaginou o sucedido. Arrependeu-se de ter hesitado quando viu o homem aproximar-se dela no exterior dos estúdios. Se tivesse reagido um pouco mais depressa, teria conseguido ativar o alarme.

– Sabe alguma coisa sobre ele? – quis saber Emma. – Viu-o?

– Traz comida de vez em quando. E algo de beber.

Apontou para uma abertura na parte de baixo da porta. Lembrou-lhe uma gateira.

– Ele fala consigo?

Nordstrøm abanou a cabeça.

– Então nem sabe se é norueguês?

– Não.

– Ele nunca lhe explicou porque é que está aqui?

Emma conteve-se e, felizmente, não lhe perguntou «porque é que ele ainda não a matou». Nordstrøm apenas abanou, de novo, a cabeça.

Emma mexeu-se um pouco, sentindo-se dorida. O chão era de betão. Todo empoeirado e cheio de lixo. Pensou se devia falar da contagem decrescente e de todas as outras vítimas, mas concluiu que não havia motivos para angustiar Nordstrøm mais do que o necessário.

– Tentou escapar?

Nordstrøm fungou.

– Tentei de tudo. Mas as paredes são de cimento, e aquela porta...

Apontou para a porta.

– Tem pelo menos dez centímetros de espessura. E não sei de que é feita, mas é de um material duro. Carvalho, talvez. Também não tenho nada com que lhe bater. Além disso, ele tem câmaras e vigia-me – acrescentou, apontando para o teto.

Emma olhou para cima. No teto havia duas redomas sólidas de vidro fumado. Não conseguiu ver as câmaras propriamente ditas, mas estavam ali, demasiado alto para que conseguissem tocar-lhes. Uma das redomas estava suja com comida ou outra coisa que Nordstrøm provavelmente lhe teria atirado.

– Mas agora somos duas – disse ela. – Temos de aproveitar essa vantagem.

Emma não pôde deixar de admirar aquela mulher. Embora só tivesse despertado há alguns minutos, já sentia como as paredes a comprimiam. Isso, juntamente com o cheiro a dejetos e humidade, e com o frio que provinha do chão e atravessava as paredes, deixaram-na desesperada por fugir dali.

Sonja Nordstrøm vivera naquelas condições toda uma semana. E continuava a não dar sinais de ter desistido. Ela tinha a sua própria filosofia, segundo a qual devia conseguir reunir mais forças do que os seus opositores. Tratava-se de aceitar a dor. De amar a dor. De nunca mostrar aos adversários que se estava a sofrer, dando-lhes, ao invés, a impressão de que se tem muitas reservas de energia e forças. Era a sua capacidade física e a sua força psíquica que a tinham tornado «para sempre número um».

E isto dava esperança a Emma.

Nordstrøm andou para a frente e para trás, como se estivesse a treinar correndo entre duas paredes. Emma viu que ela estava a refletir.

– Temos de o apanhar de surpresa, de uma maneira ou de outra – disse Nordstrøm, tanto para si quanto para Emma. – De o surpreender. Temos de encontrar algo com que o magoar.

Parou de repente e olhou para Emma.

– O que é?

– Estás a usar brincos. Podem ser afiados.

Emma tocou nas orelhas, mas as pequenas argolas não serviam de muito enquanto armas.

Nordstrøm continuou a caminhar, incansável, para a frente e para trás, enquanto coçava a cabeça. Emma encolheu as pernas e apalpou as solas dos sapatos. Finas. Não conseguiria causar grandes danos nem dores.

Pouco depois, Nordstrøm voltou a encostar-se à parede do lado oposto ao de Emma e pôs as mãos nos joelhos. Até ver, não tinham gizado nenhum plano.

– Ouviu-se um estrondo aqui perto – anunciou Nordstrøm. – Antes de chegares.

– Um estrondo?

– Um disparo.

– De uma pistola, ou assim?

– Sim, ou... de uma caçadeira, ou... de outra coisa qualquer. Não percebo nada de armas. Mas estão aqui várias pessoas – mencionou. – Ouvi vozes. Passos.

Nordstrøm olhou para o teto. Emma perguntou-se o que significaria aquilo. O que iria acontecer.

Após um longo silêncio, Nordstrøm revelou:

– Nunca disse à minha filha que tenho orgulho nela. – Olhou abstraidamente em frente. – Nem uma só vez.

Falou com uma voz lenta, ponderada.

– Também tenho um neto que não vejo quase nunca. Um menino.

– Como é que ele se chama?

– Simon.

Emma fitou o olhar perdido de Nordstrøm.

– Nem sequer sei se ele se lembra de como eu sou. Se falam de mim.

Preparava-se para dizer mais alguma coisa, mas conteve-se.

– Que idade é que ele tem? – perguntou Emma no tom mais meigo que conseguiu.

Nordstrøm abriu a boca, mas acabou por lhe mostrar cinco dedos.

Emma queria perguntar-lhe mais coisas, mas viu Nordstrøm pestanejar e passar rapidamente as mãos pelo rosto. Então, olhou para o teto. Parecia querer tentar destruir as câmaras com o olhar.

Emma quis dizer-lhe algumas palavras encorajadoras, algo que desse a Nordstrøm a esperança de vir a reencontrar o seu neto, e que teria muitas oportunidades para dizer à filha que se orgulhava dela. Mas não disse nada. Não sabia se ela própria acreditava nisso.



Emma estava a perder a noção do tempo. Não sabia se haviam passado trinta minutos ou duas horas. Fosse como fosse, parecia-lhe que as paredes se estreitavam cada vez mais em seu redor.

De repente, ouviu passos numas escadas perto. O tilintar de chaves. Emma tentou pensar. Se queriam ter uma hipótese de dominar fisicamente o raptor, teriam de agir o mais depressa possível, atacando-o de forma inesperada e com força. Porém, não tinham onde se esconder. Não havia portas nem armários atrás dos quais se ocultar. nenhuns utensílios ou objetos que pudessem usar como armas.

Os passos aproximaram-se delas. Emma preparou-se: iria lançar-se ao homem assim que a porta se abrisse – iria empurrá-la contra ele, bater-lhe e tentar agarrar-lhe as mãos. Dar-lhe um pontapé nas virilhas. Tentar deixá-lo fora de combate.

O homem enfiou a chave na fechadura. A chave rodou lentamente. Primeiro uma vez. Depois outra.

– Não faças isso – disse a voz do outro lado da porta. – Estou a ver o que estás a fazer, Emma.

Ela olhou de imediato para as câmaras no teto.

– Volta para trás – o homem advertiu-a. Ela não ouvira já antes aquela voz algures? – Encosta-te à parede.

A chave parara de se mexer na fechadura. Emma olhou para Nordstrøm, que lhe fez sinal para fazer o que o sujeito lhe ordenara. Emma recuou, lentamente, até parar junto à parede. Pôs as mãos atrás das costas, pois não queria que o criminoso as visse. Nordstrøm continuou sentada, de pernas cruzadas, no chão. Com as mãos enlaçadas. De olhar fito na porta.

Então, a chave rodou por completo na fechadura.

Um estalido metálico ressoou nas paredes.

Ele estacou no vão da porta. O homem que se aproximara de Emma nas traseiras do edifício da televisão, em Nydalen.

Era Dahlmann?

Não teve a certeza.

Usava um capuz na cabeça. Uma sombra pareceu cobrir-lhe o rosto quando deu um passo no interior da sala. Tinha uma pistola na mão.

O homem deu mais um passo em frente, avançando de pistola em riste.

Primeiro, apontou-a a Emma, depois, a Nordstrøm.

Em seguida, premiu o gatilho.



Na reunião matinal, Blix teve de suportar as críticas de Gard Fosse, que lhe disse que a ação na Enter Entertainment fora desnecessária e utilizara uma quantidade desproporcional de recursos sem, contudo, obter qualquer resultado. De nada lhe valeu argumentar e dizer que não havia como saber de antemão se o criminoso iria ou não tentar atacar alguém. Fosse manteve-se firme, insistindo que a ação tivera como base um trabalho puramente especulativo, e não informações concretas e seguras.

– O trabalho da polícia não é igual ao de uma cartomante – afirmou.

Tanto Fosse quanto os outros detetives sabiam que não haviam tido escolha. Se tivesse acontecido alguma coisa sem que a houvessem tentado impedir ou prevenir, as críticas seriam bem mais duras.

– O administrador da produtora pediu-nos uma declaração oficial sobre o sucedido – continuou Fosse, impávido, arrancando uma folha do seu bloco. – Prometi-lhe que nos reuníamos às nove horas. Trata tu disso.

Pousou a folha com os dados de contacto na mesa e empurrou-a na direção de Blix, que abriu os braços como se para indicar que já tinha muito que fazer.

– Tu é que arranjaste a confusão – disse Fosse, levantando-se. – Hoje à noite, é a final do programa, portanto, tenta explicar-lhes que não têm nada a temer.

Blix ficou cabisbaixo. Queria protestar, mas estava cansado de perder tempo e energias a justificar as suas ações.

– Ontem, tomaste a decisão certa – declarou Kovic depois de Fosse ter saído da sala. – Posso ir contigo à reunião.

Ao início, Blix quis protestar, mas acabou por anuir com um movimento de cabeça e olhar rapidamente para o relógio.

– Dava-me jeito ter alguma ajuda, sim. Temos de rever o que aconteceu ontem.

Desceram até à garagem na cave. Kovic sentou-se ao volante. Blix não sabia se devia ficar contente ou não. Não acontecera nada. A única explicação possível era a de terem impedido o que quer que fosse com a sua presença no estúdio. Dahlmann não estivera lá, disso tinha ele a certeza. Mas, de resto, Dahlmann não era o homem que procuravam. O verdadeiro criminoso poderia ter estado algures entre o público ou nas imediações do estúdio. Além das imagens da transmissão em direto, teriam também de analisar os vídeos das câmaras de vigilância.

Em Nydalen, Kovic dobrou a esquina junto à estação de metro. Viram o grande edifício da televisão e o autocarro da produção ao fundo da estrada.

Blix deu uma vista de olhos ao papel que Fosse lhe entregara.

– A entrada é por trás – explicou.

Kovic seguiu os sinais. Havia alguns carros estacionados em lugares reservados, e, segundo os sinais, era proibido estacionar no resto do espaço.

– Ali – Blix apontou para um portão para veículos de grandes dimensões.

Kovic estacionou o carro de maneira a bloquearem o menos possível o portão. Blix pôs a placa com *Veículo de Serviço da Polícia* no tabliê.

– Se arrastares um bocadinho essa bicicleta, não fico a ocupar a estrada – sugeriu Kovic, acenando com a cabeça para a janela lateral.

Blix saiu e contornou o carro. Pegou no selim e no guiador da bicicleta, mas parou de imediato. Era uma bicicleta preta, com WHITE escrito a cinzento na estrutura de carbono, e com alguns pontos cor-de-rosa nos raios das rodas, aqui e acolá.

Emma tinha uma bicicleta igual. Vira-a no corredor da sua casa. Talvez ela também ali estivesse, para escrever sobre a final?

A bicicleta estava presa com um cadeado. Blix teve de a erguer no ar para a mover para o lado. Nesse instante, deu conta de um molho de chaves no chão, junto à roda traseira. Estava unido a um porta-chaves de cordão azul e branco, um objeto do género que as crianças faziam nos infantários.

Pousou de novo a bicicleta e pegou nas chaves. Kovic abriu a janela.

– O que é? – perguntou.

– É a bicicleta da Emma Ramm – explicou Blix. – Também aqui estão as chaves dela.

– Ela esteve cá ontem – informou-o Kovic.

Blix pegou no telemóvel.

– Nunca mais soube nada dela – disse, enquanto procurava o nome de Emma no registo de chamadas. – Percebeu que tivemos aqui uma intervenção. É estranho não ter seguido o assunto.

Marcou o número dela. Entrou de imediato no *voicemail*.

– Hum – disse ele para consigo, procurando o número do *news.no*.

Anita Grønvold atendeu o telefone ao terceiro toque.

– A Emma não está cá – respondeu. – Ela raramente cá vem. Já tentou passar pelo Kalle Liker Alle?

– Ainda não – replicou Blix. Devia tentar não inquietar Grønvold.

– É algo de importante? – quis ela saber.

– Não sei – disse Blix, e desligou antes que ela lhe fizesse mais perguntas.

Tentou telefonar de novo a Emma, mas sem obter resultados. Sentia cada vez mais que lhe acontecera alguma coisa.

– O alarme pessoal – referiu, mais para si próprio do que para Kovic. – Podemos ver onde está o alarme. A localização física.

Ligou a Krohn e inteirou-o da situação. Ouviu-o, pelo telemóvel, a bater nas teclas do computador.

– Negativo – disse Krohn.

– Negativo? – repetiu Blix, olhando para Kovic. – O que queres dizer com isso?

– Significa que o alarme não está ligado – explicou Krohn.

– Queres dizer que ela o desligou por completo?

– Sim – confirmou Krohn. – Ou que outra pessoa lho desligou.



Emma apoiou a cabeça nas mãos e sentiu o pânico apoderar-se dela. Tentou gritar, mas conseguiu apenas abrir a boca para respirar.

Sonja Nordstrøm tombou de lado com um grande buraco arredondado no peito. O sangue começou a espalhar-se debaixo dela. Os seus olhos abertos e vazios fitaram o ar.

O homem baixou a arma e olhou para Emma, que tinha as mãos à sua frente, como se para se proteger.

– Por favor – suplicou –, não dispare.

Gaguejou. A voz fraquejou-lhe. Tentou perceber o que acabara de acontecer. Não entendia quem era aquele homem. Vira imagens de Dahlmann, mas eram antigas, e não conseguira ver, de todo, como é que ele se parecia agora.

O cheiro adocicado e ferroso a sangue sobrepôs-se ao fedor a excrementos. Ela cambaleou, deu um passo ao lado e pediu, de novo, que ele não a matasse. Mas, ao invés de lhe apontar a arma, ele apenas disse:

– Anda.

Emma engoliu em seco. O som do disparo ainda lhe reverberava nos ouvidos. O homem fez um movimento-anda-cá com a pistola, a que se seguiu um aceno de cabeça que indicou que ela se devia mexer.

Lentamente, deu um passo na direção dele.

– Por favor – pediu.

O homem não respondeu.

Emma imaginou Irene, Martine, a sua avó. Blix e Kasper surgiram-lhe também no pensamento, mas pestanejou e tentou afastá-los da cabeça.

– Tu primeiro – indicou o homem.

Emma concentrou-se em respirar. Encheu os pulmões de ar e tentou ganhar força, coragem.

– Para onde...? – perguntou ela.

– Para cima.

Fez novo gesto com a arma, queria que ela se despachasse.

– Mas...

O homem puxou para trás a manga da camisola de capuz e olhou para o relógio.

– Anda lá – disse, nervoso, dando um passo ao lado para a deixar passar.

Emma reparou que estava cambaleante, mas conseguiu sair da sala e subir umas escadas íngremes e estreitas. Agarrou-se ao corrimão e sentiu que começava a recuperar a compostura. Ponderou agir de algum modo: virar-se, pontapeá-lo, tentar atingi-lhe a cabeça ou a pistola que sabia estar apontada às suas costas, e depois largar a correr o mais depressa que conseguisse; mas muitas coisas poderiam correr mal. O homem tinha o dedo no gatilho e, mesmo que ela conseguisse atingi-lo com força e precisão, nada lhe garantia que ele perderia a consciência ou que deixaria cair a arma.

Assim que chegou ao cimo das escadas, percebeu que se encontrava num celeiro. A luz solar feriu-lhe os olhos. A porta do celeiro estava aberta. Uma rajada de vento frio envolveu-a. O homem gesticulou, indicando-lhe que devia transpor a porta e dirigir-se a uma casa branca enorme.

Ela passou por uma grande mancha vermelho-escura no chão de cimento. Parecia ser sangue, ou então tinta, e pensou no que Sonja Nordstrøm dissera sobre ter ouvido um tiro. Enquanto atravessava a eira rumo às escadas, olhou em volta. A floresta rodeava por completo uma área relvada. Não valia a pena gritar por ajuda, pois não havia nem casas nem pessoas nas proximidades.

– Entra – disse ele.

Emma empurrou a porta. Entrou e deparou-se com um corredor largo. Sentiu de imediato o calor de uma salamandra, mas ali dentro cheirava a outra coisa que não apenas lenha queimada. Ela só não sabia a quê. A mofo ou a podre, talvez.

Continuou em frente. O corredor conduziu-a a uma grande sala no interior da casa. O homem agarrou-a pelo braço e fê-la transpor bruscamente outra porta e entrar numa cozinha antiga.

– O que é que... que quer? – perguntou ela.

– Senta-te – ordenou-lhe, apontando para o banco encostado à parede, sob a janela.

Ela sentiu outra tontura, que a fez cambalear. Agarrou-se à mesa da cozinha e parou durante um momento antes de se pôr atrás da mesa. A janela tinha manchas de humidade entre as duas camadas de vidro, e ela sentiu que deixava passar ar. Lá fora, a floresta quase tocava na parede da casa.

– Senta-te direitinha – indicou o homem, enquanto limpava a mesa.

Tirou-lhe de cima uma vela, um jornal, um copo e uma esferográfica. A mala de Emma estava no chão, junto ao frigorífico. O portátil saía, em parte, da mala. O homem pegou nela e colocou-a na mesa, diante de Emma.

– O que quer de mim? – perguntou ela de novo.

O homem observou-a longamente antes de responder.

– Quero que me entrevistes.



– Que o entrevistaste? – perguntou Emma, confusa.

– E então, não é esse o teu trabalho? – questionou-a, empurrando a mala para mais perto dela. – Os meios de comunicação social falam e escrevem sobre mim dia e noite. Especulam sobre quem sou e porque é que fiz o que fiz. Alguém tem de escrever a história como ela é. E eu escolhi-te a ti para o fazeres.

Emma engoliu em seco. Fitou-o.

– Pega no portátil.

O homem arrastou uma cadeira e sentou-se ao lado dela, deixando a mão com que segurava na pistola repousar na mesa.

Emma puxou a mala para junto de si.

– Escusas de procurar a pulseira de alarme – disse o homem, como se lhe tivesse lido a mente.

O olhar de Emma cruzou-se com o dele, enquanto tirava o computador da mala.

– Tenho-a aqui – disse ele, tocando no bolso das calças.

Emma não soube o que fazer ou dizer. Ele sorriu-lhe antes de ver, uma vez mais, as horas e de lhe pedir que começasse. Emma olhou abstraidamente em frente por um momento e depois disse:

– Acha que... posso beber um copo de água?

Ele olhou-a com desconfiança.

– Estou cheia de sede – acrescentou Emma.

Ele demorou alguns segundos a tomar uma decisão. Depois, levantou-se e dirigiu-se ao armário da cozinha. Pouco depois, regressou com um copo cheio até à borda. Manteve a arma na mão.

Emma tentou sorrir-lhe em jeito de agradecimento. A mão tremeu-lhe quando pegou no copo e o levou aos lábios. Bebericou, deixou

escorrer alguma água pelo queixo e secou-a com as costas da mão. Pousou o copo na mesa.

– Obrigada.

O homem fez novo movimento com a pistola, desta feita apontando-a ao computador. Emma levantou o ecrã. Viu que tinha cinquenta e quatro por cento de bateria. Normalmente, isso equivalia a duas horas de autonomia.

– Preciso de ligar isto à corrente – disse ela, mesmo assim, e tirou um cabo da mala.

O homem apontou para uma tomada ao lado do banco.

Emma baixou-se, ligou o cabo ao computador e abriu o processador de texto.

– *OK* – anunciou ela com alguma hesitação, e a seguir arrastou o ponteiro do rato até ao ícone da rede de Internet, no qual clicou. O computador começou a procurar redes sem fios. – Talvez possamos começar por dizer quem é. Como se chama?

– Não importa como me chamo. Isso saber-se-á a seu tempo.

Não havia redes sem fios.

Ela pigarreou.

– Muito bem – disse, em voz baixa. – Onde nasceu? Onde passou a infância?

– Isso também não interessa nada.

– Que tipo de formação tem? O que estudou? – continuou ela com alguma cautela. – Onde andou na escola?

– Caga nisso.

Emma remexeu-se um pouco.

– Tenho de começar por algum lado – proferiu, fitando-o.

Esperou que ele tomasse a iniciativa. O que demorou algum tempo. Por fim, ele aclarou a voz e disse:

– Quando era mais novo, queria ser realizador de cinema. Steven Spielberg, Ingmar Bergman. Queria dar uso ao meu talento, ser reconhecido por isso. Por aquilo que realmente sou.

– E quem é você? – perguntou Emma.

O homem não lhe respondeu.

– Algumas pessoas ocupam posições ou cargos que não merecem – continuou ele. – Tornam-se famosas e enriquecem sem

terem nenhum talento além das mamas de silicone por que pagaram ou das canções que outros compuseram para elas. Ao mesmo tempo, há talentos e génios que nunca são reconhecidos.

Emma escreveu exatamente o que ele lhe disse, e o homem continuou a contar-lhe os grandes planos que tivera para a sua carreira. Falou-lhe de enormes ambições e de noções insensatas de poder, honra e vingança. Parecia confiante, mas, por outro lado, apresentou-se como uma vítima. Criou, por conseguinte, a imagem de uma pessoa que se tinha em grande conta e que reservava um ódio figadal a todos aqueles que nunca o haviam apoiado nem reconhecido. Desprezava as pessoas que haviam alcançado aquilo com que ele apenas sonhara, mas que agora tinha conseguido: conquistar um lugar na ribalta.

– Fiz-lhes um favor – disse, referindo-se às celebridades que matara. – Ofereci-lhes a imortalidade. Graças a mim, vão falar deles durante muito tempo.

Continuou a falar de si como se de um género de salvador.

– Libertei-os da vida miserável que levavam – declarou, respirando fundo. – Veja-se, por exemplo, a Sonja Nordstrøm. Que ganhou tudo o que havia para ganhar, mas que nunca conseguiu ter uma vida normal. Que afastou todas as pessoas que a faziam feliz. A filha. O marido. Os colegas. Os adversários. Mesmo quando escreveu uma biografia, empenhou-se mais em denegrir as outras pessoas. Isto diz um pouco sobre que tipo de vida levava, e como era uma pessoa incrivelmente fria. Acho que nunca conheci uma pessoa mais solitária do que ela.

Emma não conseguiu entender como é que o homem podia insinuar que matar Nordstrøm fora um ato de misericórdia. Por um instante, perdeu-se na transcrição do testemunho.

– E o Ragnar Ole Theodorsen, que passou os últimos vinte anos da sua vida a tentar criar um êxito composto por quatro acordes? Quatro! Quão difícil é que isso pode ser?

Ergueu um pouco a voz.

– E o Calle Seeberg, que ajudava tipos sem talento como o Theodorsen a arranjar tempo de antena e público? Que tipo de vida é essa?

Resfolegou.

– E também estava em péssima condição física, aquela saúde era uma desgraça. Talvez estivesse interessado em prolongar a sua vida, mas não tinha a disciplina necessária para o fazer.

Abanou a cabeça.

– Bem vi as voltinhas de *jogging* que ele fazia... se é que se pode chamar àquilo *jogging*. O Calle Seeberg era uma pessoa fraca. A morte de um gajo como ele não é nenhuma perda para a humanidade.

Emma viu que ele estava perdido na sua própria narrativa. Independentemente do que lhe dissesse ou perguntasse, nunca o conseguiria fazer ver os seus atos sob outra luz.

– Tal como o Jeppe Sørensen. O tipo já andava numa onda suicida, de qualquer maneira. Tinha desistido. Só o ajudei a chegar à meta.

Olhou para cima, à esquerda, como se lhe houvesse surgido uma recordação.

– A Jessica Flatebø também não ia aguentar muito mais. Ficou tão triste, coitadinha, com todo o ódio que lhe tinham só porque se despia toda na televisão e porque não acreditavam que o fizesse só para chamar a atenção. Buuuáá, vou chorar...

Emma ficou assustada com a total ausência de remorsos e de culpa.

– Eu conhecia o Jeppe, sabes – continuou o homem. – O Jeppe era um monte de merda.

Uma expressão de raiva ensombrou-lhe o rosto.

– Partiu a rótula. Como eu. Ele... achava que os problemas dele eram mais importantes do que os de todos os outros. Que *e/e* era mais importante que todos os outros. Conheci muitas pessoas assim ao longo da vida. E tudo porque jogava futebol e marcou dois ou três golos pela seleção dinamarquesa?

Grunhiu com desdém.

– O Jeppe Sørensen era um arrogante e um idiota.

Emma escreveu o mais depressa que pôde. O que o homem dissera sobre Jeppe era a primeira coisa que poderia ajudar a rastreá-lo e identificá-lo.

– Então também recebeu tratamento na Athlete's Retreat? – perguntou ela cautelosamente, com a esperança de que Kasper tivesse obtido a lista de pacientes e encontrado o nome do homem que estava agora sentado à sua frente com uma arma na mão.

Percebeu que o seu comentário o deixara hesitante. Se ela tinha conhecimento da clínica, outras pessoas também podiam ter.

– O que lhe aconteceu ao joelho? – continuou Emma, sobretudo para o desconcentrar.

Ele abanou a cabeça.

– Torci-o – disse. – Fiz uma rutura de ligamentos. Felizmente, recebi uma bela maquia do seguro.

Calou-se. Sorriu, satisfeito.

– Mas isso aconteceu na Dinamarca?

– Isso não interessa nada – declarou ele, readquirindo uma expressão séria.

Emma não insistiu.

– Foi aí que começou a traçar os seus planos? – perguntou. – Enquanto recuperava da lesão?

– Mais ou menos. – expirou com força, como se suspirasse. – O Jeppe Sørensen era tão parvalhão que eu só queria que ele morresse. E não paravam de dizer por todo o lado que «o número sete não vai regressar aos campos de futebol». Os jornais dinamarqueses estavam cheios dessa treta. A televisão também. A equipa dele tinha decidido que não iam voltar a atribuir o número da camisola dele a mais ninguém, por respeito para com o Jeppe Sørensen. Aquilo até me deu vômitos. Vi a merda do número sete por todo o lado.

– Mas ele não foi o primeiro, pois não?

O homem fitou-a.

– O que queres dizer?

– Ninguém começa uma contagem decrescente no sete – alegou Emma. – Começa-se no dez, no cinco ou no três.

– Ele não foi o primeiro, não, nisso tens razão.

Não acrescentou mais nada, antes retomando a conversa anterior e falando de si como se de um grande vulto se tratasse. Emma desistira de anotar as suas palavras *ipsis verbis*. No fundo, a história

dele resumia-se à sua procura de mais atenção. Os homicídios e a contagem decrescente tinham como intuito atrair as atenções para si, e ele usava as vítimas como se estivesse a encenar uma peça de teatro ou a realizar um filme. Escolhia-as de acordo com os seus propósitos. Pessoas que eram não só famosas, mas que também usavam o seu estatuto de celebridades de forma errada. Emma era a ferramenta de que ele necessitava para contar ao resto do mundo o quão genial ele era.

O homem passou uma mão pela cabeça calva.

– Estive sempre sozinho, no meu canto – disse com um toque de amargura na voz. – Vivi sempre à sombra dos outros. Mas já chega. Tudo o que fiz até agora, fi-lo por mim mesmo e sem a ajuda de ninguém.

Emma não queria, de todo, continuar a ouvir aquele discurso absurdo, mas o silêncio que se fez sentir na divisão deixou-a tão desesperada que se viu impelida a fazer outra pergunta.

– Não me pode falar um pouco mais sobre isso? – pediu Emma.

O homem no outro lado da mesa suspirou. Refletiu.

– Em pequeno, era um ser insignificante. Magro e fraco. Um dia, resolvi simplesmente fazer algo acerca disso. Tornar-me grande e forte. É preciso ter disciplina para se conseguir uma coisa assim. Autodisciplina e força de vontade.

Abanou a cabeça num sinal de satisfação.

– E que mais fez ao longo da vida? – perguntou Emma.

Ele olhou para o relógio e exclamou:

– Isso não interessa nada.

Emma pensou na contagem que ainda não fora concluída.

– Quem é o número dois?

Os seus olhares cruzaram-se.

– Matou a Sonja Nordstrøm há bocado, por isso, assumo que já terá matado o número dois. Quem foi? Foi uma mulher ou um homem?

Ele sorriu e inclinou-se.

– Ainda não percebeste? A sério?

Emma abanou um pouco a cabeça. Ele continuou a sorrir, mas não deu qualquer sinal de que pretendia responder.

– Com quem começou, então? – perguntou ela. – Quem é o número dez?

Os olhos do homem à sua frente brilharam. O sorriso complacente desapareceu-lhe do rosto.

– Demoras muito a acabar isso? – perguntou ele, ao invés de lhe responder à questão.

Emma fitou-o confusa. Ainda mal tinham começado. Como ela não lhe respondeu de imediato, ele levantou-se de repente e deu uma volta pela cozinha antes de se sentar de novo e olhar pela janela.

– Já chega – declarou ele, olhando para o relógio.

– Mas...

– De certeza que precisas de algum tempo para editar e retocar a entrevista – afirmou ele, apontando-lhe a pistola. – Faz lá isso. Começo a atrasar-me.



Às 11h32, Gard Fosse autorizou Blix a registrar formalmente Emma Ramm como desaparecida. Depois, Blix sentou-se e debruçou-se sobre a fotografia dela que estava a ser usada no alerta de busca. Não podia fazer muito mais. Ele e Kovic tinham ido à casa dela, passado pelo Kalle Liker Alle e contactado a irmã.

Os procedimentos de rotina não os tinham levado a lado nenhum. Não havia qualquer movimento ou atividade registados no seu telemóvel ou conta bancária, e também não constava das listas de pacientes de nenhum hospital. O alarme de segurança continuava desligado.

Wibe atravessou a sala e parou diante da sua secretária.

– Ela trabalha com um tipo interessante – disse.

Blix olhou para os papéis que Wibe tinha na mão.

– O tipo aparece na lista de visitas do Dahlmann na cadeia – explicou Wibe. – Henrik Wollan. Trabalha no *news.no*.

Blix anuiu. O nome não lhe era estranho.

– Porque é que ele foi visitar o Dahlmann à prisão? – perguntou.

– Não faço ideia, mas é a única pessoa na lista de visitas que aparece nos documentos da investigação.

– Porquê?

– Esteve em Hvaler quando encontraram o Jeppe Sørensen morto. Foi ele o primeiro a dar a notícia.

– Bom, ele é jornalista – comentou Kovic.

Blix sentou-se de novo na cadeira e olhou, pouco convencido, para Wibe.

– Seja como for, devíamos ter uma conversinha com ele – Wibe sugeriu.

O telemóvel de Blix tocou. Era Merete. Queria provavelmente falar acerca de Iselin e da final do programa. Deixou-o tocar e concordou com Wibe.

– Tratas tu disso? – perguntou.

Wibe aquiesceu. O telemóvel de Blix recomeçou a tocar. Desta vez não era Merete, mas sim Øyvind Krohn.

– Pediste-me para localizar o alarme pessoal da Emma Ramm – disse Krohn.

– E então?

– Foi ativado há quinze segundos.



Emma escreveu.

Pelo menos, tentou escrever. Tentou imaginar que tinha apenas de escrever e editar um artigo normal, mas os dedos estavam frios e a cabeça bem longe do texto à sua frente. Não a ajudava o facto de o homem sobre quem escrevia estar a caminhar impientemente para a frente e para trás na cozinha com uma pistola na mão. Não conseguia parar de pensar que aquela seria a última coisa que faria na vida. Mesmo que a história não ficasse por ali e houvesse ainda muito por esclarecer, ela iria funcionar como um microfone para aquele louco.

A mera ideia deixou-a maldisposta. Tentou encontrar formas criativas de introduzir no texto informações sobre a sua localização e a pessoa que se encontrava diante da janela da cozinha. Contudo, não sabia como é que ele se chamava nem onde estavam. Não tinha mensagens secretas que introduzir no texto.

Emma tentou estruturar cronologicamente o artigo com base nas vítimas de homicídio. Ele atirara Mona Kleven para a frente do metro depois de haver sabotado as câmaras de vigilância da estação. A vida dera muitas oportunidades a Mona, mas a fama dera-lhe apenas cotovelos pontiagudos que lhe facilitaram a ascensão a expensas alheias.

Aproveitou este facto para acrescentar uma digressão sobre a injustiça da vida segundo a perspetiva do assassino. Certas pessoas fumavam e bebiam e tinham vidas moralmente repreensíveis e viviam até aos cem anos, ao passo que outras tinham uma alimentação e uma vida saudáveis e, ainda assim, morriam antes dos trinta. Mencionou a injustiça de alguém ganhar 183 milhões de coroas na Lotaria Viking, enquanto outras pessoas

se esforçavam em vão por pagar as contas. Descreveu como o assassino matara Thor Willy Opsahl enforcando-o numa viga do teto, deixando o cadáver pendurado na garagem, enquanto ele próprio conduzia o imponente Audi do morto.

Citou tal qual as suas palavras desdenhosas sobre o pastor, juntando-as à descrição do crime; segundo ele, fora libertador vê-lo *ir ter com o seu criador muito antes do que esperava*.

Ela não referiu que faltavam os números dez e dois ao grande plano do assassino.

– Podes chamar-me O Encenador – disse ele, de repente.

– O Encenador?

– Escreve com maiúscula – pediu ele, como se tivesse refletido sobre o assunto durante algum tempo. – Foi o que eu fiz: preparei a peça, organizei tudo em palco.

Emma assim fez. Acrescentou ao texto um apêndice que esclarecia o título do assassino.

– Não o tornes longo de mais, nem chato – disse ele, olhando para o relógio. – Tens mesmo de o acabar agora.

– Porquê tanta pressa? – perguntou Emma.

– Só tens dois minutos – declarou ele, simplesmente.

– Dois minutos?

Emma sentiu-se tomar de novo pelo pânico. Soara como uma ameaça. Como se dali a dois minutos ela já não lhe servisse para nada.

Tentou engolir e conter as lágrimas, mas não conseguiu, e começou a soluçar e a tremer. Quando ele lhe pediu, com agressividade, que ela se levantasse, começou a chorar ainda mais.

Emma acreditara – ou esperara – ser capaz de oferecer mais resistência, de lhe dar luta, inclusive física, mas foi como se os seus músculos não lhe obedecessem ou não soubessem o que deviam fazer. A cabeça também não estava a funcionar, e não conseguiu pensar.

– O que é...

Tinha a garganta seca.

– O que é que acontece depois? – perguntou com uma voz trémula. – O que é que me acontece?

Ele não respondeu. Emma tinha os olhos marejados de lágrimas. Ele enfiou a mão no bolso das calças, de onde sacou o alarme de segurança pessoal. Pousou-o na mesa à frente dela e sorriu.

– Vão achar que foste tu que o ativaste – anunciou ele.

Emma olhou-o incrédula.

– Ligou-o?

Ele anuiu com a cabeça e continuou a sorrir. Emma não percebia nada: ativar o alarme faria com que a polícia aparecesse ali. De imediato.

– Ativei-o há dez minutos – disse com satisfação. – Devem chegar daqui a...

Ele olhou de novo para o relógio.

– Vinte minutos, ou algo assim. Talvez um pouco menos.

Emma abanou a cabeça. Não percebia, de todo, aquele homem. A menos que o seu plano tivesse sido, desde o início, ser morto pela polícia quando concluísse o seu trabalho. Assim, não teria de enfrentar um julgamento nem seria punido pelo que fizera. Ou talvez tivesse também um plano para a polícia. Algo preparado para quando chegassem.

Vinte minutos, pensou ela. Tinha de sobreviver durante vinte minutos.

Olhou para o texto à sua frente. Muito longe de estar pronto.

Fechou o ecrã de repente. Abriu-o de novo com um gesto célere.

– Estás pronta? – perguntou ele.

– Não – respondeu-lhe.

– Mas...

Em seguida, ela agarrou no computador e bateu com ele – com força e repetidas vezes – na mesa, esperando assim que o ecrã se separasse do resto do aparelho. Sem entrevista, ele não teria o que queria. Com pânico no olhar, ele lançou-se a ela para a deter. Emma empurrou a mesa contra ele, mas era grande e pesada, e não conseguiu arrastá-la mais do que alguns centímetros, o que, porém, foi o suficiente para o abrandar um pouco e lhe dar mais espaço a ela para mexer as pernas, permitindo-lhe levantar-se. Assim que se viu de pé, atirou com toda a força o portátil contra a janela.

A janela não se partiu; o vidro ficou apenas rachado. O portátil caiu no chão. Parecia ainda estar inteiro.

O homem pulou para o outro lado da mesa para apanhar o computador. Emma aproveitou a oportunidade; correu até ao corredor escuro, rumo à porta de entrada, mas ele alcançou-a antes de ela lá chegar. Emma debateu-se quando ele a agarrou pelo casaco com uma mão e pelo cabelo com a outra.

A peruca soltou-se-lhe. O espanto dele foi tal que também lhe largou o casaco. Emma lançou-se à porta e abriu-a de repente.

Desceu as escadas aos dois degraus de cada vez. Sentiu o ar frio e encaminhou-se à floresta densa.

Não tinha avançado muitos passos quando o ouviu na sua peugada. O pânico fê-la correr o máximo que conseguia, mas o desgaste do último dia deixara-a sem forças. Ele apanhou-a antes de ela chegar às árvores. Atirou-a ao chão e pressionou-lhe a cabeça contra as ervas.

Emma sentiu-o a prender-lhe um dos braços atrás das costas. Ele pressionou-lhe o pescoço com o antebraço direito, e ela percebeu que ele lhe estava a bloquear uma artéria. Ele era forte, e ela compreendeu então que as outras vítimas haviam, de facto, tido poucas hipóteses de escapar. Ela não tinha nada com que se lhe opor.

Ele soltou-a de repente. E, então, Emma ouviu um som. Como o de algo que soltasse faíscas. Depois, veio a dor, e os músculos ficaram flácidos. A escuridão cobriu-lhe os olhos.



– Só espero que não seja falso alarme – comentou Blix. – Ou uma espécie de manobra de diversão.

Kovic fitou-o. Tinham já saído de Majorstua e estavam a caminho de Røa.

– Demora algum tempo a manipular um alarme de segurança – esclareceu ela.

– Claro – respondeu Blix. – Mas ele, no sábado, fez-nos ir a uma quinta em Nannestad.

Os condutores afastavam-se obedientemente do caminho. Depressa passaram Røa em direção a Sørkedalen, onde os edifícios rapidamente se tornaram mais espaçados e raros. As quintas apoderaram-se da paisagem, e Nordmarka surgiu no lado direito. Várias patrulhas da polícia estavam a caminho, mas Blix e Kovic eram os mais adiantados.

– O sítio não fica assim tão longe da casa onde encontraram a Jessica Flatebø – anunciou Kovic, que não parava de mexer num mapa visível no ecrã do telemóvel. – Parece ser... uma quinta.

Mais uma quinta, pensou Blix. Sentiu que estavam a ser novamente enganados.

– Sabemos quem é o dono? – perguntou.

Kovic abriu uma mensagem da Central de Operações.

– A quinta pertencia a um homem que morreu há ano e meio – leu.

– E quem é o atual dono?

– Uma empresa, ao que parece.

– OK, e quem é o dono da empresa?

Kovic leu a mensagem com mais atenção.

– Não diz.

– Não diz?

– Não. Diz qualquer coisa sobre um banco estrangeiro, mas não aparece nenhum nome nem contacto.

Blix abanou a cabeça e segurou com força o volante, enquanto manobrava o carro através de Sørkedalen. Pouco depois, virou à direita na Zinoberveien e entrou numa zona de estacionamento. O asfalto deu lugar a uma estrada de cascalho e pedrinhas soltas. Embora Blix tivesse esquiado muito em Nordmarka, não conhecia bem a zona. Sabia que havia muitas estradas estreitas, rios e lagos na área em que se encontravam, assim como florestas densas e paisagens onde as pessoas gostavam de passear em todas as estações do ano. Mas era também o local perfeito para quem se queria esconder do resto do mundo.

– Há quanto tempo é que o alarme foi ativado?

– Há vinte e oito minutos.

– Quanto tempo falta para lá chegarmos, mais ou menos?

– Devemos estar mesmo quase a chegar.

Blix abrandou. A estrada era tão estreita que não conseguiriam cruzar-se com um veículo que se deslocasse no sentido contrário.

– É ali à direita – disse Kovic, apontando para uma pequena estrada que virava à direita.

Blix travou e entrou na estrada. Havia arbustos e ervas altas dos dois lados. Os ramos embatiam no carro.

– Merda! – exclamou Kovic, virando a cabeça para trás, olhando para algo por que haviam passado.

– O que foi?

– Não viste a câmara?

– Que câmara?

Blix levantou o pé do acelerador e virou a cabeça para trás, enquanto o carro rolava em frente.

– Há uma câmara de vigilância pendurada numa das árvores, pouco depois de se entrar na estrada – esclareceu Kovic.

– Então é capaz de nos ter visto a chegar – afirmou Blix. – Merda.

– Abranda – pediu Kovic. – Deve haver uma curva ligeira ali à frente.

Atravessaram um troço onde as árvores ladeavam densamente a estrada. Viram que o caminho se iluminava mais à frente. Blix abrandou um pouco mais e parou num sítio onde as árvores davam lugar a uma extensa área relvada. Havia uma casa branca um pouco adiante. Estava a sair fumo da chaminé. Havia uma antena parabólica fixa a uma parede. A casa ocultava parcialmente um celeiro.

– Quanto tempo é que os outros demoram a cá chegar? – perguntou Blix.

– Quatro, cinco minutos, talvez – disse Kovic.

O carro estava em ponto morto, mas o motor fez algum ruído quando Blix o desligou. De imediato, fez-se silêncio em redor deles.

– Há luz na janela – notou Kovic.

Blix analisou a casa e tentou vislumbrar movimentos nas janelas. Um alarme quebrou o silêncio. Um alarme bem sonoro, curto e estridente, que não tinha como enganar.

Um alarme de incêndio.

Blix e Kovic trocaram um olhar antes de fitarem de novo a casa. Uma nuvem cinzenta surgiu numa das janelas.

– Merda – exclamou ele, e rodou a chave na ignição para ligar o carro. – Chama os outros!

Kovic pegou no comunicador de rádio. Blix acelerou tanto que os pneus resvalaram na gravilha. A aceleração pressionou-os aos dois contra as costas dos respetivos assentos.

Kovic reclamou, pensando na possibilidade de haver alguém armado dentro da casa.

– Estamos muito expostos! – gritou ela.

Ele não lhe respondeu e continuou a conduzir em direção à casa branca. Via-se cada vez mais fumo atrás das janelas, e o alarme não parava de tocar.

Blix travou a fundo diante da entrada da casa e abriu a porta do carro antes que este tivesse parado por completo. Puxou da arma de imediato e tirou-lhe a patilha de segurança.

– Vou entrar – comunicou a Kovic, que ainda nem sequer conseguira sair do carro.

– Alex... – disse ela.

– Fica aqui e cobre a saída. Mantém-te em contacto com a central. Tenho de ver se a Emma está lá dentro.

Galgou os degraus da entrada com um salto e levou a mão ao puxador da porta. Estava aberta. Puxou-a para si. Uma nuvem agreste de fumo atingiu-o na cara. Tentou respirar fundo duas ou três vezes.

Depois, entrou.

Uma vez lá dentro, levou a mão à boca. Tossiu. Gritou o nome de Emma. Não obteve resposta.

O teto era alto, e o corredor onde se estava a deslocar, largo. O soalho era composto por tábuas de madeira maciça que rangiam sob os seus pés sempre que dava um passo.

– Emma?!

Continuou a não obter resposta. No entanto, ouviu outra coisa que o inquietou ainda mais.

O som das chamas.

Os pequenos estalidos da madeira que capitulava, o som intermitente das labaredas a consumir uma parede ou uma cortina.

Era impossível perceber, pelo som, se estava mais alguém dentro da casa. Passos ou movimentos, palavras ou gritos: tudo seria camuflado pelos sons sibilantes das chamas.

Dobrou uma esquina. Com a arma em riste, avançou o mais depressa que pôde. Os olhos tinham-lhe começado a arder. Tossiu de novo e cobriu a boca com o antebraço. Chegou a outra porta, que estava aberta. Transpô-la de imediato e continuou a avançar no interior da divisão, que presumiu ser uma sala de estar. Mais ao fundo da sala, viu um par de pés e calças que não se mexiam.

– Emma?! – gritou, de novo.

Tapou a boca com um braço, enquanto, com o outro, mantinha a pistola em riste. Baixando-se para se tornar mais pequeno, embrenhou-se nas profundezas da sala.

Um estrondo repentino fez com que as chamas iluminassem o espaço. As pernas no chão deviam pertencer a um homem. Os sapatos eram grandes.

Blix aproximou-se.

O homem estava prostrado de lado. No chão, junto à sua mão direita, encontrava-se uma arma. Ele tinha um buraco enorme na cabeça. Ainda assim, não lhe foi difícil ver de quem se tratava.

Walter Georg Dahlmann.

Ouviu-se o estrondo de uma pequena explosão no interior da casa. As chamas estavam a apoderar-se da sala. Blix recuou. Não conseguiria tirar o corpo de Dahlmann da casa. Concentrou-se, portanto, em encontrar Emma. Cambaleou até outra sala. Tossiu e engasgou-se, enquanto gritava por Emma, mas depressa percebeu que a sala estava vazia, à exceção de várias botijas de gás encostadas a uma parede. O cheiro a gás propano ascendia do chão.

Saiu da sala e encontrou o corredor, mas começou a sentir-se atordoado, sendo-lhe difícil orientar-se. O fumo fazia-lhe arder os olhos. Fechou-os por alguns segundos. Quando os reabriu, vislumbrou a porta de saída algures no fumo defronte de si. Apoiou-se à parede, tossiu e cambaleou em frente até se ver no exterior e sentir os degraus da entrada sob os pés.

Kovic correu na sua direção.

– Temos de nos afastar – gritou. – Pode explodir.

Kovic atirou-se para dentro do carro, enquanto Blix cambaleava pela eira rumo à orla da floresta. Kovic fez marcha-atrás, afastando-se da casa. Depois, correu até junto dele.

– Eles demoram muito a chegar? – gritou Blix.

– Não – disse Kovic. – Não ouves as sirenes?

Blix tinha ainda o alarme de incêndio a ressoar-lhe nos ouvidos. Abanou a cabeça numa tentativa de se recompor. Pouco depois, ouviu-se um estrondo na casa.



A explosão gerou uma onda de calor que se propagou e atingiu Kovic e Blix. Ele levantou-se e viu o oxigénio fresco entrar em combustão. As chamas lançaram uma luz laranja e sombras a toda a volta. A natureza do fumo alterou-se, e este escureceu, tornando-se quase preto.

– O Dahlmann estava lá dentro – disse Blix. – Estava morto. Tinha uma arma pousada ao lado dele.

Kovic deu alguns passos em direção à casa em chamas, como se se quisesse aproximar de uma resposta e saber, enfim, o que acontecera.

– Ele matou-se? – perguntou ela, mais em jeito de conclusão. – Talvez soubesse que o íamos apanhar, não? Que estava tudo acabado.

Houve uma nova explosão – mais pequena, desta feita – noutra zona da casa. As chamas que se lhe seguiram estenderam-se lateralmente, como se fossem braços e punhos cerrados, antes de se elevarem rumo ao céu.

Blix arfou algumas vezes: sentia ter os pulmões cheios de fuligem.

– E a Emma? – perguntou Kovic.

Blix abanou a cabeça.

– Não sei – respondeu ele. – Ainda pode estar lá dentro.

O primeiro carro-patrolha a entrar na propriedade parou muito longe da casa em chamas. Um jovem agente aproximou-se de Kovic e Blix.

– Os bombeiros demoram muito a chegar? – perguntou Kovic.

O agente lançou um olhar para trás dele, em direção à estrada de onde viera.

– Ainda devem demorar um quarto de hora – informou.

– Dê uma vista de olhos ao celeiro e às traseiras da casa – pediu Blix, apontando com o dedo. – Não vá estar aqui mais alguém.

O agente anuiu com um movimento de cabeça e correu em direção ao celeiro, enquanto falava pelo rádio. O fogo aumentou ainda mais de intensidade. As chamas irromperam pelo telhado, contorcendo-se e girando em direção ao céu.

Um outro carro-patrolha entrou na quinta. Blix ordenou ao agente que acompanhasse o colega.

– Ele deve ter incendiado a casa – sugeriu Kovic. – Para eliminar todas as provas.

– Talvez – disse Blix, pensativo. – Mas acho que nós é que o provocámos.

– Como assim?

– Começou tudo quando cá chegámos, precisamente quando parámos ali adiante, na orla da floresta. Foi quase cronometrado ao segundo. Como se tivéssemos passado com o carro por cima de uma mina, ou algo assim.

– Passámos pela câmara – recordou-lhe Kovic.

– Sim – continuou Blix. – E desde o início que lidamos com uma pessoa que planeou tudo até ao mais ínfimo detalhe, que nos mostrou cuidadosamente todas as peças do *puzzle* e que quase nos indicou as horas em que iríamos encontrar uma vítima, ou quando é que uma vítima seria assassinada. Isto – disse ele, apontando para a casa – é só mais uma peça do conjunto.

– Achas que o Dahlmann não conseguiria fazer isto? – perguntou ela.

Blix não respondeu de imediato. Já não o achava antes. Agora, duvidava ainda mais que Dahlmann fosse o único responsável por tudo aquilo.

– Acho que não, e não me fico por aí – proferiu. – Porque é que ele havia de se transformar numa vítima?

– Não te lembras porque é que o Dahlmann ficou conhecido? – recordou-lhe Kovic. – O tipo matou duas pessoas. Era um assassino, cometeu duplo homicídio. Ele próprio era o número dois.

Blix anuiu. Era bem possível que Kovic tivesse razão.

Um dos agentes fardados saiu do celeiro e correu até eles.

– Encontraram alguma coisa – exclamou Kovic.

Correram em direção ao polícia.

– Está um cadáver lá dentro! – disse, apontando para trás de si. – De uma mulher.

Blix praguejou e estugou o passo. Kovic seguiu no seu encalço. O agente conduziu-os até a uma sala no interior do edifício, fazendo-os descer uma escada que levava a uma cave com paredes grossas de pedra. Blix parou à porta. Uma lâmpada nua no teto constituía a única fonte de iluminação da divisão. Sonja Nordstrøm jazia numa poça de sangue seco junto à parede mais afastada.

– Não pode estar morta há mais de duas horas – declarou o agente.

Duas horas, pensou Blix. Não batia certo. Havia alguma coisa naquela história que lhe estava a escapar.

– Revistaram o resto do edifício? – perguntou.

– Sim – confirmou o agente. – Não está cá mais ninguém além dela.

– Muito bem – declarou Blix. – Isto é o local de um crime. Delimitem-no.

Ouviram-se, lá fora, várias sirenes. Os bombeiros chegaram e começaram, de imediato, a correr de um lado para o outro e a desenrolar enormes mangueiras. A cornija do lado esquerdo caiu por completo. Saltaram fagulhas, que o ar quente lançou em todas as direções.

Embora a água saísse das mangueiras em torrente, as chamas pareciam ser mais fortes, como se as instigassem continuamente. A casa arderia por completo, e demoraria horas, se não mesmo dias, até que se pudessem examinar os destroços do incêndio em busca de Emma.

– Agora acabou tudo, não acabou? – perguntou, ao seu lado, Kovic. – A contagem dele terminou. A Sonja Nordstrøm, a «para sempre número um», também morreu.

Algumas fagulhas cinzentas caíram sobre eles.

– Mas continua a faltar-nos o número dez – lembrou Blix.

– Pois, mas, seja como for, já acabou, porque ele provavelmente matou primeiro esse número, não?

Blix anuiu, dando-lhe razão.

– Isto se o Dahlmann tiver agido sozinho – disse.

– Nada nos indica o contrário – esclareceu Kovic. – Acho que não queria voltar para a cadeia. Ele talvez tenha planeado desde o início fazer parte da sua própria contagem.

– Mas então porque é que envolveu a Emma nesta história? – contrapôs Blix. – Todas as outras vítimas do Dahlmann eram famosas, mas a Emma não.

– Ele também não era propriamente uma celebridade, já agora – declarou Kovic. – Não antes de o tornarmos famoso esta semana. Talvez fosse esse o seu plano. Sabia que se iria tornar famoso por causa do que fez.

– Sim, mas pergunto de novo: o que é que a Emma tinha que ver com isso?

Kovic não soube o que lhe responder. Blix seguiu com o olhar os jatos de água até a um camião dos bombeiros e voltou a tossir algumas vezes.

– Mas ele tinha problemas com os famosos, lá isso tinha – afirmou prontamente Kovic. – A namorada dele tornou-se famosa. E isso destruiu-lhe a vida. Ela arranjou um namorado, e ninguém acreditou que ele os tivesse matado em legítima defesa. E depois de também ele se tornar famoso, porque o perseguimos por todo o país, matou-se porque era agora uma coisa que odiava profundamente. De muitas maneiras, o círculo fechou-se. E o trabalho dele terminou.

Blix acompanhou o raciocínio de Kovic, mas continuou a mostrar-se pouco convencido. O que mais o perturbava era o papel desempenhado por Emma em toda aquela farsa, assim como a sequência de contagem dos homicídios. Todas as outras vítimas tinham seguido uma cronologia bem determinada. Se Dahlmann estivera, de facto, por trás de tudo aquilo, teria de ter assassinado o número um – Sonja Nordstrøm – antes do número dois: ele próprio. Não batia certo.

Surgiram vários carros-patrolha. Gard Fosse saiu de um deles. Blix explicou-lhe que Dahlmann estava dentro da casa em chamas, e que tinham encontrado o cadáver de Sonja Nordstrøm na cave do celeiro.

– E a Emma Ramm?

Blix abanou a cabeça quando outra parede colapsou e lançou no ar uma nova nuvem de fagulhas. Kovic contou a Fosse uma versão resumida da sua teoria acerca de como Dahlmann matara Nordstrøm antes de se suicidar.

– Seja como for, acabou – concluiu o chefe. – Acabou aqui.

Blix não estava tão certo disso. Recordou Dahlmann estendido no chão da sala. A postura corporal, a hemorragia, a posição da arma. Algo cheirava a esturro. A seu ver, aqueles detalhes não se coadunavam com um suicídio.

– Antes de termos a certeza de que acabou, temos de descobrir como começou – disse Blix, começando a dirigir-se ao carro. – O que significa que temos de encontrar o número dez.



Uma hora depois, estavam de volta à esquadra. Kovic sentou-se ao lado de Blix e analisou em pormenor um registo de dados. No lado oposto, atrás de uma parede de pladur, estava sentado, ao telefone, Nicolai Wibe. Tine Abelvik, por seu lado, folheava o obituário do jornal. Estavam a vasculhar todos os óbitos declarados em busca de algo que estivesse, de uma maneira ou de outra, relacionado com o número dez. Blix pedira-lhes que pensassem de forma criativa, e tratou, também ele, de contactar outros distritos policiais na região de Østland.

– O Jeppe Sørensen desapareceu a 29 de setembro – disse ele. – Sabemos que o vencedor da lotaria e a Mona Kleven, a mulher das nove vidas, foram assassinados antes disso, portanto, interessa-nos pesquisar mortes ocorridas entre meados de setembro e, mais ou menos, 29 de setembro. Se não encontrarem ninguém relevante neste período, procurem ainda mais para trás.

O morto ou morta teria também de ser uma celebridade. Teria provavelmente dado início à contagem decrescente, e não seria de estranhar que a vítima tivesse uma especial relevância para o criminoso. Fora aí que a bola de neve começara a rolar.

Blix tomara um duche depois de regressarem da casa que ardera em Nordmarka. Embora lhe fosse ainda difícil respirar normalmente, recusara todas as sugestões para ser visto por um médico.

Tinha também dificuldade em concentrar-se. Não parava de pensar em Emma. Torturava-o não saber o que lhe acontecera. A ideia recorrente de que ela estava na casa incendiada perturbava-o sobremaneira.

Tentou, ao invés, pensar em Iselin. Dentro de poucas horas, sairia da Casa, e ele devia comparecer no programa da final.

Abriu o *browser* para a ver, mas em vez de fazer *login*, ergueu o olhar. Alguém ligara a televisão. Gard Fosse estava prestes a terminar uma conferência de imprensa convocada à pressa. A mensagem principal encontrava-se numa caixa de texto no fundo do ecrã. Sonja Nordstrøm fora encontrada morta. Em resultado de uma ação policial, o criminoso causara uma explosão que dera origem a um incêndio e à sua própria morte. Num canto do ecrã, surgiram imagens da quinta em Nordmarka captadas em direto por um helicóptero. Os destroços ainda libertavam fumo.

Blix interpelou Kovic.

– Devíamos enviar o Krohn até lá – disse. – Pedir-lhe que dê uma vista de olhos à câmara junto à estrada. Podia emitir sem fios. Talvez haja imagens num servidor qualquer, e assim podíamos ver quem entrou e saiu de lá.

Kovic virou-se para ele.

– Continuas a achar que o Dahlmann não agiu sozinho?

– Só quero ter a certeza absoluta – respondeu ele, levantando-se.

– A câmara pode ter funcionado como um ativador à distância do incêndio.

Blix não encontrou Krohn, mas contactou-o por telefone e explicou-lhe a situação.

– Isso não pode esperar até amanhã? – perguntou ele.

– Se achares que os dados não podem ser apagados... – retorquiu Blix.

Krohn respirou fundo.

– Muito bem – disse.

Blix agradeceu-lhe e foi à casa de banho. Lavou a cara com água fria antes de se sentar de novo à secretária e inclinar o ecrã do portátil.

– O que é que ele disse? – quis saber Kovic.

– Vai tratar do assunto – esclareceu Blix, que entrou na página do *Justo Vencedor* e procurou as imagens em direto da Casa, embora não tivessem som.

Iselin estava sentada em cima do cofre onde se guardava o dinheiro do prémio; abanava as pernas. Toralf Schanke estava de pé

à frente dela. Não se percebia se estavam mais próximos da decisão sobre quem devia ganhar o prêmio.

Cinco minutos depois, Fosse surgiu na sala com Pia Nøkleby logo atrás dele, tal como sucedera na conferência de imprensa.

– Deixem que comece por vos agradecer a todos os vossos esforços – declarou ele, felicitando-os pelos resultados. – Ainda temos muito trabalho pela frente. Há que investigar muitas coisas, mas vi como todos se esforçaram e, antes de passarmos à próxima fase, todos merecem algum descanso e tempo com a família.

Blix abanou ligeiramente a cabeça. Fosse não estava, de todo, preocupado com os detetives, mas sim com o orçamento relativo às horas extraordinárias, que decerto estaria prestes a rebentar.

Em seu redor, os computadores começaram a desligar-se e o departamento a esvaziar-se. Apenas Kovic continuou sentada.

– Não consigo ir para casa agora – disse ela. – Não estou sossegada. Ainda falta encontrar o número dez.

Blix também não tinha intenção de ir para casa. Tinha a péssima sensação de que lhe escapara uma ligação importantíssima.



Emma despertou por causa do cheiro. Um fedor intenso que lentamente lhe penetrou as narinas e lhe alcançou o cérebro.

Abriu os olhos, pestanejou.

Fechou-os, conteve um vômito.

O cérebro precisou de alguns segundos para registar o que os olhos estavam a ver: uma mulher morta sentada numa cadeira de baloiço. A cabeça caíra-lhe sobre o peito, mas Emma conseguiu, ainda assim, ver a corda azul em volta do pescoço e as mãos presas atrás das costas. Aquela visão fez com que Emma abrisse a boca numa tentativa de absorver ar e conter os vômitos. Esperava que o homem de pé diante da mulher morta não a ouvisse.

O homem murmurou algo que Emma não compreendeu. Não havia dúvida de que aquela idosa já estava morta há algum tempo. A cabeça começara a soltar-se. O processo de decomposição estava bem avançado. Era por isso que cheirava tão mal.

Emma fechou os olhos quando ele se virou para ela. Não queria que ele percebesse que ela havia acordado. Ainda não. Tinha um pedaço de pano preso em volta da boca. Tinha os braços e as pernas atados à cadeira em que estava sentada.

– Achas que eu *queria* trazê-la para aqui? – disse ele. – Não posso contactar outra pessoa nos meios de comunicação. Ainda não.

Raiva, pensou Emma. Ela estragara-lhe os planos.

– Sim, eu *sei*, mamã – disse ele. – Eu livro-me dela depois. Quando tudo tiver acabado.

Mamã, pensou Emma.

Aquela mulher morta era a mãe dele.

Emma engoliu em seco, sentindo um nó na garganta, e tentou organizar as ideias. Concluiu que o homem a devia ter levado para o sítio onde tudo começara. Para junto da sua mãe. Era ela o número dez.

Mas porque é que ele a matara?

Eu livro-me dela depois. Quando tudo tiver acabado.

Emma resistiu a uma repentina vontade de se tentar libertar, mas nesse instante ele virou-se e olhou para ela, e não valia a pena continuar a fingir. Abriu os olhos e fitou-o. Sentiu um ódio imenso apoderar-se dela. Detestava cada centímetro daquele homem e o que ele havia feito. A ela, a todos os outros.

Emma puxou as cordas, sentiu-as apertarem-na. Começavam a magoá-la. A cabeça latejava-lhe devido a uma ferida. A garganta ardia-lhe horivelmente. Emma lançou-lhe imprecações e gritos agressivos que, contudo, soaram como um grunhido ininteligível por conta da mordaça.

Ele deu um estalido com os lábios, como se para dizer que ela estava a fazer figura de estúpida e que se debatia inutilmente. Isto não impediu Emma de tentar arrancar as amarras, mas os seus esforços levaram apenas a que a corda se lhe cravasse mais profundamente na pele. Não tardaria muito a sangrar.

– Então, queres dizer alguma coisa? – perguntou ele.

Emma parou.

– Vais pedir-me perdão? – insistiu ele. – Arrependes-te do teu comportamento?

Emma refletiu sobre o que devia fazer. Parecia-lhe que a mordaça a estava a asfixiar.

– Posso tirar-te a mordaça por um bocadinho, se estiveres a pensar em pedir-me desculpa – disse ele. – E se me prometeres que não vais gritar. Estás a pensar em pedir-me desculpa, Emma?

Ela olhou para cima, fitando-o. Em resposta, ele olhou-a com indiferença. Como se aquilo que ela respondesse de nada lhe interessasse. Mas ela aquiesceu. Quanto mais não fosse para se ver livre da mordaça.

Ele aproximou-se dela de tal forma que o tecido do seu capuz lhe tocou no nariz. Cheirava a fritos. Emma sentiu os dedos dele no

pescoço. O nó a desfazer-se aos poucos. Uma dor de cabeça que rapidamente aligeirou. Pouco depois, conseguiu mexer a língua e afastar completamente a mordança da boca. Respirou com mais facilidade.

– Obrigada – sussurrou ela, admirada por ser um agradecimento sincero.

Ele deu um passo atrás. Observou-a. Esperou que ela dissesse alguma coisa. Ao início, ela não percebeu o que é que ele pretendia. Depois:

– Oh – disse Emma, humedecendo os lábios. – Desculpe.

Ela olhou para baixo.

– Desculpo o quê?

– Eu... ter tentado partir o computador. Eu acabo o artigo sobre si. Prometo. Garanto que vai ser publicado e lido.

Ele pareceu avaliar a sugestão de Emma. Mas não respondeu. Ao invés, aproximou-se de novo da sua mãe. Ajustou-lhe um pouco a cabeça. O maxilar inferior descaiu e deixou à mostra os dentes manchados de nicotina. Ele fechou-lhe a boca, mas o maxilar voltou a descair.

– Porque é que a matou? – perguntou Emma.

Ele não respondeu.

– Não preciso de escrever sobre isso – acrescentou Emma.

Ele deu dois passos atrás, como se para examinar a sua própria mãe. Houve uma longa pausa antes de responder:

– Não a reconheces?

Continuou de pé e de costas voltadas para Emma.

– Devia reconhecer?

– Se calhar és demasiado nova – disse ele. – Mas a minha mãe foi uma grande atriz. Atuava no Teatro Nacional. E também entrou nuns poucos de filmes.

Fez nova pausa.

– Uma noite, magoou-se no braço quando estava em cena, mas só muito depois foi ao médico. A operação e as dores tornaram-na dependente de comprimidos. Deve ter representado a sua última peça há uns vinte anos.

Ele sentou-se na borda da mesa, ao lado da mãe. Afastou alguns dos cabelos cinzentos que lhe haviam descaído sobre os olhos mortos.

– Eu escrevi algumas histórias – continuou. – Para ela. Para tentar reavivar a atriz dentro dela. Esperava que ela sentisse vontade de desenvolver mais as histórias em parceria comigo. Que se recompusesse. Que voltasse, aos poucos, a ter vontade de viver, e não só de existir de comprimido em comprimido.

Abanou a cabeça.

– Mas, ao contrário do que esperava, ela gozou comigo. Quem era *eu* para achar que podia criar o que quer que fosse? Ela talvez estivesse amargurada – disse ele – por a sua carreira ter acabado. Zangada com a vida, talvez, zangada por ter tido um filho como eu.

Enlaçou os dedos.

– Ela nunca me apoiou – revelou, cabisbaixo. – Nunca me ajudou. Nunca me achou bom o suficiente.

Por um instante, Emma sentiu um laivo de empatia para com ele. Mas ao tentar mexer a mão, lembrou-se de que estava amarrada a uma cadeira, em casa de uma mulher morta, e que decerto teria o mesmo destino se não encontrasse forma de escapar o quanto antes.

– Ela já não vivia – disse ele. – Por isso, pus-lhe fim ao sofrimento. Fiz-lhe um favor. Depois disto, vai ser outra vez conhecida.

Sorriu, satisfeito consigo.

– A propósito disso – anunciou ele, saltando da mesa –, tenho de sair.

– Onde vai? – perguntou Emma.

– Conto-te tudo mais tarde – respondeu ele. – Quando regressar. E podes usar o material no teu artigo.

Logo se pôs de novo diante dela e, com um gesto pujante, enfiou-lhe o pano na boca, atando-o com força atrás da nuca. Emma tentou protestar, gritar, mas não teve como. Ele era demasiado forte. Demasiado determinado.

Assim que acabou de a amordaçar, pegou num molho de chaves que estava em cima da mesa e virou-se para a mãe.

– Volto daqui a algumas horas, mamã – disse. – Vais ter tanto orgulho em mim.

Sorriu-lhe. E depois sorriu a Emma.

E foi-se embora.



Emma desviou o olhar, não mais fitando o cadáver da mulher. Tentou mexer a boca de maneira a livrar-se da mordança, mas era impossível. Passou-se o mesmo com as cordas que lhe apertavam as mãos e os pés.

Emma viu, através das cortinas finas e a alguma distância, uma grande casa branca. Vizinhos, pensou ela. Pessoas.

Esforçando-se o máximo que conseguia, pôs todo o corpo em movimento ao mesmo tempo. Conseguiu assim arrastar a cadeira um centímetro ou dois, aproximando-a da janela. Deu um novo salto com a cadeira, desta feita em frente. Aproximou-se ainda mais da janela.

Todo o corpo lhe estremeceu, mas ela conteve a dor. Aproximou-se, centímetro a centímetro, da janela. Transpirava. Quando a primeira gota de suor lhe escorreu pela cabeça abaixo, parou por um momento e percebeu que já não estava a usar a peruca. Sentiu-se nua. Despida. Mas estava determinada a libertar-se, e exerceu pressão, com as pernas, sobre a cadeira, para assim se segurar melhor. Contraiu também os abdominais e saltitou mais alguns centímetros em direção à janela.

Escorria suor por todos os poros. As roupas tinham começado a colar-se-lhe à pele. Algum tempo depois, já dominava a técnica necessária para se deslocar, mas alguns movimentos mais bruscos quase a fizeram cair. Parou e susteve a respiração até conseguir apoiar-se de novo na cadeira. Depois, continuou.

Uma mesa bloqueava-lhe a progressão até à janela. Emma aproximou-se dela o mais que pôde, tendo a certeza de que teria de a desviar, de um modo ou de outro. Quando sentiu a cadeira estabilizada, tentou saltar com todas as suas forças contra a mesa.

A mesa não se mexeu.

Tentou outra vez. Tinha simplesmente de continuar a tentar. Respirou e relaxou um pouco os músculos antes de os voltar a contrair e fazer um novo esforço – sem que, contudo, a mesa se mexesse. Mas nem isto a deteve: saltou ainda mais, lançando-se contra o tampo da mesa, vez após vez, e pouco depois reparou que ela começava a mexer-se. Encorajada pelo avanço, continuou a atirar-se, juntamente com a cadeira, contra a mesa. Sangrava sob o aperto das cordas e doíam-lhe os músculos exaustos, mas nada disso importava: funcionou – ela conseguiu desviar a mesa. O suor escorria-lhe sobre os olhos, porém, pestanejou e livrou-se desse incómodo.

Depressa alcançou as cortinas e a janela, mas ainda faltava o mais importante: entrar em contacto com alguém. Esticou o pescoço e conseguiu enfiar a cabeça por baixo da cortina. A luz do exterior atingiu-a no rosto.

Era fim de tarde.

Viu uma luz acesa à entrada de uma grande casa branca, mas não viu qualquer movimento, nem no exterior nem do outro lado da janela mais próxima do pátio.

Emma conseguiu encostar a cabeça à vidraça, e sentiu-a fria contra o seu crânio nu. Os ruídos que conseguia produzir nunca seriam altos o suficiente para alarmar alguém no exterior. Teria de lhes chamar a atenção de outra maneira.

Estava há algum tempo a olhar pela janela quando se pôs à escuta. Aquilo era o ruído de um motor? Procurou-o com o olhar. Pouco depois, viu um carro a entrar no pátio da casa ao lado.

Emma começou de imediato a gritar, mas a mordaça abafou-lhe a voz. Tentou aproximar-se ainda mais da parede e da janela, mas não havia espaço. Ao mexer-se deste modo, acabou por bater com a cabeça na janela, produzindo um som.

Isto deu-lhe uma ideia.

Viu o carro a parar. Ouviu o motor a desligar-se.

Emma respirou o mais pausadamente que conseguiu. Fechou os olhos. Tentou recuperar forças e preparar-se para as dores que

sabia estar prestes a enfrentar. Era agora ou nunca. Uma questão de vida ou morte.

Quando abriu os olhos, viu um homem a sair do carro. Isto fê-la bater com a cabeça na janela com todas as suas forças.

Não obteve resposta. Ele não a vira. Com mais força, pensou ela. Tenho de bater com mais força. Para que ele me ouça.

Respirou fundo de novo. Concentrou-se na janela. Esqueceu a dor. Pensou no futuro, a curto ou a longo prazo. Que aquilo que faria naquele momento seria talvez o ato mais importante da sua vida.

Reunindo todas as suas forças, Emma bateu com a cabeça na janela.

Bateu outra vez.

E outra vez. Ouviu um ruído e viu que o vidro estava prestes a rachar-se. Isto instigou-a a continuar, pancada atrás de pancada. Não parou para ver se o homem lá fora reparara nela, continuando tão-só a dar pancadas com a cabeça até – acima dela, à sua volta – o barulho inconfundível de vidro a estilhaçar-se se tornar ensurdecedor e ela gritar com a mordação na boca: um grito de exaustão, alegria, dor.

Os estilhaços de vidro, afiados como facas, caíram sobre ela. Emma sentiu-os a cortá-la, e o sangue começou de imediato a pingar da cabeça e do pescoço. Mas aquilo a que se agarrou, o que lhe deu esperança enquanto as cores rodopiavam em seu redor, foi sentir o vento frio na sua pele. O vento que vinha do exterior.



Blix analisou os vídeos da conferência de imprensa em que Dahlmann se livrara do telemóvel do futebolista dinamarquês. Krohn montara uma sequência de imagens que captavam o homem condenado por dois homicídios já no exterior da esquadra.

Viu várias vezes a sequência. Quanto mais a via, mais duvidava que Dahlmann fosse o homem que vira afastar-se da propriedade do pastor Hansteen. Na altura, tivera a certeza. Mandara parar a circulação do metro, bloqueara ruas e pusera helicópteros no ar em busca de um homem com um fato demasiado pequeno para o seu tamanho. Porque o homem tinha algo de familiar. A estrutura corporal batia certo com a de Dahlmann, mas não o caminhar claudicante.

O telemóvel tocou. Era um número interno da Central de Operações. A sua interlocutora apresentou-se como chefe de operações.

– Temos ordem de que seja avisado sobre todas as mensagens que tenham alguma relação com o número dez – informou-o ela. – Temos agora uma patrulha a caminho do número dez da Drivhusveien, em Bryn.

– O que se passa lá? – perguntou Blix.

– Uma mulher que estava amarrada a uma cadeira conseguiu partir uma janela à cabeçada – explicou a chefe de operações. – Está a sangrar imenso. Quem chamou a polícia e a ambulância foi o homem da casa ao lado.

– A mulher esteve cativa? – continuou Blix.

– Tudo indica que sim – respondeu a mulher.

– Quem é que mora lá?

– Temos uma Martha Elisabeth Eckhoff registada nessa morada – disse ela. – De sessenta e sete anos.

Blix levantou-se.

– Pode repetir o nome, se faz favor? – pediu.

– Martha Elisabeth Eckhoff. Acho que é uma antiga atriz, ou algo assim.

Blix teve um mau pressentimento.

– Mantenha-se em linha! – disse, enquanto fazia *login* na página do *Justo Vencedor*.

– O que se passa? – perguntou Kovic.

Blix não lhe respondeu, antes procurando no *site* o resumo dos desafios que os concorrentes haviam ultrapassado.

– A câmara oculta – disse, apontando para o vídeo onde se viam as reações dos participantes quando encontravam a nota de 500 coroas.

No ecrã, o Agricultor estacionou o seu Nissan vermelho. Even Eckhoff apareceu no ecrã, largou uma nota de 500 coroas e continuou em frente.

– O gajo coxeia – assinalou Blix, mais para si do que para Kovic. Tinha ainda a chefe de operações em linha. – Veja se ela tem um filho chamado Even – pediu ele, e olhou para o relógio. – Despache-se, por favor!

Ouviu-a escrever num teclado. Enquanto esperava, Blix vestiu o casaco. Kovic fitou-o com expectativa.

– Parece que sim – respondeu a mulher. – Even Eckhoff, nascido a 31 de janeiro de 1987. Mãe: Martha Elisabeth Eckhoff. Pai: Erling Sebastian.

Tudo batia certo. O estúdio em Nydalen e a bicicleta de Emma que ficara caída no passeio após o programa. Blix percebeu então quem é que Eckhoff lhe fazia lembrar.

– O tal agente imobiliário – disse ele – caminhava da mesma maneira. Também coxeava.

Blix não perdeu tempo com explicações, pedindo apenas à chefe de operações que o mantivesse a par do que se passava no número dez da Drivhusveien. Depois, virou o computador, aberto na página do *Justo Vencedor*, para que Kovic conseguisse ver o ecrã.

No alto da página, um cronómetro marcava a passagem do tempo.

VÃO CHEGAR A ACORDO?, estava escrito numa barra com uma foto de Iselin e Toralf, que se entreolhavam como se estivessem a travar um duelo de vida ou morte. O cronómetro continuava a marcar os segundos. A contagem decrescente terminaria dentro de uma hora e catorze minutos.

– Numa contagem decrescente – afirmou Blix, olhando para Kovic, enquanto tentava esconder o quão assustado se sentia –, acaba-se no um ou no zero?

– No zero – disse Kovic. – O zero também é um número.

Era verdade, pensou Blix.

Os cronómetros só paravam no zero.



– Conta-me o que te vai na cabeça – pediu-lhe Kovic.

Blix sentou-se ao volante.

– O Even Eckhoff – declarou Blix ao rodar a chave na ignição – está a tentar enganar-nos, como nos tem enganado desde o princípio.

– Como assim?

– O Dahlmann foi o número dois – explicou assim que o motor começou a trabalhar. – O homem que cometeu um homicídio duplo. A cronologia e a contagem decrescente batem certo. O tipo era apenas um imbecil útil que o Eckhoff usou até chegar a sua vez de morrer. Ele também devia estar na quinta, já que ninguém lhe pôs a vista em cima, e o Eckhoff mandava-o fazer pequenas tarefas aqui e acolá, como, por exemplo, entregar um envelope na Radio 4 e pousar um telemóvel no chão de uma sala de conferências. E depois, quando chegou o momento certo, quando o pastor Hansteen já estava morto e ele já não tinha nenhuma utilidade, o Eckhoff matou-o.

Os pneus do carro chiaram ao aderir ao piso da garagem.

– E foi assassinado antes da Sonja Nordstrøm, tal como planeado – continuou Blix. – Mas o Eckhoff simulou um suicídio, para que acreditássemos que o Dahlmann tinha feito tudo sozinho, sem cúmplices. Para que baixássemos os braços e não contássemos com mais nada.

– Com que mais havíamos de contar?

– Com a final do programa – respondeu Blix, entre dentes. – Do *Justo Vencedor*. O Eckhoff esteve sempre em cena. Também preparou alguma coisa para o número zero.

– Não devíamos falar com o Fosse?

– Que se foda o Fosse – retorquiu Blix, socando com impaciência o volante, enquanto esperava que o portão se abrisse. – Liga à Central de Operações e diz-lhes que estamos a ir para Nydalen. Pede-lhes que enviem reforços.

Kovic telefonou à central e deu-lhes algumas indicações rápidas antes de se pôr à escuta.

– Entraram na casa do número dez da Drivhusveien – contou. – A Martha Elisabeth Eckhoff está morta. Está amarrada a uma cadeira. A Emma também lá está.

Blix lançou um olhar rápido a Kovic. Ela pressionou um ouvido com um polegar, para conseguir ouvir melhor.

– Estão a levá-la para o hospital – informou.

Blix sentiu-se aliviado por Emma estar viva. Ao mesmo tempo, estava impressionado com ela. Partir uma janela à cabeçada dava mostras de uma força de vontade invulgar.

O som da sirene do carro ecoou nos edifícios que ladeavam a estrada. Os outros veículos encostaram à berma para que eles passassem.

– O que vamos fazer quando lá chegarmos? – perguntou Kovic.

– Temos de encontrar o Eckhoff – respondeu Blix. – E de o deter antes que faça o que planeou fazer.

Blix olhou para o relógio no painel de instrumentos. O programa em direto já começara. Tentou imaginar o que é que Eckhoff estaria a pensar, e o que iria acontecer. Ele baseara todo o seu plano numa contagem decrescente. No estúdio de televisão, o cronómetro continuava a aproximar-se do zero e da atribuição do prémio a um justo vencedor.

Quando chegaram ao estúdio, não viram qualquer sinal de que alguma coisa estivesse a decorrer. Um homem estava a fumar lá fora, e uma mulher puxava impacientemente a trela de um cão que cheirava um dos candeeiros de rua. Blix desligou a luz azul e a sirene do carro, e estacionou na área de fumadores junto à entrada principal. O homem que estava a fumar fitou-os, confuso, e apagou o cigarro.

Blix verificou a arma antes de a prender à cintura, para que ficasse escondida debaixo do casaco.

Depois, entraram.

Num grande ecrã de televisão colocado na parede da receção viam-se imagens emitidas em direto do estúdio. Iselin e Toralf estavam sentados no sofá do palco e conversavam com o apresentador.

Um dos seguranças com quem Blix falara na véspera levantou-se atrás do balcão.

– O que se passa? – perguntou.

– O Even Eckhoff? – inquiriu Blix – Está cá hoje?

– Vi-o cá, sim – confirmou o segurança. – Deve estar no *backstage*.

– Preciso de um cartão de acesso – disse Blix.

Sem protestar, o segurança abriu uma gaveta, de onde tirou um cartão onde estava escrito *visitante*.

– *Então, já decidiram mais ou menos quem vai ganhar?* – perguntou Tore Berg Tollersrud no ecrã, olhando para o relógio. – *Precisamos de uma resposta daqui a vinte e oito minutos.*

Blix pegou no cartão e entrou num corredor.

– Fica aqui – pediu a Kovic. – Espera pelos reforços.

Usou novamente o cartão para abrir uma porta lateral do estúdio. Puxou uma cortina escura um pouco para o lado e olhou para o palco, que se encontrava a quinze metros dele. Havia quatro câmaras entre o palco e o público.

Avaliou-as antes de perscrutar a assistência. Avistou Merete e Jan-Egil, mas não viu Eckhoff.

Olhou, então, para o teto. Junto ao teto havia uma estrutura metálica a que estavam fixos os holofotes e as luzes de diversos tamanhos e cores. Os escadotes e os cabos tornavam possível que alguém se escondesse ali.

Blix afastou-se da porta lateral, percorreu o corredor e encontrou o caminho até ao *backstage*. Várias pessoas da equipa de produção estavam reunidas em volta de ecrãs que exibiam imagens em direto do que se passava do outro lado. As vozes no palco e as reações barulhentas da assistência eram abafadas e não estavam sincronizadas com as imagens.

– *Passaram dez semanas na Casa* – disse Tollersrud. – *O cofre com o dinheiro do prémio esteve sempre convosco. Um milhão de coroas.*

Uma mulher com auscultadores saudou Blix.

– Viu o Even Eckhoff? – perguntou ele.

A mulher olhou em volta, como se Eckhoff devesse estar naquela sala. Depois, abanou a cabeça e virou-se de novo para o ecrã.

Blix continuou a avançar atrás do palco.

– *O cofre com o dinheiro tem um código* – continuava Tollersrud. – *Vocês nunca tiveram vontade de experimentar um número?*

– *O Jonas experimentou* – respondeu Toralf, referindo-se ao concorrente que fora expulso na emissão anterior.

O comentário deu origem a gargalhadas no estúdio. Blix examinou um cubículo onde estavam jarros de café e pratos com bolachas.

Tollersrud ergueu um envelope no ar.

– *Neste envelope estão os quatro dígitos necessários para abrir o cofre. Levem-no ao regressar agora à Casa e abram o cofre. Mas, lembrem-se de uma coisa: só um dos dois pode trazer o dinheiro cá para fora.*

Puseram música a tocar e ouviram-se aplausos, enquanto o apresentador anunciava que faltavam vinte e cinco minutos para o tempo se esgotar.

Blix dirigiu-se de novo ao corredor, investigou a sala de maquilhagem e subiu uma escada em caracol até a uma grande sala de convívio, onde estavam dois seguranças. Viu, numa televisão enorme, Iselin abrir o envelope com o código do cofre.

– *Três-dois-um-zero* – leu ela, e riu-se.

A produção encontrara a sua mãe na assistência. Merete riu-se e agarrou a mão de Jan-Egil, que estava sentado ao seu lado. Na imagem seguinte, viram Toralf a marcar o código.

O telemóvel de Blix tocou. O nome de Gard Fosse surgiu no ecrã. Blix rejeitou a chamada e marcou o número de Kovic, enquanto se aproximava dos seguranças.

– Viram o Even Eckhoff? – perguntou.

Um dos seguranças virou-se ligeiramente para ele e abanou a cabeça em negação.

Kovic atendeu a chamada.

– Já chegou mais alguém? – perguntou Blix. – Precisamos de mais pessoal.

– Chegou uma patrulha – respondeu ela. – A equipa de intervenção deve chegar daqui a três minutos.

– *Ele não disse que tínhamos vinte e cinco minutos para decidir?* – disse Iselin no ecrã.

Blix percebeu que a filha estava confusa, e que havia um tom de angústia na sua voz. Virou-se para o ecrã da televisão. Viu a câmara fazer *zoom* sobre o conteúdo do cofre.

Não havia ali dinheiro nenhum. O que atraiu a sua atenção foi, isso sim, um número vermelho num cronómetro. Estava em contagem decrescente, marcando naquele momento três minutos e vinte e um segundos.

Blix apoiou-se, com a mão que tinha livre, a uma cadeira.

Sentiu algo quebrar-se dentro dele.

– Foda-se – praguejou Blix ao telemóvel. – O Eckhoff armadilhou uma bomba no estúdio. Explode em pouco mais de três minutos!



Blix correu pela escada em caracol abaixo, continuou a correr pelo corredor fora e entrou no estúdio. Ouvia-se falar nos auscultadores do realizador, mas nem ele nem os *cameramen* pareciam estar a compreender a situação. Tollersrud ainda estava em palco. Num monitor, via-se o conteúdo do cofre. A contagem decrescente. 02:56, e logo 02:55. O cronómetro parecia estar ligado, por cabos, a quatro grandes pacotes cinzentos.

Alguns dos espectadores nas primeiras filas levantaram-se. Blix encontrou um alarme de incêndio e partiu o vidro para que as sirenes comesçassem a tocar. A imagem no monitor ficou preta. Alguém gritou que havia uma bomba no estúdio. Foram precisos poucos segundos para o pânico se espalhar. Um *cameraman* correu em direção à saída, outro imitou-o. O público entrou em histeria, as pessoas atropelaram-se umas às outras. Gritos, choro.

Blix entrou no palco e correu rumo à entrada de acesso à Casa. As portas de correr não tinham puxadores, mas ele tentou exercer pressão de modo a empurrá-las para o lado. Não se mexeram.

Olhou em volta à procura de algo que pudesse usar como ferramenta. O estúdio ainda não estava vazio. Kovic e quatro agentes fardados debatiam-se contra a corrente de pessoas em fuga. Petter Due-Eriksen, o produtor, seguia no encalço dos polícias.

No ecrã, que continuava com um fundo preto, surgira uma mensagem, segundo a qual a emissão seria *retomada em breve*. Dois ecrãs mais pequenos exibiam ainda imagens do interior da Casa. Uma das câmaras parecia estar fixa no cronómetro. 02:39. 02:38. A outra seguia automaticamente os movimentos dos participantes. Iselin e Toralf estavam ao pé da porta de serviço, a outra saída da Casa. Aquela porta também estava trancada.

Due-Eriksen queria saber o que se estava a passar.

– É o Even Eckhoff – disse Blix, sem mais esclarecimentos. – Abra a porta!

– É controlada eletronicamente – explicou Due-Eriksen. – Não devia estar trancada, só fechada.

Tentou empurrar a porta. Um dos agentes fardados aplicou todo o seu peso na outra secção da porta dupla, mas sem sucesso.

Blix agarrou um dos outros polícias pelo ombro.

– Precisamos de um aríete! – advertiu.

O polícia reencaminhou a mensagem. A equipa de intervenção respondeu, dizendo que tinham consigo o equipamento necessário e que chegariam em menos de um minuto.

O cronómetro no ecrã marcava 02:09. Os segundos passavam demasiado depressa.

– Há outra maneira de entrar? – perguntou o polícia que tentara forçar a porta.

– Há a outra porta, a de serviço – respondeu Due-Eriksen, que desapareceu com o polícia no seu encaixo.

Os polícias que ficaram no local continuaram a tentar forçar a porta. Um deles encontrara um martelo, com que começou a dar pancadas nas fechaduras. Os outros tinham agarrado numa barra de metal.

Iselin e Toralf começaram a regressar para dentro da Casa. A câmara seguiu-os e, pouco depois, ouviram-se pancadas do lado de dentro. As imagens mostraram que Toralf estava a bater na porta de punhos cerrados.

Blix sentia-se perdido. Estava prestes a usar a arma para tentar rebentar as fechaduras da porta a tiro quando a equipa de intervenção chegou e os polícias de uniformes e balaclavas pretos, armados com metralhadoras, tomaram o controlo da situação. Dois deles transportavam um aríete. Os passos dados com as suas botas pesadas ecoaram no chão do estúdio.

Entraram em ação sem dizer uma palavra. Blix apontou para a porta de correr, instando-os a despachar-se. Os homens colocaram-se em posição. Dois deles ergueram o aríete e largaram-no contra a

porta. A madeira rachou, e a porta soltou lascas e entortou, mas não cedeu.

Blix acompanhou as imagens do interior da casa. Iselin e Toralf tinham recuado um pouco. Lançaram de novo o aríete contra a porta, mas esta pancada continuou a não produzir efeito. Iselin deu um passo atrás, virou costas e desapareceu da imagem. A câmara acompanhou os movimentos de Toralf, que avançou até à porta de correr e começou a puxar algumas farpas soltas.

– Aonde é que ela foi? – perguntou Kovic, que também estava a acompanhar as imagens.

A câmara ao lado mostrou que o cronómetro marcava 01:24. Ainda há tempo, pensou Blix, em pânico, e nesse momento o aríete abriu um buraco na porta. Então, a nuca de Iselin apareceu na imagem e tapou aquele ângulo da câmara.

– Ela está a fechar a porta do cofre – disse Kovic.

Blix anuiu, contente com a inteligência e a capacidade de ação da filha. Aquilo diminuiria o efeito da explosão.

– Saiam todos! – ordenou o líder da equipa de intervenção.

Tiraram Toralf pela porta estroncada. Due-Eriksen já se encaminhava para a saída, assim como os agentes fardados.

– E a bomba? – perguntou Kovic.

O homem da equipa de intervenção abanou a cabeça.

– Não há tempo – disse ele antes de repetir a ordem à sua equipa:

– Saiam todos!

Blix lançou-se à abertura na porta.

– Iselin! – gritou.

Baixou-se e atravessou a porta. Gritou de novo.

– Blix!

Kovic chamava-o.

– Vai tu! – gritou ele para trás.

– A porta de serviço! – explicou Kovic, e apontou para os dois ecrãs que ainda emitiam imagens do interior da Casa.

Blix não conseguiu ver a que é que ela se referia, mas presumiu que se tratava de Iselin. Virou-se para trás, olhou pela abertura e viu no ecrã que a porta de serviço estava aberta.

– O Eckhoff – exclamou Kovic. – Ele entrou na Casa.

Blix voltou-se de novo e puxou da arma.



Alguém desligara o alarme de incêndio. Um estranho silêncio envolveu Blix. Ergueu a pistola com a mão direita, apoiando-a com a esquerda. Tentou orientar-se de acordo com as imagens que vira na televisão e na Internet antes de se embrenhar na Casa com movimentos cautelosos.

Avistou-os pela primeira vez através de um dos espelhos de um só sentido que ocupavam certas paredes. Eckhoff esperava-o com Iselin à sua frente. Pressionava-lhe uma pistola na têmpora e, com o outro braço, segurava-a firmemente em redor do tronco.

Eckhoff também vira Blix.

– Aproxime-se! – ordenou.

Blix encheu os pulmões de ar e tentou controlar a respiração. Depois, dobrou a esquina. Não conseguiu olhar Iselin nos olhos, mas concentrou-se em Eckhoff e no campo de ação que teria se tivesse de disparar a sua arma.

– Solte-a! – ordenou.

Eckhoff sorriu.

– Ainda estamos no ar – disse, apontando o queixo a uma das câmaras fixas que transmitia em direto para a Internet.

– Deixe-a ir! – ordenou Blix.

Eckhoff recuou dois passos, arrastando consigo Iselin e baixando-se atrás dela, para assim usar o seu corpo como escudo. Separavam-nos quatro metros. Iselin estava pálida. Os lábios tremiam-lhe. Os olhos estavam humedecidos com lágrimas.

Blix tinha o olho esquerdo de Eckhoff na linha de disparo. Mesmo acima do ombro de Iselin. O seu olhar estava fixo, como se não tivesse dúvidas nem remorsos.

– Como tem sido ver a sua filha tornar-se cada vez mais famosa aqui dentro? – perguntou Eckhoff, pestanejando para afastar uma gota de suor.

Blix não respondeu, mas deu um passo em frente, para ampliar o alvo.

Eckhoff apontou de novo para a câmara com um movimento de cabeça.

– Blix, sabia que também se vai tornar famoso?

Blix não respondeu. Começara a perder a firmeza na mão. Esperara demasiado. Demasiado tempo com os músculos contraídos e os nervos em franja. Não fixava a mira. Como num *déjà vu*, sentiu-se transportado de volta ao incidente em Teisen, ocorrido dezanove anos antes. A imagem de Emma e do seu pai naquela sala era uma recordação pesada, dolorosa. Foi como se um véu lhe cobrisse os olhos e o que estava a acontecer diante de si.

– Isto acaba num instante – afirmou Eckhoff.

Blix sentiu a pulsação no pescoço. Respirou fundo, susteve o ar nos pulmões.

– Quanto tempo resta? – perguntou Eckhoff, olhando para o cofre fechado.

O pequeno movimento fez com que a mira deixasse de estar apontada à frente de Eckhoff e passasse para a de Iselin. Blix voltou a respirar fundo. Ajustou a mira.

– Dez segundos? – sugeriu Eckhoff.

Blix pousou o dedo no gatilho. Concentrou toda a adrenalina num só ponto. A voz de Eckhoff transformou-se num eco lento:

– Nove segundos? Ou oito?

Eckhoff sorriu.

Blix susteve de novo a respiração.

Depois, disparou.

A bala penetrou o olho esquerdo de Eckhoff. Projetou-o para trás numa nuvem de sangue. Antes que Eckhoff tombasse no chão, Blix disparara já mais duas balas, desferindo-lhe dois tiros no peito.

O jato de sangue atingira Iselin. Todo o lado esquerdo da sua cara estava coberto de sangue. Ela soluçou de forma descontrolada, quase a desmaiar. Blix correu para ela e arrastou-a em direção à

saída. Fê-la correr à sua frente e transpor a porta estroncada, levando-a a atravessar o palco rumo à entrada do público. Contou para consigo. Quatro, três, dois. Iselin tropeçou, caindo ao seu lado. Blix levantou-a e arrastou-a pelo corredor.

Então, deu-se a explosão.

Um estrondo ensurdecedor, que fez com que tudo estremecesse.

Blix atirou-se para cima da filha e protegeu a cabeça com os braços. A porta atrás deles desfez-se em bocadinhos. Uma nuvem de poeira cobriu-os. Caíram objetos e pedaços de parede e de teto. Vidro estilhaçado. A luz foi abaixo e começou a soar um alarme.

Blix ergueu-se sobre os joelhos e observou Iselin à luz escassa.

– Estás bem?

Ela tossiu, mas confirmou que estava bem e abraçou-o com força. Blix ajudou-a a levantar-se e apoiou-a até chegarem à saída. As portas estavam rebentadas, e quatro bombeiros ajudaram-nos a sair.

Foram arrastados para o caos no exterior. Kovic, de repente, estava ao seu lado. Levou-o pelo braço e acenou para chamar uma ambulância.

Merete ultrapassou o bloqueio da polícia e correu até junto deles. Iselin largou Blix e lançou-se ao pescoço da mãe.

Blix curvou-se e apoiou as mãos nos joelhos. Respirou fundo e fechou os olhos.

Acabou, pensou.

Finalmente acabou.



Blix seguiu um auxiliar ao longo dos corredores do hospital. Acabou num cubículo que servia de sala de espera para pacientes e familiares. Reconheceu Irene Ramm, que lhe apresentou a filha, Martine. A menina sorriu com timidez e apertou a mão a Blix quando este lhe estendeu.

Um pouco adiante, um homem com cabelo encaracolado e óculos levantou-se.

– Kasper Bjerringbo – apresentou-se ele. – Eu... conheço a Emma.

Blix estendeu-lhe a mão também. Depois, interpelou uma mulher que reconheceu dos noticiários. Anita Grønvold, chefe de Emma no *news.no*, também se levantou, e ele cumprimentou-a.

– Já a viram? – perguntou ele, lançando um olhar ao quarto mais próximo.

– Ainda não – respondeu Irene. – Agora está a dormir. O médico pediu que esperássemos até ela acordar.

Enquanto aguardavam, viram os boletins noticiosos especiais na televisão. Surgiram novos vídeos da explosão, captados com telemóveis, assim como entrevistas a pessoas que estavam na assistência, antigos concorrentes e funcionários da produtora que estavam de serviço no último programa. Petter Due-Eriksen teve de prestar esclarecimentos. Gard Fosse emitiu um comunicado, no qual realçou que a polícia evitara um desastre ainda maior e mais sério graças a um trabalho rápido e competente. Even Eckhoff já fora identificado como o criminoso, e novos pormenores da sua vida tornaram-se do conhecimento público. As equipas de filmagem tinham estado diante da casa da mãe de Eckhoff, mas ainda não

havam noticiado os detalhes que envolviam Emma e o modo como estilhaçara a janela para pedir ajuda.

Pouco antes da meia-noite, um médico deixou-os entrar no quarto. Emma pestanejou, ensonada, mas viu-os entrar. Uma máquina apitava. Tinha a pulsação a cinquenta e oito, de acordo com o monitor. Puseram-se, um por um, em redor da cama.

Martine foi a primeira a falar:

– Já não tens cabelo.

Emma fitou-a. Sorriu com embaraço e olhou para Irene. E depois para Kasper.

– Não tenho cabelo há muitos anos, pequenina – disse ela à sobrinha. – Mas tive direito a uma bela ligadura.

Emma ergueu a mão e levou-a à cabeça. Martine saltou para cima da cama, para ficar mais perto dela.

– O médico contou-me o que aconteceu – afirmou Emma, olhando para Blix. – E disse que você o abateu.

Blix deu um passo em frente e anuiu.

– Fui obrigada a entrevistá-lo – contou Emma, virando-se para Anita. – Não acabei de editar o texto.

Fez um esgar de dor.

– Não penses agora em trabalho – sugeriu Irene. – Devias relaxar. E ficar boa de novo.

Emma sorriu à irmã.

– Mas não demores muito! – disse Grønvold antes de piscar o olho a Emma e começar a tossir.

Martine pousou uma mão na cabeça de Emma.

– Devagarinho, cuidado – pediu-lhe, atrás dela, Irene.

– Não sinto nada, seja como for – esclareceu Emma. – Não faz mal.

Martine passou-lhe gentilmente a mão pela secção brilhante de crânio que não estava coberta com ligaduras.

– É macia – afirmou.

– Sim, é – anuiu Emma.

– Parece um bocadinho esquisita – comentou Martine.

Emma lançou um novo olhar à irmã antes de dizer:

– Habitua-te. Eu até acho que fico muito fixe assim.

Kasper começou a falar, mas teve de primeiro clarear a voz.

– Sim, ficas – confirmou. – Estás...

Ele pareceu não saber ao certo como terminar a frase.

– ... ainda melhor do que antes – disse, por fim.

Emma sorriu. Tinha os lábios secos.

– Mas o cabelo nunca mais vai voltar a crescer? – perguntou Martine.

Emma abanou lentamente a cabeça.

– Não, não cresce mais, minha querida. Mas não faz mal. Para ser sincera, estou bem assim.

EPÍLOGO



Nas semanas que se seguiram, Blix teve dificuldade em fazer o seu trabalho. Todas as pessoas a quem telefonava, ou com quem se encontrava, queriam falar do que havia acontecido. Era diariamente contactado por jornalistas que supostamente o queriam questionar acerca de outro caso em que estava a trabalhar, mas que na verdade pretendiam entrevistá-lo a propósito dos homicídios da contagem decrescente. Estas solicitações variavam entre pedidos de entrevistas de perfil sobre ele enquanto pessoa e investigador – como fora a sua vida desde a tragédia de Teisen – e entrevistas de fundo sobre os homicídios propriamente ditos e o modo como os investigara, dia após dia. As chefias da polícia queriam que Blix acedesse aos pedidos, para que a instituição fosse vista à melhor luz possível.

– Temos aqui uma oportunidade única – dissera Gard Fosse. – *Tu tens uma oportunidade única.*

Tinham-lhe ligado de canais de televisão, tanto da Noruega quanto da Suécia e da Dinamarca. Queriam-no entrevistar em *talk-shows* de sexta-feira à noite. Sugeriram-lhe também entrevistá-lo fosse de que maneira fosse, onde e quando lhe apetecesse, desde que lhe pudessem pôr à frente uma câmara e um microfone.

Blix recusara todos os pedidos.

Já tivera atenção que lhe bastasse para o resto da vida.

As coisas começaram a acalmar por volta do Natal. Blix voluntariara-se para trabalhar nas noites de Natal e de Ano Novo, e fizera turnos extra, para que os seus colegas no departamento pudessem passar as festividades com os respetivos familiares e amigos.

– A sério, fico mesmo contente por estar a trabalhar – declarou Kovic quando Blix lhe perguntou como se sentia por estar a trabalhar na noite de passagem de ano.

Kovic trabalhava há pouco tempo naquele departamento, e era hábito os novatos fazerem os turnos menos populares.

– E fui informada com antecedência – continuou ela. – Há sempre muita histeria no Ano Novo. Muito drama. Amigas recém-solteiras que desatam a chorar quando começa o novo ano. Que tentam meter-se com os namorados de outras quando já estão com um copinho a mais. Prefiro passar a noite com criminosos.

– Já trabalhas comigo há demasiado tempo... – advertiu Blix. – Tem cuidado, não te tornes também tu num velho rabugento.

Kovic sorriu.

A noite de passagem de ano era sempre um invulgar momento festivo nas ruas de Oslo. Embora só se pudesse largar fogo de artifício em locais muito específicos, havia sempre quem soltasse foguetes onde quer que calhasse, e também havia mais brigas e pancadaria do que era costume. Nas horas que antecederam a meia-noite, Blix e Kovic também tiveram de se fardar, para assim reforçar a presença das forças policiais nas ruas da cidade.

As ruas estavam cheias de lama, porque à neve dos últimos dias seguira-se a chuva. Iam-se desviando das poças maiores, parando ocasionalmente para ver um ou outro foguete precoce a elevar-se no céu noturno.

Quanto estavam perto da catedral, o telemóvel de Blix tocou. Faltavam dez minutos para a meia-noite.

Ele ficou contente.

– Olá, pequenota – disse, pois nunca deixaria de apodar Iselin de «pequenota». – Estou admirado por me ligares.

– Olá, pai – gritou ela. Blix ouviu uma barulheira como som de fundo. Música, uma festa, pessoas que se riam e gritavam. – Só queria desejar-te bom ano antes que se torne impossível ligar a quem quer que seja. A rede vai empancar, como habitualmente, à meia-noite.

– Ah, és muito querida – exclamou Blix, contendo as emoções.

Nos últimos tempos, Iselin ligava-lhe cada vez mais só para saber como é que ele estava, e também para conversar um pouco.

– Onde estás? – perguntou-lhe, embora conhecesse os planos da filha para aquela noite.

– Em Grünerløkka, em casa de amigos.

Percebeu, pelo tom de voz, que Iselin tinha bebido álcool. A filha mantinha, no entanto, uma dicção clara.

– Está tudo bem? – quis ele saber.

Tinham falado muito sobre o que acontecera na casa do *Justo Vencedor*. Iselin tinha ido amiúde a um psicólogo, algumas das vezes com Blix. Não lhe fora fácil ultrapassar o sucedido, porque se tornara uma cara conhecida e todas as pessoas com quem se cruzava queriam falar com ela sobre o que acontecera. Mas era bom sinal ela estar numa festa.

– Até ver, tudo bem – respondeu ela, por fim, mas Blix notou uma certa reserva na sua voz.

Por cima da sua cabeça rebentavam foguetes. Blix teve de levar um dedo ao ouvido.

– O que se passa? – perguntou-lhe.

– Nada – respondeu ela primeiro.

E depois:

– É só que... não falta muito para que as pessoas comecem a contagem decrescente até à meia-noite. Eu...

Blix ouviu alguém gritar.

– Estou só um bocadinho nervosa.

– Compreendo-te perfeitamente – disse ele.

Entraram na Karl Johans Gate. No fundo da rua, a fachada amarela do castelo estava iluminada.

– Queres que me mantenha em linha enquanto fazem a contagem decrescente? – perguntou-lhe.

– Não, não é preciso – garantiu ela. – Está tudo bem.

Mas logo acrescentou:

– Acho eu.

Blix sentiu um calorzinho no peito. Ponderou dirigir-se, com Kovic, a Birkelunden, onde contava encontrar os amigos de Iselin na rua.

Decerto quereriam ver o fogo de artifício, mas não tinha tempo de lá chegar.

– Ele morreu – esclareceu, ao invés. – O Eckhoff já cá não está. Já não existe. Já não te pode magoar.

– Eu sei – respondeu ela. – Mas, e se há outros assassinos?

Blix compreendeu o ponto de vista da filha e a sua preocupação.

– Se tens medo, fica em casa – recomendou-lhe. – Não saias. OK? Não vás à rua.

Iselin não respondeu de imediato.

– Mas isso é como se me escondesse. E assim deixaria que o idiota me controlasse a vida. Coisa que não me apetece nada.

Blix sorriu.

Aproximaram-se de Spikersuppa. Agora, os foguetes não paravam de estourar.

– Começa a ser difícil ouvir-te, pequenota – disse Blix. – E também tenho de prestar alguma atenção ao que se passa à minha volta.

– OK. Bom Ano Novo, pai.

– Bom Ano Novo, pequenota.

E desligaram.

Blix olhou para Kovic, que sorriu mas não disse nada.

Desceram até à Rådhusplassen, onde se juntara uma multidão. Muitas pessoas tinham os olhos postos numa jangada de onde, todos os anos, o município de Oslo soltava fogo de artifício. O espetáculo começava à meia-noite em ponto. Blix olhou para o relógio. Faltava um minuto.

Em volta deles não faltavam pessoas a cantar, a abraçar-se, a fumar e a beber. Normalmente, a polícia autuava o consumo de bebidas alcoólicas na via pública, mas essa era uma luta inglória numa noite como aquela.

Kovic e Blix pararam e observaram o caos em seu redor.

– Ano novo, novas possibilidades – anunciou Kovic.

– Novos casos também – acrescentou Blix.

Nas proximidades, alguém pegou num megafone e anunciou que faltavam trinta segundos para a meia-noite. Foram todos convidados a participar na contagem decrescente.

Kovic e Blix entreolharam-se. Ambos estavam pensativos.

A multidão gritou:

– DEZ, NOVE, OITO, SETE, SEIS, CINCO, QUATRO, TRÊS,
DOIS, UM...

E depois veio a explosão.